CENTAUR

VIRGÍLIO

Eneida

Virgílio

ENEIDA

Título original: *Aeneis* (19 a.C.)

Tradução: Manuel Odorico Mendes (1799-1864)

2013 © Centaur Editions

centaur.editions@gmail.com

ÍNDICE

AO PÚBLICO

ADVERTÊNCIA

LIVRO I

LIVRO II

LIVRO III

LIVRO IV

LIVRO V

LIVRO VI

LIVRO VII

LIVRO VIII

LIVRO IX

LIVRO X

LIVRO XI

LIVRO XII

NOTAS AO LIVRO I

NOTAS AO LIVRO II

NOTAS AO LIVRO III

NOTAS AO LIVRO IV

NOTAS AO LIVRO V

NOTAS AO LIVRO VI

NOTAS AO LIVRO VII

NOTAS AO LIVRO VIII

NOTAS AO LIVRO IX

NOTAS AO LIVRO X

NOTAS AO LIVRO XI

NOTAS AO LIVRO XII

Notas do Editor

AO PÚBLICO

Sumite materiam vestris, qui scribitis, aequam

Viribus... — (HORAT.)

Não possuindo o engenho indispensável para empreender uma obra original ao menos de segunda ordem, persuadido porém de que o estudo da língua e a frequente lição da poesia me habilitavam para verter em português a epopeia mais do meu gosto; anos há, com a Eneida me tenho ocupado. Por contente me dou se obtenho um lugar ao pé de Annibal Caro, Pope, Monti, Francisco Manuel, e de outros bons tradutores poetas; e, a ser-me isto vedado, consolo-me com o prazer bebido nas ficções de Virgílio; cujos versos, à medida que os ia passando, me transportavam ao tempo em que, aprendendo o latim sob o meu saudoso amigo Fr. Ignacio Caetano de Vilhena Ribeiro, vivi na pátria com os condiscípulos, sem cuidados nem dissabores. Este prazer, em verdade, foi o que me sustentou em tão árdua e longa tarefa, ainda mais que o desejo de louvores; os quais todavia agradam ao nosso amor próprio, e folgarei de os merecer.

M. O. M.

ADVERTÊNCIA

Em as notas, que ajunto no fim de cada livro, há dois números: um indica o verso do original; o segundo, o da tradução. Quando cito um só número, entenda-se que é do original. Sigo o texto de Carlos de La Rue. Começo a contar desde *Ille ego qui quondam*, etc., em razão do que declaro na primeira nota do livro primeiro.*

Adotei algumas palavras do latim e compus não poucas por me parecerem necessárias na ocasião. De algumas faço menção nas notas; de outras não tratei, por ser óbvio o sentido em que as tomo.

LIVRO I

Eu, que entoava na delgada avena
Rudes canções, e egresso das florestas,
Fiz que as vizinhas lavras contentassem
A avidez do colono, empresa grata
Aos aldeãos; de Marte ora as horríveis
Armas canto, e o varão que, lá de Troia
Prófugo, à Itália e de Lavino às praias
Trouxe-o primeiro o fado. Em mar e em terra
Muito o agitou violenta mão suprema,
E o lembrado rancor da seva Juno;
Muito em guerras sofreu, na Ausônia quando
Funda a cidade e lhe introduz os deuses:
Donde a nação latina e albanos padres,
E os muros vêm da sublimada Roma.

Musa, as causas me aponta, o ofenso nume,
Ou por que mágoa a soberana deia
Compeliu na piedade o herói famoso
A lances tais passar, volver tais casos.
Pois tantas iras em celestes peitos!

Colônia tíria no ultramar, Cartago,
Do ítalo Tibre contraposta às fozes,
Houve, possante empório, antigo, aspérrimo
N'arte da guerra; ao qual, se conta, Juno
Até pospôs a predileta Samos:
Lá coche, armas lá teve; e, anua o fado,
No orbe entroná-la então já traça e tenta.
Porém de Teucro ouvira que a progênie,
Dos Penos subvertendo as fortalezas,

Viria a ser, desmoronada a Líbia,
À larga rei belipotente povo:
Que assim no fuso as Parcas o fiavam.
Satúrnia o teme, e a pró dos seus Aquivos
Recorda as lides que excitara em Troia;
Nem d'alma agravos risca, dores cruas:
No íntimo impressa a decisão de Páris,
A injúria da beleza em menoscabo,
E a raça detestada e as honras duram
Do rapto Ganimedes. Nestes ódios
Sobreacesa, os da Grécia e ímite Aquiles
Salvos Troas, do Lácio ia alongando,
Por todo o plaino undíssono atirados;
E, em derredor vagando anos e anos,
De mar em mar a sorte os repulsava.
Tão grave era plantar de Roma a gente!

De Sicília amarando, mal velejam
Ledos e o cobre rompe a salsa espuma,
Juno, dentro guardada eterna chaga:
"Eu, diz consigo, desistir vencida!
Nem vedar posso a Itália ao rei dos Teucros!
Ah! tolhe-me o destino. A esquadra argiva
Não queimou Palas mesma, submergindo-os
Só de um Ajax Oileu por culpa e fúrias?
Do Tonante o corisco ela das nuvens
Darda, os baixéis desgarra, o ponto assanha;
Ao triste, que varado expira chamas,
Num torvelinho em rocha aguda o crava:
E eu, que rainha marcho ante as deidades,
Mulher e irmã de Jove, tantos anos
Guerreio um povo! E a Juno há quem adore,
Ou súplice inda a incense, a invoque e honre?"

No âmago isto fermenta, e a deusa à pátria
De austros furentes, de chuveiros prenhe,
À Eólia parte. Aqui num antro imenso
O rei preme, encarcera, algema, enfreia
Lutantes ventos, roncas tempestades.
Em torno aos claustros de indignados fremem
Com grã rumor do monte. Em celsa roca
Sentado Eolo, arvora o cetro, e as iras
Tempera e os amacia. Que o não faça,
Varridos mar e terra e o céu profundo
Lá se vão pelos ares. Cauto, em negras
Furnas o onipotente os aferrolha,
E, um cargo de montanhas sobrepondo,
Lhes deu rei, que mandado a ponto as bridas
Suster saiba ou laxar. Dest'arte Juno
O exora humilde: "Eolo, o pai dos divos
E rei dos homens te concede as ondas
Sublevar e amainá-las; gente imiga
Me sulca as do Tirreno, Ílio e os domados
Penates para Itália transportando:
Ventos açula, as popas mete a pique,
Ou dispersas no ponto as espedaça.
Catorze esbeltas ninfas me cortejam,
Das quais a mais formosa, Deiopéia,
Prometo unir contigo em jugo estável;
Que em paga para sempre a ti se vote,
Meiga te procriando egrégia prole."

A quem Eolo: "Que o desejes basta;
Meu, rainha, é servir-te. Quanto valho
Tu mo granjeias, e este cetro e Jove;
Tu dás-me à diva mesa o recostar-me,

Ser em tufões potente e em tempestades.”

Disse; e um revés do conto a cava serra
A um lado impele: em turbilhão, cerrados
Num grupo os ventos, dada a porta, ruem,
As terras varejando. Ao mar carregam,
E horrísonos revolvem-lhe as entranhas
Noto mais Euro, e de borrascas fértil
Áfrico; às praias vastas ondas rolam.
Homens gritam, zunindo a enxárcia ringe.
Some-se ao nauta o céu, tolda-se o dia;
Pousa no pélago atra noite; os pôlos(1)
Toam, o éter fuzila em crebros raios:
Tudo ameaça aos varões presente a morte.
Frígido, arrepiado, Enéias geme,
E alça as palmas e exclama: “Afortunados
Oh! três e quatro vezes, d’Ílio às abas,
Os que aos olhos paternos feneceram!
Ó dos Danaos fortíssimo Tidides,
A alma em Troia vertendo-me essa destra,
Não ficar eu nos campos, onde o bravo
Heitor d’Eacide às lançadas, onde
Sarpedon jaz magnânimo, onde o Simois
Corpos e elmos de heróis e escudos tantos
Arrebatados na corrente volve!”

Bradava; e a sibilar ponteiro Bóreas
Rasga o pano, e a mareta aos astros joga.
Remos estalam; cruza a proa, e o bordo
Rende; escarpado fluido monte empina-se.
As naus já no escarcéu pendem, já descem
Num sorvedouro à terra entre marouços:
Remoinha o esto na revolta areia.

Três rouba Noto e avexa nuns abrolhos,
Abrolhos sob o mar, que Ítalos aras
Nomeiam, dorso horrendo ao lume d'água;
Três no parcel (que lástima!) Euro esbarra,
Encalha em vaus, de marachões rodeia.
Uma, em que Oronte fido e os Lícios vinham,
Ante Enéias, d'avante úmido rolo,
Do maior pino desabando, em popa
Fere-a; do baque o prono mestre volto
Cai de cabeça. O vagalhão três vezes
Torce-a, revira, um vórtice a devora.
Raros no vasto pego a nadar surdem;
Tábuas e armas viris e alfaias troicas,
Preia das ondas. A tormenta escala
A nau robusta de Ilioneu, de Abante,
As de Aletes grandevo e Acates forte:
Todas, frouxadas as junturas, sorvem
A inimiga torrente, e em fendas gretam.
Mugir seu reino e o temporal desfeito,
Caixões do imo a brotar, sentiu Netuno,
Torvo, abalado, e acode acima e exalta
A plácida cabeça. A frota esparsa
Vê soçobrando, opressos os Troianos
Da marejada e do ruído etéreo.
De Juno irosa o dolo o irmão percebe;
Euro e Zéfiro chama: "Herdastes, ventos,
Tal presunção, que sem meu nume, ousados,
Terra e céu confundis e equóreas brenhas?
Eu vos... Mas insta abonançar as vagas:
Caro mo pagareis, guardo o castigo.
Ao rei vosso intimai, já já, que em sorte
Não lhe coube este império, que o tridente
Fero é só meu. Tem ele enormes fragas,

Euro, vossas mansões: nessa aula ufano
Sobre enclaustrados ventos reine Eolo."

Nem cessa, e o mar se lança, o tempo alimpa
E abre o Sol. Finca a espádua, e com Cimótoe
As naus Tritão do escolho desengasga;
Mesmo o padre as aliva(2) com seu cetro,
Amplas sirtes afunda, aplaca os mares,
Por cima em rodas se desliza leves.
Como, enraivado em popular tumulto,
Dispara ignóbil vulgo, e o facho e o canto
Já voa, as armas o furor ministra;
Mas, se um pio ancião preclaro assoma,
Calam, para escutar o ouvido afiam;
Ele os convence e os ânimos abranda:
Assim baixa o fragor e o pego amansa,
Quando olha o deus, que os brutos no ar sereno
Dobra, e dá loros ao ligeiro carro.

Da costa próxima em demanda, à Líbia
Os cansados Enéiadas aproam.
Num golfo ali secreto, com seus braços
Faz barra ilha fronteira, onde a mareta
Quebra e se escoa em sinuosas rugas:
Penedia em redondo, e ao céu minazes
Há dois picos irmãos, a cujo abrigo
Dorme difuso o mar; de coruscantes
Selvas prolonga-se eminente cena,
Descai de atra espessura hórrida sombra;
No topo há gruta em pêndulos cachopos,
Com doce fonte, e em viva rocha bancos
Das ninfas sede: aqui não prende amarra
Nem mordaz ferro aduncо as lassas quilhas.

Com sete naus ao todo arriba Enéias;
E amorosos da terra, alvoroçados
Saltando os seus, do sal tábidos membros
Na areia espraiam. Lume eis fere Acates,
Toma em folhas, e em roda as acendalhas,
Nutre a faísca, e em lenha a chama ateia.
Mareados pães e cereais aprestos
Já desembarca a trabalhada chusma,
E os grãos põe-se a torrar e em pedra os pisa.

Trepa entanto um penhasco, e ao largo Enéias
Regira, a ver se undívagos alcança
Anteu ou Cápis, as birremes frígias,
Ou armas de Caíco em altas popas.
Baixel nenhum; avista só três cervos
Na praia errantes; segue atrás o armento,
E enfileirado pelos vales pasta.
Retém-se, e o arco aferra e as setas ágeis
Que armam Acates fido, e os guias logo,
De arbóreas pontas entonados, prostra;
Embrenha a demais turba e acossa a tiros,
Té que derriba sete ingentes corpos,
E iguala as naus. De volta, ele os divide.
E os barris que, à partida, o herói trinácrio
Bom de vinho atestara, aos seus largueia;
Dulcíloquo os mitiga: “Os males, sócios,
Nada estranhamos; oh! mais agros foram:
Deus porá termos a estes. Vós de Cila
De perto a raiva e escolhos ressonantes,
Vós ciclópeos rochedos afrontastes:
Ânimo! esse temor bani tristonho;
Talvez isto com gosto inda nos lembre.
Por vários casos, transes mil, nos vamos

Ao Lácio onde o repouso os fados mostram:
Ressurgir deve ali de Troia o reino.
Tende-vos duros, da bonança à espera.”

Tal discursa, e afetando um ar seguro,
N’alma enferma sufoca a dor profunda.
Lestos à presa atiram-se: este esfola,
Aquele desentranha, outro esposteja;
Qual trementes no espeto enrosca os lombos,
Qual fogo atiça aos caldeirões na praia.
Fartos, na relva espalham-se, refeitos
De velho baco e veação opima.

Repleta a fome, e as mesas removidas,
Dúbios indagam, sobre os seus praticam
Entre medo e esperança: estão com vida?
Ou na extrema agonia ao brado surdos?
Mormente o pio rei de Amico chora
Ou de Lico o desastre, o ardido Oronte,
E o forte Gias e Cloanto forte.

Das alturas, no fim, Jove esguardando
O mar velívolo e as jacentes plagas
E amplas nações, no vértice do Olimpo
Quedo, os olhos fitou nos líbios reinos.
Quando o absorviam tais cuidados, Vênus
Triste, os gentis luzeiros orvalhando:
“Ó tu, queixou-se, que os mortais e os deuses
Reges eterno e horríssono fulminas,
O que te fez meu filho, o que os Troianos,
Que após tragos letais, não só d’Itália,
Do universo os cancelos se lhes fecham?
Roma deles tirar, deles os cabos

Que, eras volvendo, restaurado o sangue
De Teucro, o mar e a terra sofreassem,
Nos prometeste; quem mudou-te, ó padre?
Do ocaso ao menos e desgraças d'Ílio
Isto, uns fados com outros compensando,
Me consolava. Igual fortuna arrasta
Ora os varões a riscos e a trabalhos:
Quando os findas, grã rei? De Aqueus escapo,
Entrar salvo Antenor d'Ilíria(3) o seio
E internar-se em Libúrnia, e a fonte obteve
De Tímavo transpor, donde por bocas
Nove, a montanha a ribombar, despenha-se
Ruidoso mar que empola e o campo alaga.
Sentou Patávio aqui, deu casa a Teucros,
Nome à gente, e os brasões fixou de Troia:
Descansa em doce paz. Nós tua estirpe,
Nós da celeste corte, as naus submersas,
Ah! de uma por furor, vítimas somos,
Longe expulsos d'Itália? Deste modo
Se honra a piedade, os cetros nos reservas?"

Sorrindo-se o autor de homens e numes,
C'um gesto que a tormenta e o céu serena,
Da filha ósculos liba, e assim pondera:
"Poupa esse medo, Cípria; imotos jazem
Dos teus os fados; nas lavínias torres
Hás de rever-te, e alar sobre as estrelas
Teu grande Enéias, Júpiter não muda.
O herói na Itália (esta ânsia te remorde,
Vou rasgar-te os arcanos do futuro)
Guerras tem de mover e amansar povos,
E instituir cidades e costumes,
Ao passo que reinando o vir no Lácio

Terceiro estio, e os Rútulos domados,
Forem-se três invernos. Posto ao leme
Ascânio, que hoje Iulo cognominam
(Ilo, enquanto florente Ílion se teve),
Cerrando os meses trinta largos giros,
Há de, a sede lavínia trasladada,
Alba longa munir e abastecê-la.
Os Hectóreos aqui trezentos anos
Já reinarão, quando a vestal princesa
Ília parir a Marte gêmea prole.
Da nutriz loba em fulva pele ovante,
Rômulo há de erigir mavórcios muros,
E à recebida gente impor seu nome.
Metas nem tempos aos de Roma assino;
O império dei sem fim. Té Juno acerba,
Que o mar ciosa e a terra e o céu fatiga,
Transmudada em melhor, tem de amparar-me
Do orbe os senhores e a nação togada.
Praz-me assim. Manem lustros, que inda a casa
De Assaraco há de ser de Pítia(4) e de Argos
Senhora, e agrilhoar Micenas clara.
D'Iulo garfo egrégio, em nome e glória
Sucedendo, as conquistas no oceano
César terminará, nos céus a fama.
Nos astros sim, de espólios do oriente
Onusto, o acolherás; e humanas preces
Têm de invocá-lo. Então, deposta a guerra,
Se amolgue a férrea idade; a encanecida
Fé com Vesta, os irmãos Quirino e Remo
Ditem leis; Jano trave as diras portas
Com trancas e aldrabões; sobre armas cruas
Dentro o ímpio Furor sentado, e roxos
Atrás os pulsos em cem nós de bronze,

Hediondo ruja com sanguínea boca.”

Não mais; e expede o gênito de Maia,
Por que a recém Cartago hospício aos Teucros
Franqueie, nem, do fado ínscia, a rainha
Os extermine. O Deus pelo ar patente
De asas remando, em Líbia o voo abate;
Fiel às ordens, a fereza aos Penos
Despe; e Dido primeira em pró dos Frígios
Brandos afetos plácidos concebe.

Toda a noite pensoso o herói velando,
A alma luz mal branqueja, onde arribara
Dispõe sondar; e vendo incultas margens,
Inquirir quem as tem, se homens, se feras,
E aos seus noticiá-lo. As naus metidas
N’abra de uns bosques sob cavada penha,
Entre verde espessura e negras sombras,
Ele só, mais Acates, sai brandindo
Duas hastes que empunha de ancho ferro.
Da selva em meio a mãe se lhe apresenta,
Virgem no trajo e aspecto, em armas virgem
Lacena; ou qual Harpálice a treícia
Cansa os corcéis e o Euro vence alífugo:
Pois do ombro o arco destro, à caçadora,
Pendura, e às auras a madeixa entrega,
Dos joelhos nua e a falda em nó colhida.
Ei-la: “Ó jovens, errante aqui topastes
Irmã minha, a gritar quiçá no encalço
De javali sanhudo? A cinta aljava
Tem sobre a pele de um manchado lince.”

Isto Vênus; e o filho assim responde:

“Nenhuma ouvi nem vi das irmãs tuas,
Ó... quem direi? Não tens mortal semblante
Nem voz de humano som; és deusa, ó virgem:
Irmã de Febo ou ninfa? As nossas penas
Tu, por quem és, minora; e nos ensina,
Pois vagueamos sem saber por onde,
O país, clima ou povo, a que arrojou-nos
Vento e escarcéu medonho. Hóstias sem conto
Havemos de imolar nas aras tuas.”

“Não mereço honras tais, replica Vênus;
Usam de aljava, e ao bucho as virgens tírias
Atar das pernas borzeguim purpúreo.
Púnicos reinos e agenórios muros
Vês, nos confins da indômita e guerreira
Líbica raça. O império atém-se a Dido,
Que, por fugir do irmão, fugiu de Tiro.
É longa a injúria, tem rodeios longos;
Mas traçarei seu curso em breve suma.

Siqueu, fenício em lavras opulento,
Foi da mísera esposo, e muito amado:
Com bom presságio o pai lha dera intacta.
Pigmalião, façanhoso entre os malvados,
Bárbaro irmão, do estado se empossara.
Interveio o furor: de fome de ouro
Cego, e à paixão fraterna sem respeito,
Pérfido, ímpio, a Siqueu nas aras mata;
O fato encobre, e a crédula esperança
Da amante aflita largo espaço ilude
Com mil simulações. Mas do inumado
Consorte, com esgares espantosos,
Pálida em sonhos lhe aparece a imagem:

Da casa o crime e trama desenleia;
A ara homicida, os retalhados peitos
Desnuda, e à pátria intima-lhe que fuja:
Prata imensa e ouro velho, soterrados,
Para o exílio descobre. Ela, inquieta,
Apressa a fuga, e atrai os descontentes
Que ou rancor ao tirano ou medo instiga;
Acaso prestes naus, manda assaltá-las;
Dos tesouros do avaro carregadas
Empegam-se: a mulher conduz a empresa!
Chegam d'alta Cartago onde o castelo
Verás medrando agora e ingentes muros:
Mercam solo (do feito o alcunham Birsa)
Quanto um coiro taurino abranja em tiras.
Mas vós outros quem sois? donde é que vindes?
Que regiões buscais?" Ele às perguntas
Esta resposta suspirando arranca:
"Ó deia, se recorro à prima origem,
E anais de angústias não te pejam, Vésper
No Olimpo encerra o dia antes que eu finde.
Da antiga Troia (se hás notícia dela),
Vagos no equóreo campo, arremessou-nos
Casual tempestade às líbias costas.
Enéias sou, com fama além dos astros,
Que livrei de hostil garra os meus penates,
E piedoso os transporto à pátria Ausônia;
Do sumo Jove a geração procuro.
Por guia a deusa mãe, submisso aos fados,
Em vinte naus cometo o frígio ponto;
Rotas do Euro e das ondas, restam sete.
Pobre, ignoto, percorro áfricos ermos,
D'Ásia e d'Europa excluso..." Nem mais Vênus
Lamentos comportou, na dor o atalha:

“Quem sejas, creio, não do céu malquisto,
Gozas d’aura vital, que a Tiro aportas.
Eia, ao régio palácio te encaminha.
Sem risco os sócios, ancorada a frota,
Com o rondar dos áquilos, te auguro,
Se em arte vã meus pais não me instruíram.
Atenta cisnes doze em bando alegres:
No espaço, o éter fendendo, os perseguia
A ave de Jove; num cordão agora
Ou tem no pouso a mira, ou vão pousando;
Juntos batendo as estridentes asas,
Brincam cingindo o pólo, a salvo cantam:
Bem como os teus as popas atracaram,
Ou de vela enfunada a foz embocam.
Sus, ali te dirige, a estrada é esta.”

Dá costas, e a cerviz rosada fulge,
De ambrosia odor celeste a coma expira;
A veste escoa aos pés; no andar se ostenta
Vera deusa. Ele atrás da mãe fuginte,
Reconhecendo-a, brada: “Por que o filho
Com tais ficções, cruel, enganas tanto?
Ligar destra com destra, ouvir-te às claras,
Conversar-te em pessoa me é defeso?”
Tal a argui, e às muralhas se endereça.

Ela porém de ar fusco os viandantes
Tapa e os embuça em névoa, que enxergá-los
Ou tocar ninguém possa, nem detê-los
Ou da vinda informar-se. A deusa a Pafos
Remonta, a espairecer no sítio ameno
Onde o sabeu perfume arde em cem aras,

E recentes festões seu templo aromam.

Eis da azinhaga pela trilha cortam.
E um teso galgam já, que olha iminente
A fronteira torrígera cidade.
Palhais dantes, a mole admira Enéias,
Admira o estrondo e as portas e as calçadas.
Tiro aferventa-se, a lançar os muros,
A avultar o castelo, e a rolar pedras.
Parte com sulcos marca os edifícios;
Santo augusto senado, e o foro e a cúria,
Se cria e elege: aqui se escavam portos;
Fundam-se ali magníficos teatros,
De mármor colossais talham colunas,
Pompa e decoro das futuras cenas.
Quais abelhas ao sol por flóreos prados
Lidam na primavera, quando ensaiam
O adulto enxame; ou doce fluido espessam,
Do néctar flavo retesando as celas;
Ou quando a carga das que vêm recebem;
Ou em batalha expulsam da colmeia
Os zangãos, gente ignava. A obra ferve,
E a tomilho recende o mel fragrante.

"Ditoso quem seus tetos já levanta!"
Exclama o herói, e os coruchéus contempla.
Na cidade não visto, ó maravilha!
Se mistura enublado. Em meio havia
Luco umbroso e fresquíssimo, onde os Penos,
De ondas jogados e tufões, cavaram
O testo de um corcel, de Juno régia
Mostra e penhor que o povo, asado à glória,
Pugnaz e duro, insultaria os evos:

Lá punha Dido a Juno insigne templo,
Que dons e a rica efígie realçavam:
No brônzeo limiar da brônzea escada,
Craveja o bronze as traves, e a couceira
Range em portões de bronze. Um novo objeto
Neste bosque a lenir entra os receios;
Aqui primeiro ousou fiar-se Enéias
E prometer-se alívio em seus pesares:
Pois quando, à espera da rainha, o templo
Nota peça por peça, quando o enlevam
De Cartago a fortuna, o gosto fino,
O artifício, o primor, acha em pintura
A fio as guerras d'Ílion, pelo orbe
Já soadas; o Atrida, o rei troiano,
E terror de ambos sobressai Aquiles.
Para, em lágrimas diz: "Que sítio ou clima
Cheio, Acates, não é dos nossos males?
Eis Príamo! o louvor tem cá seus prêmios,
Dói mágoa alheia, e remanesce o pranto.
Coragem! que em teu bem conspira a fama."

Disse, e em vãos quadros se apascenta, e as faces
Gemebundo umedece em largo arroio.
Vê de Pérgamo em roda a hoste graia
Do frígio ardor fugir, fugir a teucra
Do instante carro do emplumado Aquiles.
Ai! perto a Reso por traição Tidides,
No primo sono, arrasa as níveas tendas,
De carnagem cruento; e os acres brutos
Volve ao seu campo, sem gostado haverem
De Troia os pastos, nem bebido o Xanto.
Triste! as armas perdendo, além, Troílo,
Que arrostou-se menino ao próprio Aquiles,

É dos corcéis tirado, e ressupino,
Mas tendo os loros, do vazio carro
Pende; e a cerviz no pó, de rojo a coma,
Virada a lança hostil na areia escreve.
Em cabelo, as Ilíades aflitas
Ao templo iam também da iníqua Palas,
O peplo humildes ofertando, e os peitos
Com punhadas ferindo: aversa a deia
Olhos no chão pregava. A Heitor Pelides
Três vezes arrastara em torno aos muros,
De ouro a peso vendia-lhe o cadáver.
Do imo um gemido grande Enéias solta,
No olhar o espólio, o coche, o amigo exânime;
E a Príamo estendendo as mãos inermes,
A si se reconhece entre os mais chefes.
Do negro rei do eoo(5) a turma e as armas
À testa de milhares de amazonas
Com lunados broquéis, Pentesiléia
Se abrasa em fúria, belicosa atando
Sob a despida mama um cinto de ouro,
E virgem com varões brigar se atreve.

Quando extático(6) o herói se embebe e enleia,
Ao templo a formosíssima rainha
Marcha, de jovens com loução cortejo.
Qual nas ribas do Eurotas ou do Cinto
Pelos serros Diana exerce os coros,
E, de infindas Oreadas seguida,
Carcás ao ombro, em garbo as sobreleva;
Rega-se em gozo tácito Latona:
Tal era Dido, airosa e prazenteira,
Do seu reino a grandeza apressurando.
No ádito sacro, em meio do zimbório,

De armas cercada, em sólio majestoso
Senta-se. Os pleitos julga e leis prescreve,
Regra ou sorteia os públicos trabalhos.

Súbito Enéias no tropel divisa
A Cloanto brioso, Anteu, Sergesto,
E os mais que atra borrasca a longes costas
Remessara dispersos. Ele e Acates
Varados ficam de alegria e susto,
Ávidos ardem por travar as destras;
Força ignota os perturba. Dissimulam;
Qual a sorte dos seus do encerro espreitam
Nebuloso, e onde surta a frota seja,
E com que fim das naus os mais conspícuos
Clamando, a pedir vênia, ao templo acodem.

Introduzidos, quando a vez tiveram,
Rompe o idoso Ilioneu, facundo e grave:
"Rainha, ó tu que por favor supremo
Ergues nova cidade, e justa enfreias
Soberbas gentes, os Troianos ouve,
Que, dos ventos ludíbrio, os mares cruzam:
Livra do infando incêndio a pia armada,
Poupa inocentes, nossa causa atende.
Nem vimos nós talar com ferro e fogo,
Nem saquear os líbicos penates:
A vencidos não cabe audácia tanta.
País antigo existe, em grego Hespéria,
Armipotente e ubérrimo, colônia
Já de enótrios varões; agora é fama
Que, de um seu capitão, se diz Itália:
Esta era a nossa rota; eis que em vaus cegos
Deu conosco de salto Orion chuvoso,

E, em sanha o pélago e os protervos austros,
Nos derramou por ondas e ínvias fragas:
Poucos ganhámos pé nas vossas praias.
Pátria e raça feroz! bárbara usança!
Pisar em terra mãos hostis nos vedam;
Da areia o asilo a náufragos proíbem.
Se as armas desprezais e as leis humanas,
O céu mede as ações, premeia e pune.
Rei nosso Enéias é, que a ninguém cede,
Pio e inteiro, valente e belicoso:
Se aura etérea o sustenta e o guarda o fado,
Se os manes o não têm, sem medo somos,
De o penhorar primeira não te peses.
Cidades em Sicília e campos temos,
E do sangue troiano o claro Acestes.
Amarrar nos permite a lassa frota,
Mastros, remos cortar, falcar antenas;
Com que ledos, se Itália nos espera.
Os sócios e o rei salvo, ao Lácio vamos:
Mas, se te há consumido o líbio pego,
Ótimo pai dos Teucros, nem d'Iulo
Nos resta a segurança, ao porto embora,
Donde arribámos, a lograr voltemos
A apercebida sícula hospedagem,
E o régio amparo." O Dárdano termina.
Lavra entre os seus aprovador sussurro.

O rosto abaixa Dido, e foi sucinta:
"Sus, Teucros, esforçai. Recente o estado
Ao rigor me constrange, e a defender-nos
Guarnecendo as fronteiras. Quem de Enéias
Desconhece a prosápia, e as guerras d'Ílio,
Seu valor, seus heróis, seu vasto incêndio?

Nem somos nós tão broncos, nem de Tiro
Tão desviado o Sol junge os cavalos.
Quer da satúrnia Hespéria, quer as margens
D'Erix opteis, em que domina Acestes,
Contai com meu auxílio e salvaguarda.
Folgais de aqui ficar? Esta cidade
Que erijo, é vossa; as naus que se aproximem:
Não farei distinção de Frígio a Peno.
Fosse o rei vosso à Líbia compelido
Do mesmo Noto! O litoral já mando
E os sertões perlustrar; se é que o naufrágio
Em povoado ou brenha o traz perdido."

Ambos alerta, o padre e o companheiro
Há muito almejam por quebrar a nuvem.
A Enéias se antecipa o forte Acates:
"Nado de Vênus, que tenção meditas?
Tens a frota em seguro, os teus benquistos;
Um só que falta, soçobrar o vimos:
Aos que a mãe te esboçou quadra o mais tudo."

Mal acabava, a nuvem circunfusa
Se rompe e funde nos delgados ares.
Um deus na espalda e vulto, à claridade
Resplende Enéias; que num sopro a deusa
Ao filho a cabeleira em fulgor banha,
Em luz purpúrea o juvenil semblante,
Em vivo terno agrado os olhos belos:
Qual, pela indústria, com entalhos de ouro
Pário mármore, ou prata, ou marfim brilha.

De improviso à rainha e a todos clama:
"Eis quem buscais, dos líbios vaus escapo,

Enéias sou. Ó tu que só tens mágoa
De tanto horror, que a nós de Troia restos,
Da Grécia escárnio, em terra e mar batidos,
Falhos de tudo, exaustos, em teu reino,
Em casa, nos recolhes e associas!
Nem pagar-te as finezas dignamente
Podemos, Dido, nem os Frígios todos
Quantos pelo universo peregrinam.
Se para os bons há numes, é(7) justiça,
Pague-te o céu e a própria consciência.
Que século feliz, que pais ditosos
Te houveram filha? Enquanto os vagos rios
Forem-se ao mar, enquanto em giro a sombra
Vier do monte ao vale, enquanto o pólo
Pascer os astros, onde quer que eu viva
Viverá com louvor teu nome e fama."

Disse; a destra oferece ao velho amigo,
A sinistra a Seresto, e uns após outros,
A Gias, a Cloanto, e aos mais guerreiros.

Da presença do herói pasma a Fenisa,
Tal sucesso a comove, e assim se exprime:
"Que fado te urge, ó filho da alma Vênus,
A árduos perigos e a bravias plagas?
És o Enéias que a deusa ao nobre Anquises
Gerou de Simoente às frígias margens?
Bem me lembra que Teucro, expatriado,
Veio a Sidônia, para um novo assento,
Pedir a Belo ajuda: a opima Chipre
Já vencedor meu pai vastara e tinha.
De Troia os casos desde então conheço,
Teu nome, e os reis pelasgos. Sempre ufano

Da anciã linhagem teucra, ele ofendido
Com entusiasmo elogiava os Teucros.
Eia, à minha morada, ó moços, vinde.
Por transes mil trazida, iguais destinos
Cá me fixaram. Não do mal ignara
A socorrer os míseros aprendo.”

Isto a Enéias memora, e o guia aos paços,
E em solene festejo ocupa as aras.
Nem de enviar aos nautas se descuida
Touros vinte, co’as mães cem gordos anhos,
Cem corpulentos sedeúdos porcos,
E o doce mimo do jocoso Brômio.

Luxo esplende real no interno alcáçar,
E opíparos banquetes se adereçam:
Primoroso o tapiz, de ostro soberbo;
Nas mesas prataria; em ouro a história
Pátria esculpida, sucessão longuíssima
De uns a outros varões desde alta origem.

Saudoso, impaciente, o pai de Ascânio
Todo em seu filho está; para informá-lo
E o conduzir de bordo, expede Acates.
Do tróico exício as preservadas prendas
Venham também: de escamas de ouro um manto
Brocado, um véu com orlas e recamos
De cróceo acanto, ornatos peregrinos,
Dons maternos de Leda à bela Argiva,
Que a Pérgamo os trouxera de Micenas
À incasta boda; e o cetro que Ilione,
Filha a maior de Príamo, hasteava,
E engranzado colar de perlas finas,

E áurea coroa de engastadas gemas.
Executivo às naus caminha Acates.

Nova traça urde a Cípria, alvitres novos;
Que Amor, no meigo Iulo transformado,
Com os dons nos ossos à rainha infiltre
Insano fogo. A estância ambígua, os Tírios
Bilíngues teme; Juno atroz a inflama;
Tresnoitada a pensar, por fim conjura
O alígero Cupido: "Ó filho, esteio
Único e meu poder, filho, que em pouco
Tens as tiféias soberanas armas,
És meu refúgio, teu socorro imploro.
Sabes que a teu irmão de praia em praia
Flutívago arremessa a iníqua Juno,
E dói-te a nossa dor. Com mil carícias
Tem-no a Sidônia Dido; e o paradeiro
Dos junônios hospícios mal enxergo:
O ensejo é de tentá-la. Eu receosa
Previno os dolos, acender projeto
A rainha; que um nume a não transtorne,
Mas firme, quanto eu mesma, a Enéias ame.
Ouve o como há de ser. O infante régio,
Desvelo meu, do genitor chamado,
Levar a Birsa as dádivas propõe-se,
Das vagas restos e das teucras chamas.
Sopito em sono o esconderei no idálio
Jardim sacro, ou nos bosques de Citera,
Por que os ardis não turbe inopinado.
Tu nele te disfarça uma só noite,
Do menino as feições veste menino;
E, entre o lieu licor e as reais mesas,
Quando em seu grêmio Dido, em cabo leda,

Amplexos te imprimir e doces beijos,
Fogo lhe inspires e sutil veneno.”

À voz da cara mãe depondo as asas,
Finge gozoso Amor de Iulo o porte.
Ela em sono abebera o neto amado;
No colo amima e o sobe ao luco idálio,
Onde mole e suave mangerona,
Entre flores o abraça e fresca sombra.
E obediente os régios dons Cupido
Leva aos Tírios, folgando após Acates.

Já d’áurea tela em suntuoso leito
Acha a Dido, bizarra entre os magnatas.
Com séquito luzido o herói concorre;
Tomam seu posto em púrpura excelente.
Dá-se água às mãos, em canistréis vem Ceres,
Toalhas servem de tosada felpa.
Cinquenta moças frutas e viandas
Arrumam dentro, aos divos turificam;
Cem outras e iguais moços põem nas mesas
A baixela, a bebida e as iguarias.
Em mó nas salas festivais, os Tírios
De ordem recostam-se em coxins lavrados.
O padre, o falso Ascânio, o vulto admiram
Flagrante e a voz do deus; o manto, as joias,
De cróceo acanto o véu. Não farta a mente
A mísera Fenisa, à mortal peste
Votada, e mais e mais se abrasa olhando
O menino e seus dons. O pai fingido
Ele nos braços, do pescoço apenso,
Mal sacia-lhe o amor, vai-se à rainha.
Com olhos e alma se lhe apega Dido,

No colo o assenta, sem saber, coitada!
Que deus afaga. O aluno de Acidália
Siqueu aos poucos remover começa,
E intenso ardor insinuar procura
Num coração já frio e há muito esquivo.

A primeira coberta alçada, os vinhos
Bolham, coroados, em bojudas copas.
Retumba o teto, o estrépito por amplos
Átrios reboa; de áureas arquitraves
Pendentes lustres e os brandões acesos
A noite vencem. Grave de ouro e gemas
Pede-a logo a rainha, e do mais puro
Enche a taça, que desde Belo usaram
Seus avós. Nos salões tudo em silêncio:
"Júpiter, se é que aos hóspedes legislas,
Tão fausto alegre dia aos meus e aos Frígios
Faze aos vindouros memorável: Baco
Porta-júbilo assista, e a boa Juno;
Vós o convite celebrai-me, ó Tírios."

Em honra então na mesa o vinho entorna,
Com seus lábios o toca, e o dá libado
A Bícias provocando: ele aguçoso
Empina a espúmea taça, em trasbordante
Ouro se ensopa: toda a corte o imita.
Logo entoa as lições do sábio Atlante
Em áurea cítara o crinito Iopas:
Canta a solar fadiga, a Lua instável;
Donde homens e animais, bulcões e raios;
Donde o nimboso Arcturo, e os Triões gêmeos
E as Híadas provêm; como apressados
Se tingem no oceano os sóis hibernos,

Ou que demora estorva as tardas noites.
Penos e Troas à porfia o aplaudem.

O serão entretida ia estirando
A infeliz Dido, e longo o amor bebia,
Muito de Príamo, inquirindo muito
De Heitor; que armas da Aurora o filho tinha,
Diomedes que frisões; quejando Aquiles.

"Do princípio antes, hóspede, as insídias
Graias, disse, nos conta, e o pátrio excídio,
E errores teus; que já seteno estio
De praia em praia todo o mar volteias."

LIVRO II

Prontos, à escuta, emudeceram todos,
Ao passo que exordia o padre Enéias
Do excelso toro: — Mandas-me, ó rainha,
Renove a dor infanda; o como os Danaos
D'Ílio a pujança e o reino lamentável
Derrocaram; misérias que eu vi mesmo
E em que fui grande parte. Ao relatá-las,
Dolope ou Mirmidon, de Ulisses duro
Há soldado que as lágrimas estanque?
E úmida a noite já do céu descamba,
E as estrelas caindo ao sono induzem:
Mas, se é teu gosto ouvir os nossos casos,
E em breve o extremo afã saber de Troia,
Bem que à lembrança luto e horror me esquivam,
Narrá-los vou. Repulsos, quebrantados,
Pós tantos anos de fatais reveses,
Os Danaos um cavalo em ar de monte,
Divina arte de Palas, edificam,
Lavram de abeto as intecidas costas:
Ser da tornada um voto à surda espalham.
No cego lado, os bravos sorteando,
A escolha incluem, de hoste armada enchendo
O antro profundo e lôbregas entranhas.

Jaz Tenedos à vista, ilha famosa,
Próspera à sombra do priâmeo cetro;
Hoje ermo porto, às quilhas mal seguro:
Numa abra ali se escondem. Nós os cremos
Velejando na rota de Micenas.
Têucria do largo nojo enfim respira:

Abrem-se as portas, vai-se ao dório campo;
Grato é vê-lo deserto e a praia nua:
"Os Dolopes aqui, Pelides fero
Se abarracava; aqui das naus a estância;
Combatia-se aqui." Mirando a turba
A oferta exicial da inupta deusa,
A mole a espanta: e lembra-nos Timetes,
Ou fosse dolo ou sina já de Troia,
Dos muros pô-lo dentro e no castelo;
Mas Cápis aconselha, e os de mais tino,
Que ao pego o dom suspeito e grega insídia
Se atire ou queime em sotopostas chamas,
Ou se broque e tenteie o bojo escuro.

Enquanto incerto e vário alterca o vulgo,
Ardendo Laocoon da cidadela
Corre com basto séquito, e de longe:
"Míseros cidadãos, que tanta insânia!
De volta os Gregos ou de engano exemptos(8)
Seus dons julgais? desconheceis Ulisses?
Ou este lenho é couto de inimigos,
Ou máquina que, armada contra os muros,
Vem cimeira espiar e acometer-nos.
Teucros, seja o que for, há dano oculto:
No bruto não fieis. Mesmo em seus brindes
Temo os Danaos." De esguelha, assim falando,
À curva liação do ventre equino
Com braço válido hasta ingente arroja:
Pregada está tremendo, e ao rijo encontro
Longo geme e retumba a atra caverna.
E, a não ser o destino e a mente avessa,
Nos movera os argólicos recantos
Com ferro a devassar: e inda em pé Troia,

Inda, alcáçar de Príamo, estarias.

Eis atrás maniatado alguns pastores
Ao rei com vozeria um moço trazem;
Que arteiro, ignoto, adrede os encontrara,
De ânimo firme em dar aos Gregos Troia,
Ou na empresa acabar. Curiosa acode,
E ávida se atropela e o cerca e apupa
A rapazia. Agora ouve a tramoia,
Por um crime avalia os Danaos todos.
Perante a multidão, turbado, inerme,
Para, e olhando circunda as frígias turmas:
"Que mar, grita, ou que terra há de acolher-me?
Ai! que me resta? A pátria proscreveu-me,
E os Dárdanos meu sangue infensos pedem!"

Tal pranto nos demove e o furor quebra:
Sua estirpe o exortamos a contar-nos;
Que intento o conduziu, que fé mereça.
Perde o susto o cativo, e assim responde:
"Toda a verdade, ó rei, sincero expendo.
D'antemão que sou Grego não to nego:
Tornar pode a Sinon fortuna escassa
Mísero sim, mas embusteiro nunca.
Talvez já te soasse o nome e a glória
Do afamado Belides Palamedes;
Que, sendo oposto à guerra, atroz calúnia
O acusou de traição, e hoje os Pelasgos
Com tardio pesar extinto o choram:
Pobre meu pai, com ele seu parente,
Mandou-me inda novel seguir as armas.
Quando o reino o atendia e assim medrava,
De algum nome e esplendor também gozámos:

Depois que a inveja do manhoso Ulisses,
Deste mundo o tirou, como é notório,
Mesto arrastando a vida em treva e luto,
O suplício traguei do insonte amigo;
Té que, insano a bramir, vingá-lo juro,
Se vencedor voltasse ao grêmio de Argos,
E ásperos ódios imprudente afio.
Daqui mana meu mal: daqui terrível
Sempre a assacar-me Ulisses novos crimes,
A espargir pelo vulgo ambíguas vozes;
Sempre em remorsos e a tecer meu dano.
Não descansou, sem que o ministro Calchas...
Mas que importuna história em vão recordo?
Por que deter-me? Se os Aquivos todos
Tendes na mesma conta, assaz ouvistes,
Em mim puni-os: o Ítaco o deseja,
Pagá-lo-ão por bom preço os dois Atridas."

Do ardil pelasgo e infâmia tanta ignaros,
Com ardor à porfia o interrogámos.
Pávido o gesto, e pérfido prossegue:
"Lassos da guerra, o assédio erguer tentaram...
Oxalá que os Argivos o acabassem!
Mas, no abalar, os retiveram sempre
Crespas tormentas, carrancudos austros.
Pronta essa mole de tecidos lenhos,
Mais borrascoso trovejou. Perplexos,
Ao délio templo Eurípilo enviámos;
Que este oráculo triste anunciou-nos:
"Com sangue, ó Danaos, de imolada virgem,
Ao vir a Troia, os ventos aplacastes;
Sangue requer a volta, e de hóstia grega.
Divulgada a sentença, o espanto cala,

Gelo os ossos traspassa, e tremem todos
Sobre a quem busque a Parca e o deus condene.
Então com grande estrondo ao campo Ulisses
Traz Calchas, e insta que o mistério aclare:
Muitos, já do perverso lendo n'alma,
Em silêncio o porvir me adivinhavam.
Dez dias encerrado, o vate abstém-se
De delatar alguém e à morte expô-lo.
Do Laércio ao clamor, como por força,
A voz desata enfim, me fada às aras.
O assenso foi geral: cada um tolera
Que a sorte que temia em mim recaia.
Negreja o dia infausto: o rito encetam,
Cingem-me a venda, o salso farro aprestam.
Rompo as cordas, confesso, a morte evito;
Nos juncos de um paul me abriga a noite,
Enquanto às velas davam, se é que as deram.
Nem mais espero ver meu ninho antigo,
Nem meu querido pai, meus doces filhos,
Que vítimas quiçá por mim padeçam,
Esta fuga expiando. Pelos deuses
Que atesto, exoro, se entre humanos inda
Há limpa fé, tem mágoa de ânsias tantas,
Perseguida inocência te comova."

De puro dó a vida lhe outorgámos;
E o mesmo rei, mandando aliviá-lo
De algemas e prisões, lhe disse afável:
"Qual sejas, serás nosso, os teus deslembra.
Quem, fala-me a verdade, o imano vulto
Fabricou desse monstro? a que o destinam?
É religião? é máquina de guerra?"

Imbuído o falsário em dolo argivo,
Soltas palmas levanta, e aos astros clama:
“Eternos fogos, inviolável nume,
Aras, cutelos, que evadi, nefandos,
Mortal banda que a fronte me adornavas,
Testemunhas me sede: os meus renego;
Traído eu possa ao claro descobri-los:
Juramento nem lei me liga à pátria.
Se alto arcano revelo, em ti fiado,
Tu, salvada por mim, salva-me, ó Troia.
Sempre a Grécia no auxílio de Tritônia
Estribou seu triunfo, até que ousaram
Ímpio Tidides, celeroso Ulisses,
Matando os guardas, o fatal paládio
Roubar do santuário, e à deusa as fitas
Virgíneas profanar com mão cruenta.
Os Danaos, da esperança decaídos,
Afrouxam de energia. Bem mostraram
Vários prodígios a aversão de Palas:
Posta a efígie entre nós, dos hirtos lumes
Fuzis desprega, em salso humor escorre,
Do chão três vezes, ó milagre! pula,
E a rodela desfere e a lança trêmula.
Que o mar se tente asinha o canta o vate:
Que em vão dardejam Troia, se indo em Argos
O auspício renovar, não reconduzem
O em curvos bojos transportado nume.
E, se à pátria Micenas já navegam,
Vão refazer-se e granjear os deuses;
Mas, repassando o pélago, improvisos
Serão convosco: a profecia é esta.
Da diva em desagravo, amoesta-o Calchas.
De lígneas traves, em lugar da estátua,

Esta mole estupenda construíram;
Que pelas portas, altaneira às nuvens,
Nem possa entrar na praça, nem do povo,
Segundo a crença antiga, ser custódia:
Pois, se braço troiano o dom violasse...
(Antes ao vate o agouro os céus convertam)
Raso iria este império; e, se vós mesmos
Dentro o metêsseis, desceria armada
Ásia em peso às muralhas pelopéias,
Fado que abarcaria os nossos netos."

Do perjuro Sinon foi crido o engano;
E aos que Tidides, nem o Larisseu,
Dez anos, quilhas mil, nunca domaram,
Vencem dolos e lágrimas traidoras.

Nisto, o monstro maior, mais formidável,
Improvidos nos turba. À sorte eleito,
O antiste Laocoon com sacra pompa
A Netuno imolava um touro ingente.
De Tenedos (refiro horrorizado)
Juntas, direito à praia, eis duas serpes
De espiras(9) cento ao pélago se deitam:
Acima os peitos e as sanguíneas cristas
Entonam; sulca o resto o mar tranquilo,
E se encurva engrossando o imenso tergo.
Soa espumoso o páramo salgado:
Já tomam terra; e, em sangue e fogo tintos
Fulmíneos olhos, com vibradas línguas
Vinham lambendo as sibilantes bocas.
Tudo exangue se espalha. O par medonho
Marchando a Laocoon, primeiro os corpos
Dos dois filhinhos seus abrange e enreda,

Morde-os e come as descozidas carnes:
E ao pai, que armado ocorre, ei-las saltando
Atam-no em largas voltas; e enroscadas
Duas vezes à cintura, ao colo duas,
O enlaçam todo os escamosos dorsos,
E por cima os pescoços lhes sobejam.
De baba e atro veneno untada a faixa,
Ele em trincar os nós com as mãos forceja,
E de horrendo bramido aturde os ares:
Qual muge a rês ferida ao fugir d'ara,
Da cerviz sacudindo o golpe incerto.
Vão-se os dragões serpeando ao santuário,
E aos pés da seva deusa, enovelados,
Sob a égide rotunda ambos se asilam.

Cresce o pavor, os corações retremem:
Pregoam justa a pena ao temerário
Que a ponta de ímpia lança no costado
Fincou do sacro roble; e o simulacro
Bradam que se recolha e se ore a Palas.
Ferve a gente; a muralha e as portas rasga,
Leves rodas por baixo e ao colo ajeita
Cabos tendidos. Prenhe de armas, sobe
A máquina fatal: em torno a coros
Cantam meninos e devotas virgens,
De tocarem na corda mui contentes.
Através da cidade ela soberba
Vai minaz resvalando. Ó pátria! ó Ílio!
Invictos muros, divinal estância!
Berço de heróis! À entrada quatro vezes
Para, e quatro restruge um rumor de armas.
Surdos, cegos instando, o monstro infausto
Ah! no augusto recinto o colocamos.

Fadada a não ser crida, então Cassandra
Abre o futuro; e os templos nós dementes
Naquele de Dardânia último dia,
De virentes festões velando fomos.

Vira o céu, no oceano a noite cai,
E em basta sombra envolve a terra e o pólo
E a mirmidônia astúcia: ante as muralhas
Derramada em silêncio, a troica gente
Em modorra ensopava os lassos membros.
Já, da tácita Lua ao mudo amparo,
De Tenedos partia às notas praias
A instructa armada, e a capitânia régia
Sinal flâmeo iça à ré. De iníquos deuses
Sinon valido, a furto os píneos claustros
Laxa; e o cavalo, devassado, às auras
Rende as falanges que no ventre aloja.
Por um calabre escorregando, alegres
Baixam do cavo seio os cabos Toas,
Tissandro e Stenelo, o maldito Ulisses,
Atamante e Pelides Neoptolemo,
E Macaon primeiro e Menelau,
E autor da máquina o engenheiro Epeu.
Troia invadem sepulta em sono e vinho:
Matam a guarda, os seus na brecha esperam,
E os batalhões de acordo se encorporam.

Era quando aos mortais começa e coa,
Divino dom, gratíssimo descanso:
Tétrico Heitor em sonhos se me antolha,
Debulhando-se em pranto; como outrora,
Negro do pó cruento a biga o arrasta,
Os loros arrochando os pés tumentes.

Ai! quão mudado! Aquele Heitor não era
Que no espólio volveu do próprio Aquiles,
E lançou teucra flama às popas graias.
Pegada a grenha em sangue, a barba esquálida,
Crivam-no golpes cem, que junto aos muros
Paternos recebeu. Chorando eu mesmo
Parecia arguí-lo em mesto acento:
"Ó luz dardânia, segurança e apoio!
Donde vens? que detença! Em tal estado
Só te avistamos, caro Heitor, agora
Oue a cidade agoniza e os teus perecem?
Que ato indigno afeou teu rosto ameno?
Que feridas são essas?" Ele nada,
De vãs queixas não cura, e grave arranca
Fundo suspiro: "Hui! foge, o incêndio medra,
Foge, filho da deusa: em preia aos Danaos
Rui do fastígio Troia. Assaz fizemos
Pelo rei, pela pátria. Esta só destra,
A haver defensa, defendera Pérgamo.
Seu culto Ílio te fia e seus penates:
Toma-os contigo; o pélago discorram,
Té que lhes fundes majestoso alcáçar."
Disse, e tirou dos penetrais as fitas
E a poderosa Vesta e o fogo eterno.

A cidade se afunde em grita e pranto;
E, inda que num retiro entre arvoredos
Meu pai habite, mais clareia o estrondo,
Recresce mais e mais o horror das armas.
Sacudo o sono, ao píncaro da torre
Trepo, ouvidos apuro. Tal, se a queima
Soprando o bravo sul cai na seara;
Tal, se grossa torrente despenhada

Arrasa o campo e as ledas sementeiras,
Prostra o lavor dos bois, aluídas selvas
Arrebatando; lá do sáxeo cume
Pasma néscio o pastor que o ruído escuta.
Ei-la a fé grega manifesta, e nua
A traição: de Vulcano ao vivo impulso
A ampla casa a Deifobo(10) já desaba;
Já próximo arde Ucalegon; ao largo
Nos fretos do Sigeu reluz a flama:
Clangor de tubas e alaridos soam.
Das armas ferro, desatino, e em armas
Doido onde vá não sei; mas na ânsia fervo
De socorrer com gente a fortaleza:
A ira me precipita; e quanto é belo
O morrer pelejando à mente ocorre.

Eis Panto escapo dentre aquivas lanças,
Panto, filho de Otreu, de Febo antiste,
Com sacro espólio, com vencidos numes,
Do alcáçar pela mão traz um netinho,
Fora de si vem vindo à estância minha.
"Ah! Panto, que é da pátria? onde o conflito?
A que posto acudir?" E, ele em soluços:
"O termo veio, o inelutável dia;
Já fomos, Troia foi-se e a glória sua:
A Argos transferiu tudo o fero Jove;
Na cidade combusta a Grécia impera.
Assoberbando a praça, o monstro equino
Batalhões verte; e ufano ateia incêndios
O insultante Sinon: da gran'(11) Micenas
Quantos jamais vieram, se apinhoam
Nas bipatentes portas, e aos milhares
As gargantas e ruas pejam de armas:

O gume do aço agudo a ferir prestes
Nu lampeja: o combate apenas tentam
Das portas as primeiras sentinelas,
E em cego marte resistir se atrevem.”
O Otríades me instiga e etéreo influxo:
Voo, entre o ferro e o fogo, onde a sinistra
Erínis por mim chama, onde o bramido,
Onde o clamor nos astros retroando.
Com Rifeu se me agrega o estrênuo Ifito,
E em reforço ao luar Dímas e Hípanis
Reconheço, e o Migdonides Corebo;
Jovem que, por Cassandra insano ardendo,
A Ílion pouco havia era chegado
Em auxílio do sogro e do seu povo:
Ai! que a pressaga voz descreu da esposa.

Ao ver tão nobre audácia: “Ó peitos, brado,
Fortíssimos em vão, se a todo o extremo
Vosso anelo é seguir-me, o torvo aspecto
Olhai das coisas. Deste império esteios,
Os deuses, desertando aras e templos,
Foram-se todos: à cidade acesa
Tarde acorreis: morramos, pelas armas
Rompamos. Salvação para os vencidos
Uma, esperarem salvação nenhuma.”

Isto os provoca e atiça. Quais rapaces
Lobos que, cegos de faminta raiva,
Saem por névoa escura, ávidas crias
De goelas secas nos covis deixando;
De morrer certos, por dardos, por hostes,
Troia, abrindo caminho, atravessamos:
Circunvoa atra noite em ouca sombra.

Quem poderá contar o estrago horrendo,
Quem dessa noite as fúnebres tragédias,
Ou lágrimas terá que a pena igualem?
A soberana antiga das cidades
Baqueia; e de cadáveres sem conto
Ruas, casas, vestíbulos sagrados
Se alastram. Nem só mana o teucro sangue;
Brio inato os vigora: a terra mordem
Os vencidos de envolta e os vencedores:
Tudo é luto e pavor, crueza é tudo;
Multiplica-se a morte em vária forma.

Cópia a guiar de Aqueus, primeiro Andrógeos,
Do seu bando nos crendo: "Avante, amigos,
Avante ó bravos; que moleza e inércia!
Outros saqueiam Pérgamo abrasada;
Vós de alterosas naus desceis agora?"
Disse, e a resposta ambígua o desengana;
Em laço hostil sentiu-se: estupefato
Reprime o passo e a língua. O viandante,
Que entre áspero sarçal em cobra oculta
Senta o pesado pé, trépido salta,
Foge ao réptil, que desenrola as iras
E incha o cerúleo colo: assim tremendo
Recua Andrógeos. Pela férrea mata
Arremetemos, e aos montões prostramos
Gente ignara do sítio e espavorida.

Deste ensaio e bafejo da fortuna
Animado Corebo, exulta e grita:
"Por onde, ó sócios, fado amigo aponta,
Eia, sigamos. Os broquéis mudemos,
E insígnias graias adaptemos. Vença

Manha ou valor, quem do inimigo o exige?
Eles armas nos deem". Logo o de Andrógeos
Luzido escudo enfia, e o elmo enlaça
Comante, e ajusta ao lado argiva espada.
Rifeu, Dímas, o imita; os moços folgam;
Do recente despojo armam-se todos.
Entre a caterva hostil, sem fausto nume,
Por cega noite prélios mil travamos;
Remetemos ao Orco infindos Gregos.
Uns às praias fiéis e às naus se acolhem;
Parte com torpe medo o bruto escalam,
E entram de novo o conhecido bojo.
Ah! sem querer divino o que é seguro?
Do ádito de Minerva eis desgrenhada
Cassandra arrastam priaméia virgem,
Debalde ao céu levando ardentes olhos;
Olhos, que as tenras mãos lhe atavam cordas.
Não o sofreu Corebo, e em fogo e sanha
Perecedouro aos esquadrões se atira;
E após vamos forçando um bosque de armas.
Do sumo templo os nossos, enganados
Pela armadura e argólicos penachos,
Nos despedem chuveiros de arremessos,
E misérrima clade se origina.
Num corpo os Danaos, retomada a virgem,
De ira a gemer, daqui dali carregam;
Acérrimo insta Ajax e os dois Atridas,
E a hoste dolopéia. Assim contendem
Soltos num turbilhão Zéfiro e Noto,
E o Euro ovante nos frisões da Aurora:
Zune a selva; Nereu braveja e espuma,
De tridente remexe o equóreo seio.

Quantos pela cidade afugentámos
Entre a noturna treva, outra vez surdem;
Por nosso estranho acento o embuste e as armas
Descobrem. Turba imensa nos esmaga:
Primeiro, às mãos de Peneleu, Corebo
De bruços ante a deusa armipotente
Tomba, e sucumbe o espelho dos Troianos,
O único justo, eqüíssimo Rifeu:
Divino alto juízo! O mortal trago
Bebe a golpes dos seus Dímas e Hípanis:
Nem singular piedade, nem te vale
Na queda, ó Panto, a ínfula de Apolo.
Dos meus última flama e pátrias cinzas,
Testemunhai que nunca em vosso ocaso
Dardo ou risco evadi; que, a ser meu fado
Morrer então, meu braço o merecia.

Eu dali me desprendo, e Ifito e Pélias,
Pesado e anoso Ifito, e Pélias tardo
De Ulisses vulnerado. À estância régia
Nos tira o ruído: a guerra se encruece,
Qual se, o restante em paz, lá só reinasse
Toda a matança e horror: o infrene Marte
Compele os Danaos, que o palácio atacam
E a testudem cerrando as portas cercam.
Árduas escadas fixam nas paredes,
E junto aos postes nos degraus se entribam;
A sinistra no escudo apara os tiros,
Cimalha e capitéis a destra aferra.
Os Dárdanos de cima, as cumieiras
E as torres demolindo, com tais armas,
Vendo-se já no extremo, se defendem;
E áureas traves, de avós decoro e pompa,

Devolvem; densa intrépida coorte
Dentro a fios de espada o ingresso embarga.
De socorrer o paço o ardor nos toma,
De esforçar os vencidos e ajudá-los.

Atrás comunicava os edifícios
Postigo inoto e corredor escuso,
Por onde, ai dela! aos sogros vir soía,
Durante o reino, Andrômaca sozinha,
Seu Astianaz no caro avô trazendo.
Lá monto ao cimo, e estavam pobres Teucros
Sem fruto a dardejar. Torre em declive
Pendente, às nuvens sobre o teto alçada,
Troia estendida, a frota e arraial grego
Descortinava: em cerco das junturas,
Onde as vigas do solho a enfraqueciam,
A investimos a ferro, e do alto assento
Destroncada impelimo-la. De chofre
O baque estronda: a ruína ao longe abafa
Turmas de Argivos; mas sucedem outras:
Nem dardo ou pedra cessa, é tudo tiros.

Pirro à entrada no pórtico ufaneia,
Como o aço e brilho aêneo relumbrando:
Tal, cevada em má grama, à luz a cobra,
Que prenhe o brumal frio a soterrava,
Nova a pele, se empina, e moça e nédia,
Lúbrico dorso enrola, árdua o Sol mira,
Fulge e vibra a trissulca ardente língua.
Com Perifas membrudo e a flor dos Scírios,
Assalta o paço Automedonte o pajem,
Que os de Aquiles picava árdegos brutos;
Lançam fachos ao cume. À frente Pirro

A machadadas racha os umbrais duros,
E éreos portões descrava da couceira;
Traves descose, firmes robles fende,
E cava ampla abertura. O interno centro
Aparece, e átrios longos patenteia;
Aparecem de Príamo os retretes,
Mansões de priscos reis; e um corpo em armas
Cobre o limiar. Envolta a casa em prantos
Longo ecoa; as abóbadas ululam
Com femíneo gemer, triste alarido,
Que áureas estrelas fere. Apavoradas
Andam mães pelas vastas galerias,
E ósculos pregam nos portais que abraçam.
Pirro, emulando o pai, no ataque insiste;
Nem há barreira ou guardas que o sustenham.
Do crebro aríete abolada a porta,
Rui dos gonzos rendida. À força rompem;
No ádito em postas aos primeiros talham,
E tudo enchem de tropas e de estragos.
Bem menos, quando inchado o espúmeo rio
Marachões quebra e valos sobrepuja,
Agros furioso inunda, e na torrente
Roja armento e currais de campo em campo.
Eu vi Pirro na brecha encarniçado
E os dois Atridas; Hécuba e as cem noras,
E o rei no altar vi mesmo com seu sangue
Maculando os que ali sagrara fogos.
Os tálamos cinquenta, em que esperava
Tantos netos, magníficas portadas
De ouro e espólio barbárico, arruinam:
Possui o Danao quanto poupa a chama.

Talvez de Príamo o destino inquiras.

Troia em destroço, o paço contemplando
Derruído e hostilmente profanado,
De ociosa armadura o velho os ombros
Trêmulos veste, inútil ferro à cinta,
Entre basto inimigo a morrer parte.
Num pátio, exposto ao eixo nu celeste,
Louro antigo os penates obumbrava,
Sobre ara ingente os ramos espalmando.
Qual da borrasca fugitivas pombas,
Num grupo ali pousando, Hécuba e as filhas
Consigo em vão seus divos apertavam.
Sob armas juvenis ao rei que assoma:
"Que dira insânia! diz; mísero esposo!
Onde em bélico apresto assim caminhas?
Tal defensa não basta e humano auxílio;
Nem que o meu próprio Heitor surgisse agora.
Vem nesta ara abrigar-te, ou vem conosco
Morrer." Nisto, ao longevo a mão pegando,
Em sagrada cadeira a par o assenta.
Fugindo à morte um filho seu, Polites,
Eis ferido, entre lanças, entre imigos,
Por átrios longos, pórticos desertos,
Gira: de golpe feito, o acossa, o apanha
Já já Pirro feroz, de um bote o aterra:
Ao tempo que ante os pais ia chegando
Baqueia, e dessangrado a vida exala.
A sua o rei sentiu no extremo fio,
Mas reprimir não pôde a voz e a ira:
"Pelo atentado, exclama, e audácia tanta,
Se há no céu providência e piedade,
Pague-te o céu com merecido prêmio,
A ti que o matas às paternas barbas,
E estas cãs me funestas e enxovalhas!

Não, tal não se houve Aquiles, meu contrário,
De quem te finges prole: ao suplicar-lhe
Enrubeceu, direito e fé guardou-me;
Sepultar permitiu-me Heitor exangue,
Rever meus reinos.” Disse, e arroja o velho
Dardo imbele sem gume, que repulso
Pelo rouco metal, à superfície
Do embigo do broquel frustrado pende.

“Pois vai contá-lo ao genitor Pelides;
Núncio narrar te lembre estas baixezas,
E o quanto o degenero. É tempo, morre.”
Falando Neoptolemo o arrasta às aras
Tremebundo, e do filho em quente sangue
A resvalar: na esquerda a coma enleia;
Com a destra saca a lâmina fulgente,
No vazio lha embebe até aos copos.
De Príamo este o fado, assim finou-se
Troia arder vendo e Pérgamo assolar-se:
Quem d’Ásia em povos cem reinou soberbo
É cadáver; na praia o tronco informe
Jaz sem nome, e a cabeça decepada.

Pasmei de horror, confesso: o pai querido,
No equevo rei que derramava o alento
Pela crua estocada, eu me figuro;
Figuro ao desamparo o tenro Ascânio,
Creusa em pranto, os lares saqueados.
Olho atrás, e procuro os companheiros:
Todos lassos e em dor me abandonaram,
Despenhando-se em terra ou sobre as chamas.
Já só de amigos, ao clarão do incêndio
Erro, e em torno espreitando a cada passo,

No santuário escondida e taciturna
A Tindárida enxergo aos pés de Vesta:
Dos nossos pela queda exasperados,
Dos seus medrosa, do ofendido esposo,
Essa Erínis comum de Grécia e Troia,
Execrada, entre as aras se acoutava.
A alma abrasou-se-me; iracundo anseio
Vingar na infame a pátria agonizante.
"Que! soberana ir esta à sua Esparta?
Incólume, em triunfo, entrar Micenas?
Ver a casa, o marido, e os pais e os filhos?...
E ornem-lhe a pompa iliacas escravas!
E a ferro acabe o rei, queime-se Troia,
E suem teucro sangue as teucras praias!...
Não: se é nula a vitória, se é desdouro
Punir de morte a feminil fraqueza,
Louvor seja extinguir este ímpio aborto;
Farto ao menos a sanha e ardente sede,
Saciarei de prazer dos meus as cinzas."

De fúrias transportado isto profiro,
Quando a meus olhos, como nunca, pura
A alma Vênus, a noite alumiando,
Em divindade manifesta brilha,
Tal qual sói aos celícolas mostrar-se;
E segurando em mim com rósea boca
Me atalha a genetriz: "Que mágoa, ó filho,
Que indômita paixão te desatina?
Que é dos nossos penhores? onde o idoso
Cansado pai largaste? onde o filhinho?
Vive ainda Creusa? Atroz caterva
Lhes volteia em redor; sem meus desvelos
Já tragado os houvera ou gládio ou fogo.

Páris não culpes e a Lacena odiosa;
Dos deuses sim, dos deuses a inclemência
É que abate e subverte a excelsa Troia.
Repara: a nuvem que ora os mortais visos
Te embota úmida e baça, eu vou tirar-ta:
Sem temor obedece à voz materna.
Lá onde esparsas moles e arrancadas
Rochas a rochas vês, e undante fumo
E enovelado pó, Netuno a golpes
Do grã tridente os muros e alicerces
Alui, e do orbe desarreiga Troia.
Sevíssima e em furor, de aceiro e malha,
Convoca Juno, ali nas portas Scéias,
Das naus os batalhões. Já sobre as torres,
Nota, sentada em lampejante nuvem,
Tritônia agita a Górgona terrível.
Jove mesmo acorçoa e esforça os Gregos,
Suscita os imortais contra Dardânia.
Foge, anda, filho meu, põe termo às lidas.
Em salvo ao pai te guio, eu não me aparto."
Disse, e na sombra envolve-se. Aparecem
De infensos numes cataduras torvas:
Ílio esboroar em cinzas se me antolha,
Fundir-se toda a neptunina Troia.
Assim nos altos montes orno antigo,
Se extirpá-lo a machado em crebro assalto
Lenhadores porfiam, nuta, ameaça,
Trêmula a coma, sacudido o cume,
Té que aos poucos cerceado, alfim gemendo,
Cai dos cabeços com ruidoso estrago.

Côo(12) entre o ferro e o fogo, a par de Vênus;
Recua o fogo e se desvia o ferro.

Chego à pátria morada, ao velho corro,
No Ida ampará-lo mais que tudo anelo;
Nega-se ele ao desterro, a vida enjeita
Sem Troia: “Ó vós, nos clama, a quem robora
Viçoso inteiro sangue, afervorai-vos,
Parti. Se os deuses me quisessem vivo,
Conservavam-me agora o avito assento.
Sobra uma vez remanescido termos
Da cativa cidade após o excídio.
Dizei-me o adeus supremo, ah! despedi-vos
De um cadáver. A morte eu mesmo a apresso,
Ou dê-ma compassivo e me despoje
Qualquer Danao: que importa a sepultura?
Peso inútil, há muito o céu me odeia,
Dês que o divino padre, o rei dos homens,
Assombrou-me e tocou-me com seu raio.”
Com tal discurso, pertinaz resiste
Às lágrimas de Ascânio e de Creusa,
Às da família inteira, que lhe instamos
Pai não ajude a sorte a aniquilar-nos:
Quedo à tenção se amarra. Eu torno às armas,
Meu desejo é morrer. Que mais conselho,
Que alternativa há mais? “Ó crime... e cuidas
Que eu possa arredar pé, que te abandone?
Tu blasfemas, senhor? Se é lei superna
Que d’Ílio nada fique, e os teus pretendes
Juntar contigo à moribunda Troia,
A estrada franca tens: não tarda Pirro,
Que, o sangue régio gotejando, à face
Do pai degole o filho e o pai nas aras.
Que? de lanças, de incêndios me resguardas,
Por que, ó madre, em meus lares o inimigo
Ante mim próprio imole a esposa minha,

E um no sangue do outro Iulo e Anquises?
Armas, armas, varões: para os vencidos
Acena o último dia: ah! consenti-me
Que volte aos Danaos, que a peleja instaure:
Nem todos hoje inultos morreremos."
De novo empunho a espada, embraço o escudo,
E no ato de sair se me atravessa
À soleira Creusa, os pés me abraça,
E o meu tenrinho Ascânio me apresenta:
"Vais perecer? a transe igual nos leva;
Se inda em perícia e esforço te confias,
O que primeiro cumpre é defender-nos.
A quem teu pai, a quem teu filho entregas,
E esta que nomeavas tua esposa?"

Quando esturgia o teto em ais desfeita,
Ó prodígio estupendo! estando Iulo
De aflitos pais entre ósculos e abraços,
Um resplendor sutil, ígneo turbante,
Lhe coroa a cabeça, e em mole tato
Às fontes se apascenta e lambe as comas
A inócua flama. Trépidos de medo,
O flagrante cabelo sacudimos,
Jorros d'água a deitar no sacro lume.
Mas ledo o genitor na etérea corte
Fita os olhos, e orando as palmas tende:
"Júpiter sumo, se te abrandam preces,
Atende ao menos; se à piedade és grato,
Auxilia-nos, padre, o agouro assela."

Com súbito fragor, mal finda o velho,
Toa à esquerda, e nas sombras deslizando
Pelo céu alva estrela acende a cauda;

Vemo-la a escorregar pelos telhados,
Na selva Idea a esteira assinalando,
Sumir-se: longo sulco abre em centelhas,
À larga odor sulfúreo exala e estende.
Meu pai rendido se ergue, invoca os deuses,
E adora o astro santo: “Ó pátrios numes,
Presto vos sigo o aceno; impulso é vosso:
Protegei, ressalvai-me o neto e a casa:
Troia está sob a vossa potestade.
Nem mais recuso, filho, eu vou contigo.”

Nos muros claro então crepita o fogo,
De perto volve em ala e o esto esparge.
“Sus, meu pai, eu te ajudo, às nossas costas
Sobe-te, ó caro, não me agrava o peso:
Em sucesso qualquer, teremos ambos
A mesma salvação, comum perigo.
Ladeie-me o filhinho, e atrás Creusa
Não se afaste de mim. Sentido, ó servos:
Ao sair, num outeiro está de Ceres
Velho templo deserto, ao pé de antigo
Cipreste, com respeito religioso
Dos avós longamente conservado:
Por diverso caminho ali seremos.
Tu, padre, o que há sagrado e os pátrios divos
Toma: tinto em matança, ímpio é tocá-los,
Sem que eu me expurgue em vívida corrente.”

Nisto, o vestido pelos ombros dobro,
Envergo de um leão a fulva pele,
Curvo-me e o pai carrego: o tenro Iulo
Trava-me a destra, amiúda os curtos passos
Por alcançar os meus; não longe, a esposa

Nos vai na trilha por opacos sítios:
E eu, que há pouco arrostava hostes e dardos,
De um sopro agora tremo, um som me espanta,
Pela companha e carga temeroso.

Propínquo às portas, já me conto livre;
De repente um tropel ouvir cuidamos;
Na treva Anquises lobrigando: “Filho!
Grita; apressa-te, filho; ei-los: diviso
Broquéis ardentes, fulgurantes malhas.”
Não sei que nume infausto alucinou-me:
Por dévia estranha rota extraviado,
Ai! mísero perdi minha Creusa:
Se o fado ma roubou, se errou a estrada,
Ou lassa recostou-se, é duvidoso:
Nunca mais a avistei. Inadvertido
Pela ausência não dou, senão no outeiro,
Próximo ao templo já da prisca Ceres:
Aí feita a resenha, ela só falta,
Malogrando o marido e o filho e os sócios.
Que homem, que deus não acusei demente?
Que houve de mais cruel no excídio horrível?
Num fundo vale escondo, e aos companheiros
Os divos encomendo e Ascânio e Anquises.
Corro à cidade em refulgentes armas,
Firme em revirar Troia e em novas lutas
Pôr a cabeça na arriscada empresa.
Lesto às muralhas, ao limiar escuro
Da porta volto que me deu passagem;
Retrocedendo(13), pela noite apalpo,
Os olhos canso em busca das pegadas:
Tudo aterra, o silêncio o pavor dobra.
Talvez, talvez regressaria à casa;

E lá me envio: os Danaos a invadiram,
Dominavam-na toda: o voraz fogo,
Dos ventos irritado, os altos ganha,
Rolando em labareda os ares cresta.
Prossigo; à régia e à cidadela passo:
E já nos vácuos pórticos, no asilo
De Juno, eleitos a velar na presa,
Se postam Fênix e o nefando Ulisses;
Os tesouros de Troia em montões vejo,
De acesos tetos, saqueados templos,
Vasos de ouro maciço, alfaias, mesas,
Vestes sacerdotais: à roda em fila
Estão pávidas mães, tenros meninos.
Ousei bradar na treva, e mesto as ruas
Enchi de vozes; por demais gemendo,
Chamei, chamei e rechamei Creusa.

Furente as casas lustro, e saio e torno,
Quando a sombra da esposa, imagem triste,
Maior que dantes se me avulta aos olhos,
Pasmo, hirta a coma, a voz se apega às fauces.
Ei-la afável me alenta e assim me acalma:
“Que vale a dor sobeja, ó doce esposo?
Sem nume isto não é: levar Creusa
Te veda o fado, o regedor sublime
Do Olimpo o não consente. Em longo exílio
Tens de arar vasto pego até à Hespéria,
Onde entre pingues populosos campos
O lídio manso Tibre inclina a veia.
Com saudades não chores da consorte:
Um reino ali te espera e uma princesa.
Nem eu, Dardânida e de Vênus nora,
Irei servir as Téssalas altivas,

Nem dolopéias damas: cá me impede
A grande mãe Cibele. Adeus, Enéias;
Todo na prenda nossa o amor emprega.”
Nisto, o falar me corta, e às minhas lágrimas
Se furta, e se esvaece em tênues auras.
Três vezes fui lançar ao colo os braços;
Três presa embalde se desfez a imagem,
Igual ao vento leve ou sono alado.

Os sócios, gasta a noite, enfim revisto;
Dos que acho novos a afluência admiro:
Velhos e moços, donas e donzelas,
Vulgo infeliz, concorrem para o exílio
Com quanto salvam, pressurosos querem
Peregrinar comigo o mar e a terra.

A Alva, dos cimos do Ida ressurgindo,
Já traz o dia, e ocupa o Grego as portas;
Nem há mais de esperança um só vislumbre.
Cedo, e aos ombros meu pai, subo a montanha.

LIVRO III

Depois que em mal os deuses derribaram
Ásia e a nação priaméia, altivos muros
E Ílio a neptúnia em fumo resolvendo,
A buscar nos suadiu celeste aviso
Vários desterros e desertos climas;
E no Ida frígio, ao pé da mesma Antandro
Fabricámos as naus, do fado incertos,
Do rumo e pousadia. Alisto os sócios;
E, entrada a primavera, ordena Anquises
Velas dar à ventura: então da pátria
Deixo os portos chorando, a borda e campos
Onde foi Troia; com Iulo e os Teucros
Exul me engolfo, e os divos e os penates.

Campinas que regera o audaz Licurgo,
Vasta mavórcia terra, os Traces lavram:
Nela doce agasalho e amigos lares,
Enquanto quis fortuna, achava Troia.
Ruim fado aí me aporta, e em curvo seio
Planto Enéia e do meu seu nome formo:
Aos de começo tais auspices numes
E à mãe Dioneia sacrifico, e um touro
Nédio imolo na praia ao deus superno.

Um combro ali, coroava-o de hastes crespa
Densa touça de murta e pilriteiro.
Cheguei-me, e no arrancar o verde mato,
Para os altares enfolhar com ramos,
Assombroso portento arrepiou-me:
O arbusto que primeiro desarreigo

De negro-rubras gotas o terreno
Tábido mancha. Os membros me convulsa
Frígido horror, coalhado gela o sangue.
Puxo outro lento vime, o arcano sondo;
Atro cruor de novo a casca estila.
Mil cuidos penso; às Hamadrias oro,
Ao do gético chão fautor Gradivo,
Que a visão ominosa em bem convertam.
Firmo os joelhos na areia, o esforço envido,
Terceira haste acometo; eis de um sepulcro
(Falar devo ou calar?) imo suspiro,
Gemente som, no ouvido me estremece:
"Ai! por que me laceras? poupa, Enéias,
Um finado; as mãos pias não profanes.
Gerou-me Troia, nem te sou estranho,
Nem este humor do tronco mana. Ah! foge,
Foge o país cruel, a avara praia.
Sou Polidoro: aqui varou-me e cobre
De hastas férrea seara, que em vergônteas
Agudas verdeceu." De susto opressa
Títuba a mente, estaco horripilado,
Presa a voz à garganta. Ao rei treício
Com grande peso de ouro às escondidas
Mandara o infeliz Príamo este filho
A se educar, já quando, estreito o assédio,
Do sucesso das armas receava.
Troia abatida, o pérfido servindo
A vitória e fortuna agamenônia,
Degola o moço e empolga-lhe o tesouro.
Os corações mortais a que os não forças,
De ouro fome execranda! Assim que os ossos
Deixa o pavor, consulto os mais conspícuos,
E primeiro a meu pai conto o prodígio.

Convêm todos que, à frota os austros dando,
Do malvado lugar, poluto hospício,
Nos afastemos. Logo a Polidoro
O funeral se instaura, e amontoamos
Sobre o túmulo terra. Altar aos manes,
De azuis listões e exequial cipreste
Enlutado, elevamos; destrançadas,
Como é rito, as Ilíades o cercam.
Tépido espúmeo leite e de hóstias sangue
De navetas e taças lhe infundimos;
A alma a vozes no túmulo encerramos,
Três vezes proferindo o extremo vale.

Mal abonança o mar, segura o tempo,
E Austro brando sussurra e ao largo invita,
Em nado a praia enchendo, as naus velejam;
Vai recuando a praia e os novos muros.
Sacra à mãe das Nereidas e a Netuno
Egeu, ilha gratíssima cultivam;
Que a errar boiava, e o pio arcitenente
Com Mícon celsa atou-a e com Giaro,
E a fez imota, que dos ventos zombe.
Lá fui ter; placidíssima cansados
Nos recebe e agasalha. Ao desembarque
A cidade acatamos apolínea.
Ânio rei, que une o cetro e o sacerdócio,
Do febeu louro e fitas adornado
Sai, reconhece o amigo velho Anquises,
Nos toma a destra, nos recolhe e hospeda.
Venero o templo ereto em penha antiga:
“Laços(14) dá-nos, Timbreu, dá-nos progênie
E estáveis muros; salva est’outra Pérgamo,
Restos dos Gregos e do imite Aquiles.

Quem nos guia? onde ir cumpre? onde assentarmos?
95 Padre, em nós te insinua, o agouro aclara.”
Então, sinto agitar-se e tremer tudo,
Portas, louro do deus, e o monte em roda;
Muge a cortina, aberto o santuário.
No chão prostrados esta voz nos soa:
100 “O ubérrimo torrão, Dárdanos duros,
Vossa origem primeira, há de acolher-vos:
Ao grêmio vos tornai da prisca madre.
A casa ali de Enéias no orbe inteiro
Tem de imperar, e os filhos de seus filhos,
105 E os que deles nascerem.” Tal anúncio
Ledo alvoroto inspira; indagam todos
A que paragem Febo os mande errantes
E a reverter convide. Anciãs memórias
Recordando meu pai: “Ó chefes, disse,
110 Ouvi-me, roborai vossa esperança.
Creta, berço de Troia e do alto nume,
Equórea jaz, com o Ida e estados pingues
E amplas cidades cem; donde abordando
Junto ao Reteu, se a tradição me lembra,
115 Teucro, avô nosso, ao reino escolheu sítio.
Ílio nem seu castelo inda existia,
Inda em profundos vales se habitava.
Daqui Réia cultora, e os coribântios
Sistros, e o monte Ideu; fiel silêncio
120 Daqui veio aos mistérios, e jungidos
Leões tirarem de senhora o carro.
Eia, o céu quer, os ventos aplacando,
Vamos já demandar as gnósias ribas:
Não distam muito, com favor de Jove
125 Lá podemos surgir à luz terceira.”
Termina; e um touro mata, honras devidas

A Netuno; a ti outro, ó belo Apolo;
Rês negra aos temporais, branca aos favônios.

Expulso Idomeneu do pátrio sólio,
Corre que, evacuada de inimigos,
Livre Creta ficou. Largando Ortígia,
No pélago a voar, passamos Naxos
E os montes seus que em bacanais ressoam,
Donisa verde, Olearo e a nívea Paros,
Na azul campanha as Cícladas esparsas,
Fretos de bastas ilhas semeados.
Na faina se ergue a náutica celeuma.
Vozes cruzam: "À Creta, ao ninho avito".
De ré nos venta a brisa, e dos Curetes
A vetérrima plaga enfim tocámos.
Ávido a nova Pérgamo começo;
E, ufana com tal nome, incito a gente
A exalçar o castelo e amar seus fogos.

Já varadas em seco as popas eram;
Cuida-se em bodas, cuida-se em lavouras;
Casas regulo e marco: eis plantas e homens
Salteia corrupção que infecta os ares,
Triste ano, peçonhento às sementeiras.
Ia-se a doce vida, ou se arrastavam
Corpos a definhar: queimando Sírio
Estéreis agros, ressequidas ervas,
Enfezada a seara o pão negava.
Que eu, ressulcando o mar, de novo em Delos
Consulte humilde a Febo exorta Anquises:
Onde o refúgio, o termo a tanta angústia,
Convém tentar; que rota nos prescreva.

Noite era, e o sono os animais prendia:
As divinas efígies e os penates,
Que o ilíaco incêndio ressalvámos,
Resplendecendo em sonhos me aparecem,
Donde pelas janelas mal cerradas
Cheia a Lua enfiava o argênteo raio;
Ei-los que do cuidado assim me tiram:
"Não mais o ortígio oráculo demandes;
Por nós de grado Apolo aqui to envia:
Nós, Troia em chamas, sob as armas tuas,
Remedimos contigo o inchado pélago;
Aos teus glória perene, eterno império
Daremos nós: tu longo afã não temas,
Procura a tal grandeza igual cidade.
Muda-te, parte, o Délio o determina;
Nem ele aconselhou-te a vir a Creta.
Um país há vetusto, em grego Hespéria,
Fecundo e belacíssimo, colônia
De Enótrios a princípio; Itália é fama
Que, de um rei seu, modernos a nomeiam:
Lá, por Dárdano e Jásio, a estirpe nossa
Origem teve; o assento lá teremos.
Vai-te ledo ao bom velho, e o desengana;
Sus, de Corito e Ausônia a rota segue.
Júpiter nega-te as dictéias lavras".

Desta fala e visão estupefato
(Nem foi letargo, não; veladas comas,
Vultos, feições, eu divisar cuidava,
E em suor frio o corpo me escorria),
Da cama salto; ao céu tendendo as palmas,
Oro, e holocausto intemerato libo.
Completo o sacrifício, expendo alegre

Tudo a meu pai; que os troncos dois e a prole
Ambígua reconhece, e o novo engano
Em que antigos lugares o induziram.

“Filho, a quem de Ílion persegue o fado,
Rememorando ajunta, só Cassandra
Tal me predisse, e uns reinos prometeu-nos,
Que ou Hespéria ou Itália apelidava.
Mas quem tão longe crera a estância nossa?
E a quem jamais persuadiu Cassandra?
Febo o melhor nos mostra, eia, cedamos.”
Tudo ovante obedece. Alguns se ficam;
Os mais soltamos novamente as velas,
Cursando em cavo lenho o imenso plaino.
Ao largo os barcos, desparece terra,
Céu daqui, mar dali. Bulcão cerúleo
Feia borrasca sobre nós carrega,
Treva e horror pelas águas estendendo.
O vento em brenhas escarcéus levanta,
Nos joga e espalha pelo vasto pego.
Tolda-se o dia, e pluviosa a noite
Nos rouba a luz polar; rasgadas nuvens
Trovejam, relampeiam. Flutuamos
Sem rumo à toa; Palinuro mesmo
Perde o tino, e confunde a noite e o dia.
Nem fulge estrela nas opacas horas,
E em cerração três dúbios sóis vagamos:
Ao quarto, arrumação, que a olho aumenta,
Serros descobre, os topes já fumeiam.
O pano arreia-se, a vogar surdimos:
Estribada a maruja a espuma estorce,
Varre o páramo azul. Das ondas livre,
Ilhas do grande Jônio, em grego Estrófades,

Nas praias me recebem: nestas ilhas
Mora a cruel Celeno e as mais Hárpias,
Dês que, enxotadas, os festins medrosas
E a vivenda finéia abandonaram.
Monstro maior, nem divinal flagelo,
Nem peste mais voraz brotou da Estige:
Tem laxo imundo ventre e garra adunca,
Aves nojosas, com virgíneos rostos,
Magros, pálidos sempre e esfomeados.

No arribar, gordo armento se oferece,
Fato, sem pegureiro, pelo prado:
Investimos a ferro, e aquinhoamos
Na presa o mesmo Jove e os outros numes.
Camilhas na enseada construímos;
Regalado manjar nos banqueteia.
Súbito em lapso horrífico as Hárpias
Descem dos montes, a adejar ruidosas;
Pilham tudo, enxovalham, contaminam,
Mesclando a tetro odor funestos gritos.
Sob sáxea lapa ao longe retirados,
Cobertos de arvoredo e escura sombra,
N'ara o fogo outra vez e as mesas pomos:
De outro escond'rijo lôbrego, estrondando,
Revoa a turba em roda, e as iguarias
Polui com boca impura e tortas unhas.
Arma, arma, à dirá gente eis guerra intimo.
Dito e feito; escondemos sob a relva
Prestes gládios e escudos. Mal deslizam
Por curvas praias a grasnar, Miseno,
Que do alto espreita, o cavo bronze entoa:
Tenta-se, estranho ataque! a ferro obscenas
Marinhas aves escalar; mas golpes

No dorso ou plumas nem lesão consentem,
E em fuga, alando-se às estrelas, deixam
A presa mossegada e infecto rasto.
Num alcantil Celeno só pousando,
Rompe aziaga em tais vozes: “Guerra, em cima
De novilhos e bois nos estragardes!
Guerra e esbulhar quereis do pátrio reino
As insontes Hárpias! Pois ouvi-me,
Gravai n’alma o que a Febo, ó Laomedôncios,
O sumo rei predisse, e a mim Apolo,
E eu rainha das fúrias vos declaro.
Itália demandais, à Itália os fados
Com viração galerna ir vos concedem;
Mas antes que mureis o assento vosso,
Desta matança em pena, há de obrigar-vos
Crua fome a roer as próprias mesas.”
Cala, e de surto à selva se recolhe.
Gélido o sangue, esmorecemos todos.
Armas não mais; com votos paz rogamos,
Sejam deias, ou fúrias, torpes aves.
Da praia as mãos levanta, e os grandes numes
Com devida oferenda implora Anquises:
“Deuses, fora o ameaço, arredo o agouro;
À vossa pia gente auxílio, ó deuses!”

Depressa faz colher a amarra, e soltos
Os calabres safar. Noto incha as velas;
Arando o espúmeo golfo, navegamos
À discrição do vento e do piloto.
Já surge à flor Zacintos nemorosa,
Dulíquio e Samos, Néritos alpestre:
Do Ítaco sevo a praguejar o berço,
Os laércios cachopos esquivamos.

Descobrem-se de Leucate os nimbosos
Topes, e Apolo aos nautas formidável:
Subimos lassos o pequeno burgo.
Da proa âncora deita-se, amarramos
À borda as popas. Do insperado solo
De posse enfim, celebro o lustro a Jove,
Com votos ara acendo, e em tróicos ludos
A acíaca ribeira festejamos;
Taís, nus e ungidos, pátria luta exercem:
É grato, a salvo de inimigos, termos
Tanta cidade argólica passado.

Do ano maior a volta o Sol completa,
Gelo hiemal com nortada encrespa os mares.
O éreo cavo broquel do grande Abantes
Do portão prego em meio, e em baixo inscrevo:
"Ao Danao vencedor ganhou-o Enéias."
Largar mando, e em seus bancos os remeiros
Varrem, qual mais, as percutidas vagas.
Dos Feaces escondo aéreos cimos,
Costeio o Épiro, aporto na Caônia,
Monto à celsa Butroto. Incrível soa
Que reina aqui Priamides Heleno,
Que do Eacide o toro e graio cetro
Ele os desfruta, e Andrômaca de novo
A cair veio a natural marido.
Confuso e em curiosa ânsia abrasado
De escutar ao varão tamanhos casos,
Traspasso o porto, praia e naus deixando.
N'aba de um Simois falso, à hectórea cinza
Festim solene acaso e dons funéreos,
Num luco fora, Andrômaca libava,
Os manes evocando ao que de ervosa

Céspide vácuo túmulo sagrara,
E altares dois, a prantear motivo.
Ao distinguir-me e ao ver troianas armas,
Se espanta e embaça, atônita desmaia;
Só quando os ossos o calor cobraram:
"Vives? murmura; és tu, divina prole?
Ou se incorpóreo núncio a luz não gozas,
Que é de Heitor?" E inundando-se-lhe as faces,
De lamento enche o bosque e de suspiros.
Bem pouco respondendo a seus transportes,
Conturbado boquejo em troncas frases:
"Sim vivo, e a todo o extremo arrasto a vida;
É real quanto vês. Ai! despenhada
Do ínclito esposo a tanto aviltamento,
Como o decoro enfim recuperaste?
Andrômaca de Heitor, inda és de Pirro?"

De pejo o rosto abaixa, e em tom submisso:
"Ó só feliz a priaméia virgem
Que imolada morreu sobre hostil campa
Nos pátrios muros! Não provou da sorte
Lance algum, nem cativa a heril alcova
Tocou do vencedor! Nós, Troia em fogo,
De mar em mar rojadas, suportámos,
Na servidão parindo, o fausto e orgulho
Do Aquileu caprichoso; o qual à Esparta
Indo aliar-se a Hermione Ledéia,
Escrava me transmite a Heleno escravo.
Mas, do roubo da esposa ardendo em zelos,
Das fúrias agitado, o atroz Orestes
De improviso o degola às pátrias aras.
Recaiu, morto Pirro, em parte o reino
A Heleno, que chamou Caônio o campo,

Caônia a terra, de Caon Troiano;
Pérgamo, Ílio, é no morro a cidadela.
Qual porém te dirige ou vento ou fado?
Que deus te arroja ignaro às nossas praias?
Onde o que te nasceu já Troia em sítio?
D'aura mantém-se Ascânio? inda saudoso
Da mãe se lembra que perdeu na infância?
Hombridade lhe inspira e esforço antigo
Ser Enéias seu pai e Heitor seu tio?"

Tal num contínuo choro em vão carpia;
Quando com toda a corte o herói priâmeo
Das muralhas se adianta, e prazenteiro,
Os seus reconhecendo, os encaminha,
E entre falando largo pranto verte.
No irmos, deparo as tênues Ílio e Troia,
E árido arroio que simula o Xanto;
Abraço-me aos umbrais da porta Scéia.(15)
Desta sócia acolhida os meus se logram:
Régios pórticos amplos os recebem.
Copos do paço em meio a Baco encetam,
Sobre ouro comem, taças de ouro empunham.

Corre dia após dia: ao sopro austrino,
Que nos convida, o cárbaso intumesce.
Entro a Heleno e o conjuro: "Ó tróico vate,
Que, dos divos intérprete, os influxos
Do Clário Febo, as trípodes, os louros,
Que os astros, que dos pássaros as línguas
Sentes, e avisos da ligeira pena
(Pois feliz curso oráculos me cantam,
E, a ir dos deuses todos persuadido
Da Itália em busca a regiões remotas,

Celeno só me augura um monstro infando,
E iras fatais e depravada fome),
Dize, eia, que perigo evitar urge?
Como superarei trabalhos tantos?”

Já do uso as reses mata, e exora o antiste
Aos divos paz, da fronte sacra a touca
Desata, e a mim venerabundo e absorto
Pela mão, Febo, ao templo teu me guia,
E a profética boca desencerra:
“Com mor auspício é fé que tu navegas,
Filho de Vênus: tal baralha as sortes,
E as encadeia e liga o rei dos numes,
Por que sulques melhor ignotos mares,
E ancores a teu salvo em porto ausônio,
Vai do muito expender-te um pouco Heleno;
Que o mais, sabê-lo as Parcas me proíbem,
Ou falar veda-me a Satúrnia Juno.
Primeiro, a Itália próxima, onde cuidas
Que aportas breve, t’a separa e afasta
Com longas terras ínvia longa via.
N’água sicana o remo vergar deves,
E o salso golfo Ausônio, o lago Averno,
E a ilha percorrer de Circe Eéia,
Antes que assento firme estabeleças.
Dou-te os sinais, conserva-os: quando achares,
Cuidoso à margem de secreto rio,
De enzinha litoral deitada à sombra,
Grande e recém-parida, uma alva porca
A trinta alvos leitões amamentando,
Ali terás descanso, ali cidade.
Quanto a roer as mesas, não te assustes:
Rumo há de achar o fado e ouvir-te Apolo.

Destas partes porém, da extrema Itália
Que as das marés do Jônio enchentes lavam,
Safa-te; são de Gregos infestadas.
Aqui fixaram-se os Narícios Locros,
E o Líctio Idomeneu cercou de tropas
Os campos de Salento; aqui munida
A pequena Petília Filoctetes
Melibeu tem. Mas quando, além dos mares
Surta a frota e na praia erguidas aras,
Os votos cumpras, de purpúreo amicto
Vela a cabeça; a fim que hostil aspecto
Não turbe o agouro. Aos teus nos sacrifícios
Tal seja o rito, observa-o; permaneçam
Nesta religião sem falha os netos.

Como à Sicânia te aproxime o vento,
Já claro o estreito passo do Peloro,
Costeia à esquerda com circuito longo,
A destra borda foge e destras ondas.

Por convulsão violenta e vasta ruína,
Este lugar, se conta, há largas eras
(Do tempo o que não muda a vetustade?)
Se espedaçou, formava um continente:
Neptunina irrupção rasgou da Hespéria
Sicília; augusto braço as lavras parte,
Banha as cidades e limita as praias.
Cila a direita ocupa; e d'água, à sestra,
Grandes golpes três vezes no atro abismo
Caribdes implacada a pique sorve,
Três revessa e esguichando açouta os astros.
Presa arreganha a boca e as naus às pedras
Cila atrai, em cego antro: cara de homem,

Do colo ao púbis moça linda, em ceto
Remata enorme, e em útero de lobos
Se lhe articulam de delfins as caudas.
O Pachino(16) dobrado, em roda a viagem
Antes ir prolongando, que a disforme
Cila encarar sequer, e a furna horrenda
Com seus cerúleos cães saxissonante.
Sobretudo, se hás fé no auspice Heleno,
Se prudência lhe assiste e o enche Apolo,
Só te isto, ó prole diva, amoesto e prego,
E repito e reitero: a Juno excelsa
De grado o nume adora, e a soberana
Preces, votos e súplicas abrandem:
É como finalmente vitorioso,
A Trinácria trasposta, irás à Itália.

A Cumas tu chegado, e aos lagos santos
Lucrino e Averno de sonoras matas,
Verás no imo rochedo a vate insana
Que os fados canta, e letras, nomes, carmes
Grava e encomenda às folhas, e os numera.
Na gruta eles fechados, não se bolem,
Em ordem se mantêm; mas, se uma aragem
Da porta os gonzos vira, encana, e as tenras
Folhas baralha, avoejar a virgem
Pela caverna os deixa, nem mais cura
De arranjar, de os colher: e os inconsultos
Vaõ-se, a cova e a Sibila esconjurando.
Posto que da tardança os teus murmurem,
Que plenas velas amarar te possam
Boleadas à feição, dali não partas,
Sem que a teus rogos ela a voz desprenda
E oráculos resolva. Há de a Cuméia

As guerras te explicar, d'Itália os povos,
Trabalhos como evites, como os sofras;
E obter-te venerada o salvamento.
Basta; nem de al me é lícito avisar-te.
Anda, engrandece a Troia, aos céus te exalça."

Tal profetava amigo, e às naus dons manda
Graves de ouro e elefântico embutido,
De argênteos vasos e dodôneos cassos
Abarrota os porões; de malha ajunta
Loriga auritrílice e um capacete
De comante cocar, cimeira insigne,
De Pirro arnês. Presentes faz a Anquises.
De práticos nos supre e de remeiros,
Cavalos doa, os sócios provê de armas.

Meu pai de verga d'alto apresta a frota,
Que os ventos de servir não desperdice.
Cortês o augur o acata: "Aceito esposo
Da Cípria em celso toro, ó caro aos deuses,
Das perdas ambas de Ílion salvado,
Ei-la, à fronteira Ausônia aproa e voga.
Todavia hás mister passar avante:
Dista a paragem que te Apolo inculca.
Vai-te, ó pai venturoso de um tal filho!...
Que! tardo, estorvo os astros que já surgem?"

Não menos boa Andrômaca, à partida,
Frígia clâmide a Ascânio traz saudosa,
E roupas de matiz de áureo brocado;
De finas teias o acumula, e fala:
"Do próprio meu lavor, toma estes mimos,
Que testifiquem sempre e te relembrem

Da viúva de Heitor, filho, a ternura:
Dos teus recebe as derradeiras prendas,
Só do meu Astianaz tu viva imagem:
Tinha teus olhos, tuas mãos, teu rosto,
E equevo hoje contigo enrubescera!”

O adeus lhes digo, em lágrimas desfeito:
“Vivei felizes, vosso fado encheu-se;
De transe em transe o nosso nos repulsa.
Já descansais; de arar não tendes mares,
Nem de ir à Itália, que se furta e alonga:
D’Ílio e do Xanto contemplais a efígie,
Feitura vossa; com melhor auspício,
Oh! menos seja exposta ao dolo argivo!
Se os campos chego a ver que banha o Tibre,
E à minha gente os prometidos muros,
Das propínquas cidades consanguíneas
E dos povos irmãos, no Lácio e Épiro,
Faremos na harmonia uma só Troia:
Guarde-se este cuidado aos nossos netos.”

Os litorais Cerâunios perpassamos,
Donde à Itália é brevíssimo o trajeto.
Cai o Sol, cobre a treva opacos montes:
Sorteiam-se os remeiros, e encostados
No seco doce grêmio, à borda, em ranchos
As forças reparamos; lassos corpos
Rega um sono ferrado. Em meio giro
Nem inda a noite as horas conduziam:
Da cama esperta Palinuro; explora,
Cata os ventos, fareja e escuta os ares;
Fita as constelações que resvalavam
No mudo espaço; as Híadas chuvosas,

Os gêminos Triões, o Arcturo observa,
E Orion de alfanje de ouro. O céu sereno
Acha; e ao claro sinal que fez da popa,
Tentando a via, os arraiais movemos,
E às naus as pandas asas desfraldamos.
Já rubra aurora afugentava os astros,
Quando obscuros outeiros enxergamos
E a baixa Itália. Itália eis brada Acates;
Todos Itália a jubilar saúdam.
Uma grande cratera o padre Anquises
Então coroa, do mais puro cheia,
E em pé na celsa popa: "Ó deuses, clama,
Que regeis mar e terra e tempestades,
Fácil caminho e sopros dai favônios."
Refresca o vento; e, a barra já patente,
Num morro o templo de Minerva alteia.
Colhida a vela, ao porto proejamos:
Ele ao nascente arqueia; em face, espúmea
Salsi-aspergida rocha o esconde, o abrangem
Com duplo muro torreadas penhas,
Vai-se da praia o templo retirando.
Primeiro agouro, aqui ginetes quatro,
Alvos de neve, o prado à larga tosam.
E meu pai: "Guerra inculcas; para a guerra
Se armam, solo hospedeiro, esses cavalos;
Guerra o armento ameaça. Ao carro afeitos
Todavia os quadrúpedes no jugo
Inda podem sofrer concordes freios:
Esperança há de paz." À deusa oramos
Armíssona, que à entrada agasalhou-nos
Ovantes; e, ante as aras frígio amicto
Nos velando as cabeças, como Heleno
Prescrevera, incensada especialmente

Juno honramos Argiva. À risca e em ordem
Cumprido o voto, as pontas reviramos
Das antenas velíferas, suspeitos
Sítios que habitam Gregos desertando.
De Tarento se avista o seio, hercúlea,
Se é vera a fama: em frente se levanta
Lacínia diva, e o Cilaceu navífrago,
E as torres de Caulon. Distante assoma
O síciulo Etna: ouvimos longe o equóreo
Rouco gemido, o embate nos cachopos,
Quebrado o eco na praia; os vaus ressaltam,
As areias remexe a marulhada.
E Anquises: "Não me engano, esta é Caribdes,
O de Heleno cantado imano escolho.
Certa a voga puxai, livrai-nos, sócios."
Disse e cumprem: no instante Palinuro
Contorce à esquerda a rugidora proa;
Mareia à esquerda a frota, à esquerda rema.
Curvado o pego ao éter já nos sobe,
Já desfeito o escarcéu nos baixa aos manes.
O sáxeo boqueirão três vezes ronca;
Três espadana a espuma e os céus orvalha.

Fatigados nos deixa o Sol e o vento:
Dos Ciclopes à costa arribo às cegas.
Vasto e abrigado o porto, ao pé, cimeiro
Com horríficas ruínas o Etna toa:
Ora, atra pícea fumegante nuvem
E candentes fagulhas borbotando,
Flâmeos globos despede e os astros lambe;
Ora extirpadas vísceras do monte
Vomita e expulsa, e a lava no ar glomera,
E a mugir no imo abismo o vulcão ferve.

De um raio chamuscado, é voz que pesa
Sobre Encélado a mole do Etna ingente,
Que das rotas fornalhas fogo expira;
E, se de lado por cansaço muda,
Do rebramar toda a Trinácria treme
E o céu do fumo tolda. A noite, ocultos
Nas selvas, tais fenômenos curtimos,
Sem do horroroso estrondo a causa vermos;
Que astro nem ar sidéreo esclarecia
O carregado pólo, e envolta a Febe
Tinha em manto nimboso a escuridade.

O albor já despontava, e a nova aurora
Removera a noturna umente sombra:
Da mata rompe estranha forma de homem,
Magro e mirrado, inculto e miserando;
E às praias suplicante as mãos estende.
Olhamos: sujo, ascoso, hirsuta a barba,
De espinhos cobre-o andrajo apontoado;
Grego no mais, dos que invadiram Troia.
A armadura avistando e o frígio trajo,
Retém-se um pouco, aterrorado estaca;
Logo precipitando-se, a nós corre
Com pranto e rogo: “Pelos céus obsecro,
Pelos deuses e est’aura que respiro,
Por onde fordes me levai, Troianos:
É quanto basta. Fui da armada grega,
Sim fiz guerra aos ilíacos penates:
Se é tamanho o meu crime, ao ponto fundo
Atirai-me, afogai-me nestas vagas.
De homens se morro às mãos, contente morro.”
Prostra-se, os pés me abraça, e tem-se às voltas,
A confessar quem seja o acorçoamos,

Qual sua origem, que fortuna o agite.
Sem mais demora dá-lhe a destra Anquises;
Deste penhor se anima, e diz afoito:
"Ítaco sou, do infortunado Ulisses
Companheiro, Aqueménides me chamo:
Pobre (oxalá durara nesse estado!)
Adamasto meu pai fez-me ir a Troia.
Na pressa de escapar da estância crua,
Os meus cá me olvidaram, do Ciclope
Na cova. Opaca, enorme, em sânie escorre
Da carniça: ele (ó céus, bani tal peste!)
Árduo empinando-se, as estrelas pulsa;
Taciturno, feroz, desconversável,
Cruor o ceva e entranhas de infelizes.
Eu mesmo o vi, na furna ressupino,
A mão disforme a dois lançar dos nossos,
Num rochedo esbarrá-los, e em sangueira
A espelunca nadar; vi mastigados,
Tábido humor os membros estilando,
Tépidos entre os dentes lhe tremerem,
Que impune folgue, Ulisses não suporta,
Nem de quem é se esquece em tanta afronta.
Mal, sepulto em vinhaça e farto impando,
Pousa o inflexo pescoço e jaz na gruta
Imenso, e carnes e o bebido e o sangue
Alija a ressonar; por sorte a postos,
Orando, a um tempo e em roda o acometemos;
E, em vingança dos manes dos amigos,
D'haste aguda o só lume lhe furamos,
Na torva testa oculto, e na grandura
Broquel argivo ou lâmpada febéia.
Sus a amarra picai, fugi, mesquinhos;
Pois tais, qual Polifemo em antro escuro

O lanígero gado amalha e munge,
Moram Ciclopes cem por essas praias,
Descompassados pelos montes vagam.
Três luas têm de luz enchido os cornos,
Dês que entre brenhas por covis me arrasto,
De um serro espreito os monstros, e estremeço
Do estrupido e da voz. Mísero pasto,
Colho bagas, pilritos lapidosos,
De ervas e raízes arrancadas vivo.
Sempre alerta, avistando a frota vossa,
De ir-me a ela assentei, qualquer que fosse:
Não é pouco evadir-me à gente infanda.
Matai-me, se o quereis; prefiro a morte."

Nem acabava, e num cabeço vemos,
Entre os gados movendo a vasta mole,
O pastor Polifemo, às notas praias
A descer; monstro horrendo, informe, ingente,
A quem vazou-se o olho, e tenteando
Num pinheiro esgalhado se abordoa.
Grei lanosa o acompanha, o só deleite,
O alívio seu: do colo a flauta pende.
Depois que as águas toca e mais se engolfa,
Do olho escavado lava o humor cruento,
E a gemer range os dentes. Já no meio
Anda, e as altas espáduas não molhava.
Acelerando a fuga, o suplicante
Com razão recolhido, nós cortamos
Tácitos as amarras, e encurvados
Remando à competência, o mar varremos.
Sentiu-nos, e ao sonido os passos torce.
Mas, deitar-nos a destra não podendo,
Nem ao alcance igualar do Jônio a altura,

Desmarcado urro dá, com que de espanto
Tremeu toda a Trinácria, e o ponto e as ondas;
Do Etna as cavernas ocas remugiram.
Da espessura e montanhas rui e acode
Dos Ciclopes a raça e inunda as praias.
Quedos e embalde a olhar com torvo lume,
Esses etneus irmãos, congresso horrível!
Mostram-se desferindo aos céus as frontes:
Quais aéreos carvalhos, no mor auge,
Ou ciprestes coníferos topetam,
De Jove em mata ou luco de Diana.
Urge o medo a soltar cabos e velas,
E ir à feição dos ventos. Mas Heleno
Entre Cila e Caribdes proibiu-nos
Seguir a letal via: à orça o linho,
Toca a virar. Eis Bóreas venta amigo,
Do estreito do Peloro: a foz transponho
Do Pantágias aberta em roca viva,
E o sino de Megara e Tapso humilde.
Tendo a costa Aqueménides corrido
Com o Ítaco infeliz, tudo apontava.

Contra o Plemírio undoso, ilhota ao golfo
Sículo opõe-se: a Ortígia dos antigos.
O Alfeu d'Élide, é fama, aqui rompera
Submarino; hoje mescla-se, Aretusa,
Por tua boca nas sicanas ondas:
Lembrado, os numes do lugar venero.
Passo do Heloro o pingue alagadiço;
Terra a terra, os penedos do Paquino
E o saliente cabo. A não mover-se
Fadada, lá nos surge Camarina,
De Gela os campos e a cidade amplíssima,

Que do rio que os banha se apelidam.
O árduo Agragante, gerador outrora
De briosos corcéis, de longe ostenta
Grã muralha. De ti me aparta o vento,
Palmífera Selinis; e traspasso
Os parcéis lilibeus de escolhos cegos;
Drépano desalegre enfim me aloja.
Aqui, repulso à força de borrascas,
Ah! perco o genitor, na angústia e penas
Meu só conforto: a mim desconsolado
Ai! tu, de riscos mil vãmente ileso,
Aqui, ótimo pai, tu me abandonas.
Tais lutos, augurando Heleno horrores,
Não mos predisse, nem a infausta Hárpia.
Eis o último trabalho, eis a baliza
De navegações longas. Deste porto
Um deus fez-me arribar às vossas praias".

Assim, tudo em silêncio, o padre Enéias
Divinos fados enarrava, e expunha
Tanto peregrinar. Calou-se a ponto,
E, findo o seu dizer, foi repousar-se.

LIVRO IV

Já traspassada, em veias cria a chaga,
E se fina a rainha em cego fogo.
O alto valor do herói, sua alta origem
Revolve; estampou n'alma o gesto e as falas;
Do cuidado não dorme, não sossega.
A alva espanca do pólo a noite lenta,
Lustrando o mundo a lâmpada febéia;
Louca à irmã confidente então se explica:
"Suspensa que visões, Ana, me aterram?
Que hóspede novo aporta às nossas plagas?
Quão gentil parecer! que ações! que esforço!
Creio, nem creio em vão, provém dos deuses.
Temor vileza argui. Dos fados jogo,
Ai! que exaustas batalhas decantava!
Se em grilhões nupciais não mais prender-me
Fixo não fosse em mim, dês que traiu-me
Com morte o amor falaz; ao toro e fachas
Tédio se não tivesse, eu talvez, Ana,
A esta só culpa sucumbir pudera.
Depois que o meu Siqueu me foi roubado,
Mão fraterna os penates cruentando,
Este único abalou-me, eu to confesso,
E a vontade impeliu-me titubante:
Sinto os vestígios da primeira chama.
Mas engula-me o abismo, antes me arroje
Do Onipotente um raio às sombras fundas,
Pálidas sombras do enoitado inferno,
Que eu te viole, ó Pudor, e as leis te infrinja:
Quem a si conjuntou-me e a flor colheu-me,
Consigo minha fé sepulto guarde."

Cala, e em seu seio as lágrimas borbulham,

E Ana: “Ó mais do que a vida irmã dileta,
Murcharás teu verdor, viúva e triste,
Sem de Vênus gozar, sem doces filhos?
Crês disto a campa cure e a cinza e os manes?
Bem: magoada enjeitaste esposos tírios,
E há pouco Iarbas e outros que em triunfos
África nutre: pois também repugnas
Ao grato amor? Nem onde estás refletes?
Cá te cerca a pugnaz Getúlia invicta,
E a Sirte inóspita e Numídia infrene;
Lá por sequiosa a região deserta,
E à larga soltos os Barceus furentes.
Das guerras que direi que em Tiro engrossam?
Das ameaças do irmão? Divino auspício,
Mercê de Juno, esta arribada julgo
Das quilhas de Ílion. Como a cidade
Verás crescer? com tal consórcio, quantos
Reinos pular? A que auge irá das armas
Teucras a glória púnica ajudada?
Vênia, irmã, pede aos céus, e abençoados
Os sacrifícios, o hóspede agasalha;
De o reter causas tece, até que as ondas
A invernada embraveça e Orion chuvoso,
E, em destroço os baixéis, embrusque o tempo.”

Com tais razões lhe atiça o interno incêndio,
E alenta de esperança o ânimo dúbio,
E desata o pudor. Primeiro correm
Aos delubros, e a paz nas aras catam:
Bimas ovelhas rituais degolam
À legífera Ceres, mais a Febo

E ao pai Lieu, mormente a Juno, guarda
Dos vínculos jugais. Taça na destra,
Por entre os cornos de alvadia vaca
Verte-a Dido pulquérríma, ou dos deuses
Passeia em face pelas aras pingues;
Sagra o dia a oblações; consulta as reses
Pelos peitos abertas, respirantes
Entranhas, congoxosa. Ai! néscios vates!
Delubros, votos, à paixão que montam?
Rói as medulas mole flama, e a chaga
No âmago vive tácita. A rainha
Arde insana, e infeliz vaga a cidade;
Qual cerva, a quem de sibilante seta,
A atirar o pastor nos créssios bosques,
Varou de longe incauta, e ínscio o volátil
Farpão lhe prega e deixa: ela na fuga
Discorre as selvas e dictéias matas;
A letal cana ao lado se lhe aferra.
Ora o guia entre as obras, e as riquezas
Tírias e prestes a cidade ostenta:
Vai falar, e se atalha a voz troncando;
Ora, o Sol descaindo, à mesa os casos
D'Ílio outra vez sem tino ouvir demanda,
E da narrante boca outra vez pende.
Já retirados, quando à Lua obscura
Encolher toca o lume e sono infundem
Cadentes astros, só na vácua sala
Mesta ao sofá se encosta em que ele esteve:
N'ausência o escuta e o vê n'ausência; ou tendo
No grêmio Ascânio, enleva-se na imagem
Do pai, como iludindo o amor infando.

Nem medram torres, nem se exerce em armas

A mocidade; os portos não consertam,
Nem, defensas da guerra, os baluartes;
Impendentes merlões, fábricas param;
Já não labora a máquina altaneira.

Tanto que a persentiu da peste iscada,
Sem à paixão a fama obstar, Satúrnia,
Cara esposa de Jove, nestes termos
Comete a Vênus: "Tu e o teu menino,
Certo, exímio louvor e espólios amplos
Ganhais e grã renome, a ser vencida
Uma mulher por dolo de dois numes!
Não me escapou, receaste os nossos muros,
D'alta Cartago a estância te é suspeita.
Onde isto irá? tantas contendas onde?
Por que antes não firmamos paz eterna
E ajustes conjugais? Lograste o intento:
Ama Dido, o furor nos ossos prende.
Os povos em comum, partindo o auspício,
Rejamos pois: servir marido frígio,
Com seus Tírios dotar-te, se lhe outorgue."

Vênus, sentindo-a cavilar, da Itália
Por que o reino transfira às margens líbias,
Retorque assim: "Quem há que a tal se furte,
Ou doido queira guerrear contigo?
Seja o que lembras, se a fortuna o aprova.
Mas traz-me o fado incerta se é do gosto
De Júpiter manter numa cidade
Com os de Troia os Tírios, ou lhe apraza
Os povos confundir ou federá-los.
És consorte: com preces a ti cabe
Tentar seu pensamento. Anda, eu te sigo."

"Tomo isso a mim, replica a real Juno:
De efeituar o que urge ao plano atende.
A misérrima Dido ir com Enéias
Caçar propõe-se, mal Titã no oriente,
O orbe arraiando, crástino desponte.
Eu com basto granizo atro chuveiro,
No açodar-se o tropel de alãos e tralhas
Cingindo a mata, soltarei das nuvens,
Crebros trovões estremecendo o pólo.
Derramada a companha, há de abafá-la
Noite opaca: o Troiano ir-se-á com Dido
À mesma gruta. Eu lá, se teu consenso
Me asseguras, atada em jugo estável
Lha ofertarei, sendo Himeneu presente."
Não adversando, ao rogo Citeréia
Anui, e riu do solapado engano.

A aurora do oceano entanto surge:
Dos mancebos a flor madruga às portas,
Com laços, redes raras, com venábulos
De larga choupa; os éqüites massilos
Com farejantes cães de trote rompem.
No camarim detendo-se a rainha,
À entrada os Penos principais a esperam;
Em ostro e ouro o palafrém cosido,
Tasca o freio espumante, árdego e fero.
Assoma alfim da corte ladeada:
A clâmide sidônia lhe circunda
Multicor franja; à banda aljava de ouro,
Trança em ouro a madeixa, e lhe conchega
Fivela de ouro a purpurina veste.
Não falta a frígia companhia, e alegre

Marcha Iulo. Galhardo mais que todos,
Sócio Enéias se agrega, e a sua escolta.
Febo, quando abandona a Lícia hiberna
E o caudal Xanto; e, ao visitar a Delos
Materna, instaura os coros, pelas aras
Mistos Cressos e Dríopes fremindo
E Agatirsos pintados; por cabeços
Do Cinto airoso pisa, e o crino undante
Atilando, enredado em mole folha,
De ouro enastra; o carcás aos ombros tine:
Não menos senhoril Enéias ia;
Tanto garbo transluz no egrégio rosto!

Chega-se a alpestres montes e ínvias furnas:
Eis, de íngreme rochedo despenhando-se,
Bravias cabras pelos picos pulam;
D'além cervos, ligeiros a planície
Transpondo, aos esquadrões pulverulentos
Enovelam na fuga, e as brenhas deixam.
Mas no ardido ginete(17) o moço Ascânio
Dos vales folga em meio; e aqueles passa,
Estes pretere, e anela que um javardo
Surda espumante dentre o bando inerte,
Ou que fulvo leão da serra desça.

Entra a embrulhar-se o céu múrmuro e rouco:
De envolta cai saraiva e grossa chuva;
E a tíria comitiva e os jovens teucros,
Do medo atropelados, e o dardânio
De Vênus neto, agreste abrigo esparsos
Buscam: ribeiras das montanhas ruem.
Vão-se à mesma caverna Dido e Enéias;
Telus sinal deu logo e Juno prônuba:

Corisca, e o éter sabedor das bodas
Fulge, e no cimo as ninfas ulularam.
Este o dia letal, dos males causa:
Reputação, decoro, nada a move;
Nem mais Dido medita amor furtivo;
Chama-o consórcio, e o nome é véu da culpa.

Já corre a Fama as líbicas cidades;
Nem há contágio mais veloz que a Fama.
Móbil vigora, e força adquire andando:
Tímida e fraca, eis se remonta às auras;
No chão caminha, e a fronte enubla e esconde.
Da ira dos deuses Terra mãe picada,
Póstuma a Celo e Encélado, é constante,
De pés leve engendrou-a e de asas lestes:
Horrendo monstro ingente, que, oh prodígio!
No corpo quantas plumas tem, com tantos
Olhos por baixo vela, tantas línguas,
Tantas bocas lhe soam, tende e alerta
Ouvidos tantos. Pelo céu de noite
Revoa, e ruge na terrena sombra,
Nem os lumes declina ao meigo sono:
De dia, em celsa torre ou sumo alcáçar,
Sentada espia e as capitais aterra;
Do falso e ruim tenaz, do vero núncia.
Vária e palreira então com gáudio os povos
Aturde, e o feito e por fazer pregoa:
Que o varão teucro é vindo, ao qual dignava
Juntar-se a bela Dido; e, longo o inverno,
Em braços da volúpia, em luxo torpe
Se acalentando, os reinos esqueciam.

Isto de boca em boca a feia deusa

Difunde, e o curso para Iarbas torce;
Brada, inflama-lhe o peito, iras cumula.
De Amon filho e da rapta Garamante
Ninfa, em amplo domínio ao pai cem bravos
Templos, cem aras pôs; e um fogo eterno
Sagrou, dos deuses vivas sentinelas;
E o solo pingue do cruor das reses,
E em mil festões florentes liminares.
Fora de si, da nova amarga aceso,
É voz que aos céus humilde alçara as palmas:
“Soberano, a quem brinda a maura gente,
Banqueteada em marchetados leitos,
Reparas nisto, ó padre? ou com torcidos
Raios, cegos fuzis, trovões ruidosos,
Por demais nos assustas e apavoras?
Mulher que merca, errante em nossa extrema,
Para exígua cidade um chão foreiro
E ara uma praia, as bodas repulsou-nos,
No reino admite por senhor a Enéias!
E esse Páris, guiando uns semíviros,
Guedelha mádida em meônia mitra
Sob o mento enlaçada, o rapto logra:
Templos encher-te, fomentar nos baste
Estéril nome!” — Assim queixoso, e às aras
Pegado, ouvido foi do Onipotente;
Que os olhos volve à corte em que os amantes
A fama esquecem: “Vai, Mercúrio, invoca
Os zéfiros, nas penas te desliza,
Filho; e a Birsa, onde aguarda em ócio Enéias,
Sem respeito às muralhas concedidas,
Sobre as asas do vento este recado
Leva-lhe. Tal a genetriz formosa
Não no-lo prometeu, nem duas vezes

Para isso o vindicou das armas gregas;
Antes seria quem regesse a Itália
De impérios grávida e a bramir por guerras,
Quem, propagando o altivo sangue teucro,
Avassalasse o orbe. Honra tamanha
Se o não incende, nem se afana e lida
No alcance do louvor; é pai de Ascânio
E lhe inveja as romanas fortalezas?
Que faz? que espera entre inimiga gente?
Nem lhe importa Lavino e a prole ausônia?...
Navegue: em suma, esta a messagem; parte."

À voz do excelso pai se inclina e apresta:
Calça os áureos talares com que adeja
Sublime sobre as terras, sobre os mares,
Como rápido sopro. A vara empunha,
Com que as pálidas almas do Orco evoca,
No Tártaro sombrio, outras afunda,
Tira e dá sonos, e da morte o selo
Nas pálpebras imprime. Afoito as brisas
Com ela parte, e os nevoeiros trana.
E já no surto avista o pino e encostas
Árduas de Atlante duro, que em seu tope
Agüenta o firmamento; o velho Atlante
Que de assíduos bulcões tolda a cabeça
Pinífera, açoitado de aguaceiros
E vendavais: de infusa neve a espádua
Forra, do queixo precipita rios,
E em caramelo enrija hórrida barba.
Mercúrio, equilibrando-se nas asas,
Paira; de chofre atira o corpo às ondas:
Qual gaivota que, as praias e piscosos
Cachopos rodeando, humilde aleia

À flor das águas; entre o céu e a terra
Cilênio, ao longo da arenosa costa,
Do avô desce materno e os ares sulca.

Assim que a planta alada os palhais toca,
A fundar casas, torreões, castelos,
Descobre Enéias(18), cuja espada o fulvo
Jaspe estrelava, e aos ombros a descuido
A capa em tírio múrice lhe ardia,
Lavor das próprias mãos da rica Dido,
De áurea tela a mais fina entrelaçado:
"Que! lanças de Cartago os alicerces
E lindos muros maridoso traças?
Teu reino, ah! tudo esqueces! O alto nume,
Cujo acenar abala o Olimpo e o mundo,
Veloz do claro pólo a ti me envia:
Que meditas? na Líbia com que intuito
Gastas esse vagar? Se não te excita
Glória tanta, nem lidas e te afanas
Trás o louvor, no teu herdeiro atenta,
No pululante esperançoso Iulo,
De Itália ao cetro e a Roma destinado."
Nem acaba o Cilênio, e os mortais visos,
Depondo, em fumo se esvaece tênue.

Deste aspecto hirta a coma, a língua presa,
Do aviso e mando sumo o herói pasmado,
Ir-se e largar anseia as doces margens.
Ai! que ousará? frenética a rainha,
Com que ambages dispô-la, com que exórdios?
Aqui e ali, por tudo a mente versa;
Muda, varia, alterna, enfim resolve.
Cloanto convocou, Mnesteu, Sergesto;

Que, à surda aparelhando e a marinhagem
À frota recolhendo, aprontem armas,
Da novidade a causa dissimulem:
Que ele, como romper-se amor tamanho
A boníssima Dido não receie,
De conversá-la o ensejo tentaria,
A senda mais suave e o melhor jeito.
Todos com alvoroço as ordens cumprem.

Mas a rainha os dolos (quem a amante
Pode enganar!) pressente, e o que se urdia
Primeiro aventa, e o mais seguro teme.
Ímpia a Fama a exaspera, e lhe delata
Que a vogar se arma a frota. Urra, chameja,
Debaca pelas praças, pelas ruas:
Qual Tias quando, ao sacudir dos vultos
E tirsos incitada, evoé bramindo,
Trietéricas orgias a estimulam,
E o Citeron noturno a invoca a brados.
Topa a Enéias por fim: “Pérfido, exclama,
Poder inda encobrir tão feio embuste
E te escoar do meu país contavas?
Nosso amor, a fé dada não te embarga,
Nem de Elisa a funesta morte crua?
E até na hiberna quadra as naus fabricas,
E na força dos áquilos te apressas
A emarar-te, cruel? Que! se não fosses
A estranho solo e clima, Troia antiga
Se em pé tivesses, pelas crespas vagas
Navegaras a Troia?... A mim me foges?
Por este pranto meu, por essa destra
(Pois nada já me reservei mesquinha),
Por nosso matrimônio, pelas núpcias

Encetadas, se um'hora te fui doce
Ou bem te mereci, doa-te a minha
Casa em ruína; e, se é que as preces valem,
Despe tal pensamento, eu to suplico.
Por ti me odeiam nômades tiranos,
E a Líbia inteira, infensos os meus Tírios;
Por ti mesmo extinguiu-se o pejo, e aquela
Fama que dantes me elevava aos astros.
Moribunda em que mãos me desamparas,
Hóspede?... Este só nome à esposa resta.
Que mais me falta? que os fraternos muros
Pigmalião me tale? que à Getúlia
Seu rei me leve escrava? Antes da fuga,
Se de ti concebera, se em meus paços
Pequenino outro Enéias, cópia tua,
Me brincasse, eu de todo escarnecida
Nem em tanto abandono me julgara."

Disse. Ele, imota a vista e a mente em Jove,
Sopeia a dor a custo, enfim responde:
"Eu nunca negarei favores tantos,
E outros que enumerar, senhora, podes;
Nem de Elisa a lembrança há de enfadar-me,
Enquanto eu mesmo for de mim lembrado,
E est'alma o corpo reja. A escusa é breve.
Nem a furto ausentar-me, tal não penses,
Cuidei; nem pretendi jamais as tedas,
Ou vim nunca em firmar esta aliança.
Se a meu gosto compor se me outorgasse
Da vida o curso, preferira em Troia
As dos meus cultivar doces relíquias;
Refizera de Príamo os palácios,
Reconstruíra Pérgamo aos vencidos.

Mas Grineu Febo a Itália, a Itália agora
As sortes lícias demandar me ordenam:
Este o amor, esta a pátria. As líbias torres
De Cartago se a ti Fenisa prendem,
Na Ausônia estranhas que os Troianos fundem?
Novos reinos é lícito habitarmos.
A mim do padre Anquises, quantas vezes
De úmida sombra a noite enluta o globo,
Quantas surgem igníferos luzeiros,
Insta em sonhos, me aterra a torva imagem;
Turba-me o tenro Ascânio, o vitupério
De cabeça tão cara, a quem defraudo
Do hespérico domínio e fatais campos.
Inda há pouco, da parte do Tonante
O intérprete divino (ambos atesto)
Frechando as auras trouxe-me recados:
Às claras eu vi mesmo entrando os muros
O deus, bebi-lhe a voz nestes ouvidos.
De inflamar cessa a mágoa tua e minha:
Não espontâneo para Itália sigo."

Enquanto ele discorre, aversa o encara;
Tácitos lumes volve, e o mede e estronda:
"Nem mãe deusa, nem Dárdano hás por tronco;
Gerou-te o Cáucaso em penhascos duros,
Traidor! mamaste nas hircanas tigres.
Que dissimulo? a que desdém me guardo?
Deu-me ao pranto uma lágrima, um suspiro?
Da amante se doeu?(19) dignou-se olhar-me?
Que afronta é mais pungente?... Ah! que até Juno
Nem Satúrnio isto vê com retos olhos.
Fé segura não há. Náufrago e pobre
O recolhi, demente o pus no trono,

Do estrago as naus remi, da morte os sócios.
Ai! que incendida as fúrias me arrebatam!
Ora agoureiro Apolo ou sortes lícias,
Ora expedido o intérprete de Jove
Traz pelas auras hórridos mandados.
Dos supremos que emprego! uma tal ânsia
Quebra o seu repousar. Nem te detenho,
Nem te refuto. Para Itália segue,
Sim, busca impérios pelas bravas ondas.
Se os numes valem pios, certo espero
Que entre escolhos suplícios mil devores,
E invoques amiúde o nome Dido.
Com negro facho ao longe hei de acercar-te;
E, quando a morte fria aos órgãos solva
O almo alento, ser-te-ei contínua sombra;
Terás o pago, hei de, perverso, ouvi-lo,
A nova há de baixar-me ao centro escuro.”

Nisto, corta-lhe a prática, à luz foge,
Some-se aflita, e o deixa embaraçado,
Muito dizer querendo e receando.
Levam-na em braços à marmórea alcova,
E a deitam nos coxins desfalecida.

Bem que deseje mitigá-la Enéias
E remover-lhe as penas compassivo,
Solto em ais, do amor grande combalido,
Cumpre as ordens contudo, as naus revista.
Afervoram-se os Teucros, desencalham
Celsos baixéis; crenado o casco nada;
Frondentes remos trazem, toscos robles,
No afogo de abalar. De muda os viras,
Da cidade em torrentes borbotando.

Em tulha assim de farro dão formigas
E em casa o põem, do inverno precatadas;
Campeia o negro exército, entre as ervas
Por trilha estreita acarretando a presa:
Parte ombros mete e grossos grãos empurra;
Parte urge os pelotões, pune as ronceiras:
Da pressa e afã toda a vereda ferve.

Ao contemplá-lo, que sentias, Dido?
Quais teus gemidos, de cimeira torre
Das praias enxergando o borborinho
E antolhando com grita o mar fundir-se?
Os mortais, fero amor, a quanto obrigas!
De novo ao rogo, às lágrimas recorre,
Do amor se humilha ao jugo; por que ao menos
Por tentar nada fique antes que expire.
"Ana, eis revolto o litoral; de roda
Concorre a chusma; o brim convida as auras,
E as popas já coroa o alegre nauta.
Se eu esperasse, irmã, sofrera o golpe.
Ana, um serviço: o ingrato, que te estima,
Só contigo se abria, só conheces
O modo e ensejo de amolgar esse homem;
Ao soberbo inimigo vai, suplica,
Por mim lhe fala, irmã: que eu nunca aos Danaos
Em Aulíde jurei de Troia o excídio,
Nem contra Pérgamo esquipei navios,
Nem os ossos cavei do padre Anquises;
Por que duro a escutar-me se recusa?
De tropel onde corre? À triste amante
Renda um favor: monção aguarde e fuja.
O traído himeneu já não requeiro;
Nem do reino desista e pulcro Lácio.

Curto espaço ao furor, vã trégua peço,
Té que a sorte me vença e à dor me aveze.
Da irmã tem pena, esta mercê me obtenhas;
Ser-lhe-á paga sobeja a morte minha.”

Tais lamentos, misérrima, tais preces
Ana leva e releva; ele inconcusso
Razões nem choro admite: os fados obstam,
Um deus lhe obstrui os plácidos ouvidos.
Se, de anos rijo o válido carvalho,
Daqui dali soprando alpinos bóreas,
Extirpá-lo porfiam, berram, silvam,
E, do tronco as entranhas sacudidas,
Juncam o solo as folhas; aos rochedos
Ele se agarra, e quanto com seu pico
Penetra o etéreo céu, tanto profunda
No Tártaro a raiz: não de outro modo
Assíduas vozes mil o herói combatem,
E a grande alma suspira; a mente imóvel
Persiste, e rodam lágrimas baldias.

Dos fados treme Dido e a morte exora;
Da azul abóbada aborrece o aspecto.
Na tenção mais se afinca e a luz detesta,
Quando o leite (que horror!) nos sacros vasos
Vê negrejar, e os derramados vinhos
Irem-se convertendo em sangue impuro.
Tal visão cala, nem da irmã confia.

Ao defunto Siqueu nos paços houve
Marmóreo templo, em que ela se esmerava,
De velos níveos e festões ornado.
Ali, tanto que a noite obumbra as terras,

Crê perceber queixumes e o marido
Mesto chamá-la, e solitário bufo
Nas grimpas feral verso estar carpindo
E com tristura em flébil tom piando:
Cem velhas predições a atemorizam.
Enfurecida, o mesmo fero Enéias
Em sonhos a perturba, e se imagina
Sempre sozinha, ao desamparo sempre,
Ir por veigas extensas, por desertos,
Em busca dos seus Tírios. Tal, demente,
Penteu figura batalhões de Eumênides,
Gêmeo o Sol, duas Tebas: tal, nas cenas,
Da mãe foge aos brandões e às negras serpes
Vexado o Agamenônio, e as flagelantes
Erinies topa ao limiar sentadas.

Mal que à dor cede e, as fúrias concebendo,
Morrer decreta, e como e o quando elege;
E a triste Ana acorrendo, com disfarce,
De serena esperança a fronte ameiga:
“Os parabéns, irmã, que achei maneira
De atraí-lo ou soltar-me desse ingrato.
Nos confins do Oceano, para o ocaso,
Um lugar derradeiro há na Etiópia,
Onde o máximo Atlante ao ombro o ardente
Eixo estrelado vira. Entre os Massilos
Dali sacerdotisa me inculcaram
Do templo das Hespérides, que os sacros
Ramos guardando n’árvore, a comida
Ao dragão ministrava, untada em suco
De mel e dormideiras. Com seus carmes
Solver, gerar paixões; rios promete,
Astros atrás tornar, e infernos manes

Revocar: sob os pés mugindo a terra,
Verás descerem da montanha os ornos.
Pelo céu, cara irmã, por vida tua,
Juro que invita à mágica recorro.
Tu lá dentro ergue ao ar secreta pira,
E a roupa e as armas sobrepõe desse homem,
Que ímpio as deixou na câmara pregadas,
E o toro em que eu perdi-me: do malvado,
A maga o ordena, apaguem-se as memórias.”
Cala e tingiu-se de palor. Contudo
Que os funerais no sacrifício encubra
Nem Ana o crê, nem tal furor suspeita,
Ou nada mais sinistro que na morte
De Siqueu teme: tudo enfim prepara.

Ao ar, com achas de azinheira e pinho,
Num claustro escuro ereta ingente pira,
Colgado de capelas, a rainha
De rama fúnebre o lugar coroa;
Não do futuro ignara, sobre o leito
Coloca a teucra espada, a roupa, a efígie.
De altares cerca-se, e em cabelo a saga
Toa a invocar trezentas divindades,
O Érebo, o Caos, e a trina Hécate virgem,
Tergêmina Diana. Ali despeja
Simulado licor da fonte Averna;
Segadas ao luar com foice aênea,
O leite espreme de pubentes ervas,
Veneno tétrico; extraído ajunta
O amor da fronte de nascente poldro
E subtraído à mãe. Frouxa a petrina,
Mola nas pias mãos, de um pé descalça,
Dido, entre as aras morredoura, os deuses

Atesta e os astros, do seu fado cônscios;
E, se há nume que amantes patrocine,
Da ingratidão vingança lhe depreca.

Era noite, e em sossego os lassos corpos
Descansam: dorme a selva, o mar sanhudo;
Em meio giro os astros escorregam;
Todo o campo emudece; as alimárias
E as aves de cores mil, quanto povoa
Líquidos lagos, ásperas charnecas,
No silêncio noturno os seus trabalhos
Adormentando, a pena aliviavam.
Só nos olhos ou peito a insone Tíria
Não colhe a noite: as aflições lhe brotam;
Surgindo e ressurgindo o amor braveja,
Num fervedouro de iras flutuando,
E a mente em si volteia: “Que! zombada,
Requestando os primeiros pretendentes,
Hei de em Numídia mendigar consórcios
Tão rejeitados? ou partir na frota,
Conforme às teucras derradeiras ordens?
Gratos ao benefício, oh! quão lembrados
Dos meus favores são! E há, quando eu queira,
Quem mo consinta, ou nos soberbos lenhos
Execrada me aceite? Nem tu sabes,
Nem inda sentes, mísera, os perjúrios
Da raça laomedôncia? E então! sozinha
Irei atrás de aventureiros nautas,
Ou com todo o poder dos meus Sidônios?
E os que arranquei de Tiro, hei de arriscá-los
De novo, e dar as velas?... Antes morre,
Que o mereces; com ferro a dor atalha.
Tu por meu pranto, irmã, tu me agravaste

O furor e ao tirano me expuseste.
Não pudera eu viver de crime isenta,
Como fera, solteira e sem martírios?
Fementida a Siqueu manchei as cinzas.”
Tais do seu peito as queixas rebentavam.

Já, tudo a ponto, certo de ir Enéias
Adormecia a ré. Torna-lhe em sonhos
E o repreende a visão: Mercúrio é toda
Em vulto, em cor, em voz, na loura coma,
No talhe esbelto e juvenil meneio.
“Como! filho da deusa, em tal perigo
No sono pegas? nem, demente! enxergas
O que há de roda? os zéfiros suaves
Não ouves respirar? Perecedoura,
Ela enganos rumina e atroz maldade,
E num fluxo e refluxo irosa ondeia.
Podes inda, e o fugir não precipitas?
Com madeiros verás turbar-se o pego,
Tochas luzir, ferver em fogo as praias,
Se a aurora aqui te apanha. Eia, a tardança
Rompe: é sempre a mulher vária e mudável.“
E assim na treva se envolveu da noite.

Espavorido acorda: “Acima, alerta,
Brada o herói; panos fora, gente aos remos:
Insta comigo o mensageiro etéreo
A que abale no instante e pique amarras.
Nós, santo deus, quem sejas, te seguimos,
E ovantes outra vez te obedecemos.
Oh! sê propício e plácido, e nos tragas
Faustas estrelas.” Disse, e da bainha
Saca o fulmíneo gume e os cabos talha.

Tudo arde, à faina acode; as bordas largam:
De naus coalha-se o pélago; estribados,
Varrendo a azul campina, a espuma enrolam.

Já, de Titon deixando a crócea cama,
A Aurora de luz nova alaga o mundo:
Mal Dido alvorecer e arfar em cheio
Viu da atalaia a frota, e a praia e os portos
Nus da chusma sentiu, quatro e mais vezes
Lacera o belo peito e os áureos fios
Arrepela: "Ó deus sumo! há de um estranho
Ir-se do nosso reino escarnecendo?
Meu povo armas não toma, e o corre e os vasos
Dos arsenais despede?... Já, de pronto,
Brandi fachos, dai velas, forçai remos.
Que profiro? onde estou? desvairo insana?
Ai! Dido, hoje em ti pesa a mão do fado!
Quando entregaste o cetro, é que era tempo.
Que fé, que destra aquela! E é quem se afirma
Que da pátria os penates conduzira,
Que o pai caduco aos ombros carregara?
E empolgá-lo não pude, esquartejá-lo,
Pelo mar desparzi-lo, os seus à espada
Passar, e o mesmo Ascânio, e por comida
Pô-lo à paterna mesa? Mas do prélio
Fora a fortuna duvidosa... Fosse:
Vou morrer; qual o medo? Às naus, de assalto,
De fogo enchera o bojo; com tal raça
Pai e filho extinguira, e a mim com eles.

Sol, que lustras o globo e tudo aclaras;
Juno, intérprete e cônscia destas penas;
Pelas cidades em noturnos trívios

Tu Hécate ululada, ultrices Fúrias,
Ouvi-me, ó deuses da expirante Elisa,
Vosso nume volvei contra os perversos,
E atendei nossos rogos. Se é fadado
E quer Jove que o monstro, em fixo termo,
Poje em terra, audaz povo o ataque e avexe;
E errante, foragido, arrebatado
Dos abraços de Iulo, auxílio implore,
Veja dos seus os funerais indignos;
Ou, curvo à iníqua paz, não goze o reino
E apetecida luz; mas ante tempo
Caia, e insepulto sobre a areia jaza:
Com meu sangue esta praga última verto.
Tírios! vosso rancor lhe acosse a estirpe,
De oferta à cinza minha: aliança os povos(20)
Nunca irmane. Dos ossos tu me nasces,
Tais colonos persegue a fogo e ferro,
Ó vingador: já, logo, em todo o sempre
Que haja forças, com praias travem praias,
Ondas com ondas guerras, armas com armas;
Com seus netos, impreco, os meus pelejem."

Por tudo o ânimo versa, e a teia odiosa
Traça em breve troncar. A Barce fala,
Do bom Siqueu nutriz, que em pó na antiga
Pátria a sua ficou: "Nutriz querida,
Chama cá minha irmã; que asperja o corpo
Com água fluvial; não tarde, e as reses
Venham com ela e as purgações prescritas:
E tu com pia fita as fontes venda.
Os que encetei solenes sacrifícios
A Jove Estígio concluir tenciono,
Findar meus males e entregar à pira

A imagem do infiel.” Termina; a serva
Com senil zelo acelerava o passo.

Trépida e em fera empresa encarniçada,
Vibrando olhos sanguíneos, e às trementes
Faces de nódoas salpicada, o interno
Claustro penetra, pálida a rainha
Já da futura morte, e furibunda
Sobe à fogueira, o tróico ferro despe,
Não para tal crueza reservado.
No ilíaco despojo e nota cama
Depois que atenta, em lágrimas, cuidosa,
Um pouco está suspensa, e reclinada
Finais vozes repete: “Ó doces prendas,
Quando o queira um deus e o fado, est’alma
Recebei, libertai-me de pesares.
Vivi, perfiz o destinado curso:
Grande irá minha sombra agora ao Orco.
Fundei clara cidade, eu vi meus muros;(21)
No truculento irmão vinguei o esposo.
Feliz, ah! mui feliz, se as quilhas teucras
Aqui nunca abordassem!” Disse, e o rosto
No leito impresso: “inulta morreremos?...
Pois morramos, sussurra; assim aos manes,
Assim desço contente. O cru Dardânio
Do mar embeba os olhos nestas chamas,
E estes mortais agouros o acompanhem.”

Não acabava; e sobre o estoque as damas
A veem cair, de sangue as mãos tingidas
E a lâmina espumando. O clamor altos
Átrios atroa; às tontas corre a Fama
De cabo a cabo; com soluços, gritos,

Com femíneo ululado os tetos fremem;
Todo o ar retumba do alarido e pranto:
Qual, de hostil assaltada, se em ruínas
Cartago, ou Tiro antiga ardesse em alas
Furentes, ateadas nas dos homens,
Nas cumieiras dos deuses. Aturdida,
A irmã convulsa, exânime, açodada,
Carpe-se, afeia o rosto, os peitos fere,
Rompe o tropel, à moribunda exclama:
"Irmã, tu me iludias? Que! foi isto(22)
Que aras, tochas, fogueiras me aprestavam?
Qual mais dói? o abandono, o desprezares
Por sócia a irmã? Teus fados repartisses;
Uma hora, um ferro, uma ânsia nos tragasse.
Armei-te a pira eu mesma, e os deuses pátrios
Invoquei, para assim, cruel, jazeres
Na minha ausência? A mim e a ti mataste,
E o povo e os padres e a cidade tua.
Dai-me água, eu lave o golpe; e nos seus lábios,
Se alento algum vagueia, os meus o colham."
Não mais, e os degraus salva; ao colo aperta,
Beija a irmã semiviva; entre ais enxuga
Na touca o tetro sangue. Os olhos graves
Quis ela alçar, desmaia: a chaga dentro
Range a golfar. Três vezes, arrimada
Ao cotovelo foi-se erguer, três vezes
Rolou no toro; e, baça a vista errante,
A luz no céu procura, e achando-a geme.

A onipotente Juno da agonia
E angústia longa então comiserada,
Do Olimpo Íris despacha, que a luctante(23)
Alma desate dos liados membros:

Pois nem de merecida ou fatal morte,
Mas súbito imatura, ah! perecia
De ira acesa; tirado a flava coma
Não lhe tinha Prosérpina, e a cabeça
À Estige condenado. Em cróceas penas,
Cambiando cores mil do Sol oposto,
Róscida a núncia vem parar sobre ela:
“O tributo a Plutão mandada levo;
Do corpo eu to desligo.” Disse, e o corta:
Foi-se o calor e evaporou-se a vida.

LIVRO V

Firme o herói já dirige ao meio a frota,
Com o Aquilão talhando as negras vagas;
Olha atrás, e da pobre Elisa os muros
Em chamas vê luzindo. A causa os Teucros
De tanto incêndio estranham; mas conhecem
O amor poluto como dói, o que ousa
Femínea raiva, e triste agouro tiram.

Some-se a terra aos empegados lenhos,
Tudo é céu, tudo é mar; torvo negrume
Sobre as cabeças borrascoso pesa,
E horrenda espessa treva enoita as ondas.
Té lá da popa o cauto Palinuro:
"Hui! que feia tormenta enluta o pólo!
Tu que ameaças, Netuno?" Disse, e a tolda
Manda desempachar, pôr peito aos remos;
Mete à orça, e voltou-se: "Ínclito Enéias,
Nem que mo afirme Jove, eu não prometo
C'um tempo destes abordar a Itália.
De través salta o vento, engrossa e ruge
Do atro Vésper, e o ar se enubla e densa.
Nem agüentar-nos nem surdir podemos:
Quer e acena a fortuna, ora de rumo
Toca a mudar. Não longe as d'Erix julgo
Fraternas praias, a fiel Sicânia,
Se os remedidos astros não me iludem."
A quem Enéias: "Claro observo há muito
Que o pede o vento, e por demais resistes:
Ronda e curva o caminho. Onde mais doce
As lassas naus refocilar me fora

Que no grato país do tróico Acestes,
Dos ossos de meu pai jazigo amado?”
Zéfiro, então servindo, o pano atesa:
Por vagalhões a frota ao porto voa,
E alegre enfim atraca à nota areia.

De excelso cume enxerga os sócios vasos,
Admira a vinda, e em pele de ursa líbia
E em dardos ouriçado, acorre Acestes.
Que em mãe teucra o gerou Crimiso rio
Não lhe esquece: os parentes que ali tornam
Gratulando consola, e com refrescos,
Lhana agreste abundância, acolhe e trata.

O albor os astros mal do eoo expulsa,
De toda a praia os seus convoca Enéias,
E de elevado combro assim lhes fala:
“Dos deuses prole, ó Dárdanos sublimes,
A anual volta os meses completaram,
Dês que as relíquias de meu pai divino,
Fúnebre altar sagrando, sepultámos.
Se não erro, eis o dia (ó céu, quiseste-o)
Sempre agro para mim, sempre solene.
Fosse eu nas sirtes Gétulas banido,
No seio Argólico e em Micenas preso,
Celebrara com pompa o aniversário,
De aceitos votos cumulando as aras.
Não, dos deuses não foi sem providência
Esta nossa arribada a porto amigo:
Junto às cinzas de Anquises nos achamos.
Eia, a memória sua honremos todos:
Peçamos-lhe bom vento, e em novos muros
Templos dicar me outorgue, onde cad’ano

Estes meus sacrifícios lhe ofereça.
Duas reses por nau vos dá benigno
O hóspede e sangue nosso: os pátrios divos
Convidai para a festa, e os que ele adora.
E, se arraiando o mundo a nova aurora,
Limpo o dia trouxer, proporei jogos,
Pela esquadra ligeira começando:
Ouem ágil tenha o pé, quem destro e forte,
Ou tire o dardo e a seta, ou mais se atreva
A cru cesto(24) brigar, nenhum se exima;
Devido prêmio cada qual espere.
Orai, silêncio! as frontes enramai-vos."

Cessa, e velou-se do materno mirto;
Helimo, o ancião Trinácrio, o moço Ascânio
Fê-lo, e a mais juventude. Infindo povo,
Mesto cortejo da assembleia o seguem
Para o sepulcro. Ali de mero baco,
Libando em regra, jarras duas vasa,
Duas de leite fresco, cheias duas
De cruor sacro, e esparge rubras flores:
"Salve, disse, alma santa, ó sombra salve,
Cinzas do caro pai, que em vão recobro!
Contigo não me coube entrar na Itália,
Gozar desse fatal ausônio Tibre."

Súbito, em roscas sete e sete giros,
Sai do imo penetral vultosa cobra;
Mansa o túmulo abraça, pelas aras
Lúbrica resvalando: azul o dorso,
A maculada escama em áureas pintas
Fulgura acesa; o arco assim nas nuvens
Toma do oposto Sol mil várias cores.

Dela Enéias pasmou. Desenrolando-se
Entre os copos(25) serpeia e lisas taças,
E, iguarias e altares delibados,
Busca o túmulo e inócua se recolhe.

Incerto se é de Anquises a ministra,
Se o gênio do lugar, mais fervoroso
Ao pai renova as honras: cinco ovelhas
Bimas conforme ao rito, cinco porcos,
Tergi-nigrantes corta almalhos cinco;
Vinhos das copas verte, e a alma evoca
E do Aqueronte os remetidos manes
Do grande genitor. Segundo as posses,
Ninguém se escusa: as aras espontâneos
De dons oneram, vítimas derribam;
As caldeiras em fila outros colocam,
Ou, na relva espalhados, em brasidos
Viram espetos e as entranhas assam.

Alvo o dia anelado já conduzem
De Faetonte os cavalos; e os vizinhos
O ruído alvoroça, e o claro nome
De Acestes: quais por ver o herói e os sócios,
Quais prontos ao certame, a praia inundam.
Láureas no médio circo se alardeiam,
Trípodes sacras, preciosas palmas
Aos vencedores; vestes purpurinas,
Talentos de ouro e prata, e ricas armas:
D'alto apregoa a tuba e os ludos canta.

O páreo encetam com pausado remo
Quatro cascos irmãos, da frota eleitos.
Mnesteu, que de Ítalo o apelido teve,

Mnesteu, de Mêmio tronco, a veloz Pristis
Com acre chusma; e a grã Quimera Gias
Manda, móbil cidade e mole imensa,
Que os Teucros jovens de concerto impelem,
Com três aclamações às três pancadas
Da voga desferida: autor Sergesto
Dos nobres Sérgios, na Centauro ingente;
E na azul Cila embarca-se Cloanto,
Que é, Romano Cluêncio, a origem tua.

Contra a espumosa praia, além demora
Penedo, que submerso, enquanto o hiberno
Cauro os astros esconde, o açoitam vagas
Túmidas: calmo o tempo, adormecido
Cala, e da imóvel onda um campo surge,
De apriscos(26) mergulhões jucundo pouso.
Lá de frondente azinho o padre aos nautas
Pôs verde meta, que o regresso marque,
Depois de em longo cerco o tornearem.
Regra os postos a sorte; e à popa alçados,
Ostro e ouro trajando, os cabos fulgem.
De choupo engrinaldada, a mais companha
Nus reluzindo em óleo ostenta os ombros:
Abancam-se, estirando ao remo os braços
E ouvidos ao sinal; da ânsia de glória,
Do afogo e susto, os corações latejam.
Ao clangor da trombeta, ei-los despedem;
Os ares fere a náutica alarida;
Revolto o mar ao retrair dos buchos,
De iguais sulcos trilhado, alveja e ferve,
Dos remos todo e dos tridentes rostros
Convulso e hiante. Em bíjugo certame,
Carros do cárcere precipitados

Na liça menos desenvolto rodam;
Nem tanto aurigas, aos fogosos tiros
Undantes loros sacudindo, pendem
Pronos a verberar. Do estrondo e aplauso,
Do parcial favor consona o bosque:
O eco, nas praias côncavas rolando,
Repulsado retumba nos outeiros.

Entre os vivas da turba, avante Gias,
Primeiro escoa-se: ao depois Cloanto,
Melhor de remo, se o pinho o retarda
Ronceiro. À cola, a Pristis e a Centauro
Competem no marchar: vence ora a Pristis,
Ora a Centauro; ou pares, frente a frente,
Aram com buco extenso os vaus salgados.
Aproximam-se à meta, e ao pé do escolho,
Já no perau, o dianteiro Gias
Grita ao piloto: “À destra assim me empuxas?
Anda a bombordo; a pá que rasque as penhas;
Abeira a praia: quem quiser se amare.”
Ordens vãs; teme o velho oculto banco,
Desvia ao largo a proa. “Onde, Menetes,
Onde ao revés te vais? À esquerda, às pedras!”
Gias brama e rebrama; e olha a Cloanto,
Que interno, à sestra, forcejando o aperta;
Que entre as sonantes lages e a Quimera
Desliza, e a meta súbito pospondo,
O pretere, e em mais fundo vai nadando.
Nos ossos arde ao moço a dor violenta,
Não sem água nas faces; e esquecido
De si, do comum risco, o frouxo mestre
D’alta popa despenha, e salta ao leme:
Piloto, os nautas exortando, o clavo

Às praias torce. A custo acima veio
Menetes já pesado; e, gotejando
O mádido vestido, à roca trepa,
E em seco ali se assenta. A rapazia
Riu do seu tombo, do mergulho e nado,
Riu das salsas golfadas que alijava.

Atrás, Mnesteu, Sergesto aqui se inflamam,
A Gias contam superar moroso.
Junto ao cachopo, não com todo o casco,
Sergesto avança; em parte só, que em parte
O cerra com seu beque emula a Pristis.
Mnesteu de banco em banco a gente incita:
"Forçai-me a voga, Hectóreos verdadeiros,
Que de Troia escolhi no extremo arranco:
Mostrai-me agora o brio, o alento agora,
Qual nas Líbicas sirtes, qual no Jônio,
Qual do Málea em correntes impulsoras.
Mnesteu já pela palma não contende:
Oh! se eu... primem, Netuno, os teus mimosos.
Ser derradeiro, amigos, é vergonha:
Poupai-nos o labéu." Quem mais, se afanam
Deitados sobre o remo; aos vastos golpes
Retreme a brônzea popa, o chão subtrai-se;
Crebro o anélito abala os membros todos,
E as bocas seca; em bica o suor mana.
O acaso trouxe o lanço a que aspiravam:
Acostado Sergesto, avante a proa
Cose à rocha, e abocando um passo estreito,
Ai! que em recife pretendido pega.
Ao choque ronca a pedra, e numa ostreira
Pontuda os remos se estribando estralam;
Contusa a proa suspendeu-se. Em gritos

Consurge, para a chusma, e os croques safa
E agudas varas; os partidos remos
Do pego apanha. Então, com mais veemência,
Ledo Mnesteu os ventos convocando,
Certa e basta a remada, ao som das ondas,
Fácil no aberto pélago decorre.
Qual a pomba, que aninha em oca lapa
Seus doces ovos, salteada ao campo
Foge, e ao sair com a asa dá medrosa
Rijo encontrão no teto; e escorregando
Pela fluida via, o ar sereno
Rasa, nem move as expeditas penas:
Tal Mnesteu, com tal ímpeto, enfiada
Pelas últimas águas, voa a Pristis.
Já deixa às lutas no rochedo e alfaques
A Sergesto, que auxílio em vão clamando,
A andar aprende com lascados remos.
Presto a Gias se bota, e a nau possante
Cede, que está sem mestre. Só lhe falta
Quase no fim Cloanto, em cujo alcance
Urge com sumo afinco. Esperta a grita,
Aura geral o instiga a lhe dar caça,
E ribomba o fragor no espaço etéreo.
Uns raivam de perder o ganho e as honras,
Trocam pela vitória a própria vida;
Alenta os outros o sucesso: podem,
Porque julgam poder. E compartiram
Parelhos esporões talvez o prêmio,
Se em rogos solto, ao ponto as mãos tendidas,
A si Cloanto os numes não chamasse:
“Ó deuses, cujo império equóreo trilho,
Voto alegre imolar-vos nestas praias
Branco touro, e entornando castos vinhos

As entranhas verter no salso argento.”
Disse: e o coro de Forco e das Nereidas
De baixo o atende, e Panopéia virgem;
Té do ancião Portuno o braço grande
O empurra: mais que Noto ou leve xara,
A nau se lança à terra, e o porto ganha.

Ao povo o Anquíseo, com pregões do estilo,
Então proclama vencedor Cloanto,
Venda-lhe a fronte com virente louro;
De prata um mor talento às naus, de mimo.
Três novilhos à escolha e vinhos manda;
Com dons especiais distingue os chefes.
Ao vencedor, orlando-a recamada
Púrpura melibéia em dois meandros,
Áurea clâmide anexa: inda na tela
Régio menino, sôfrego, açodado,
No Ida selvoso os despedidos cervos
Corre e a dardo os fatiga; e lá nas garras
Altaneira às estrelas o arrebata
A armígera de Jove; embalde as palmas
Velhos aios levantam, contra as auras
Dos galgos o ladrar se assanha embalde.
Ao segundo em valor, de fina malha,
Que o decore e defenda, auritrílice
Loriga dá, que a Demoleu vencido
Ante o rápido Simois, de Ílio às abas,
O herói tirou: multíplice a textura,
Mal carregavam-na ajoujados pajens
Sagaris e Fegeu; com ela o dono
Punha em vil fuga os Troas. O terceiro
Dois caldeirões de cobre e umas navetas
De prata obteve com gentis relevos.

Já se ia cada qual soberbo e rico,
De puníceos listões bandada a fronte,
Quando apenas Sergesto, à força de arte
Do sevo escolho despegado, a barca,
De remos falha, um bordo raso e débil,
Traz inglório entre vaias. Qual serpente,
Se no lombo da estrada a colhe oblíqua
Ênea roda, ou com seixo grave a esmaga,
Deixando-a semimorta, o viandante;
Fugindo em vão se torce em largos orbes;
Parte feroz sibila, incende os olhos,
Altiva empina o colo; manca em parte
Pelo golpe, retém-se, e enovelada
Em seus membros se implica e se revolve:
Tal vogando a nau tarda se movia;
Mas, cheio o pano, à vela a foz remonta.
Salvos navio e gente, alegre Enéias
A Sergesto não falta: a Cressa Fóloe,
Perita escrava em obras de Minerva,
Doa-lhe, e os gêmeos filhos que amamenta.

Findo o jogo, a relvado ameno vale,
Que outeiros fecham curvos e frondosos,
Passa Enéias: milhares o acompanham
Ao circo teatral que entremeava,
E, a turba acomodada, o herói se assenta.
Com dons que expõe de preço, excita a quantos
Certar queiram na rápida carreira.
Mistos concorrem Teucros e Sicanos:
Primeiros Niso e Eurílalo, este em verde
Juventude e beleza, aquele insigne
Do moço em pio amor; depois, Diores,

Priâmeo garfo egrégio; e logo Sálio
Com Patron, um Tegeu de arcádio sangue,
De Acarnânia o segundo; e os de Trinácria
Jovens monteiros, Hélimo e Panopes,
Que assíduos ao bom velho a selva batem;
E muitos que sepulta escura fama.
Deles o herói cercado: "Ouvi-me atentos,
Folgai, mancebos; que nenhum sem prêmio
De mim se irá: de assacalado ferro
A cada um darei dois gnósios piques,
E de entalhos de prata uma bipene.
Terão de flava oliva ornada a fronte
Os vencedores três: guardo ao primeiro
Magnífico ginete ajaezado;
Ao outro, cheia de treícias frechas
Uma aljava amazônia, à qual circula
Boldrié largo de ouro, e ata fivela
De arredondada gema; o derradeiro
Com este argólico elmo vá contente."

Todos postados, ao sinal que escutam,
Solto chuveiro, à despedida rompem,
Do ponto pelo corro se desparzem,
Olhos fitos na meta. Os contendores
Transpõe Niso, e ligeiro deslumbrando
Excede os ventos e do raio as asas.
Segue-o, mas com larguíssimo intervalo,
Sálio. Não longe, Eurílalo é terceiro.
Hélimo é quarto. Próximo Diores
Arranca, e ao ombro a vezes(27) se lhe encosta,
Roça-o de ilharga, artelho com artelho:
E houvesse espaço, avante escapulira,
Ou balançara ao menos a vitória.

Quando ao termo afrontados se apropínquam,
Niso escorrega dos novilhos mortos
No cruor que a verdura e o chão molhara.
Já de vencida e ovante, o infeliz moço,
Titubando-lhe os pés, de bruços tomba
Sobre o sagrado sangue e esterco imundo.
Mas não lhe esquece Eurílalo querido:
A resvalar se erguendo, a Sálio opõe-se,
Que tropeça e revolto jaz na areia.
Salta Eurílalo; e, graças à amizade,
Voa o primeiro com ruidoso aplauso.
Vence Hélimo em segundo, e alfim Diores.

A amplidão da plateia atroa Sálio,
Perante os padres reclamando a glória
Que se lhe rouba. A Eurílalo defende
Geral favor, e as lágrimas decoras,
E a virtude mais bela em gentil corpo.
Gritando o apoia com fervor Diores,
Que, último vindo, a palma não consegue,
Se conferem a Sálio as mores honras.
Decide Enéias: “Sossegai, mancebos,
Que do triunfo a ordem não se altera:
Compadecer me caiba o insonte amigo.”
E a Sálio dá velosa e de áureas unhas,
A de um leão numídio ingente pele.
Niso aqui: “Dos vencidos que resvalam
Se hás dó tamanho, a Niso o que reservas,
Que, a não ter ao de Sálio igual desastre,
Merecera a coroa e a primazia?”
E ao falar mostra a cara e os membros torpes
De atra sangueira. O padre riu benigno,
E um, que do umbral sagrado de Netuno

Os Danaos despregaram, trazer manda
Broquel didimaônio, obra excelente
Com que brinda e compensa o moço egrégio.

Quando os cursos termina e os dons reparte:
"Agora quem valor no peito encerra
Sus, os braços levante, as mãos ligadas."
Então propõe dois prêmios da peleja:
De ouro coberto e fitas, um novilho
Ao vencedor; fino elmo e fina espada,
Ao vencido conforto. Sem demora
Dares, entre murmúrios e alvoroto,
Sai a terreiro, válido e robusto:
É quem soía combater com Páris:
E a Butes giganteu, que vir de Amico,
Rei de Bebrícia, invicto blasonava,
Junto à campa do excelso Heitor ferindo,
Moribundo o estendeu na fulva areia.
Tal o campeão se ostende: espadaúdo,
Alta a cabeça, alterno os braços tesos
Esgrime, e açoita os ares com punhadas.
Buscam-lhe um contendor: nenhum de tantos
Ousa contra o varão travar dos cestos.
Triunfo pois cantando, aos pés de Enéias
Ficou; sem mais detença, ao touro os cornos
Da esquerda ferra e diz: "Se a contrastar-me
Ninguém, filho da deusa, aqui se afouta
Que me retém? que espero? O touro ordena
Me conduzam." Nos seus lavra um sussurro,
Querem que se lhe entregue. Eis volto Acestes
A Entelo ao pé sentado em leito ervoso,
Turvo o acoima e aguilhoa: "Ó dos antigos
Tu fortíssimo herói, sofres, Entelo,

Que prêmios tais se levem sem combate?
Onde Erix, nosso deus, frustrado mestre,
Onde o renome teu, que enche a Trinácria,
E os cem troféus que nos salões penduras?”

“O medo, retorquiu-lhe, o amor da glória
Não me embotou; mas tardo gela o sangue,
E o vigor se me esfria e se entorpece.
A me assistir a idade em que ora ufano
Confia esse arrogante, eu sim viera,
Não do preço movido ou guapo touro:
De interesses não curo.” E nisto à praça
Dois cestos arrojou desmesurados,
Que o bravo Erix nos prélios maneava,
No duro tergo os braços enlaçando.
Tudo enfiou: de bois sete amplos coiros
Reforçava cosido o ferro e o chumbo.
Dares é que mais pasma e até recusa:
O bizarro Anquisíades sopesa,
Volve a enleada massa e vulto enorme.
“Quanto mais, torna o velho, se alguém visse
Os de Hércules tremendo, e a luta infausta
Sobre esta mesma praia! Ei-las, Enéias,
Do teu valente irmão contempla as armas,
De cérebro e de sangue inda com laivos.
Com elas arrastou-se ao próprio Alcides;
Servi-me eu delas, quando me aquecia
O verdor, nem velhice porfiosa
Pelas fontes esparsa branquejava.
Mas se rejeita o Frígio as armas nossas,
Com Enéias se aprova o autor Acestes,
Não temas, renuncio os coiros D’Erix;
Despe esses teus: iguale-se a contenda.”

Do ombro dúplice capa então desprende,
Desnuda a ossada, as juntas e os lagartos;
Musculoso e nervudo está na arena.
Cestos iguais presenta o Anquísio padre,
E ata-os às palmas de ambos. Sobre os dedos
Cada qual se endireita, e no ar os pulsos
Vibra intrépido e firme. Árdua a cabeça
Do vulnífico aceno atrás afastam;
Misturam mãos com mãos, e a pugna incitam(28).
Um por moço é ligeiro; outro é forçoso,
Grande e membrudo, mas dos joelhos frouxo,
Tardo e tremente, a vastidão lhe agita
Egro anelar. Muita ferida baldam,
Muita no lado côncavo amiúdam;
Os peitos aos varões harto rouquejam;
O punho erra por fontes, por ouvidos;
Ao crebro áspero embate os queixos ringem.
Afincado num posto, o grave Entelo
Aos tiros vigilante o corpo furta.
Dares, como quem bate uma alta praça,
Ou rouqueiro castelo opugna e cerca,
Por esta aberta e aquela, o assalta e urge;
Frustra os tentames, os ardis malogra.

Minaz Entelo se alça, e a destra brande;
O outro prevendo o sobranceiro bote,
Num salto o esquiva: Entelo pelas auras
Derrama as forças, por si mesmo em terra
Com o vasto peso mais pesadamente
Rui, como em cimos do Ida ou no Erimanto
Desraigado baqueia oco pinheiro.
Frígios, Trinácrios, êmulos consurgem;

Monta o clamor ao céu; primeiro acode
E ergue Acestes com pena o equevo amigo.
Sem perturbá-lo a queda, o herói mais agro
Volta impávido à luta, e a ira o esforça;
Pejo, cônscio valor o abrasa, e ardendo
Rápido pelo campo acossa a Dares:
Ora a destra, ora a esquerda os golpes dobra.
Nem respiro, nem pausa: qual nos tetos
Saltão granizo crepitando chove,
Tal com uma e outra mão basta pancada
Desfecha, e traz num vórtice o contrário.
Que o furor se encrueça, e Entelo em sanha
Mais se exaspere, o padre o não consente:
À pugna se interpondo, ao moído jovem
Salva, e o mitiga assim: "Que insânia a tua!
Triste! um poder não sentes sobre-humano?
Cede ao nume." E falando a briga aparta.
Fiéis sócios com Dares, que a nutante
Cabeça e os fracos joelhos mal sustendo,
Mistos coalhado sangue e dentes cospe,
Vão-se às naus; advertidos, com a espada
O elmo tomando, a rês e a palma deixam
Ao vencedor, que altivo se ufaneia:
"Olhai, de Vênus filho, e vós Troianos.
O que eu seria em moço, e a morte certa
De que o livrastes." Para, em se afrontando
Ao touro, prêmio seu, que em pé se tinha,
Libra-se a prumo, atrás retira a destra,
Entre os cornos assenta os duros cestos,
Quebra-lhe o crânio, o cérebro esmigalha:
Prostra-se, arca e no chão se estira o boi.
Sobre ele o herói exclama: "Em vez do Frígio
Melhor te sagro est'alma; os cestos, Erix,

E a arte vitorioso aqui reponho.”

Já, com dons, a quem jogue a seta alada
Convida Enéias; faz que a gente erija
Do baixel de Seresto um mastro, e apensa
Do tope num cordel volante pomba,
Alvo dos tiros. Os varões concorrem,
E em brônzeo capacete as sortes lançam:
Começou pelo Hirtácio Hipocoonte
Com ruidoso favor; Mnesteu seguiu-se,
Mnesteu que inda cingia a verde oliva
Do certame naval; saiu terceiro
Seu(29) irmão Euricion, Pândaro exímio,
Que, mandado a romper outrora os pactos,
Contra os Aqueus a vira disparaste:
Do elmo ficou no fundo o velho Acestes,
Que lidas juvenis tentar ousava.

Com ânsia cada qual seu fléxil arco
Forte encurva, e da aljava o tiro apronta.
Primeiro o Hirtácio, o nervo rechinando,
Zimbra agilíssimo as volúveis auras,
E no fronteiro mastro a ponta ferra:
Treme a árvore, assustada esvoaça a pomba,
E em roda estronda o aplauso. Árdego e lesto,
Arma o lanço Mnesteu, põe alto a mira,
Olhos estende e a seta: ah! que não pôde
Na ave tocar; do pé só quebra os fios
De que inexa pendia: ela adejando
Por entre notos e negrumes foge.
Mas, prestes e embebida a frecha tendo,
Invocando Euricion fraterno auxílio,
Fita a que o céu fendendo aleia e exulta,

E sob a nuvem bruna a encrava: a pomba
Cai morrendo, e nos astros larga a vida,
E traz caindo a farpa atravessada.
Resta Acestes sem palma; e o tiro aos ventos,
Do arco sonoro e de arte gloriando,
Enfim remete. Aqui súbito ocorre
Monstro e agouro espantoso, que o futuro
Vindo aclarar, terríficos os vates
Tarde o cantaram; pois que ardeu, voando,
E ígneo sulco traçou na etérea via
A haste arundínea, e em ar se esvaiu tênue:
Qual se descrava a estrela, o céu transcorre,
E no voo inflamada arrasta o crino.
Frígio ou Trinácrio, estáticos de assombro,
Levantam preces: nem repulsa o aviso,
Mas a Acestes abraça o herói prestante,
Largo o premeia, e ajunta: “Aceita, ó padre,
Senão da sorte, por insigne auspício
Do sumo rei do Olimpo, esta esculpida
Cratera, deixa do longevo Anquises;
Gage, com que o prendou Cisseu de Trácia,
De amizade e lembrança.” E às fontes o orna
De verde louro, vencedor o aclama:
Sem ciúme Euricion, que só das nuvens
A ave precipitou, de grado acede.
Entra o que o nó desfez próximo em honras;
Último, a frecha quem pregou no tronco.

Inda os certames não despede Enéias;
Chama a Epítides; aio e companheiro
Do impube Iulo, e diz-lhe à puridade:
“Anda; e Ascânio, se instruto o equestre ludo
E os meninos já tem, que as turmas guie,

E em memória do avô se mostre em armas.”
Dali faz que esvazie o infuso povo,
E haja campo. Ante os pais, medindo o passo,
Por igual em cavalos enfreados
Os meninos relumbram. Surpreendida(30)
Freme a sicana e teucra mocidade.
Do uso os coroa tonsa rama: trazem
Dois hastis de corniso em férreas choupas,
E alguns ao ombro aljavas luzidias;
Retorcida lhes desce áurea cadeia,
Do colo ao peito em círculo flexível.
Três as turmas, três chefes as percorrem;
Sob cada chefe doze cavaleiros
Bizarreiam, fulgindo em sua esquadra.
Uma folga, ó Polites, de que a reja
O teu Príamo, herdeiro de um tal nome,
Que há de a Itália aumentar: cavalga em trácio
Ginete bicolor de brancas malhas,
Que a mão calça de branco, e fero ostenta
Branca silva na testa. O guia é de outra,
Caro ao menino Iulo, Átis menino,
Átis o tronco dos Latinos Átios.
Mais que todos formoso, o lindo Ascânio
Trota postremo num corcel fenício,
Que em monumento e prova de ternura
Deu-lhe a cândida Elisa. O resto monta
Em trinácrios frisões do velho Acestes.
Pávidos marcham; dos avós retratos,
Com júbilo os aviva o tróico aplauso.

Depois que alegres ante os seus campeiam,
Prontos à senha, Epítides gritando
Longe o flagelo estala. A par desfilam,

Formam-se em corpos três, e à voz dos cabos
Infestas lanças, desandando, enristam.(31)
Carreiras a carreiras contrapondo,
Voltas impedem com trocadas voltas;
Baralham-se em renhida escaramuça,
De um conflito arremedo: ora dão costas,
Ora atacam de frente; ou, pazes feitas,
Levam-se emparelhados. N'alta Creta
O labirinto, é fama que o teciam
Paredes cegas, mil dolosas ruas
De incompreendido error, que inextricável
Enganados vestígios transviava:
Não com diverso enredo embaraçada,
A prole teucra folgazã correndo,
Fugas urde e pelejas; como a nado,
No úmido pélago os delfins brincando,
Ondas carpátia e líbica retalham.

Ao munir Alba-longa, estes Ascânio
Cursos, torneios, quais jogou na infância,
No prisco Lácio introduziu: de Albânia
Transmitiram-se a Roma; e Roma augusta
Em honra avita os guarda: o jogo Troia,
O pueril esquadrão se diz Troiano.

Ao divo padre a festa ia findar-se:
Instável a fortuna então falseia.
Durante os ludos fúnebres Satúrnia
Envia à troica armada Íris celeste,
Com ventos a aligeira, e em cem projetos
A inveterada queixa não sacia.
Pelo arco multicor, de golpe a virgem
Ganha um declive atalho; atenta invisa

Tropel tão basto, e vê, lustrando as praias,
Deserto o porto, abandonada a frota.

Lá sós, em borda escusa, o morto Anquises
As Troades choravam, e o profundo
Ponto olhavam chorando: “Ai! tão cansadas
Que abismo que nos resta!” à uma exclamam.
Pedem cidade; a rota longa entejam.
Nada inóxia, deposto e o trajo e o vulto,
Chega-se a deusa, em Béroe disfarçada,
Cônjuge anosa do Ismaro Doriclo,
Célebre dantes por fecunda e nobre;
Entre elas se insinua, e diz: “Mesquinhas!
Que às mãos gregas a morte não tragámos
Sob os muros da pátria! Infeliz gente!
A que exício a desgraça te reserva?
Volvem sete verões que, acesa Troia,
Fretos medindo, inóspitos rochedos,
Climas tantos e céus, por mar tamanho
Da fugitiva Itália em busca, vamos
Pelas ondas rolando. Hóspede Acestes,
D’Erix quem lhe obsta no país fraterno
A nos fundar cidade? Ó pátria! ó numes
Do inimigo sem fruto arrebatados!
Nunca um sítio verei que eu chame Troia?
Nunca os rios de Heitor, um Xanto, um Simois?
Presto, abrasai comigo infaustas popas.
Cassandra em sonhos, dando acesas tochas,
Me bradava esta noite: Ílio aqui tendes,
Aqui vossa morada. Obrai, que é tempo;
Nem tais prodígios dilação permitem:
Eis sacros a Netuno altares quatro;
O mesmo deus ministra ânimo e fachos.”

Nisto, agarrando infenso, a destra eleva,
Brande um tição com força, e coruscante
O propele. As Ilíades suspensas
De espanto enfiam. Pirgo, a mais idosa,
Que tantos filhos a seu rei criara:
"Esta, ó matronas, disse, a de Doriclo
Béroe não é Retéia: o ar divino,
O garbo lhe notai, da vista o fogo,
O hálito, o som da voz, o andar e o gesto,
A Béroe eu venho de deixar doente,
Pesando-lhe só ela em tais exéquias
Faltar com dons e merecido pranto."

Cala; e as matronas os malignos olhos
Nos lenhos cravam, balançando ambíguas
Do ficar entre o mísero desejo
E as fatídicas ordens; quando as asas
Libra e desfere a deusa, e à retirada
Assinala entre as nuvens arco ingente.
Em fúria, do prodígio estupefactas,
Do imo foco bramindo a chama tiram:
As aras despojando, às naus remessam
Galhos, folhas, tições: Vulcano em bancos
E em remos enfurece, à rédea solta
Raiva de abeto nas pintadas popas.

Ao sepulcro, à plateia, Eumelo a nova
Do incêndio leva; e em rolo atra fagulha
Se enxerga a revoar. Primeiro Ascânio,
Quão ledo conduzia a equestre pugna,
Ágil galopa aos arraiais turbados;
Aios retê-lo exânimes não podem.

“Que tentais, cidadãs? que insânia! ai tristes!
Não pavilhões hostis, não graias quilhas,
Queimais vossa esperança. Aqui me tendes,
Eis vosso Ascânio.” E aos pés o elmo vão lança,
De que armado exercia a falsa guerra.
Enéias se acelera, e o frígio bando.
A buscar brenha ou lapa em que se escondam,
Pelas praias com medo elas se esgarram:
À luz fogem de pejo, e arrependidas
Juno removem d’alma, aos seus tornadas.
Nem por isso domou-se a voraz peste:
Sob o molhado roble viva a estopa
Tardo fumo vomita, e o vapor lento
Rói os porões, no âmago se ateia;
Não valem jorros d’água e heroico esforço.
Dos ombros rasga a veste, e aos céus Enéias
Súplice as palmas tende: “Ó Jove excelso!
Se um por um, padre, os Frígios não detestas,
Se inda humanos trabalhos te apiadam,
Da chama agora a frota me preserves,
D’Ílio a tênue relíquia ao menos poupes;
Ou, que mais resta? esmague-me o teu raio,
Mata-me, se o mereço.” Acaba; e ronca
Desmedida, furiosa, atra procela,
Dos trovões estremece o monte e o vale;
Turvo, engrossado pelos densos austros,
Aguaceiro estupendo alaga as popas:
Semiardidos carvalhos se umedecem,
Té que extinto o vapor, tragadas quatro,
No corpo das demais cessa o contágio.

Do agro desastre Enéias combatido,
Cem razões versa n’alma, hesita incerto

Se na fértil Sicília esqueça os fados,
Ou se à Itália prossiga. O velho Nautes,
Sábio adivinho de Minerva aluno,
Tramas de irosos deuses explicando
E o que ordena o destino, assim o anima:
"Da fortuna aos vaivéns nos resignemos,
Ó dioneia prole; em todo aperto
Sofrendo é que se vence a adversidade.
Tens cá divina estirpe, o tróico Acestes:
Consulta o seu querer. Das naus combustas
Lhe confia o sobejo, e os que se anojam
Da empresa tua; as aborridas madres,
Decrépitos e inválidos segrega,
E os que afrontar contigo os riscos temem:
Em terra hajam descanso; ergam cidade,
A que Acestes conceda o nome Acesta."
Nos conselhos do amigo o herói se acende;
Mas os projetos seus medita e pesa.

Na biga a parda Noite o pólo ocupa:
Eis do céu deslizando a sombra anquísea
Tais vozes difundir se lhe afigura:
"Filho, que em vida mais amei que a vida,
Filho, a quem de Ílion molesta o fado,
A ti me expede Jove, que do Olimpo
Doeu-se e desviou da armada o incêndio.
De Nautes o maduro aviso adota:
Vais debelar gente áspera indomada;
Dos teus conduz ao Lácio a flor guerreira.
D'antemão baixa a Dite e ao centro escuro;
Pelo alto Averno, ó filho, vem falar-me:
Não no ímpio Tártaro, entre os manes tristes;
Moro sim, entre os bons, no Elísio ameno.

Muita rês negra fere, e a mim te guie
Casta Sibila; aprenderás teus netos,
E o dado império. Adeus, que úmida a noite
Vira e descai, e já do sevo oriente
Respirando os Etontes me bafejam.”

Disse, e em ar se esvaece. “Onde, onde partes?
Tem-te, espera; a meus braços quem te arranca?”
Tal Enéias discorre, e esperta o lume
Sopito em cinza; humilde à branca Vesta
O sacrário venera e os teucros lares,
Com turíbulo pleno e farro pio.
Depois consulta o rei, declara aos sócios
De Jove o mando, os paternais preceitos,
E o seu pensar. De pronto anui Acestes.
Para a cidade o vulgo e as mães se alistam,
Almas a quem não toca o amor da glória.
Gastos robles da chama outros renovam,
Remos, bancos, enxárcias aparelham;
Poucos sim, mas de vívida coragem.

Risca os muros Enéias com o arado;
Sorteia as casas; manda ali ser Troia,
Pérgamo ali. Do aumento folga Acestes;
O senado institui, regula o foro.
Templo, aos astros vizinho, à deusa Idália
No Erix se eleva; ao túmulo de Anquises
Um luco amplo se anexa e um sacerdote.

Festins e oblatas novenais se fazem,
Enquanto aragem meiga aplane as vagas.
Fresco ao largo de novo o sul convida:
Nas curvas praias se ouve um mesto choro;

Dia e noite abraçados se demoram.
E agora as mães, e aqueles que assustava
Do áspero mar a torva catadura,
As fadigas do mar padecer querem.

Terno os conforta, e lagrimoso Enéias
Ao régio consanguíneo os recomenda.
A Erix vitelos três e às tempestades
Cordeira imola, e vai desamarrando.
Tonsa oliva na testa, em pé na proa,
Taça na destra, as vísceras despeja,
De estremes vinhos o salgado asperge.
De popa o vento surge; e os navegantes
Varrem, qual mais, as percutidas ondas.
Entretanto, a Netuno aflita Vênus
Tais queixas despregou: “Senhor, a ativa
Atroz ira de Juno insaciável
Me abate a suplicar. Nem dó, nem tempo,
Jove nem destino, infandos ódios
Quebra ou lhe adoça. Haver não basta aos Frígios
Consumido e apagado a grã cidade,
E as relíquias trazer de transe em transe;
De Troia inda persegue a cinza e os ossos:
Desta sanha o motivo ela que o saiba.
Longo não há que em Líbia (és testemunha)
Mal afouta em Eolo, o pego em brenhas,
Misturou de repente os céus e os mares:
E isto ousar em teus reinos! Ei-la, oh crime!
Iliça as Teucras, incendeia as popas,
Naus estraga, e a largar meu filho obriga
Sócios em terra estranha. O resto, ó padre,
Possa, eu to rogo, navegar seguro;
Aborde, se é que as Parcas lho concedem,

Ao Tibre laurentino e assentos funde.”

Do alto oceano o domador Satúrnio:
“É justo, respondeu, que em mim confies
E em reinos, Citeréia, origem tua.
Mereço-o; que não raro hei por teu filho
Marulhos comprimido e o céu raivoso.
Nem menos (testefique o Xanto e o Simois)
Dele em terra curei: quando às muralhas
Pálidas turmas rebatendo Aquiles,
Milhares dava à Estige e o Xanto, os rios
Entulhados gemendo, não sabia
Como volver-se ao mar; eu mesmo em nuvem
Cava ao Pelides fero Enéias roubo,
Que, ímpar em força e divos, o acomete;
Bem que anelasse, destas mãos erectos,
D’Ílio extirpar os fementidos muros,
No mesmo ânimo estou; bane os temores.
Aportará no Averno quem desejas:
Deve um só perecer no aquoso fundo;
Uma cabeça pagará por todos.”

Tendo assim animado a leda Vênus,
Junge os brutos, e impondo espúmeos freios,
Ele a brida relaxa, e à tona equórea
Voa de leve no cerúleo carro:
Cai sob o eixo tonante o inchado argento,
Amansa a vaga, espalham-se os negrumes.
Surde a marinha escolta: Glauco e Forco,
Seu velho coro, formidáveis cetos,
Tritões ligeiros, Melicerta Inôo;
Tétis à esquerda, Pánope e Niséia,
Melite e Spio, Cimódoce e Tália.

Brandos gostos revezam-se de Enéias
Na mente absorta: erguer faz logo os mastros,
Desenvergar o pano e desfraldá-lo.
Toda a frota num ponto escotas ala;
Solta a bombordo os seios, a estibordo;
Árduos os lais braceia, rebraceia;
Té que o sopro à feição lhe enfuna as velas.
Palinuro abre o rumo à densa armada;
De lhe irem na conserva os mais têm ordem.

Da celeste baliza ao meio a noite
Já rórida atingia; de cansaço
Por duros bancos a maruja os membros
Em seus remos pousava: é quando o Sono
Do éter sidéreo plácido escorrega,
Afugenta e dissolve a espessa treva;
Busca-te, Palinuro, a ti mesquinho
Funestos sonhos traz: na popa, em Forbas
Transformado, se assenta, e arteiro fala:
"Iaside Palinuro, ao som das águas
Desliza a frota; a viração é certa;
Encosta a fronte, as pálpebras descansa,
Furta uma hora ao trabalho: espaço breve
Tomo o teu cargo." Palinuro os olhos
Descerra a custo: "Queres que eu, lhe torna,
Creia em tal monstro, em céu risonho estribe?
Que entregue Enéias a traidores austros?"

Em discursando, ao clavo mais se aferra,
Fito os astros contempla: as fontes ambas
Eis lhe borrifa, em Letes embebido,
Por força estígia um ramo soporado;

Nadam-lhe os frouxos renitentes lumes.
Indo-lhe adormecendo o corpo laxo,
Morfeu se achega; ao líquido elemento,
Com pedaço da popa e o leme, o empurra:
Despenha-se ele, em vão clamando aos sócios;
O deus nos ares desapareceu.

Inda assim, em Netuno assegurada,
Sulca impávida a frota o plaino amaro:
Já remonta os cachopos das Sereias,
Que, então riscosos, de ossos alvejavam;
Roucas do salso choque as rochas soam.
Sem piloto à matroca o barco Enéias
Sente, e em pessoa por noturnas ondas
Magoado o rege, lamentando o amigo:
"Ai! nu, que em céu fiaste e em mar tranquilo,
Jazerás, Palinuro, em praia ignota".

LIVRO VI

Assim pranteia, e às naus demite as rédeas;
Vai-se a Cumas eubóica e manso aborda.
Tenaz dente as fundeia; ao largo aproam,
E as curvas popas a ribeira cobrem.
Moços na praia hespéria ardidos saltam:
Quem sementes de chama em siliciosas
Veias cata; quem, denso alvergue às feras,
Esmoita a selva, e os rios mostra achados.
O piedoso varão penetra o alcáçar
Em que Apolo preside, e as profundezas
Onde à horrenda Sibila ânimo e alento
O délio vate inspira e abre os futuros.
Sobem da Trívia os lucos e áureos tetos.

Dédalo, é fama, dos minóios reinos
Fugindo, ao céu fiou-se em lestes penas,
Por via insólita ao gelado Arcturo
Audaz navega; e alfim na cidadela
Calcídica assentando, os remos de asas
Te sagra, ó Febo, e erige um bravo templo.
Nas portadas insculpe o morto Andrógeo,
E em castigo os Cecrópidas multados
Ah! na perda anual de sete filhos;
A urna está do sorteio. Ao mar soberba
Corresponde fronteira a gnósia terra:
Aqui do touro o amor cruel, e ao furto
Submetida Pasife, e a raça mista
Pôs, monumentos da nefanda Vênus,
Minotauro biforme; aqui da estância
Afadigosa o enredo inextricável,

Dolos que, da princesa apaixonada
Com pena, o mestre solve, e em tais desvaires
Cegos vestígios por um fio rege.
Não fosse, Ícaro, a dor, nessa obra-prima
Teu caso entrara: foi gravá-lo em ouro,
Duas vezes falece a mão paterna.
Mais perlustraram tudo, se expedido
Não regressasse Acates com Deifobe
De Glauco, a Febo e Apolo consagrada;
Que se endereça ao rei: “Não mais, Enéias,
De espetáculos basta; ora te cumpre
De intacta grei matar novilhos sete,
Sete ovelhas do rito.” E ao santuário,
Aviado o sacrifício, os Teucros chama.

Rasgou-se antro espaçoso em roca eubéia,
Com cem bocas, cem largas avenidas,
Donde oráculos cem troa a Sibila.
Já no limen(32) a virgem: “Toca os fados
A interrogar; o deus, eis o deus” clama.
Súbito, às portas, o semblante muda,
A voz não uma, não composta a coma;
Rábido(33) incha-lhe o peito, arqueja e ofega;
Maior parece, em tom mortal não soa,
Quando a bafeja de mais perto o nume:
“Tu cessas, Frígio, de orações e votos?
Cessas? pois de outro modo a casa atônita
Não se escancara.” Disse, e emudeceu.
Aos Teucros frio horror nos ossos coa,
E orou do íntimo o rei: “Febo, a quem sempre
D’Ílio o mal consternou, que a troica frecha
De Páris dirigiste contra Aquiles,
Tua guia, o pélago arrostei que abrange

Terras tais, e os Massilos tão remotos,
E o dilatado chão que as Sirtes orlam:
Já que aportámos na arredia Itália,
De Pérgamo a desgraça aqui termine.
Vós ó deuses e deusas, que empecera
Dardânia e a glória sua, é justo que ora
Todos poupeis a geração dos Frígios.
E tu me dá, santíssima vidente,
(O indevido não peço) em Lácio os numes
Nossos fixar e os vagabundos lares.
De mármore maciço a Febo e à Trívia
Templos e festas criarei febéias.
A ti no reino espera-te um sacrário,
Que te guarde as respostas e os arcanos
Ditados, alma vate, à gente minha;
Hei de eleitos ministros dedicar-te.
Não confies, to rogo, às folhas versos,
Nem dos ventos ludíbrio aos ares voem:
Tu mesma os cantes.” À oração pôs termo.

Torva e indócil ao deus, por sacudi-lo
Do ansiado peito, a debacar braveja:
Tanto ele mais fatiga a boca irosa,
E o fero coração lhe oprime e doma.
Eis do antro os cem portões, de si patentes,
Vaticínios(34) despedem pelas auras:
“Oh! quite enfim do pego, em terra a transes
Mais graves te prepara. Hão de ir os Troas
A Lavino, sossega; antes contudo
Lá não ter ido: guerra, hórrida guerra,
Do sangue o Tibre inchado espumar vejo.
Nem dórios arraiais, nem Xanto ou Simois,
Te faltarão; também de deusa filho,

Há no Lácio outro Aquiles; nunca os Teucros
Tenaz deixará Juno. A quem, na angústia,
A que ítalas nações, a que cidades
Não tens de suplicar! E sempre a causa,
Uma hóspita mulher, um toro externo.
Tu não fraqueies; mais que a sorte ousado,
Resiste aos males. De livrar-te o meio
Te abre graia cidade, o que nem pensas.”
Do ádito canta ambages tais medonhos,
Muge na gruta, o vero embrulha em trevas:
À furibunda os freios bate Apolo,
N’alma excitada estímulos vertendo.

Muda a Sibila, mais quieta a sanha,
Começa o teucro herói: “Nenhum trabalho,
Por novo e inopinado, estranho ó virgem:
Um por um antevi, ponderei todos.
Pois que é do inferno a entrada e aqui, me afirmam,
Do revesso Aqueronte o lago obscuro,
Ir, só te imploro, ao caro pai me caiba:
Mostra-me e patenteia as sacras portas.
Eu, nestes ombros, dentre a chama e infindas
Chuças hostis o arrebatei, salvei-o;
Ele enfermo comigo afrontou mares,
O pélago aturava e o céu minazes,
Com mais vigor do que à velhice é dado.
Requerendo ordenou-mo, e humilde que hajas
Dó do filho e do pai deprecar venho:
Tudo se te faculta; Hécate embalde
Não te propôs, ó casta, ao luco averno.
Se Orfeu pôde avocar da esposa os manes,
Em trácia acorde cítara fiado;
Se, com alterna morte o irmão remindo,

Pólux tanto essa via anda e desanda,
(Por que a Teseu citar e o grande Alcides?)
Eu provenho também do rei supremo.”
Dest’arte orava, às aras apoiado;
E ela acrescenta: “Anquísea e diva estirpe,
Descer a Dite é fácil; dia e noite
Seus cancelos o Tártaro franqueia:
Tornar atrás e à luz, eis todo o ponto,
Eis todo o afã. Do reto Jove amados,
Ou por virtude ardente ao céu subidos,
Poucos, filhos dos deuses, o alcançaram:
Medeia um bosque, e sinuoso em torno
Enfuscado o Cocito a espreguiçar-se.
Mas vezes duas se tranar a Estige
E a lôbrega morada ver cobiças,
Se tanto folgas do ímprobo trabalho,
Ouve e à risca o executa. Árvore opaca,
Dicado à inferna Juno, oculta um ramo
N’haste e nas folhas áureo: em vale umbroso
O encobre e fecha a denegrida selva.
Sem que destronque o aurícomo rebento,
No Orco ninguém se interna: é dom que exige
E instituiu Prosérpina formosa.
Um fora, brota o novo, e do luzente
Metal frondesce a vara. Em alto a mira,
Indaga, e achando respeitoso o apanhes;
Que, a te ser destinado, ele espontâneo
Logo te cederá; senão, com força
Nem duro ferro poderás sacá-lo.
Porém, desta consulta enquanto pendes,
Ai! mal sabes que as naus te incesta agora
De amigo o exânime o feral cadáver:
No sepulcro o aposenta; em negras reses

Encete a expiação. É como aos vivos
O ínvio reino sombrio e estígios lucos
Hás de avistar.” Calou-se, e os lábios cerra.

De olhos fixos, tristonho, eventos cegos
A cogitar, a gruta Enéias larga:
Trilhando-lhe a pegada, o fido Acates
Volve iguais pensamentos. Sobre o sócio
Que, ao dizer da Sibila, enterrar devem,
Travam conversação comprida e vária;
Té que a Miseno veem de indigna morte
Jazer em seco; o Eólides Miseno,
Sem superior com bronze alticanoro
No incitar os varões e acender Marte,
Pajem de Heitor, pugnava à sua ilharga,
No lítuo singular, na lança exímio.
Extinto o grande Heitor às mãos de Aquiles,
O fortíssimo herói juntou-se a Enéias,
Não somenos senhor. Mas quando, enchendo
Acaso o mar com ressonante concha,
Louco a tanger os deuses desafia,
À falsa fé, de inveja entre uns penedos
O afogou (se é de crer) Tritão nas vagas.
Todos, mormente o pio Enéias, fremem,
Cercam-no pranteando; e obedientes
À douta guia, ao céu funérea pira
D’árvores cumulada erguer porfiam.
Covil de feras, velha mata exploram:
Prostra-se o pinho alvar, grita o machado
No sobro rijo, nas fraxíneas traves;
O fendível carvalho as cunhas racham;
Vêm dos montes tombando ingentes ornos.
Primeiro no trabalho, exorta os sócios,

Dos mesmos instrumentos se arma Enéias;
E a mata olhando imensa, mil cuidados
No ânimo revolvendo, em preces rompe:
"Oh! se nesta espessura esse áureo garfo
Deparássemos nós; como ai! tão certa
Foi contra ti, Miseno, a profecia."

Inda falava, e ante ele duas pombas
Do céu voando na verdura pousam.
As aves maternais o egrégio cabo
Conhece e brada: "Se há caminho, ó guias,
Inclinai vosso adejo aos bosques onde
Rico sombreia o ramo ao pingue solo!
No lance, ó diva mãe! não me faleças."
Então retém-se a observar das pombas
A tendência e os sinais. Pascendo aos voos,
Só quanto a vista alcance dos que as seguem,
Elas avançam: perto das gargantas
Do pestilente Averno, alando-se ambas,
Sulcam o etéreo fluido, e enfim descaem
Na dúplice anelada árvore, donde
Reluz discorde brilho entre a ramagem.
Qual visgo sói, no alheio pé gerado,
Verdecer e enramar-se ao brumal frio,
Nos troncos enrolando os cróceos gomos;
Na enzinha opaca tal vegeta esse ouro,
E a folheta crepita à branda aragem.
Dele, inda assim tardio, ávido Enéias
Pega, rápido o quebra, e à vate o leva.

Não menos a Miseno os seus lamentam,
Na praia honras prestando à ingrata cinza.
Formam de achas de roble e píceas teias,

De atras folhas tecida, a excelsa pira;
Põem-lhe adiante exequiais ciprestes,
No alto a decoram de fulgentes armas.
Aquecem caldeirões que em ondas fervem,
Lavam-lhe o frio corpo, e todo ungido,
A gemer e a chorar, no esquife o deitam;
Vestem-lhe o usado purpurino manto:
Outros o ingente féretro carregam,
Triste mister, sustendo, ao modo avito
Averso o rosto, os sotopostos fachos;
Conjunto na fogueira o incenso fuma,
Viandas, copas de infundidos óleos.
Com vinho, assente a cinza e queda a chama,
O borralho poroso e o resto apuram;
Corineu colhe a ossada em éneo cado:
De fausta oliva um galho ensopa n'água,
Três vezes borrifando asperge os sócios,
Três profere as novíssimas palavras.
Da campa sobre a mole impôs Enéias
O remo do varão, o arnês e a tuba,
No monte Aéreo, que é Miseno agora,
E há de este nome conservar perene.

Isto feito, prossegue e as ordens cumpre.
De amplo hiato espelunca alta e lapídea,
Fusca selva a munia e lago imano,
Sobre o qual transvoar impune as aves
Nunca puderam, tal das fauces turvas
Odor exala pelo azul convexo;
Donde em grego o lugar chamou-se Aornon.
Quatro almalhos ali tergi-nigrantes
A vate expõe, nos testos vinho entorna,
Entre os cornos tosquia, e em sacro fogo

Lança em primícia o pelo; vocifera
Hécate no Érebo e nos céus potente.
Facas ao sangradouro, alguns em taças
Cruor tépido aparam. Mesmo à espada
Enéias das Eumênides à madre
E à Terra irmã cordeira preta imola,
E a ti fere, Prosérpina, uma toura;
Alça da Estige ao rei noturnas aras;
Em holocausto as vísceras bovinas,
Derrama azeite no debulho ardente.
Eis sob os pés, ao primo albor do dia,
A remugir o chão, mover-se os cumes
Do arvoredo; e na sombra, ao vir a deusa,
Surde um canino uivar. “Profanos, longe,
Oh! longe deste bosque, a vate exclama:
Tu, Frígio (aqui denodo, aqui firmeza),
Desembainha o ferro, a estrada invade.”
Nisto, furiosa entranha-se na gruta;
Com não tímido passo a iguala Enéias.

Deuses! que império sobre as almas tendes,
Caladas sombras, Flegetonte e Caos,
Taciturnos vastíssimos contornos,
Dai-me o que ouvi narrar, dai-me os arcanos
Do abismo descoser caliginoso.

D’erma noite iam sós no escuro envoltos,
Por vã plutônia estância e vácuos reinos,
Qual se anda à luz falaz da incerta Lua
Por matas, quando Jove embrusca o pólo
E às coisas tira a cor tristonha treva.

No vestíbulo mesmo, às fauces do Orco

Se aninha o ultriz Remorso, e o Luto e o Medo;
Pálidos Morbos e a Velhice triste,
Má conselheira a Fome e a vil Penúria,
Visões de horror; da mente os ruins prazeres,
E a Morte e a Lida, e o Sono irmão da Morte:
Defronte a letal Guerra, e em férreo catre
As Fúrias, e a Discórdia insana que ata
Cruentos nastros na vipérea grenha.
No centro, anosos braços largo e opaco
Olmo expande, e nos ramos se diz moram
A cada folha os sonhos vãos pegados.
Monstros mil aos portais, biformes Cilas,
Os Centauros, as Górgonas se alojam,
Mais o animal de Lerna horri-stridente,
E o fantasma tricórpore e as Hárpias.
Eis de pavor o gume saca Enéias,
Tem-se à espera; e, se a mestra não lhe adverte
Que eram sem corpo avoejantes vidas
E ocas formas sutis, ele investira
E de aço inútil açoitara sombras.

Daqui parte o caminho do Aqueronte,
Que em funda bolha férvida voragem,
E ao Cocito arremessa areia e lodo.
Fero esquálido arrais guarda estas águas,
Caronte hediondo, cuja barba espessa
Branqueia inculta, os lumes lhe chamejam,
E aos ombros suja capa em nó lhe pende:
Puxando à vara, ou mareando as velas,
Em cimba enfarruscada os vultos passa;
Velho, mas como um deus, robusto e verde.
Tropel confuso às margens se arremessa:
Bravos guerreiros de alma luz privados,

Varões, meninos, mães, inuptas virgens,
Jovens ante seus pais à queima entregues:
Quantas no outono as despegadas folhas
Caem aos primeiros frios; ou quão bastas
Glomeram-se aves do alto pego à terra,
Quando além-mar a temperados climas
Gélido ano as envia e as afugenta.
No transporte rogando a preferência,
Ávidas mãos à oposta riba estendem:
Brusco admite o barqueiro estes e aqueles;
Muitos porém da praia arreda esquivo.
A Enéias o tumulto espanta e abala:
"Por que, ó virgem, das almas o concurso
Busca este rio? por que enxotam-se umas,
E o vau lívido a remo as outras varrem?"
Breve torna a longeva: "Ó nobre cabo,
Diva prole certíssima, o estagnado
Cocito vês profundo e a crua Estige,
Por quem temem faltar jurando os numes.
Pobre turba inumada é quanto avistas;
Caronte, o arrais; sepultos, os que embarcam.
Nem pode algum, se os ossos não descansam,
Montar a margem torva e rouca veia:
Cem anos volteando ansiosos vagam;
O estanque alfim rever, transpor conseguem."

O Anquisíades para, e a sorte iníqua
Detém-se a contemplar. Devisa(35) aflito
Mestos, sem funerais, Leucaspe e Oronte,
Chefes da lícia esquadra; os quais, de Troia
Partidos, por tormentas soçobraram,
Austro n'água envolvendo a nau e a gente.
Seu piloto apresenta-se, que há pouco

Na rota líbia, enquanto observa os astros,
Da popa resvalou, foi de mergulho.
Na escuridão lhe grita ao lobrigá-lo:
“Que deus a nós roubou-te, ó Palinuro,
E te afundou no ponto? Nunca em falha,
Só nisto, Apolo achei, pois me cantava
Incólume n’Ausônia abordarias:
E ei-la a promessa!” O nauta replicou-lhe:
“Nem de Febo a cortina, ó forte Anquíseo,
Te iludiu, nem há deus que me afundasse.
Regendo o curso, ao leme eu me aferrava;
Arrancado com força, ele comigo
Se precipita. Aos crespos mares juro,
Nada temi por mim, senão que a tua
Nau, sem leme, sem mestre, perecesse,
Crescendo os escarcéus. Violento Noto
Me rojou pelo imenso equóreo gólfão
Três noites invernais: ao quarto lume
De cima de uma vaga enxergo a Itália.
Vou nadando, e em seguro já me agarro,
Grave e molhado, às quinas de um rochedo,
Quando, encontrar supondo grosso espólio,
Homens cruéis a ferro me acometem.
Ora o vento, a maré, me joga à praia.
Pela jucunda luz, celestes auras,
Pelo aumento de Iulo e por Anquises,
Desta ânsia me descarga: ou tu me enterra,
Que o podes indo a Vélia; ou, se há maneira,
Se a genetriz, invicto rei, t’a indica
(Nem creio navegar desassistido
Queiras tais rios e a palude horrível),
Dá-me a destra e me leva pelas ondas;
Do remanso da morte eu goze ao menos.”

“Donde, o atalha a Sibila, ó Palinuro,
Donde esse ímpio desejo? não mandado
A severa corrente olhar das Fúrias,
Traspassando insepulto a estígia borda!
Não penses em dobrar com rogo os fados.
Mas por conforto e alívio atento escuta:
Dessa comarca, instados por assombros,
Hão de os vizinhos sufragar teus ossos,
Com dons solenes tumular-te, e o sítio
Terá de Palinuro o nome eterno.”
Deste nome se paga, e um tanto as penas
Do coração modera e desafoga.

Marchando avante, às águas se apropínquam.
Do lago o arrais, que os avistou no mudo
Bosque andando, à ribeira encaminhados,
Os salteia e os exprobra: “Tu, quem sejas,
Nstas margens armado o que pretendes?
Nem mais um passo; aqui somente as sombras
E a soporosa Noite e o Sono habitam:
Os vivos não transporta o casco estígio.
Nem me gabo de haver tomado Alcides,
Piritôo e Teseu, bem que invencíveis
Prole fossem divina: aquele trouxe
Dos pés do trono o guardião do inferno
Tremente e agrilhoado; ao régio toro
Subtrair a senhora os dois tentaram.”
Curto responde a Anfísia: “Tais insídias
Não temas; estas armas não te ofendem:
No antro ladrando eterno, exangues sombras
Assuste o grã porteiro; ao tio casta,
Recatada Prosérpina se encerre.
Tão guerreiro quão pio, ao Orco Enéias

Desce ante o pai. Se a filial virtude
Não te abranda e comove, ei-lo (descobre
Na veste o ramo oculto), reconhece-o.”
De ira as entranhas túmidas se aplacam;
Nem mais tugiu. Da haste fatal mirando
O venerável dom, não visto há muito,
Volta a cerúlea popa e à riba encosta.
Abancadas ao longo afasta as almas,
Faz praça, e a bordo o capitão recebe.
Ao peso a barca nas costuras geme,
Rimosa da lagoa aos sorvos bebe;
Além depõe a salvo a guia e o Frígio,
Em morraçal verdoso e limo informe.
Com trifauce latir Cérbero ingente,
Deitado em cova oposta, o reino atroa.
Seus serpentinos colos já se erriçam;
Lança-lhe a vate um sonorento bolo
De mel e confeições, que, as três gargantas
Escachando glotão, raivoso engole;
E, os costados em terra, entorpecido,
Por toda a gruta o corpo enorme estira.
Sopito o monstro, a entrada ocupa Enéias,
E lesto evade a irremeável onda.

Logo se ouve ao limiar vagido e choro,
Tenros ais dos que ao seio em que mamavam
Arrebatou, privou do doce alento,
Imergiu dia infausto em luto acerbo.
Por crime falso à morte os condenados
Estão perto. Os lugares não se assinam
Sem sortes, sem juiz: rodando a urna,
Chama ao silente povo e inquire Minos,
E das vidas conhece e dos pecados.

Cá vizinham soturnos(36) os que, insontes
A luz odiando, as almas desataram,
Vítimas do suicídio. Oh! quanto agora
Prefeririam padecer no mundo
Cru trabalho e pobreza! Há lei que o veda,
E, em voltas nove circunfusa a Estige,
Triste e inamável, os refreia e prende.

Não mui distantes, os lugentes campos
(É seu nome) estendidos se dilatam;
Onde os que empeçonhou de amor a febre
Mirtedo cobre de secretas sendas,
Nem da paixão tirana a morte os livra.
Lá Prócris, Fedra, Erífile passeia,
Mesta do filho atroz mostrando os golpes;
Também Pasife, Laodâmia e Evadne;
Cênis, de fêmea transformada em homem,
Por fadário a seu sexo reduzida.
No bando, fresca a chaga, errava a Tíria
Nos desvios da selva: assim que Enéias
Ao pé chegou no escuro a distingui-la,
Qual do mês no começo alguém nas nuvens
Apontar vê Lucina ou cuida vê-la,
Meigo e amoroso lagrimando fala:
"Infeliz Dido! o núncio não mentiu-me,
Desesperada a ferro te finaste!
E autor eu fui! Rainha, aos céus to juro,
No imo centro se há fé, larguei teu porto
A meu pesar: forçaram-me os supremos,
Que, no império da noite me afundando,
Por brejos, por tojais, a andar me obrigam;
Nem cri tamanha dor causar partindo.
Tu foges? tu me esquivas? tem-te; os fados

Este último colóquio nos concedem.”
Tal a Dido, que irosa e torva o encara,
Embrandecia o herói com pranto e mágoas:
Ela aversa no chão pregava os olhos;
Nem mais seu rosto à prática se move
Que dura sílice ou marpésia rocha.
Infensa escapa-se, e em retiro umbroso
Do marido Siqueu se abriga ao peito,
Que terno corresponde a seus cuidados.
Longo trato, a chorar o injusto caso,
Compungido e saudoso o Teucro a segue.

Vão por diante; as veigas já pisavam
Só de claros guerreiros frequentadas.
Aqui Tideu, Partenopeu famoso,
Adrasto ocorre de palente imagem.
Aqui, mortos no prélio e tão carpidos,
Em fileira os Dardânidas encontra:
Suspiroso a Tersíloco e Medonte,
Glauco e os três Antenóridas contempla,
E a Políbetes consagrado a Ceres,
E Ideu que inda meneia e o carro e as armas.
À destra e à sestra as almas se apinhoam:
Não basta olhá-lo, não; retê-lo agrada,
Achegar-se e indagar da vinda as causas.
Logo que, pela treva o arnês fulgindo,
O avistam graios cabos e as falanges
Agamenônias, trépidos recuam:
Uns, como quando aos barcos se acolheram,
Costas viram; no erguer a voz sumida,
A alguns na boca hiante o grito morre.

O Priâmeo Deífobo entre estes anda,

Lacero enormemente o corpo e a cara,
De beiços, mãos e orelhas cerceado,
E de um gilvaz deforme o nariz troncho.
Com vergonha o suplício infame encobre;
E a custo o reconhece o noto amigo:
"De Teucro ó sangue ilustre, armipotente,
A quem, Deífobo, tal crueza aprouve?
Quem tanto ousou? Na noite ouvi suprema
Que, de matar cansado, sucumbiras
Confundido no vasto morticínio.
No Reteu vezes três chamei-te a vozes,
Vão túmulo erigindo; que o teu nome
E armas protegem; nem te achei, nem pude
No pátrio chão depor-te em me ausentando."

"Nada omitiste, o Priamides clama;
Tudo a Deífobo e aos manes seus pagaste.
Nestes males, amigo, me abismaram
Da Lacena o flagício e o meu destino:
Esta a memória que de si deixou-me.
Soubeste (e há quem se esqueça(37)) em gostos falsos
Passada aquela noite. O fatal bruto
Quando, prenhe de armada infantaria,
Árduos muros saltou; fingindo coros,
Ela as Frígias guiava em torno às orgias;
E, entre as evantes manejando um facho,
Do alto castelo os Danaos convidava.
No tálamo infeliz me deito, opresso
De pesadume e lida; e caio em manso
Letargo, semelhante ao sono eterno.
Põe-me a guapa consorte as armas fora,
E até da cabeceira a fida espada;
A Menelau acena e as portas abre;

Julgando assim mimosear o amante,
E o labéu extinguir da antiga ofensa.
Que mais? o quarto assaltam; a exortá-los
O Eólides malvado os acompanha.
Deuses! igual suplício os gregos lastem,
Se com justiça impreco esta vingança.
Mas vivo, eia também, que urgente caso
Te trouxe cá? dos manes foi capricho?
Mando celeste? por que azar à estância
Vens túrbida e funesta, ao Sol negada?”

Febo em rósea quadriga o meio do eixo
Pelo éter já transpunha, e em tais colóquios
Ia-se o tempo dado; a companheira
Em resumo os adverte: “Avança, Enéias,
A noite, e em choro as horas consumimos.
Parte-se a estrada aqui: de Dite aos paços
Corre à direita, e além nos fica o Elísio;
No ímpio Tártaro, à esquerda, os maus padecem.”
Deífobo então: “Sibila, não te agastes;
Ao número me agrego, e às sombras torno.
Vai, glória nossa, vai; logra outros fados.”
Nisto, o passo torcendo, se retira.

Repara, e em sestra penha o herói descobre
Tartárea trimurada fortaleza,
Que rápido a rolar sonantes pedras,
Cingem do Flegetonte ígneas torrentes.
De inteiriças colunas diamantinas
O portão da fachada, a demoli-lo
Nem vale humano esforço, nem divino:
Férrea torre se eleva; e de atalaia,
Traçada opa sanguenta, sempre alerta,

Lá Tisífone o pórtico defende.
Entram ais a estrugir, do açoite os golpes;
Arrastam-se grilhões; retinem ferros.
Para, e assombrado o estrondo haurindo Enéias:
"Quais as culpas? quais delas os castigos?
Explica, ó virgem: que alarido aquele?"

E a vate: "Ínclito chefe, ao justo o limen
Celeroso é vedado; mas dos deuses,
Quando Hécate prepôs-me ao bosque averno,
Mostrou-me os tratos, me levou por tudo.
O duríssimo Gnósio Radamanto
É quem manda; e os indaga e pune os crimes,
E a confessar constrange os que expiá-los
Para a tardia morte diferiram,
De os ter furtado ao mundo em vão contentes.
Ultriz, logo insultando os azurraga
Tisífone; e a chamar as outras Fúrias,
Destorce com a esquerda e assanha as cobras."

Ei-las de par em par as sacras portas
No quício horríssono a ranger. "Atentas
Qual, sentada ao vestíbulo, o vigia
Medonha catadura? pois mais seva
Cinquenta atras goelas hidra enorme
Dentro arreganha; e o Tártaro em despenho
Se abisma, o dobro do que a vista abrange
Desde baixo ao luzente Olimpo etéreo.
Lá fulminados os Titãs mancebos,
Filhos da Terra, nas profundas rolam.
Vi de gigante corpo os dois Alóidas,
Que, o céu mesmo escalando, acometeram
Derribar do seu trono o rei supremo.

Vi Salmoneu penando, que o sonido
E os fuzis do Tonante arremedara:
Tocha a brandir, em carro de dois tiros,
Por Élide ia ovante, e à força os povos
O adoravam por deus; com o estrupido
Dos cornípedes néscio em érea ponte
Trovões fingia e o fogo inimitável:
Júpiter, fachos não, não fúmeas tedas,
Sim contorce um corisco dentre as nuvens,
E em turbilhão sulfúreo o precipita.
Também da mãe comum o aluno Tício
Por geiras nove, ó pasmo! estira os membros:
Rói-lhe abutre cruel de bico adunco
O fígado imortal; e, esquadrinhando
Para o suplício as vísceras fecundas,
A fome ceva, no âmago se encarna;
De renascer as fibras não descansam.
Dos Lapitas, Ixion, de Piritôo
Que direi, sobre os quais já já desaba
Atra iminente rocha? Ante eles brilham
Em leitos geniais pilares de ouro,
Banquetes régios de esquisito luxo:
Perto encostada, a principal das Fúrias
Atingir lhes proíbe as iguarias,
Surge o facho a vibrar, minaz troveja.

Quem teve ódio aos irmãos, durante a vida,
Pôs mãos nos pais, urdiu contra o cliente;
Os que amuados tesouros incubando,
Máxima turba, nada aos seus partiram;
Os mortos no adultério; os de ímpias armas
Sequazes, desleais contra os senhores,
No encerro a pena aguardam. Não a inquiras,

Nem que sentença ou caso os tem submersos:
Qual pedra ingente galga, ou de uma roda
Estreito aos raios pende; está sentado
Preso o infeliz Teseu e estará sempre;
Flégias, misérrimo a bradar nas trevas,
Nunca cessa: “Aprendei no exemplo horrível
Justos a ser, a não zombar dos numes.”
Este vendeu a pátria a ruim tirano;
Leis, as fez e desfez peitado aquele;
Outro invadiu nefando o leito à filha:
Réus que a tenção danada executaram.
Nem com voz férrea, bocas cem, cem línguas,
Pudera eu numerar da culpa as formas,
A variedade e os nomes dos castigos.”

Depois a idosa Anfrísia: “Anda, acrescenta,
Acaba a empresa, a rota apressuremos.
Dos Ciclopes forjados vejo os muros,
No arco da frente as portas, onde a oferta
Depor se nos prescreve.” Disse, e opacas
Vias a par correndo, o espaço vencem,
Tocam já nos batentes. Ele a entrada
Ocupa; e, de água viva asperso o corpo,
No frontispício o ramo à deusa crava.

Completo o rito e o voto, enfim chegaram
A jucundos vergéis e amenas veigas,
Da bem-aventurança alegres sítios.
Éter mais largo purpureia os campos,
Que alumia outro Sol, outras estrelas.
Em gramínea palestra alguns se exercem,
Brincam na fulva areia em luta e jogos;
Parte o compasso bate, e baila e canta;

665 E ao Trácio, que dedilha ou pulsa as cordas
Com plectro ebúrneo, em roçagante loba,
A septívoca lira acorde fala.
Nota-se ali de Teucro a estirpe egrégia,
Nados em melhor quadra heróis magnânimos,
670 Dárdano autor de Troia, Assáraco, Ilo;
Sem dono ao longe arneses, coches vagos,
Lanças no chão pregadas, e pascendo
Livres soltos corcéis pela campanha.
De armas e carros o que em vivos tinham
675 Gosto, amor de nutrir nédios cavalos,
Esse da terra ao seio os acompanha.

Eis em festins na relva, à destra e à sestra,
Ledo peã(38) em coro outros modulam
Num láureo bosque odoro, donde acima
680 O Erídano caudal volve entre selvas.
Lá, da pátria em defesa os vulnerados,
Os sacerdotes castos, os poetas
Que o puro estro febeu não profanaram,
Os inventores das polidas artes,
685 Os que renome obrando mereceram,
A todos nívea banda as frontes orna.
Circundada a Sibila os interroga,
E a Museu mais, que os ombros sobreleva
Do atento bando em meio: “Almas ditosas,
690 E tu profeta exímio, onde, ensinai-me,
Onde Anquises reside? em busca dele
Do Érebo os grandes rios trasnadámos.”
Foi breve o herói: “Nenhum tem certo o alvergue;
Sombrios lucos, vicejantes margens,
695 De arroios frescas várzeas habitamos.
Mas, se o folgais de achar (o atalho é fácil),

Esta encosta montemos". E, a guiá-los,
Do cume ostende as nítidas campinas,
E a virente convale os vai descendo.

Meditabundo Anquises, nele inclusas,
As almas resenhava a tornar prestes
À luz superna; e dos queridos netos
O número talvez recenseava,
Seus costumes e ações, fortuna e fados.
Quando assomava Enéias pela grama,
O ancião jubiloso alonga as palmas,
E as faces rosciando a voz desprega:
"Venceste, enfim, piedoso a dura estrada,
Como esperava! És tu, meu caro Enéias?
Ouvir-te os notos sons, render-tos posso!
Para agora isto os cálculos me davam:
Certo não me enganou meu pensamento.
Por que terras jogado, por que mares,
Por que perigos, filho, eu te recebo!
Quanto receei que a Líbia te estorvasse!"
E ele: "A tua, meu pai, a tua imagem
Cá me atrai, ocorrendo austera e assídua.
Hei no Tirreno a frota. Ao nosso amplexo
Ah! não te esquives, destra a destra unamos."
E ao discursar, em lágrimas desfeito,
Foi três vezes nos braços apertá-lo,
Três abarcada a sombra se lhe escapa,
Como aragem fugaz, ligeiro sono.

Ei-lo em secreto vale descortina
Selva escusa de arbustos sussurrantes:
Em torno ao brando Letes, que ali mana,
Voam povos sem conto; e, qual nos prados

Se em flores várias por sereno estio
Senta o enxame e se espalha entre açucenas,
730 Do estrépito murmura o campo todo.
Ínscio, atalhado, a causa indaga Enéias,
Que rio este é, que gente em cópia tanta
Lhe enche as ribas. “Aos corpos destinados,
Disse o padre, almas são que eterno olvido
735 N’água letéia descuidosa bebem.
Muito há que tas mostrar e expor-te anelo
Dos meus a descendência; a fim que ainda
Te regozijes mais da Itália achada.”
“Pois é crível, meu pai, que almas sublimes
740 Aos tardos corpos, ressurgindo, voltem?
Oh! desejo de vida insano e triste!”

“Não fiques mais suspenso; eu vou por ordem
Cada coisa expender-te: escuta, ó filho.
Desde o princípio intrínseco almo espírito
745 Céus e terra aviventa e o plaino undoso,
O alvo globo lunar, titâneos astros,
E nas veias infuso a mole agita,
E ao todo se mistura: homens e brutos,
Voláteis gera e anima, e o que de monstros
750 O cristal fluido esconde. Há nas sementes
Ígneo vigor divino, enquanto a nóxia
Matéria o não retarda, nem o embotam
Órgãos terrenos, moribundos membros.
Daqui vêm dor, prazer, cobiça e medo;
755 E à clara alteza os míseros não olham,
Em cega negregura encarcerados.
Nem perdem, quando a luz vital se extingue,
De todo as fezes e mundanos vícios:
Muitos, concretos longamente, é força

Que nelas durem por teor pasmoso.
Em tratos pois seus erros pagam todas:
Qual pende aos ventos; qual da culpa as nódoas
Lava em golfo espaçoso, ou dile ao fogo.
Cada um sofre em seus manes: poucos temos
Ao depois do amplo Elísio as doces veigas;
Té que, perfeito o giro, a mão do tempo
Gasta o impresso labéu, depura a flama,
O senso etéreo e simples aura afina.
Voltos mil anos, as convoca em turmas
Ao rio um deus; por que elas, do passado
Esquecidas, rever a esfera queiram,
E entrar de novo nas prisões corpóreas."

Cessa Anquises; a Enéias e a Sibila
Traz ao mais basto da ruidosa turba;
Um combro toma; donde a extensa fila
Divise dos que vêm, e a todos possa
Os traços discernir. Então prossegue:
"Eia, a glória que os Dárdanos espera,
Do ítalo tronco os descendentes nossos
Que a fama ilustrarão dos seus maiores,
Hei de explicar-te, e aprenderás teus fados.
Notas? próximo à luz por sorte, um jovem
Se arrima em hasta pura: às auras, misto
Latino sangue, surgirá primeiro,
Sílvio, póstumo teu, de nome albano;
Que tardio, a ti já na eterna vida,
Te há de Lavínia produzir nas selvas;
Rei, de reis gerador, por onde os nossos
Têm de vir de Alba-longa a ser senhores.

Segue-se Procas, dos Troianos honra;

Cápis e Numitor mais Sílvio Enéias,
Que te avive e recorde, e, obtendo o reino
Cobrar, te imite belicoso e pio.
Olha, os mancebos quanta força ostentam!
Aos que civil carvalho ensombra as testas,
Esses Nomento e Gábios e Fidenas,
Esses Colácia te alçarão nos montes,
Exímia no pudor; Pomécia altiva,
Castro d'Inuo juntando, e Bola e Cora:
Ermos ignotos, no porvir famosos.

Será do avô refúgio o Márcio Rômulo,
De Ília, prole de Assáraco, nascido.
Vês que o elmo lhe adornam dois cocares,
E o padre o marca de esplendor sidéreo?
A ínclita Roma, por auspícios dele,
O orbe, Enéias, fecunda em grandes homens,
No império há de abranger, na mente o Olimpo,
Sete montanhas numa só cidade:
Oual torreada, ufana mãe dos deuses,
Corre em Frígia no coche a Berecíntia,
Que cem netos celícolas abraça,
Todos em alto grau, ditosos todos.

Volve os olhos, contempla os teus Romanos.
Júlio aí tens e a geração de Ascânio,
Para exaltar-se ao pólo. A ti bem vezes
Eis, eis o prometido, Augusto César,
Diva estirpe, varão que ao Lácio antigo
Há de os satúrnios séculos dourados
Restituir, e sobre os Garamantes
E Indos seu mando propagar; dos signos
Clima além situado, além das rotas

Do ano e do Sol, por onde aos ombros vira
O celífero Atlante o eixo ardente
De estrelas tauxiado. Os cáspios reinos
Já do agouro da vinda se horrorizam;
E a meótica plaga e as septiduplas
Fozes do Nilo túrbidas trepidam.
Nem o que a cerva erípede varara,
Que apaziguara as matas do Erimanto,
E a Lerna com seu arco estremecera,
Tanto peregrinou; nem vitorioso
Líbero, que do Nisa expede os tigres,
E dobra os cumes com pampíneas rédeas.
E inda estender a fama duvidamos,
Ou n'Ausônia assentar nos tolhe o medo?

Quem distante apresenta insígnias sacras
E ramos de oliveira? as cãs e a barba
Do rei conheço que primeiro em Roma
Legislará, da exígua e pobre Cures
Mandado a celso império. Ao depois Tulo
Irá da pátria quebrantar os ócios,
Mover às armas cidadãos remissos,
E as tropas aos triunfos desafeitas.
Anco sucederá mais presunçoso,
Que d'aura popular já nímio folga.
Ver queres os Tarquínios, e o severo
Vingador Bruto e os recebidos feixes?
Cônsul, tomando as sevas machadinhas,
Ai dele! imolará rebeldes filhos
À pulcra liberdade. Vário ajuízem
Disto os vindouros; há de o amor da pátria,
E o de glória vencer desejo imenso.
Nota os Décios ao longe, os Drusos nota,

Mânlio Torquato de cruel secure,
E o dos pendões recondutor Camilo.

De armas fulgindo iguais, os dois que observas,
Concordes hoje quando a noite os preme,
Ah! quanta excitarão, se a luz tocarem,
Guerra entre si, que estragos, que batalhas!
Dos muros de Moneco e das Alpinas
Serras baixando o sogro, instructo o genro
Dos opostos Eoos! A tais guerras
Não vos acostumeis, nem volteis, jovens,
Contra o seio da pátria o esforço vosso.
Tu, que provéns do Olimpo, antes perdoa;
Fora os dardos arroja, ó tu meu sangue.

De Aqueus pela matança aquele insigne,
Triunfada Corinto, ao Capitólio
Há de o carro subir. Micenas e Argos
De Agamenom, ess"outro há de estruí-las,
A Eacide abater, do armipossante
Aquiles garfo; os Teucros seus vingando,
E de Minerva o maculado templo.
Como olvidar-te, ó Cosso, ó Catão magno?
Como os Gracos, e os dois, terror da Líbia,
Cipiões, raios da guerra? e na pobreza
O potente Fabrício? e a ti, Serrano,
Semeando os sulcos? Onde absorto, ó Fábios,
Me arrebatais? só tu, Máximo, aos nossos
Detençoso a república restauras.

Hão de outros, sim, mais molemente os bronzes
Respirantes fundir, sacar do mármore
Vultos vivos; orar melhor nas causas;

Descrever com seu rádio o céu rotundo,
885 O orto e sidério curso: tu, Romano,
Cuida o mundo em reger; terás por artes
A paz e a lei ditar, e os povos todos
Poupar submissos, debelar soberbos.”
Com pasmo ouvido: “Atenta, ajunta o velho,
890 Do espólio opimo ovante, eis vem Marcelo,
E em talhe sobrepuja os varões todos.
Turbada em grã tumulto, há de este a Roma
Cavaleiro assistir; prostrar o Galo
Revolto e os Penos, e as terceiras armas
895 Ganhadas suspender ao pai Quirino.”

Nisto, Enéias descobre um lindo moço
De fulgurante arnês, mas pouco alegre,
De rosto e olhar caído: “Ao varão, padre,
Quem acompanha? é filho? é da prosápia
900 Dele talvez? Que séquito estrondoso!
Que ar de Marcelo tem! Mas noite escura
Triste voa e a cabeça lhe circunda.”
Em lágrimas Anquises: “Não me inquiras
Dos teus o luto ingente; apenas, filho,
905 À terra o mostrará destino avaro.
A durar este dom, creríeis, deuses,
Nímio possante a geração romana.
Que ais no campo vizinho aos márcios muros!
Ou de que funerais, entre o sepulcro
910 Recente resvalando, ó Tiberino,
Testemunha serás! Nenhum mancebo
Da gente ilíaca os avós latinos
Tanto há de esperançar, nem de outro aluno
O romúleo país jactar-se tanto.
915 Ó Piedade! ó fé prisca! ó destra invicta!

Ninguém impune o arrostaria armado,
Quer a pé remetesse, quer d'esporas
Os do espúmeo ginete ilhais picasse.
Qual! jovem miserando, ásperos fados
Se a romper chegas, tu serás Marcelo.
Dai-me às mancheias lírios, dai-me rosas:
De esparsas flores eu cumule o neto;
A alma do vão tributo ao menos logre."

Assim, no espaço aéreo vagueando
Por essas regiões, tudo examinam.
Depois que o padre o instrui, e de renome
No ardor o abrasa, as iminentes guerras
Ao filho explana, e os povos de Laurento
E de Latino a corte lhe anuncia,
E como o risco evite e como o sofra.

Do Sono há dois portões: saída, contam,
O córneo facilita às veras sombras;
Do que é de alvo marfim, terso e nitente,
Mandam falsas visões à luz os manes.
Pelo ebúrneo, entretendo a vate e o filho,
Os encaminha Anquises e os despede.
Para as naus corta, aos seus reverte Enéias.
Corre a costa e a Caieta vai direito.
Da proa botam ferro, a popa atracam.

LIVRO VII

Tu não menos, Caieta ama de Enéias,
Nossas praias morrendo eternizaste;
Guarda o lugar teu nome, e se isto é glória,
Na magna Hespéria os ossos te assinala.

O pio aluno, exéquias celebradas,
Túmulo erguido, assim que os mares jazem,
A velejar prossegue e o porto larga.
Auras à noite aspiram, nem seu curso
Cândida a Lua nega; o ponto esplende
Ao trêmulo clarão. Circéias terras
Costeiam-se, onde lucos inacessos
Com aturado canto a rica filha
Do Sol atroa, e nos soberbos tetos
Odoro cedro em luz noturna queima,
Corre com pente arguto as finas teias.
Dali gemidos a se ouvir, e as iras
De horrentes leões cadeias recusando
E a desoras rugindo, e nos presepes
Ursos raivar, sanhudos grunhir cerdos,
E enormes vultos ulular de lobos;
Que a seva deusa com potentes ervas
De homens os transvestira em brutas feras.
Por que arribada o encanto a boa gente
Não padeça, nem toque as diras plagas,
Favorável Netuno encheu-lhe as velas,
E dos férvidos vaus a impeliu fora.

Já na arraiada roxeava o pego,
Fulgia em rósea biga a ruiva Aurora:

Acalma o vento, nem sequer bafeja,
30 E tonsas lutam pás no lento mármore.
Do largo extensa mata avista Enéias;
Dela com fluxo ameno o Tiberino,
Verticoso e veloz, de areias flavo,
Ao mar prorrompe; ao álveo e borda afeitas,
35 Várias aves por cima em cerco voam,
Com meigo trino as auras adoçando.
Que dobrem rumo ordena e à selva aproem,
E entra contente pelo umbroso rio.

Eia, Erato, exporei do Lácio antigo
40 Os reis, o estado, a sucessão de coisas,
Quando aportou n'Ausônia a estranha armada;
Vou do conflito recordar o exórdio.
Tu diva, tu me inspira: hórridas guerras
Dirá teu vate, os prélios, os monarcas
45 Ferozes por seu dano; as tuscas hostes,
A coalição direi da Hespéria em armas.
Mor assunto se me abre, é mor a empresa.

Velho, em sossego e paz Latino as lavras
E cidades regia. É voz que a ninfa
50 Marica de Laurento houve-o de Fauno;
A Fauno gerou Pico; e este, ó Saturno,
Pai te refere: da família és tronco.
O masculino herdeiro, inda em agraço
A sorte lho tirou: gentil princesa,
55 Para um varão madura e já completa,
Era o esteio da casa e amplos domínios.
Da flor d'Ausônia e Lácio pretendida,
Pede-a, em avós e avoengos poderoso,
Turno ante os mais pulquérrimo; a quem genro

Almejando a rainha, apressa as bodas:
Obstam porém terríficos portentos.

De grenha santa, em fundo claustro havia,
Com temor conservado, um lauro anoso;
Que ali constava, ao começar os muros,
Achara e a Febo o dedicou Latino,
Nomeando Laurentes os colonos.

No tope, ó maravilha! os ares fluidos
Nuem de abelhas a zumbir sulcando,
Sentou-se, e em cacho pés com pés travados,
Da ramagem pendeu súbito enxame.
Logo um vate: "Com tropas chefe externo
Chegar, donde as abelhas, divisamos,
E em senhor se erigir do sumo alcáçar".
E também, junto ao pai Lavínia virgem
Com tedas castas incensando as aras,
Fogo, ó pasmo! às madeixas ateado,
O ornato viu-se em crepitante chama;
E ao de rubis diadema e régio crino
Acesa, em fumo e pardo lume envolta,
Espalhar pelo templo a labareda.
Terror e espanto foi: de ilustre fama
E no porvir ditosa a decantavam;
Mas que atroz guerra prometia ao povo.

Busca o velho assombrado o padre Fauno,
E o consulta nos bosques d'alta Albúnea;
Que, floresta a maior, com sacra fonte
Soa, e tetra mefite exala opaca.
Aqui gentes d'Itália, a Enótria em peso,
O oráculo interrogam. Dons trazendo

O sacerdote aqui, se em muda noite
De vítimas em peles estradadas
Se encosta e se adormece, avoejantes
Vê mil fantasmas, vozerias ouve,
Logra aos deuses falar, e no imo Averno
A Aqueronte conversa. Aqui, rogando,
Bimas do uso o rei mata ovelhas cento,
Nos couros deita-se e alastrados velos.
De repente uma voz sai da espessura:
"Nos tálamos dispostos não confies,
Prole minha, e em nenhum latino genro;
De fora outros virão que o nosso nome
Exaltem com seu sangue, e em netos brotem
A cujos pés se curve e rode quanto
De um ao outro oceano o Sol perlustra."
Do pai Fauno em silêncio o aviso dado,
Consigo ele o não cala; e pela Ausônia
A revoar a Fama o assoalhava,
Quando a frota os mancebos laomendôncios
Da riba ao marachão gramíneo ataram.

O herói, seus capitães e o lindo Iulo,
Sob árvore copada se acolheram;
Na relva, ensina-o Jove, às iguarias
Candiais tortas sotopõem, e o fárreo
Solo de agrestes frutas acogulam.
Como os fizesse a míngua dos manjares,
Trincada a exígua Ceres, com audazes
Queixos e mãos violar a fatal crusta,
As orlas não poupando e chatas quadras:
"Hui! que as mesas tragámos" diz brincando,
Não mais, Iulo. O anúncio as lidas finda;
E o pai, que o recolheu da afável boca,

Do nume se reteve estupefato;
Clama enfim: “Salve, terra a nós fadada;
Salve, troianos e fiéis penates!
Já temos pátria e casa. Hoje recordo
As predições de Anquises: — “Quando, ó filho,
Gasto em praia estrangeira o mantimento,
Te obrigue a fome a consumir as mesas,
Descanso espera, o assento aí te lembre
De trincheiras munir”. — Esta era a fome,
O extremo que traria aos males pausa.
Ledos, ao romper d’alva, esta paragem,
O povoado e a gente, investiguemos,
Do porto a dentro esparsos discorramos.
Toca a brindar a Jove e ao divo Anquises;
O festim renovai, reponde os vinhos.”
Depois, de verde as fontes enramando,
Ora ao gênio do sítio, e à prima deusa
Telus, e a ninfas e ignorados rios;
Chama a Noite e os da Noite orientes signos,
A Ideu Jove em seguida e a Madre Frígia,
Do Érebo e Olimpo os seus progenitores.
Três vezes claro toa, e a mão suprema
Vibra auriardente lampejante nuvem.
Que é tempo enfim de inaugurar seus muros
No exército o rumor súbito lavra.
Do alto sinal folgando, o bodo instauram,
Rasas de vinho as copas engrinaldam.

Mal que alvorece e a tocha eoa raia,
Toda a comarca e litoral exploram:
Do Númico este o lago, o Tibre é este,
Que dos fortes Latinos banha as terras.
O Anquíseo então, nas filas escolhidos,

Embaixadores cem com dons à régia
A pedir paz envia, da paládia
Rama velados. Rápido obedecem.
Ele com fosso humilde risca os muros,
E a modo de arraial na praia o assento
Prepara e o cinge de liçada e valo.

Já, vencido o caminho, os messageiros
Torres e árduos palácios descobriam.
Chegam-se: às portas a puerícia e a flórea
Juventude a cavalo se exercitam;
Carros domam na arena, ou rijos arcos
Nervudo o braço tende e frechas tira;
Desafiam-se ao curso e ao pugilato.
Um pica o bruto, e entrados anuncia
Varões de porte em peregrino trajo:
Colocado o ancião no avito sólio,
Os admite e recebe. O teto augusto,
Desde o laurente Pico, em cem colunas
Sobranceiro e sublime, o sombreavam
Selvas com pio horror sempre acatadas.
Ali tomar primeiro o cetro e os fasces
Por feliz tinham: cúria, templo, sala
Do sacrifício, ao longo ali das mesas,
Morto o carneiro, os padres se assentavam.
Por ordem no vestíbulo as efígies,
De antigo cedro, estavam dos maiores:
Ítalo, o vinhateiro pai Sabino
Tendo em baixo o podão, Saturno idoso,
Bifronte Jano, e quanto rei primevo
No pátrio marte prodigou seu sangue.
Em sacros postes muitas armas pendem,
Chuças, machadas, elmos e cocares,

Ingentes aldrabões, troncados rostros,
Cativos coches, e broquéis e alfanges.
Com lítuo quirinal e em trábea estreita,
Pico, ancília na esquerda, éqüite ardido,
Lá pousava; a quem Circe, malograda
No amoroso apetite, com feitiços
D'áurea varinha ao toque tornou ave
E as asas lhe esmaltou. Neste recinto
Foi que Latino, os teucros introdutos,
Da sede régia plácido lhes fala:
"Dardânidas (a pátria, a origem vossa
Cá não se ignora, a fama vos precede),
Que demandais? qual trouxe à praia ausônia
Causa ou falta os baixéis por vaus tão cegos?
Fosse erro de caminho ou tempestade,
Contratempos do triste navegante,
Entrastes este rio, e já no porto
O hospício não fujais; sabei que a gente
Latina de Saturno, por si reta,
Não por temor da lei, tem-se aos ditames
Do velho deus. Lembrado estou que auruncos
Padres contavam-me (antigualha obscura)
Que destes agros Dárdano entranhou-se
No Ida frígio e na que ora é Samotrácia;
E, do tirreno Córito(39) emigrando,
Hoje aras tem, numera-se entre os divos,
Com trono de ouro na estelante corte."

Presto Ilioneu: "De Fauno herdeiro egrégio,
Fluctívagos, ó rei, não foi tormenta,
Astro ou rota falaz, que às vossas bordas
Nos lançou; de pensado e acordes vimos,
Expulsos do maior de quantos reinos

Do balcões do levante o Sol mirava.
De Jove oriunda, a geração dardânia
Do avô Jove se orgulha; e o tróico Enéias,
Garfo real de Jove, a ti nos manda.
Sobre os campos ideus que atroz borrasca
Desfechou de Micenas, por que impulsos
D'Ásia e Europa os dois orbes se encontraram,
Quem quer o ouviu que nos confins da terra
Seja além do oceano, ou se entre as quatro
Na zona extensa o torre iníquo Febo.
Por vastos mares do dilúvio escapos,
Sede exígua imploramos para os deuses,
Comum água, ar patente, inócua praia.
Não te seremos pejo, e mais te ilustras;
Perene gratidão fará que Ausônia
De agasalhar a Troia não se pese.
De Enéias pela destra invicta o juro,
Se é que fida ou valente algum provou-a,
Bem povos (não desprezes os que temos
Estas fitas nas mãos, na boca preces),
Bem nações para sócios nos rogaram;
Mas fado urgente ao solo teu nos guia:
Dárdano, daqui nado, aqui reverte;
De Apolo é mando expresso a fonte sacra
Buscarmos do Númico e o tusco Tibre.
Da passada fortuna aceita uns restos,
Salvos de Ílio incendida: o padre Anquises
Libava por este ouro ante os altares;
Ao legislar aos congregados povos,
Eis de Príamo o cetro, eis a tiara,
Eis, das Frígias trabalho, as vestiduras."

A vozes tais, Latino o rosto abaixa,

Quedo olhos volve atento; nem priâmeo
Cetro ou bordada púrpura o comove,
Quanto o consórcio e tálamo da filha;
E de Fauno medita os vaticínios;
Que este o fadado genro é peregrino,
Trazido ao reino por iguais auspícios,
Cuja ilustre progênie valerosa
Pujante ocupe o âmbito do mundo.
"O céu nossos começos, clama alegre,
E agouros seus prospere! O desejado
Haverás, Teucro. Os dons não menosprezo;
Nem, reinando Latino, agro ubertoso
Ou troiana opulência há de faltar-vos.
Se Enéias tanto a mim ligar-se anela,
Venha, hóspede me seja; nem do amigo
Tema o aspecto: em abono da aliança
Do monarca fiel me sobra a destra.
Tenho uma filha (dai-lhe este recado)
Que unir-se a algum dos nossos mil prodígios,
Do ádito pátrio as sortes, não consentem:
Varões de longe, no país estantes,
Exalçarão seu sangue e o nosso nome.
Se a mente bem atina, e é, como creio,
Ele o genro fatal, gostoso o adoto."

Cessa; e escolhidos em corcéis trezentos,
Os mais nédios que tinha às mangedouras,
Um alípede oferta a cada Frígio,
De ostro e matiz lustroso acobertados:
Aos peitos lhes caindo áureas coleiras,
De ouro os arreios têm, fulvo ouro tascam.
Um coche a Enéias manda, e exala o tiro,
Do éter semente, pelas ventas fogo;

Casta que ao pai furtou dedália Circe,
De submetida mãe bastardas crias.
Com tais dons, a cavalo os enviados,
Portadores de paz, contentes voltam.

Eis que de Argos ináquia parte a seva
De Jove esposa; e avista lá dos ares,
Desde o Pachino síciulo, os Troianos
E ovante Enéias, já desembarcados,
Na terra a edificar, seguros dela.
De ânsia para; e, a cabeça meneando,
Queixumes derramou do aflito peito:
"Raça infanda! ao meu fado avesso fado!
Ah! nas campinas do Sigeu puderam
Sucumbir? ser tomados, ser cativos?
Porventura abrasada os queimou Troia?
Franca via entre o ferro e o fogo acharam.
Lasso, eu cuido, afinal meu nume cede;
Saciada afrouxei, depus meus ódios...
Como! ousei contrastá-los no desterro,
No undoso ponto os persegui fugidos:
Esgotei mar e céu para vingar-me.
Sirtes, Caribdes, Cila, que prestaram?
Do pélago e de mim zombam no grêmio
Do caro Tibre. Os Lapitas gigantes
Marte acabou; rendeu-se a Calidônia
De Febe às iras: para um tal castigo
Lapitas, Calidônia, em que pecaram?
Qui-lo assim meu consorte; e a mim rainha,
Que meios não poupei, que empreendi tudo,
Vence-me Enéias! Meu poder se é pouco,
Deprecar a quem for já não duvido:
Vou, se não dobro o céu, mover o inferno.

Separá-lo do Lácio me proíbem;
Sua Lavínia seja: a dita ao menos
Protrair, perturbar, não me é defeso;
Os povos soverter dos reinos ambos:
Com tais pareias se alie o genro e o sogro.
Sangue rútulo e teucro o dote sendo,
Belona, ó virgem, prônuba te espera.
Não só fogos jugais, de um facho prenhe,
Pariu Cisseide; a Cípria houve outro Páris,
Tição funesto aos recidivos muros."

Vociferando horrenda baixa às terras.
Do Orco e antro furial avoca Alecto,
Que maldades luctífica respira,
Guerras, traições, rancor; monstro que odeiam
As tartáreas irmãs e o rei das sombras:
Com tanto esgar se afeia e a testa enruga,
Tanto a enegrecem pululantes cobras!
Juno assim a aguçou: "Da Noite filha,
Para não sofrer quebra de honra ou fama,
Serviço especial me outorga, ó virgem:
Por consórcios os Teucros não consigam
A Latino embair, ter pé na Itália.
Irmãos tu podes e íntimos amigos
Armar de sanha, desavir famílias,
Com funéreos brandões e crus flagelos;
Artes mil de empecer, mil nomes sabes:
Fecunda a mente excita; a paz desfaze,
A cizânia(40) semeia; estoure a guerra,
Bramindo a mocidade às armas corra."

De gorgôneo veneno Alecto infecta,
Ao Lácio e a régia voa, entra furtiva

No retiro de Amata, cuja ardência
Dos Frígios contra a vinda e a pró de Turno
Feminis mágoas e ódios recoziam.
Da azul grenha uma serpe a deusa arranca,
No corpo lha insinua, por que o paço
Todo empeste e alborote furibunda.
Coa a serpe entre a veste e o liso seio
Com mole tato, com macio engano
Lhe infunde alma vipérea: em torsal de ouro
Faz-se ao pescoço; num listão se alonga,
Enleia a coma e lhe percorre os membros.
E enquanto alastra a úmida peçonha,
E em ossos e sentidos prende a chama,
Antes que se lhe incenda o ânimo inteiro,
Carpindo a filha e os himeneus troianos,
Com maternal carinho ao rei se exprime:
"A vindiços, tu pai, Lavínia entregas?
Dela e ti não tens dó, nem da mãe triste,
Que ao primeiro aquilão, raptada a virgem,
Verei soltar a vela esse pirata?
Não penetrou na Esparta o pastor frígio?
A Ílio não transportou de Leda a filha?
Que é do amor para os teus, onde a fé pura
E amiúde ao meu Turno a destra dada?
Se hás mister genro estranho, e o padre Fauno
To ordena e está sentado, estranha eu julgo
Qualquer terra ao teu cetro não sujeita:
Do oráculo este o senso. E ao prisco tronco
Se remontamos, de Inaco e de Acrísio
Turno provém, Micenas de permeio."

Baldadas as razões, que resistia
Firme o rei, pelas vísceras calando

Do serpentino vírus o contágio,
Já danada a infeliz, que espectros vexam,
Na vasta capital erra sem tino.
Sob a torcida trena, em rodopio,
Atentos os meninos ao brinquedo,
Pelo vazio largo o pião tangem,
Que do açoite(41) impelido em círculo anda;
Néscia embasbaca a chusma, e o bando impube
Aviva a golpes o volúvel buxo:
Não com menos presteza ela vagueia,
Corre as cidades e embravece os povos.
Té sanhuda, a fingir de Iaco o influxo,
Com mais nefando arrojo se entranhando,
No monte oculta a filha, por que aos Troas
Roube o tálamo e as núpcias procrastine;
Brada e freme: “Evoé! só, Baco, és digno
Da virgem que maneja os moles tirsos,
Gira em coro, a ti sacra a trança cria.“

Grassa o rumor: as mães da peste acesas,
Por sede nova ardendo aguilhoadas,
Cabelo e colo ao vento, os lares deixam;
Ou peles a trajar, pampínea a lança,
De trêmulo ululado os ares coalham.
Ela entre as mais sustém flagrante pinho,
Raiva, canta o himeneu da filha e Turno;
Torva grita, virando olhos sanguíneos:
“Io latinas mães! quem sois, ouvi-me;
Se Amata vos condói, ou do materno
Jus vos remorde o zelo, nestas orgias,
Desenastrada a coma, interessai-vos.”

Tal entre brenhas e ferinos ermos

Alecto em bacanais punge a rainha.
Dês que a raiva lhe afia, e de Latino
A família e conselho crê revoltos,
Leva-se a turva deia em fuscas asas
Do audaz Rútulo aos muros; que, trazida
Sobre o Noto precípite, aos Acrísios
Danae se diz fundara: a grã cidade
Chamou-se Ardéia, e conserva o claro nome,
Não a fortuna. Ali no alcáçar Turno
Meio sono lograva em noite opaca.
O furial vulto e formas despe Alecto;
Em Calibe, de Juno velha antiste,
Se transfigura: a testa e face obscena
De rugas ara, às cãs veste uma touca,
Prega-lhe em cima um ramo de oliveira,
E ao jovem se apresenta: “Sofres, Turno,
Tantas lidas frustradas, que a fugidos
Passe o teu cetro? Ganhos com teu sangue
O matrimônio e dote, o rei tos nega,
Herda um Teucro no reino. Ora, ultrajado,
Vai-te arriscar; mal pago, as filas tuscas
Rompe, descose; a paz mantém no Lácio.
Isto a grande Satúrnia, enquanto em noite
Plácida jazes, me intimou te expenda.
Arma, arma, sus, a mocidade em campo;
E, à margem pulcra assentes, os caudilhos
Frígios arrasa, e queima as naus pintadas:
Poder alto o prescreve. E se o monarca,
Surdo às promessas, a união te enjeita,
Prove e sinta o que valha em armas Turno.”

Da vate a escarnecer: “Nem tu presumas
Que estar no Tibre a frota é novidade.

Nem cá meter me venhas tantos medos:
Juno etérea de nós se não descuida.
Mas crédula, cediça(42) e carunchosa,
Ralas-te, avó, com pânicos terrores,
Tonta ingerindo-te em reais arcanos.
Vigia os templos, das imagens cura:
Toca aos varões tratar e a paz e a guerra.”

Arde com isto Alecto; e, orando o moço,
Treme todo, hirta a vista: com tais serpes
Erínis silva, tais carrancas abre!
Tardonho ia falar; com flâmeos olhos
De través ela o empurra, duas cobras
Da grenha irriça, o látego estalando,
E com rábida boca assim troveja:
“Eis-me caduca, tonta e carunchosa,
Metediça entre os reis com vãos terrores.
Olha, da estância das irmãs tremendas
Trago em mão guerra e morte.” Inda vozeia,
E a Turno um facho atira de atro lume,
Que fumegante no íntimo cravou-se.

Espantado ele acorda, em suor tendo,
Que dos poros rebenta, ossos e membros;
Louco por armas grita, armas no leito
Busca e em torno. Braveja o amor do ferro,
A ímpia insânia da guerra, e cresce a raiva:
Qual da undante caldeira quando ao bojo
Lígnea flama se aplica estrepitosa,
A água enfurece e ferve, em bolhas salta;
Fúmea espumando a enchente, sem conter-se
Tansborda, e vai-se em túrbidos vapores.
Manda ao rei informar que a paz quebrou-se,

De petrechos prover, guardar a Itália,
Expelir das fronteiras o inimigo;
Contra o Latino e o Teucro ele só basta.
Mal que as ordens promulga e invoca os deuses,
À competência os Rútulos se exortam:
Uns move do mancebo a galhardia:
Uns seu preclaro sangue, ou forte braço.

Alecto, enquanto os seus Turno acorçoa,
Com novo ardil, às asas dando estígias,
Cata o sítio e ribeira onde caçava,
De assalto ou de emboscada, o belo Ascânio.
Presto a cocícia virgem, com sabido
Cheiro iscando os focinhos, de um veado
À pista açula os cães: este o motivo
Que os campônios atiça e a guerra ateia.
Cervo galhudo havia, airoso e lindo,
Que de mama furtado à mãe nutriam
Os filhos de Tirreu, dessas devesas
Couteiro e maioral do armento régio.
De galantes festões ao dócil bruto
Meiga a irmã Sílvia entretecia os cornos,
Penteado e lavado em fonte pura.
Da dona à mesa afeito e manso, errava
Pela selva, e de noite, às vezes tarde,
Se recolhia à casa. Andando a monte,
Brabas de Iulo as perras o acossaram,
Quando, seguindo a veia de um regato,
Se refrescava na virente riba.
Na ânsia de exímios gabos, do arco as pontas
Junta e dispara o caçador a frecha:
Não faltou nume à destra; a rechinante
Cana ao cervo traspassa ilhais e ventre.

A gemer o quadrúpede, sangrado
Procura o noto asilo, e de lamentos,
Quase implorando, enchia alvergue e pátio.
Sílvia acode, e ferindo-se a punhadas,
Aos duros aldeãos clama socorro.
Eles (picava-os a embrenhada peste)
Saem de improviso; de nodosa estaca,
De fustes e tições, do que à mão tinham,
A ira os arma. Tirreu, que um roble em quatro
Rachava à cunha, respirando ameaças,
Ferra o machado, a multidão concita.

Nociva a tempo, da atalaia a Dira
Monta à choça, e do cume a voz tartárea(43)
Na encurvada corneta esforça e tange
Rebate pastoral: todo em redondo
Retremendo o arvoredo, a funda mata
Reboou. Longe o ouviu da Trívia o lago;
Branco de água sulfúrea o Nar e as fontes
O ouviram do Velino; e as mães de susto
Aos peitos os filhinhos apertaram.

Ao rouquejar da tétrica buzina,
Denso tropel bravio, armas sacando,
Concorre, e marcha a mocidade frígia
Do aberto acampamento em pró de Ascânio.
Não já com paus tostados nem cacheiras
Em lide agreste brigam, mas em forma,
Com ancípite ferro e espadas nuas,
Negra áspera seara; e o bronze às nuvens,
Do Sol desafiado, a luz dardeja:
Tal, se alvejando a onda a encrespa o vento,
Incha o mar pouco a pouco e alteia vagas,

Té que o úmido abismo aos astros sobe.

Cai logo na vanguarda o primogênito
Almom Tirrides: pega-se às goelas
Seta estridente, e em borbotões o sangue
Lhe inunda e embarga a voz e a tênue vida.
Entre um montão de mortos jaz Galeso,
Das pazes medianeiro; ausônio velho,
O mais justo e riquíssimo, greis cinco
Balantes amalhando e cinco armentos,
Em lavrar cem arados empregava.

Alecto, pois que o marte igual pendia
Do êxito ufana, assim que a feroz pugna
Tinge e cruenta, funerais primícias,
Deserta a Hespéria, e sublimada às auras
Canta a Juno vitória em tom soberbo:
"Temos no auge a discórdia; agora dize
Que se congracem, que alianças travem,
Quando os Teucros macula ausônio sangue.
Mais farei, se mo aprovas: com rumores
Posso as comarcas abrasar no insano
Furor da guerra, que ajudá-la venham;
Armas espalharei pela campanha."
Juno atalha: "O terror e a fraude abunda:
Plantada a rixa, mão por mão combatem;
Já funestou fortuna o primo encontro.
Os himeneus dest'arte o guapo filho
D'Acidália festeje e o bom Latino.
Que a soltas(44) vagues pelo sumo Olimpo
Não te permite o padre soberano:
Despacha-te, que o mais fica a meu cargo."

A tais palavras, do sidéreo assento,
Angui-estalantes asas desferindo,
Para o Cocito a Erínis se encaminha.
Lugar nobre e famoso, o vale Ansancto,
Há da Itália no centro, ao pé de uns montes:
Floresta escura o fecha, e entre penedos
Em vórtices fragosa uma torrente
Pelo meio murmura. Aqui, do torvo
Plutão respiradouro, antro medonho
Profunda, e as fauces pestilentes mostra
Do fendido Aqueronte ampla voragem,
Onde sumiu-se a Fúria, o céu e a terra
Do seu bafejo odioso aliviando.

Nem menos a Satúrnia a luta azeda.
Rui do conflito a multidão campestre,
Morto Almom e deforme de Galeso
Carregando a cabeça, e implora os deuses
E a Latino conjura. No flagrante
Chega Turno, e do incêndio e mortandade
Exagera o temor; que iam bani-lo,
E misturar no trono a raça frígia.
Aqueles cujas mães, de Baco atônitas,
Por ínvias selvas em coreias pulam,
De Amata ao grave nome exacerbados,
Marte infando a incitar, a l'arma gritam,
Contra o fatal augúrio e contra os numes,
E os altos paços à porfia cercam.
Tem-se o rei qual marítimo rochedo;
Rochedo que na mole se sustenta,
Se em ruidosa procela as ondas ladram:
Batida alga flutua e bolha a espuma,
E em vão pedras em roda e escolhos bramam.

Vencer pois tal cegueira não podendo,
Que ia tudo a sabor da fera Juno,
O éter puro atestando: “Ah! fado, exclama,
A tormenta nos força irresistível.
Com sacrílego sangue, ó miserandos,
Vosso erro pagareis: maldição, Turno,
Triste pena te espera; e aos deuses tarde
Suplicarás. À entrada já do porto,
Repouso achei; de funerais ditosos
Só me despojarão.” Nisto, encerrou-se,
E do governo as rédeas abandona.

Costume era do Lácio, e que adotado
Na Albânia o guarda a portentosa Roma,
Lagrimáveis batalhas quando apresta
Ao Geta, Árabe, Hircano, ao Indo eoo,
E reconquista aos Partos as bandeiras,
Duas portas haver, bélicas ditas,
Que santo horror defende e o cru Mavorte:
Barras, ferrolhos cem de bronze as trancam;
Sempre ao limiar de sentinela Jano.
Se o decreta o senado, insigne o cônsul
Com trábea quirinal, gabino cinto,
Os umbrais descerrando rangedores,
Proclama a guerra; guerra os moços bradam,
Roucas éreas trombetas ressonando.

Cabia-lhe aos Troianos declará-la,
Volver os tristes gonzos; mas Latino
Se abstém, recusa o infausto ministério,
E se oculta na treva. Então, baixando,
A rainha Satúrnia arromba mesma
As lentas portas, a couceira quebra

E os ferrados batentes desmantela.

Arde a quieta Ausônia, e armas já pede:
Qual a pé campear, qual furioso
Quer trotar em corcel pulverulento;
Qual dardos unta e limpa, adargas lustra,
Machadinhas amola e partasanas:
Praz desfraldar pendões e ouvir as tubas.
Malham cidades cinco e forjam lanças,
Atina e Ardéia possantes, Crustumério,
Tibur altiva, Antemnas torreada;
Cavos elmos estofam, tecem tarjas
De vergas de salgueiro, finas grevas
De argênteos fios, êneos corsoletes:
Retemperam na frágua o pátrio alfanje:
Assim trocou-se o amor da foice e relha!
Transmite o dado a senha, os clarins fremem:
Quem o casco arrebata, ou rinchadores
Brutos junge, ou rodela e auritrílice
Loriga veste, ou cinge a fida espada.

O Helicon, musas, franqueai-me: ousados
Reis vou cantar, as tropas que os seguiram
Cobrindo os campos; que armas flamejaram,
Que heróis já n'alta Itália floresceram.
Como lembradas sois, contai-mo, ó divas:
Mal nos roçou leve aura do passado.

O ateu cruel Mezêncio é quem primeiro
À testa marcha das falanges tuscas.
Lauso o acompanha, que excedia a todos,
Salvo o garboso Turno, em gentileza;
Lauso, grã picador, monteiro exímio

Conduz em vão de Agila mil guerreiros;
Digno de se gozar do pátrio reino,
E de outro genitor que não Mezêncio.

Após, carro e frisões da palma ornados,
De Hércules belo ostenta o belo filho
Aventino, e em cem cobras traz no escudo
A hidra a pulular, brasão paterno:
Réia ministra a furto na Aventina
Mata o pariu; mulher que ao deus juntou-se,
Depois que, extinto Gerião, tocando
Laurentes lavras o Tiríntio ovante,
Lavou no tusco rio iberas vacas.
Arma os seus de doloso estoque e pilo,
De roliço espontão, sabelo pique;
Embraça, a pé, leonino ingente espólio,
De alvos dentes enrola a hirsuta juba
Ao morrião: tal entra horrendo os paços,
Pelos ombros traçado o hercúleo manto.

Catilo e o bravo Coras, dos tibúrcios
Muros, ditos assim do irmão Tiburto,
Gêmeos de sangue argeu, por densos dardos
Vêm correndo postar-se na vanguarda:
Qual nubígenas rápidos Centauros
Se do pico a descer o Homelo deixam
E Ótris nivoso; ao trânsito se arreda,
Com fragor do arvoredo, a basta selva.

Ceculo o autor não falha de Preneste,
Que em pegulhal montês e ao lar achado,
Rei prole de Vulcano hão crido as eras.
Rústica turba o escolta: os que as alturas

Cultivam prenestinas e a junônia
Gábios, o frígido Ânio, hérnicas penhas
De arroios orvalhadas; os que pasces,
Tu Amaseno pai, tu rica Anâgnia.
Carro, cota ou broquel, não soa a todos:
Uns lívidas espalham plúmbeas pelas,
Quais dois chuços empunham; fulvos gorros
De pele usam lupina; nus da esquerda,
Calçam de crua alparca a destra planta.

O neptúnio Messapo cavaleiro,
A quem prostrar não pode ou ferro ou fogo,
Chama a conflito os povos ociosos,
Instaura as armas. Fesceninas turmas
E Equos Faliscos, os que o monte e lago
Cimínio e as rochas do Soracte habitam,
Flavínios agros e capenos lucos,
Marchando em pelotões, seu rei cantavam:
Como, ao soltarem coli-longos cisnes,
Do pasto à volta, aos ares seus gorjeios,
O Caístro e a pulsada Ásia palude
Ressoa ao longe. Multidão confusa,
Ninguém julgara exército arnesado,
Mas, do alto pego às praias compelida,
Aérea nuvem ser de roucas aves.

Sangue antigo sabino, eis Clauso, donde
A tribo cláudia propagou no Lácio,
Dês que em parte aos Sabinos se deu Roma;
Valendo um batalhão, comanda imensos:
Quirites priscos, de Amiterno as hostes,
As de Ereto e olivífera Motusca;
Dos rosais do Velino e os de Nomento,

Dos penhascosos Tétrica e Severo,
De Fórulo e Caspéria; os que do Himela,
Tibre e Fabaris, bebem; quantos manda
Horta, o latino termo e Núrsia fria;
E os que o Alia entrelava, infausto nome!
Tantas no vítreo Líbio as vagas rolam,
Se Orion cruel se afunde em onda hiberna;(45)
Tantas o estivo Sol praganas torra,
Do Hermo ou de Lícia em lourejantes campos.
Do tropel treme a terra, escudos tinem.

O agamenônio Haleso, a Troia infesto,
Ata ao carro os frisões, mil feros povos
Leva a Turno: os que o Mássico, mimoso
De Baco, à enxada cavam; Sedicinos
De beira-mar; serranos que expediram
Auruncos padres; íncolas de Cales,
Do vadoso Volturno os arraianos,
O Satículo acerbo, as oscas turmas.
Presa a lento flagelo, aclide jogam
Cilíndrica; na sestra, os cobres adarga;
Com terçado falcato ao perto ferem.

Nem te olvide o meu verso, Ebalo, que houve
Telon se afirma de Sebetis ninfa,
Já velho em Caprea os Télebas regendo.
Da herança não contente, o filho tinha
Muito à larga os Sarrates submetido,
E as sárnias frescas várzeas, os de Rufras,
De Batulo e Celena, e os que eminente
Olha Abela pomífera: catéias,
À teutônica, vibram; capacetes
De cortiça de sôvero os defendem;

Luz bronzeado broquel, luz brônzea espada.

Também te apronta a montuosa Nersas,
Famígero e pugnaz, próspero Ufente;
E, à caça endurecido, hórrido Equícola
De áspera gleba te obedece: armado
O chão labora, de rapina vive,
E sempre folga das recentes preias.

Té de Arquipo seu rei por ordem, o elmo
Lhe ornando fausta oliva, o dos Marrúbios
Sacerdote marchou, fortíssimo Umbro;
Que hidras, víboras de hálito empestado,
Afagando e a cantar adormecia,
Curava a mordidura, e as amansava:
Mas contra a choupa do rojão troiano
Suporíferos cantos nem potentes
Sucos dos marsos montes lhe valeram.
A ti de Angícia bosque, a ti choraram
Do Fucino o cristal e o fluido lago.

De Hipólito eis a prole, o estrênuo Vírbio
Que Arícia a mãe luzido o envia à pugna,
Do luco e, fonte Egéria, onde o criaram
E a placável Diana ara tem pingue.
Por dolos da madrasta, assim que Hipólito,
Dos medrosos frisões rojado, expia
Com sangue o erro paterno, é voz que às auras
E ao conspecto celeste o revocaram
Peônias ervas e amorosa Délia.
De que um mortal das sombras ressurgisse
Indignado o Tonante, o raio acende,
No Orco e Estige o Febígena despenha

Que descobriu tal arte e medicina.
A alma Trívia em secreto à ninfa Egéria
Hipólito encomenda, por que obscuro
E solitário em ítala floresta,
Mudada em Vírbio o nome, os dias passe.
Do bosque ou templo a Febe consagrado
Os cavalos cornípedes se expulsam,
Dês que, espantados por marinhos monstros,
Na praia o dono e o coche espedaçaram.
Árdegos brutos, não obstante, o filho
Exerce e à guerra precipita o carro.

De ponto em branco, à frente, na estatura
Formoso Turno sobreleva a todos.
O elmo sustém, cristado com três jubas,
A Quimera a expirar etnéias chamas:
Ignívoma, eferada, ela mais brame
Quanto em mais sangue o ataque se encruece.
Io em ouro entalhada (ilustre assunto)
Já peluda novilha, alçando os cornos,
O éreo pavês lhe timbra assacalado;
Argos vigia a moça, e entorna o rio
Da urna Inaco pai. Chuveiro espesso,
Ondeia a infantaria, e abroqueladas
Auruncas tropas, Rútulos, Sacranos,
Acaica estirpe, Sículos antigos,
Mais os Lábicos de pintado escudo:
Que, ó Tibre, aram-te os bosques e a numícia
Riba sacra; o Circeu cabeço rasgam
E as rútulas colinas; veigas onde
Jove Anxuro preside, com Ferônia
Amiga dos jardins; por onde a negra
Satura espraia, e vai gelado aos mares

Por imos vales desaguar o Ufente.

Eis Camila belaz, que o volsco impera
Bando equestre e o de pé de arnês lustroso.
Dura a virgem no prélio, em roca ou vimes
De Minerva não punha as mãos femíneas.
Pelo agro intacto, mais veloz que o vento,
A voar não lesara a tenra espiga;
Suspensa o pego túmido correra,
Sem que molhasse a desenvolta planta.
Dos tetos, ao passar, do campo os jovens
E esparsas mães, de hiante boca admiram
Como a grã vela e enfeita os ombros lisos,
Como as tranças lhe prende áurea fivela,
Como o lício carcás pendura, e brande
De enxerido ferrão mírteo cajado.

LIVRO VIII

Mal Turno, os cornos rouco estrepitando,
Pendões arvora no laurente alcáçar,
E os brutos afogueia e incita as armas(46),
Revolto o Lácio em trépido tumulto
Se conjura, e esbraveja a mocidade.
Chefes Messapo e Ufente, o ateu Mezêncio,
Organizando levas, despovoam
Toda a campanha. A requerer o auxílio
Do grã Diomedes, Vênulo deputam;
A informar que, abordado há pouco Enéias,
Os vencidos penates recolhendo,
Rei se inculcava por querer dos fados;
Que atrai cem povos, e n'Ausônia lavra
Seu prestígio. Ao que tenda, e o que resulte
Se a fortuna o insufla, é manifesto
Mais a Diomedes que a Latino ou Turno.

Derramada a notícia, o Laomedôncio
Em cuidados flutua, e a mente vaga
Divide e agita, a meditar em tudo:
Como em bacia d'água o tremulante
Raio da Lua ou Sol, repercutido,
A regirar volúvel, monta aos ares
Do sumo teto os artesões ferindo.

Noite era; e gados, aves e alimárias,
Quando lassos na terra adormeciam,
Dos perigos aflito, à riba Enéias,
Tardo repouso aos membros concedendo,
Sob o eixo do céu frio recostou-se.

Deus do sítio, a surgir do leito ameno,
Entre alemos se antolha o Tiberino:
Ao velho tênue bisso um verdoengo
Sendal compõe, e a touca umbrosa cana.
Ao Teucro fala e o peito lhe mitiga:
"Divo renovo, que dos Gregos salva
Pérgamo eterna à Hespéria nos transportas,
Nestas laurentes veigas esperado,
Casa tens certa, certos os penates;
Avante! não te assuste a feia guerra:
O tumente furor cessou dos deuses.
Por que isto um sonho fútil não reputes,
Em litóreo azinhal grande alva porca
Deitada encontrarás parida, e em roda
Nela a mamar trinta alvos bacorinhos.
Descanso aqui tereis; trinta anos voltos,
Aqui fundando-a Iulo, deste agouro
Alba derivará seu claro nome.
Não dúbio o vaticino. O modo em suma
Te ensinarei de conseguir vitória.
Lá d'Arcádia emigrados que de Evandro
Sob a real bandeira aqui vieram,
Do bisavô Palante por memória,
Em montes assentaram Palantéia:
Com eles anda o Lácio em guerra assídua;
O arraial em comum, liga-te a eles.
Eu, por meu rio e margens te ajudando,
Farei que a remos a corrente venças.
Sus! roga a Juno; assim que os astros caiam,
Devoto e súplice, ó de Vênus filho,
O ódio minaz lhe adoça: ao triunfares
Me honres depois. Sou eu que em ampla cheia
Premo estas bordas, sulco e adubo as vargens,

Aos céus gratíssimo, o cerúleo Tibre.
Meu paço é cá, de altas cidades mano.”

Disse, e imergiu-se: a noite a Enéias deixa.
Desperto olhando ao lúcido oriente,
Nas covas palmas, como é uso, apanha
Do licor fluvial, dest’arte orando:
“Ninfas, laurentes ninfas, geradoras
Dos mananciais, com santa veia ó Tibre,
Recebei vós a Enéias, resguardai-me.
Qualquer que seja a fonte, ou lago ou solo,
Donde formoso nasças e onde as nossas
Penas, rio cornígero, apiadas,
Sempre terás meu culto, of’rendas sempre,
Tu das águas hespéricas monarca.
Assim me valhas e os augúrios firmes.”

Da frota escolhe então birremes duas,
E de armas e remeiros as fornece.
Súbito, ó maravilha! entre arvoredos,
Deitada em verde ribanceira, avistam
Com sua alva ninhada uma alva porca;
E a ti, máxima Juno, o pio Enéias
Com todo o parto a imola e te oferece.
Durante a noite amaina o inchado Tibre,
E em tácito remanso refluindo,
Qual tanque fica-se ou lagoa estofa,
Que não obste ao remar. Crenado o pinho,
Com propício rumor, no equóreo plaino
Ligeiro se desliza; e a onda e o bosque
Arneses a fulgir de longe estranha,
Estranha os bucos a nadar pintados.
Afadigando à voga a noite e o dia,

E os estirões e as voltas alcançando,
Sob a folhuda abóbada, cortavam
No aquoso espelho as verdejantes ramas.

Ígneo o Sol meridiano, é quando enxergam
Uns muros, um castelo e tetos raros,
De Evandro haver mesquinho; que a pujança
Romana elevou tanto e aos céus o iguala:
Viram proas e ao burgo se aproximam.

Acaso o árcade rei, num luco em face,
O Anfitriônio festejava e os divos.
Solene, o seu Palante, a flor dos jovens,
Pobre senado, o incenso ministravam,
Em cruor tépido a fumar as aras.
Surdir vendo os baixéis pela espessura,
E o nauta aos mudos remos debruçar-se,
Das mesas todos erguem-se assustados.
Veda romper-se o rito o audaz Palante;
Saca uma lança e voa, e de afastado
Outeiro: "O que tentar vos força, ó moços,
Ignotas vias? de que partes vindes?
Quem sois? onde ides? paz quereis ou guerra?"
Maneando Enéias da alterosa popa
Fausta oliva, responde: "Frígios dardos
Te apresento e inimigos dos Latinos,
Que em bárbara agressão nos repulsaram.
Saiba teu rei que os principais Troianos
Lhe vêm pedir junção e apoio de armas."
Logo a tal nome atônito Palante:
"Salta, e a meu pai dirige-te em pessoa;
Quem sejas, te agasalha em nossos lares."
E a mão lhe aperta, cordial o abraça.

Transposto o rio, ao bosque se encaminham;
E amigável o padre: “Ótimo Evandro,
Timbre dos Graios, a fortuna enseja
Que, enastrado este ramo, eu te suplique;
Certo não te hei receio por Arcádio,
Chefe aqueu, dos Atridas consanguíneo:
Meu gosto e leal peito, oragos santos,
Parentesco de avós, tua alta fama,
Por fatídico impulso, a ti me enlaçam.
Dárdano, de Ílio autor, de Electra nado,
Para os Troas passou-se, a Grécia o afirma;
Do estelífero Atlante Electra é prole:
Vós de Mercúrio o sois, e em frio cume
Cilênio o concebeu cândida Maia;
Maia, é crença geral, o mesmo Atlante,
O que os orbes sustenta, procriou-a.
De um tronco somos pois. Eis por que afoito
Núncios não ensaiei que te sondassem:
Eu próprio, eu vim expor-me e suplicar-te.
A Dáunia, que te aprema em feroz guerra,
Cuida, a nos rechaçar, que nada a estorva
De meter sob o jugo a Hespéria inteira,
E o superior e o baixo mar que a lavam.
Presta e aceita-me a fé. Briosa temos
Aguerrida e valente mocidade.”

Atento ao seu discurso, Evandro os olhos
Curioso lhe examina e a boca e o talhe;
Foi breve assaz: “Fortíssimo dos Teucros,
Com que prazer te hospedo! eu reconheço
De teu pai a facúndia, o tom e o gesto!
A Hesíone irmã sua o Laomedôncio,

Lembra-me, visitando em Salamina,
Honrou-me os gelos da vizinha Arcádia.
De flóreo buço a face então pungida,
Bem me admirei de Príamo e seus cabos;
Mas na grandeza os superava Anquises.
Cúpido jovem, por tratá-lo ardia
E a mão do herói cerrar: obtendo acesso,
Aos muros de Feneu lhe fui companha.
Partindo, insigne coldre e lícias frechas,
Clâmide auribordada e uns áureos freios
Deu-me, de que ora é dono o meu Palante.
Confirmo aquele pacto; e satisfeitos
Vou na alvorada, amigos, despedir-vos
Com socorro de gente e o mais que eu possa.
Entanto, embora celebrai conosco
Festa anual que diferir é crime,
E dos sócios à mesa habituai-vos."

Disse, e os copos repor e os pratos manda,
Senta os varões na relva; em toro e pele
De leão veloso a Enéias acomoda,
Cede trono de bordo a herói tamanho.
Moços, do antiste às ordens, lestos servem
Táureas tostas fressuras, dons de Baco,
De obras de Ceres cumuladas cestas.
De rês inteira o dorso e os intestinos
Lustrais ministram pasto ao chefe e Troas.

Refreado o apetite e a fome exausta,
Disserta el-rei: "De tanto nume est'ara,
Esta pompa e festim, hóspede, usamos,
Não por superstição que os priscos deuses
Desconheça; de atroz perigo exemptos(47),

Mérito culto renovamos gratos.

Nota em penha suspensa aquela pedra:
Dispersa a mole jaz, do monte a furna
Deserta, e ao longe as ruínas dos rochedos.
Esta, em recesso vasto ao Sol defeso,
Era a espelunca do semi-homem Caco,
Monstro imano; e, em recente morticínio
Sempre o chão tépido, aos portais soberbos
De homens saniosas lívidas cabeças
Fixas pendiam. De Vulcano filho,
Túrbidos fogos vomitando, a enorme
Corpulência movia. Ao suspirarmos
Por divo auxílio, o vingador Alcides
Chega a tempo, e do espólio e morte ufano
Do trigêmeo Gerion de gado enchia,
Vencedor pastorando, o rio e vale.

Caco, infrene e brutal, que não se abstinha
Do mor flagício ou dolo, da malhada
Touros quatro furtou-lhe os mais robustos,
Quatro novilhas de excelente forma;
E, para nenhum rasto haver direto,
Puxando a cauda e a recuar, no opaco
Pétreo bojo os fechou; pegada alguma
Não guiava à caverna. O Anfitriônio,
Já gordo o gado e farto dos pastios,
Retirar-se dispunha, e os bois saudosos
Monte e bosque estrugiam de queixumes.
Do amplo encerro igualmente uma das vacas
Muge, e de Caco as esperanças frustra.
Da injúria ardendo e em negro fel, das armas
Hércules pega e do nodoso roble,

Corre ao cabeço aéreo. Aos nossos Caco
Trêmulo e demudado aqui mostrou-se:
Fugindo euros transcende, e aos pés o medo
Asas lhe empresta. Já na gruta, abate
Penhasco ingente, rotas as cadeias
Com que acima o ligava arte paterna,
E de espeques reforça e escora a entrada;
Ei-lo, o Tiríntio em sanha os dentes range
Acesso a perscrutar: férvido e iroso,
Todo o Aventino vezes três rodeia;
Três contra a sáxea porta o esforço balda;
Três descansou no vale. Aguda roca,
Asado ninho de funestas aves,
Entre fraguras e a perder de vista,
Do antro estava no dorso: à esquerda o cimo
Sobre o rio inclinava; à destra Alcides
Carrega, e do imo a desarreiga e impele:
Ao baque repentino o etéreo espaço
Retumba; e, as ribanceiras retremendo,
Reflui medroso o rio. A imensa régia
De Caco descobriu-se, e apareceram
Umbrosos penetrais: qual se abalada
Rasgasse a terra hiante o dos infernos
Pálido reino, aos deuses detestável;
De cá se vendo, no profundo abismo,
Da luz difusa a trepidar os manes.

Do súbito clarão se assusta o bruto,
A urrar disforme, na caverna preso;
De cima o ataca o deus, atira o que acha,
Calhas e galgas e lascados ramos,
Ele, ó monstro! não tendo outro refúgio,
Rouba-se à vista, a jacular das fauces

Tetro vapor; em cega névoa baça
Envolve a gruta, e mescla a luz e as trevas,
A fumífera noite aglomerando.
Não o suporta Alcides, e de um pulo
Se arroja onde corisca e ondeia o fumo,
E em caligem mais basta a cova estua.
No incêndio vão que expira agarra a Caco,
O estreita e afoga, e lhe esbugalha os olhos,
Seco na goela o sangue. Arranca as portas,
O antro escancara escuro; os bois e os furtos
Abjurados ao claro patenteia.
O corpo informe pelos pés arrastam:
Ninguém do semífero a catadura
De olhar se cansa, e os peitos sedeúdos,
E na garganta os apagados fogos.

D'então ledos o dia celebramos;
Primeiro o fez Potício, e a consagrada
Pinária tribo ergueu no bosque est'ara,
Chamada sempre máxima, e que sempre
Máxima nos será. Mancebos, eia,
Brindai-me a nobre ação, de destra em destra
Os copos a girar, frondosa a coma,
Comum deus o invocai, bebei contentes."
Presto as cãs lhe entretece e enfolha o choupo
De sombra hercúlea, bicolor pendendo;
Sagrado sifo empunha. Alegres todos
Em roda libam, deprecando os numes.

Já Vésper ao declive Olimpo avança:
Tochas nas mãos, do estilo as peles cintas,
Potício à frente, os sacerdotes cobrem
De gratos postres a instaurada mesa;

Bandejas de mil dons o altar oneram.
Com popúlea capela, em torno os Sálios
Da ara incensada ao cântico presentes,
Jovens em coro, em coro o entoam velhos
De Hércules em louvor: como estupendos
Os dragões da madrasta esmaga infante;
Como as grandes arrasa Ecália e Troia;
Como, o sabor de Juno, árduos trabalhos
Sob Euristeu passou. “Tu mesmo, invicto,
A Folo e Hileu, nubígenas bimembres,
Tu cretenses prodígios, tu mataste
Na brenha o leão Nemeu desmesurado.
De ti a Estige, na cruenta cova
Tremeu do Orco o porteiro, sobre ossadas
Meio roídas a jazer. Fantasma
Nenhum lá, nem Tifeu de cota enorme
Te foi terror; não te esmorece e atalha
Da hidra Lernéia a turba de cabeças.
Salve, ornamento aos divos acrescido,
Vera prole de Jove: ao teu festejo
Com pé desce propício, e nos assistas.”
Cantam proezas tais; por fim memoram
A furna e Caco resfolgando chamas.
Ressoa a selva e o eco nos outeiros.

Cheia a função, para a cidade voltam.
El-rei de anos cercado ia adiante,
Entre Enéias e o filho, em vários modos
Praticando o caminho aligeirava.
Por tudo ávido o herói passeia os olhos,
Mira, e cada vestígio dos maiores
Inquire e aprende. Evandro, que os primórdios
Lançou da celsa Roma, então começa:

“Indígenas moravam nestas matas
Faunos e ninfas, e homens raça dura
Dos robles; que nem bois jungir sabiam,
Adquirir, nem poupar, sem lei, sem culto;
Montês caça os mantinha e agrestes frutas.
De Júpiter fugindo, aqui Saturno
Do Olimpo veio, expulso do seu trono.
Selvagem povo indócil ajuntando,
Legislou, chamou Lácio a plaga antiga,
Onde um latente couto deparara.
No célebre reinou século de ouro,
De justiça e de paz; mas pouco a pouco
Em pior descorou-se a idade nossa,
Raiva belaz surgindo e atroz cobiça.
De Ausônios e Sicanos invadida,
Variou de nomes a satúrnia terra:
De um seu rei, Tibre aspérrimo gigante,
O Albula velho apelidou-se Tibre.
Cá nos confins do pego, expatriado,
A onipotente sorte inelutável,
De minha mãe Carmenta o sério aviso
E Apolo inspirador, me depuseram.”

Progredindo, ele mostra o altar e a porta
Que se intitula Carmental em Roma,
Por memória da ninfa que primeiro
Fatídica os Enêiadas sublimes
E o brilho palanteu vaticinara;
Mostra a mata em que asilo abriu Quirino
Sagaz, e o Lupercal, gélida gruta
De Pã liceu, vocábulo parrásio;
Mostra o Argileto bosque, e atesta e narra

De Argos hóspede a morte merecida.

Dali guia ao Tarpeio, ao Capitólio,
Hoje áureo, outrora de urzes erriçado.
Os campestres então, da rocha e luco
Já com pavor tremiam religioso.
"No cimo, diz, frondente habita um nume;
Qual seja é dúbio: Arcádios creem ter visto
Jove nubícogo a vibrar por vezes
A égide negrejante. Observa aqueles
Dois muros em ruínas; monumentos
São dos varões passados, são relíquias
De Satúrnia e Janículo, cidades
Que o pai Jano e Saturno edificaram."

Do pobre Evandro à casa entanto sobem;
No foro e lauto Bairro das Carinas
Balava o armento. Ao limiar chegou-se:
"De Alcides vencedor foi este o alvergue,
Nesta régia o deus coube. Hóspede, imita-o,
A desprezar atreve-te as riquezas;
Desta míngua de haveres não te enfades."
Calou-se, e leva o herói pela estreitura
Do exíguo teto, e em leito o põe de folhas,
Do espólio de ursa líbia tapetado.
Cai ali-fusca noite e abrange o globo.

Não sem causa, aterrada a madre Vênus
Do cru tumulto e ameaços dos Laurentes,
Carinhosa ao marido amor divino
No áureo tálamo inspira, assim falando:
"Enquanto argivos reis com fogo e ferro
A malfadada Pérgamo assolavam,

Nunca, esposo querido, ajuda ou armas
Roguei do teu lavor, nem quis tua arte
Por miseráveis empenhar debalde;
Bem que eu devesse muito aos Priamidas,
E muito houvesse a Enéias deplorado.
No rútulo país ora o tem Jove:
Mãe, nume augusto, enfim suplico-te armas
Que o protejam. Dobrou-te em pranto a esposa
Titônia, a filha de Nereu dobrou-te:
Olha que povos, que cerradas praças
Em meu dano e dos meus o alfanje amolam."
Aqui recurva a Cípria os níveos braços,
Com mole amplexo afaga o deus remisso;
A nota chama aquece-lhe os tutanos,
Penetra o ardor nos quebrantados ossos:
Como quando estrondoso ignito sulco
Percorre coruscante as rotas nuvens.
A bela o aventa, e cônscia o ardil aplaude.

De eterno amor cativo, então Vulcano:
"Que remotas razões! de mim, ó deia,
Já duvidas? Se igual empenho houveras,
Armáramos os Frígios; não vedavam
O pai sumo e o destino que dez anos
Príamo inda reinasse. E pois desejas
Combater, esmerar-me eu te prometo
No que de ferro e de fundido electro
Possa obrar sopro ou forja. Os rogos cessem,
Confia em teus encantos." E abraçando
A gozosa consorte, em seu regaço
Num suave repouso adormeceu-se.

Do primo sono, ao descair das horas,

Se despertava; e a dona que só vive
Da roca e tênues obras de Minerva,
Suscita as cinzas e sopitas brasas,
Adindo a noite às lidas, e em tarefa
Longa ante o lume as fâmulas exerce,
Por manter ao marido o casto leito
E criar tenros filhos; não mais tíbio,
Da fofa cama salta o ignipotente,
E vai de golpe à férvida oficina.

Junto à Sicânia e Liparis eólia
Se ergue sáxea fumante ilha escarpada;
Lá toa etnéia gruta por ciclópias
Fornalhas carcomida, e em safras malhos
Se ouvem gemer, dos Cálibes as chispas
Rugir e as frágoas resfolgar em ala:
De Vulcano apelida-se Vulcânia.
Dos céus o alto forgeiro aqui descende.

No antro espaçoso o ferro trabalhavam
Nus Piracmón e Estéropes e Brontes.
Nas mãos polido em parte, inda imperfeito,
Corisco tinham, dos que do éter Jove
Crebros joga: três raios de saraiva
Torta ajuntaram, três de aquosa nuvem,
Três de rútilo fogo e de austro alado;
Fulgor terrífico e estampido e medo
Mesclavam-lhe e iras de sequazes flamas.
Rodas leves e o carro outros consertam
Com que homens e cidades Marte excita;
A égide horrível da agastada Palas
De áureas escamas à porfia brunem,
Onde ao seio da deusa enrosca as serpes

E inda olhos vira a Górgona estroncada.

"Fora tudo, lhes clama, etneus Ciclopes,
Deponde esses trabalhos e atendei-me.
Vão-se armas fabricar a herói famoso:
Força agora e primor, destreza e pressa."
Nem acaba, e o serviço eles sorteiam:
Flui ouro e cobre a jorros, e em fornalha
Ampla o aço vulnífico liquesce.
Broquel tremendo formam, só bastante
Contra todos os tiros dos Latinos;
Lâminas sete em orbes o roboram:
Ventosos foles o ar sorvido expelem;
No tanque ao temperar-se o metal chia;
O antro a bramir, os golpes nas bigornas
Braços nervudos em cadência alternam,
Com tenaz pegam, rubra a massa volvem.

Na Eólia enquanto o Lêmnio os aferventa,
A alma luz da cabana a Evandro acorda,
No teto matinais cantando as aves.
Enfia a túnica, as sandálias tuscas,
Ata às plantas o velho; e, a tiracolo
Tegéia espada, lança do ombro esquerdo
E sobraça uma pele de pantera.
Marcham dois cães fiéis, que a porta guardam,
Pós seu dono. Em descargo da promessa,
O ancião buscava o camarim de Enéias,
Que também madrugara e já saía.
A um Palante acompanha, ao outro Acates.
Juntas as destras, no salão do meio
Sentam-se, e francamente enfim se explicam.
El-rei começa: "Ó mor dos frígios cabos,

Livre estás, por vencida eu não dou Troia.
Para um tal nome é fraco o auxílio nosso:
Cá tusco rio, lá me aperta armado
Circunsonando o Rútulo à muralha.
Mas bons guerreiros e opulentos reinos
Aliar-te vou: dos fados conduzido,
Conjunção tens aqui para salvar-te.

Não distante, em vetustos alicerces
De Agila, outrora a brava gente lídia
Fundou cidade nos etruscos serros.
Florente prosperava, até que veio
Mezêncio, mau tirano, a subjugá-la.
Por que assassínios tais e atrocidades
Referirei? Sobre ele e os seus recaiam!
Vivos ligava a mortos, contrapondo
Mãos a mãos (que tormento!) e boca a boca,
E em triste abraço e pútrida sangueira
Nesta agonia longa os acabava.
Lassos porém da infanda crueldade,
Munidos cidadãos cercam-no em casa,
Queimam-na; os vis asseclas lhe degolam.
Da morte escapo, em Ardea(48) achou guarida,
Do hóspede Turno as armas o defendem.
A Etrúria toda, em fúria e justo marte,
Pede insurgida o rei para o suplício.
Vou por-te à frente de milhares destes.
Querendo içar bandeira as popas fremem
Densas na praia: arúspice longevo
As retém profetando: — "Ó flor meônia,
Que, avito brio herdando, o agravo acende
Em mérito furor contra Mezêncio,
Não pode Ítalo algum domar tal gente;

Chefe externo escolhei.” — D’então, confuso
Do anúncio, o tusco exército acampou-se.
Tárchon mesmo enviou-me insígnias régias;
Aos arraiais tirrenos me convida
E o cetro me oferece. Mas velhice
Tarda e frígida inveja-me este império,
E as débeis gastas forças me acobardam.
Suadira o filho, se daqui não fora,
Gerado em mãe sabela. Tu, que a idade,
Que a pátria favoneia, e os céus designam,
Vai, cabo egrégio de Ítalos e Teucros.
Confio-te a só prole, meu conforto,
Minha esperança. A militar contigo
Aprenda e a ter em pouco o márcio peso;
Novel, te observe e admire-te as façanhas,
Dar-te-ei duzentos guapos cavaleiros
De escolha, e iguais te ofertará Palante.“

O Anquíseo, a vozes tais, e o fido Acates
No mesto coração mil duros transes,
Fixos em terra os vultos, pressagiam,
Se não acena do alto Citeréia.
Eis o ar vibrado relampeia e ronca:
Tudo estralar parece e de trombeta
Mugir clangor tirreno. A vista elevam:
Trovão brama e rebrama; em nuvem clara,
Serena a região, pulsadas armas
Veem rutilar toando. Os mais se espantam
Mas o herói, conhecendo o som divino:
“Hóspede, brada, o anúncio do portento
Não me inquiras; o Olimpo me reclama.
Prometeu minha mãe, se a guerra instasse,
Transmitir-me o sinal e pelas auras

Armadura vulcânia. Ah! que de estragos
Ameaça os Laurentinos! Caro, ó Turno,
Mo pagarás! Que escudos, corpos e elmos,
Pai Tiberino, envolverás nas ondas!
Que ora peçam batalha e o pacto quebrem.”

Do sólio aqui se ergueu; sopitas aras
Com teda hercúlea esperta; e alegre o de ontem
Lar busca e humildes hospedeiros divos;
Reses do estilo bianejas mata:
O mesmo faz Evandro e os jovens teucros.
Às naus depois caminha; e dentre os sócios
Elege os mais guerreiros e prestantes;
Outros vão rio abaixo, ao tom das águas,
O que obteve seu pai contar a Ascânio.
Corcéis arreiam para o campo etrusco;
A Enéias um loução: leonino o amanta
Fulvo teliz de auriluzentes unhas.

Veloz no exíguo burgo a nova grassa
De ir a cavalaria às tuscas tendas.
As mães duplicam votos, medra o susto,
Mor o perigo e a lide se afigura.
Na despedida Evandro ao filho a destra,
Lagrimando insaciado, aperta e fala:
“Oxalá que eu tornasse ao vigor d’antes!
Quando, a vanguarda ufano destruindo,
Em Preneste incendiei montões de escudos;
E, remetendo ao Orco o régio Herilo,
Três almas, que ao nascer a mãe Ferônia
Lhe infundira, ó prodígio! este meu braço
Lhas desfez, derribando-o com três mortes,
E o despojei da tríplice armadura:

Então, meu doce filho, do teu lado
Nunca me apartaria; nem Mezêncio,
Às minhas barbas tanto horror cevando,
A viúva cidade funestara.
Mas, vós deuses, tu Júpiter supremo,
Do aflito arcádio rei compadecei-vos,
Prece escutai paterna: se Palante
O vosso nume e os fados mo conservam,
Se hei de vê-lo e aduná-lo, a vida imploro;
Tragarei quaisquer penas: mas, Fortuna,
Se ameaças caso horrendo, agora, agora
Estale a cruel teia, enquanto ambíguo
Temo e espero o futuro, enquanto, ó caro,
Meu só e último gosto, aqui te abraço:
Núncio ingrato os ouvidos não me fira."
Tal neste adeus se exprime e chora o velho;
Desfalecido, os servos o recolhem.

Pelas portas as turmas já despedem,
À testa o herói e Acates, e outros Frígios
Dos mais grados: no centro luz Palante,
De arnês pintado e clâmide vistoso;
Qual, do oceano orvalhada, a estrela d'alva,
A quem sobre os mais astros Vênus ama,
Alteia aos céus a fronte e solve as trevas.
Pávidas mães aos muros, de olhos seguem
Nuvem pulvérea e o bando eri-fulgente.
Por encurtar jornada, espinhais trilham;
Formam-se ao grito, a esboroá-lo bate
Com som quadrupedante a úngula o campo.

Bosque ante o frio Cérite se estende,
Antigo e venerado; o qual circundam

Negros abetos, curvos montes fecham.
Priscos Pelasgos, íncolas do Lácio,
Um dia e o luco é fama que a Silvano,
595 Deus das(49) lavras e gados, consagraram.
Tárchon lá tinha os arraiais seguros;
De uma colina o exército espalhado
Já se descortinava e ao largo as tendas.
Com seus guerreiros se adianta Enéias;
600 Lassos, dos corpos, dos cavalos curam.

A cândida Ciprina os dons pelo éter
Nimboso traz, e ao filho em vale escuso
Retraído enxergando à fresca margem,
Lhe disse rosto a rosto: "Eis os presentes
605 Que engenhou meu consorte: não receies
Laurentes soberbões nem fero Turno
Provocar." Nisto, enreda-se nos braços
Do seu querido, e à sombra de um carvalho
Depôs fronteiro as fulgurantes armas.
610 Gostoso de honra tanta, em si não cabe;
Mira tudo e remira; embraça(50) e apalpa,
Meneia e prova, de terrível crista
O elmo flamívomo, a letal espada;
Bronzi-rija e sanguínea a grã couraça,
615 Qual se aos raios do Sol cerúlea nuvem
Longe esplende e rubeja; as finas grevas
De electro e ouro acendrado, e a cota e a lança,
E a do broquel textura inexplicável.

Nele, o porvir sabendo e as profecias,
620 O artífice gravou de Itália as coisas
E os triunfos romanos, desde Iulo
A estirpe toda, e a série das batalhas.

De Marte em verde gruta ali parida
Loba jaz, e a brincar das tetas pendem
Gêmeos que a chupam sem pavor, e afagos,
Nédia a cerviz dobrando, a mãe reveza,
E os corpinhos lambendo os afeiçoa.

Gravou Roma, e as Sabinas do teatro
Raptas sem modo nos circenses ludos;
Entre os Romúleos e dos severos Cures
Do velho Tácio a disparada guerra.(51)
Depois, da ara de Jove os reis armados,
Posto o certame, tendo em mãos as taças,
Em penhor da aliança a porca ferem.

Perto, opostas quadrigas fustigadas,
Mécio esquartejam; vísceras e membros
(Tu Albano perjuro, a fé guardasses)
Roja Tulo, e os sarçais goteiam sangue.

Lá, para impor Tarquínio expulso a Roma,
Porsena a cerca e oprime: a libertá-la
Contra o ferro os Enêiadas remetem.
Como indignar-se o viras, torvo e irado,
Porque ouse Cocles só cortar a ponte,
E as prisões rompa Clélia e trane o rio.

No cimo, a rocha a vigiar Tarpéia,
Mânlio o templo defende e o Capitólio;
Colmo romúleo o paço novo encrespa.
Argênteo ganso ao pórtico dourado
A esvoaçar dos Galos dá rebate,
Que entre o mato, a favor da opaca noite,
Vinham-se aproximando à fortaleza.

Áureo o crino, áurea a veste, e o saio em listras,
Luzem de áurea cadeia aos lácteos colos;
Cada qual dois rojões alpinos brande,
Com oblongos escudos se resguardam.

Abriu Sálios dançando e nus Lupercos,
Topes lanosos, e do céu caídas
Ancílias: castas mães em moles andas
Guiam pela cidade as sacras pompas.
Longe, o Tártaro abriu, plutônias fauces,
E os castigos da culpa; e a ti suspenso,
Ó Catilina, de um minaz rochedo,
Ante as Fúrias tremendo; e à parte os justos,
A quem rígidas leis Catão ditava.

Também de ouro, a espumar com branca vaga,
Representa o cerúleo inchado plaino;
Delfins de argênteo brilho, às voltas, o esto
Rasgam, de cauda o pélago açoitando.
No meio, êneas armadas, ácias guerras,
Todo a ferver Leucate em marte instruto,
Com o ouro viras fulgurar as ondas.
Cá, n'alta popa, Augusto arrasta aos prélios
Senado e povo, os deuses e os penates;
De ambas as fontes ledo exala flamas;
Na cabeça lhe fulge a estrela pátria,
Agripa lá, propícios vento e numes.
Árduo comanda; e a frota vitoriosa
Rostrada se orna da naval coroa.
Antônio além, ovante com o auxílio
Bárbaro e vário, as forças traz do extremo
Báctro e eoos confins e roxas praias;
Com todo o Egito, ó pejo! segue a esposa.

À uma ruem, se empegam; freme e alveja
O mar dos remos e esporões tridentes.
Crês despregadas Cícladas nadarem,
Montes baterem monte: com tal mole
Instam varões das torreadas popas!
Fachos estúpeos voam, farpas zunem,
Rubra do fresco estrago a azul campina.
Sem ver pós si dois áspides, com pátrio
Sistro anima Cleópatra os soldados.
Contra Palas, Netuno e Vênus, se arma
Com omnígenos deuses monstruosos
O ladrador Anúbis: no conflito
Marte, em ferro entalhado, se embravece;
Do éter as negras Diras, e ufanosa
Marcha a Discórdia, espedaçado o manto;
Com sanguento flagelo atrás Belona.

O áccio Apolo atentando o arco atesa
De cima: de terror o Árabe, o Egípcio,
O Indo, o Sabeu, voltaram todos costas.
Mesmo a rainha parecia os ventos
Invocar, soltar cabos, dar as velas.
Já da futura morte em palor tinta,
Da clade o rei do fogo fez que a tirem
O Iapix e a corrente: mas defronte
Mesto abre o seio, e a veste arregaçando,
Ao verde grêmio e latebrosas fontes
Chama os vencidos o gigante Nilo.

Com tríplice triunfo entrado em Roma,
De Itália aos deuses cumpre os votos César,
Trezentos sagra amplíssimos delubros.
Festa, aplauso, alegria as ruas soam:

Em cada templo um coro há de matronas,
Aras em todos há, perante as aras
Touros imolam, de que a terra juncam.
Sentado ao níveo limiar de Febo,
Reconhece ele as dádivas dos povos,
E dos portais soberbos as pendura.
As vencidas nações longo desfilam,
Tão diversas em língua, em trajo, em armas.
Nômades e Afros descingidos, Cares,
Lelagas, sagitíferos Gelonos
Mulciber esculpira; e já mais brando
O Eufrates, e os Morinos derradeiros,
E os indômitos Daas, e o bicorne
Reno, e da ponte o Araxes indignado.

O herói admira o dom, primor vulcânio;
Da imagem do porvir gozando ignaro,
Dos seus glória e destino ao ombro leva.

LIVRO IX

Entretanto que ao longe isto sucede,
A Satúrnia do Olimpo Íris despacha
A Turno audaz: que em vale e sacro bosque
Do avô Pilumno acaso descansava.
"Turno, a Taumância diz com rósea boca,
O andar do tempo e o ensejo te oferece
Que um deus a prometer não se atrevera:
Deixada a frota e a praça, foi-se Enéias
À palatina corte; e em Córito inda,
Seus confins penetrando, agrestes Lídios
Recruta e apresta. Hesitas? sem demora
Tu carros e frisões demanda, assalta
O confuso arraial." Nas asas presto
Librada, monta às nuvens, onde o ingente
Arco descreve. Ao conhecê-la o jovem,
As palmas exalçando, com tais vozes
A fuginte acompanha: "Íris, das auras
Quem, eterno ornamento, a mim te envia?
Donde esta repentina claridade?
Rasgado o céu, diviso errantes astros:
Quem sejas, por teu mando ao prélio corro."
Nisto, à margem caminha; e, haurindo a linfa
À tona da corrente, aos deuses roga,
De muitos votos carregando os ares.

De auri-bordada veste e corcéis rico,
Já na planície o exército marchava.
Messapo à frente, a retaguarda cobrem
Os Tirridas; no centro, as armas Turno
Sustenta em chefe, e a todos sobreleva:

Tal surge o Ganges, que silente em rios
Sete engrossa: ou, dos agros refluindo,
No álveo recolhe o Nilo a enchente pingue.

Crescendo escuro na campina, os Teucros
Um turbilhão de pó súbito avistam.
De adverso bastião Caíco brada:
"Qual em globo volteia atra caligem?
Arma, arma, sócios, o inimigo avança,
Os muros socorrei." Trancam-se as portas,
Aturde a grita, apinham-se às trincheiras.
Ao partir, ordem foi do sábio Enéias
Que, em sucesso fortuito, não se atrevam
No raso, mas de dentro se defendam:
Bem que à pugna os instigue ira e vergonha,
Encerram-se, e o preceito executando,
No valo e torreões o ataque atendem.

Turno, com vinte insignes cavaleiros,
Transpõe tardia tropa, aos muros voa;
Pluma o adorna vermelha em casco de ouro,
Fouveiro trácio alípede cavalga.
"Quem enceta e a meu lado investe, ó bravos?
Quem?..." E um dardo arremessa em desafio,
À praça árduo se arroja. Os seus o aplaudem,
Atrás dele com frêmito bramando
Horríssono: da inércia frígia pasmam,
De que homens tais combate em plaino evitem
À sombra do arraial. Furioso trota,
Ínvios sítios perlustra e ingresso tenta.
Se alta noite, insidiando o curral cheio,
Uiva na sebe o lobo ao vento e à chuva,
Berram cordeiros ao materno bafo;

Com gana à preia ausente, ele braveja;
Secas de sangue as fauces, longa o anseia
A raiva de comer curtida e junta:
Não com menos violência, ante os reparos
Arde ao Rútulo a dor nos ossos duros;
Por onde e como desaloje os Teucros,
E no campo os derrame, ideia e pensa.
A frota, que às trincheiras abrigada
Ondas fluviais e marachões torneiam,
Invade-a: pega de um flagrante pinho,
Provoca férvido os contentes moços;
Que, do exemplo incitados, arrebatam,
Fachos, tições: enrolam-se nos ares
Cinza e fagulhas, fumo e píceo lume.

Que deus, Musas, livrou do incêndio os vasos?
Quem extinguiu, dizei-me, o fogo horrível?
É prisco o fato, mas perene a fama.

No Ida as naus quando Enéias construía
Para entregar-se ao pélago, assim contam
Que a Jove orara a Berecíntia madre:
"O que, domado o céu, pedir-te venho,
Dá, filho, à tua genetriz querida.
Há muito amo um pinhal, a mim dicado
Nesse gárgaro cimo, umbroso e opaco
De alvares troncos, de alentados bordos:
Leda o cedi para a dardânia frota;
Hoje um temor solícita me rala:
Solve-o; possam contigo as preces minhas,
As naus viagem nem tufão destroce:
Valha o terem nascido em nossos montes."
O que as estrelas gira: "Ó mãe, responde,

Que fado exiges tu para estas quilhas?
Conseguir obra humana imortal vida!
Certo empreender o Teucro incertos riscos!
Tal potência a que deus foi permitida?
Antes, o porto ausônio as que a aferrarem,
Salvo a Laurento Enéias transportando,
A mortal forma desfarei; que sejam
Marítimas deidades algum dia,
E o ponto espúmeo com seu peito rasguem,
Como a Neréia Doto ou Galatéia."
Isto ao jurar, do irmão pela água estígia
E torrentes de pez e atra voragem,
Anui; e ao senho treme o Olimpo todo.

Raia o dia aprazado pelas Parcas;
De Turno a injúria dos baixéis as tedas
Faz que Cibele aparte. Aos olhos brilha
Nova luz, e da aurora em vasta nuvem
Os coros do Ida pelo céu transcorrem;
Aos Rútulos e Troas voz terrível,
Talhando os ares tomba: "Apressurados,
Frígios, não vos armeis por esses lenhos;
Os mares queimará mais fácil Turno
Que os meus sacros pinheiros. Ide soltas,
Ide, Ops vos ordena, equóreas deusas."
Súbito as popas, cada qual das ribas
Cabos rompendo, os beques mergulhados,
Se afundam quais delfins. Do pego, ó pasmo!
Quantas retinha a praia brônzeas proas
Surdem, mudadas em virgíneos rostos,
E vão-se ao largo. Os Rútulos se espantam,
Messapo enfia, turbam-se os cavalos;
Rouco o Tibre, assustado, o passo encolhe.

Só Turno, firme e afoito, anima, exprobra:
"São contra Enéias, grita, esses portentos;
Roubou-lhe Jove o sólito recurso:
Já nem tiros, nem fogo as naus aguardam.
Fechado o mar, vedou-se a fuga aos Teucros,
Falta-lhes o mais orbe; e a terra é nossa,
Mil ítalas nações por nós conspiram.
Nada os fatais oráculos me assombram,
Se de alguns o inimigo ora se jacta.
Basta a Vênus que os seus na pingue Ausônia
Toquem: tenho outro fado, é retalhá-los...
Nefandos! que usurpar-me a esposa querem.
Nem só pene aos Atridas uma afronta,
Nem se arme só Micenas. Suficiente
É cair uma vez: ter já pecado
Sobrara a escarmentar os que inda o sexo
Não entejam femíneo. Esses que estribam
Em valo e fosso, à morte curto empeço,
Em cinza resolvidas as muralhas
De Ílio não viram, por Netuno obradas?
Quem, varões, a tranqueira a ferro escala,
E o trépido arraial comigo expugna?
Não vulcânia armadura, não mil quilhas
Hei mister. Confederem toda a Etrúria;
Não temam do paládio inertes furtos,
Noturnos atalaias degolados,
Ou que no equino ventre nos metamos:
Sitiando às claras, queimarei seus muros.
Nem o hão com Danaos certo e Aqueus bisonhos,
Que Heitor foi por dez anos entretendo.
Gasto o melhor do dia, o resto, amigos,
Refocilai-vos do começo alegres,

E a combater a tento apercebei-vos.”

Manter entanto a cargo tem Messapo
Velas às portas e ao redor fogueiras.
Cabos catorze aos muros põe de guarda,
Com cem soldados cada qual, flamantes
De ouro e purpúreos de lustrosas plumas.
Patrulham, rendem-se, e na relva bebem
De êneos pichéis vasando. Os fogos luzem,
E a folgar se despende a noite insone.
Do valo os Troas vigiando, em armas
Têm-se ao merlões; a medo as portas rondam,
Pontes comunicando e baluartes.
A Seresto e Mnesteu, que ardidos instam,
Foi que Enéias fiou, se urgisse o caso,
Ter cobro em tudo e moderar os moços.
Cada esquadrão por sorte expõe-se aos muros,
E se reveza em postos arriscados.

Era de um sentinela o Hirtácio Niso,
Valente, ágil, perito em dardo e seta,
Que Ida fragueira a Enéias deu por sócio.
Com ele estava Euríalo: um mais lindo
Não houve que vestisse arnês troiano;
Sombreava-lhe o buço intensas faces.
Ternura os une; à lide a par correndo,
Então a mesma porta ambos velavam.
“Euríalo, diz Niso, um deus mo inspira,
Ou quem quer chama deus o ardor que o punge?
A empreender um combate, um feito insigne,
Me excita a mente; inquieta-me o repouso.
Nota a fidúcia: os lumes quase mortos,
Com sono e vinho os Rútulos prostrados,

Reina à larga o silêncio. Ouve o que n'alma
Fermento e cuido: anelam por Enéias
Senado e povo, e quem lhes traga novas
Cogitam; se o meu prêmio te asseguram
(Fique-me a fama), ao pé daquele outeiro
Achar posso o caminho a Palantéia."

Da glória estimulado, absorto o jovem
Impugna o acre amigo: "E tu me enjeitasl
Abandonar-te eu, Niso, em dúbio lance!
Nem tal meu pai, o marcial Ofeltes,
Criou-me em terror graio e troicas lidas,
Nem tal me houve contigo, dês que abraço
Do exímio cabo a sorte. A luz desprezo,
E da que esperas honra em troco a vendo."
Niso então: "Assim Jove, ou deus propício,
A ti me torne ovante, que o teu brio
Não me é suspeito, nem podia sê-lo.
Mas, se algum (riscos tantos considera),
Se algum nume ou revés me descaminha,
Deves sobreviver-me; és tão menino!
Haja, para enterrar-me, quem da pugna
Me subtraia ou resgate; e, se a desdita
Mo tolhe, quem sufrague o ausente corpo
E me adorne um sepulcro. Nem dor tanta
Eu cause a tua mãe, que só das muitas
Seguir-te ousou, de Acesta não curando."
E ele: "Fúteis razões por demais teces;
Não mudo parecer: eia, partamos."
Desperta os guardas, que no posto os rendem,
E com seu Niso ao príncipe caminha.

O Sono pelo globo derramava

O esquecimento e alívio dos trabalhos:
Sós em conselho os generais dardânios,
220 Arrimados ao pique e à sestra o escudo,
Em pleno campo a discutir, pesquisam
Quem a Enéias ou como expediriam.
Niso e Euríalo à pressa, alvoroçados,
Audiência pedem; que o negócio é grave,
225 Nem sofre dilação. Iulo acolhe-os,
E com licença o Hirtácides começa:
"Atendei-nos, Enêiadas benignos;
Por nossa idade não julgueis do intento.
Modorra e vinho os Rútulos sepulta;
230 Sítio azado(52) observámos, onde a estrada
Junto à porta do mar se abre em dois ramos;
Raros os fogos, negro fumo deitam:
Se permitis que o lance aproveitemos,
Enéias cedo cá tereis de volta,
235 Feita grande matança e rica presa.
Não há temor de errar: de escuros vales
Em contínuas caçadas Palantéia
Descobrimos, e o rio conhecemos".

Aqui logo o maduro e anoso Aletes:
240 "Pátrios deuses, de Troia arrimo eterno,
Não quereis extirpar-nos, pois criastes
Em peitos juvenis valor tamanho.
Qual... (nisto, ambos abraça, as destras cerra.
E lhes inunda em lágrimas os rostos)
245 Qual, varões, vos será condigno prêmio
À(53) tanta audácia? O mais gentil vos paguem
Vossa virtude e o céu; depois, Enéias;
E na idade completa nunca Iulo
Deslembre este serviço." — "Antes eu, Niso,

Que em meu pai só me salvo, ajunta Iulo,
Obtesto o lar de Assáraco e os penates,
E o juro aos penetrais da branca Vesta,
Minha fé, minha dita, em vós deponho:
Meu pai restituí-me; ao seu conspecto
Nada infausto haverá. Dois belos copos
De prata e com relevos, que de Arisba
Cativa ele tomou, dois grandes áureos
Talentos ganharás, mais duas trípodes,
E a que Elisa me deu cratera antiga.
E se, a Itália domada, o cetro alcanço
E os despojos partir; viste o cavalo,
Viste o arnês em que Turno campeava?
O broquel nítido, o cocar vermelho?
Serão teus, Niso, do sorteio exemptos.
Doze meu pai te brindará formosas
Mães e crias, escravos doze armados,
E as mesmas lavras que possui Latino.
A ti porém, que em anos me semelhas,
N'alma te abraço e adoto por consórcio,
Venerando menino: em qualquer ponto
Sem ti não terei glória; em paz e em guerra
Ser-me-ás fiel agente e conselheiro."

Eurí alo acudiu: "Nunca estes ausos,
Rode a fortuna próspera ou contrária,
Desmentirei; mas dom maior te imploro:
Minha mãe, do priâmeo prisco sangue,
De Ílio comigo se apartou mesquinha,
Por mim de Acestes enjeitou o asilo;
Não saudada, ignorando esta aventura,
Vou deixá-la; eu não posso com seu pranto,
Por tua destra e pela noite o afirmo:

Rogo-te que a socorras e a consoles
Na penúria e viuvez; se esta esperança
Tenho de ti, com mais denodo parto.”
Abalados os Teucros lagrimavam,
Mormente Ascânio; a imagem da paterna
Piedade o comovia, e assim perora:
“Tudo prometo, que mereces tudo.
Mãe ser-me-á, de Creusa exceto o nome:
A quem tal parto produziu compete,
Seja o evento qual for, mercê não leve.
Por vida minha, pela qual jurava
Meu pai, a tua mãe e aos teus respondo
Por quanto aqui reservo e te asseguro
Para o feliz regresso.” Então, choroso,
Do ombro a lâmina despe, obra mui prima
Do Gnósio Licaon, de punhos de ouro,
Embainhada em marfim. Mnesteu, leonino
Hirto espólio veloso a Niso doa;
Troca o morrião com este o fido Aletes.
Marcham prestes; e às portas, entre votos,
De jovens e anciãos o que há de ilustre
Os conduz: manda ao padre o nobre Ascânio.
Já com viril prudência, avisos cautos;
Que o vento espalha e em auras se esvaecem.

Transpondo os fossos, pela treva em busca
Do inimigo arraial, vão ser primeiro
De exício a muitos. Veem na grama esparsos
Ebri-dormentes corpos; empinados
Na praia os carros; vinhos e homens e armas,
Entre as rodas e os loros, de mistura.
“Amigo, adverte Niso, ânimo! é tempo.
O caminho eis aqui: tu longe atenta,

Não nos deem por detrás, vigia em torno,
Que eu te abro devastando e alargo a trilha.”

Preme a voz, e de espada agride(54) o altivo
Ramnetes, que em felpudas alcatifas,
Solto a roncar, evaporava o sono:
Rei e augur diletíssimo ao rei Turno,
Da mortal peste o agouro não o esquiva,
Três dos seus, que entre as armas jazem néscios,
Fere, e o pajem de Remo e o seu cocheiro
Sob os corcéis deitado: ao talho os colos
Pendem. Corta a cabeça ao próprio Remo,
E em sangue fica a soluçar o tronco,
Do cruor quente a cama e o chão molhado.
Mata a Lamo e Lamiro, e o flóreo e belo
Serrano; que, passada a noite ao jogo,
Ao deus se rende os membros estirando:
Oh! feliz, a jogar se amanhecera!
Tal, da fome esganado, o leão de salto
No redil mansa grei, de susto muda,
Roja, a boca ensanguenta e voraz brama.

Não menor clade Euríalo abrasado
No ignóbil vulgo exerce, e inadvertidos
Salteia Abaris, Fado, Hebeso e Reto;
Reto que alerta espia, e atrás se agacha
De ampla cratera pávido; no erguer-se
Toda a espada enterrou-se-lhe, e dos peitos
Se lhe extrai mais a vida; em ânsias a alma,
Sangue e vinho a golfar, purpúrea exala.
Férvido o Teucro no furtivo estrago,
Já vai-se aos do Messapo, onde a fogueira
Via apagar-se, e em peias os cavalos

Pascer em ordem; quando Niso em breve
(Sentiu nímia a do ferro crua sede):
"Basta, lhe diz, radeia o infenso dia.
Foi sobejo o castigo; a estrada é feita."
Armas de argênteo engaste e argênteas copas
E tapetes lindíssimos perpassam.
Euríalo o jaez toma a Ramnetes
E o cinto auri-tauxiado; que opulento,
Por contrair n'ausência o jus de hospício,
Mandou Cédico a Rêmulo Tibúrcio;
Este ao neto os legando, e o neto em guerra
Morto, o Rútulo os houve. Embalde o jovem
Ao forte ombro os ajeita, e de Messapo
O casco enlaça de gentil cimeira.

Ao irem do arraial se pondo em salvo,
Trezentos cavaleiros adargados
Sob Volscente, no campo atrás deixando
Um corpo instruto, com respostas vinham
De Laurento ao rei Turno. E já propínquos
Ao muro, aos dois lobrigam pelo atalho
Dobrando à esquerda; sob a noite escassa,
O dilúculo no elmo refletindo
Trai o impróvido Euríalo. Volscente:
"Alto! varões, clamou; bem vemos, alto!
Donde, aonde, a que fim marchais em armas?"
Sem boquejar, nas trevas mal fiados,
Para a espessura fogem, mas, cercando-os
Aqui e ali por cógnitas veredas,
Trancam-lhes todo o passo os cavaleiros.
Basto escuro azinhal houve enredado
Com silveiras e espinhos; lá guiavam
Trilhos ocultos e azinhaga estreita:

Empece a Eurílalo intrincada a sombra,
Grave a presa, e o temor de extraviar-se.
Niso escapole, e vai sem tento ao sítio
Que ao depois, de Alba, foi chamado Albano;
Lá seus gados Latino encurralava.
Para, e em redor o amigo em vão procura:
"Eurílalo infeliz! onde encontrar-te?
Onde te abandonei?" Remexe a cata
Falaz perplexa mata, retrocede,
Vagueia em mudas brenhas. Dos cavalos
Ouve o rincho e o tropel, ouve as trombetas,
Nem tarda a ouvir clamor e a ver o sócio,
Que em túrbido tumulto às mãos colhido,
Pelo transvio e pela noite opresso,
Contra o esquadrão inteiro o esforço balda.
Como, com que arma ousar, com que denodo
Libertá-lo? hostis golpes arrostando
Irá ganhar, perdendo-a, eterna vida?
Ei-lo, o braço contrai, sopesa uma hástia,
E olhando a celsa Lua assim lhe implora:
"Dos astros honra, tutelar dos bosques,
Neste aperto, Latônia, tu me ajuda.
Por mim se Hirtaco padre encheu-te as aras,
Se eu do fecho e artesões do sacro teto
Da caça os dons te pendurei, concede
Turbar aquela mó, rege esta lança."
Disse; o corpo esforçando, a farpa atira:
Zimbra alígero hastil noturnas sombras,
No dorso de Sulmon se espeta e quebra,
No pericárdio as lascas se lhe encarnam;
Ele frígido rola, arca em soluços,
Do fundo a borbotar cálido rio.
Olham de espanto em roda; Niso ativo

Libra de sobre a orelha outro arremesso,
Que a Tago as fontes a silvar traspassa,
E adere quente ao cérebro encravado.
Em brasa e atroz, sem ver o autor dos tiros,
Nem por onde acometa, urra Volscente:
"Por ambos vai pagar teu morno sangue."
Despida a espada, a Euríalo se envia;
Niso atônito grita, nem se encobre
Na treva mais, que a dor o não consente:
"A mim o ferro, a mim que tenho a culpa,
Rútulos, convertei: nada ousou este,
Nem pôde, aos céus o juro e aos cônscios astros;
Sim quis muito a um amigo desgraçado."
A tais razões, o estoque iroso as costas
Vara e ao coitado o branco seio rasga;
Tomba Euríalo, em sangue os pulcros membros,
No ombro a cerviz debruça moribundo:
Ao talho assim do arado, falecendo
Murcha a rosa; ou, das chuvas agravada,
O colo inclina a lânguida papoila.
Niso arremete, ao só Volscente busca,
Só quer-se com Volscente; em massa o atacam:
Desenvolto rodeia, e pela boca
No Rútulo bramante esconde o gume
Fulmíneo; a vida arranca-lhe morrendo.
Aberto em chagas, sobre o amigo exânime
Se deita, e expira em plácido sossego.

Par ditoso! terás, se em verso eu valho,
Perpétua fama, enquanto o pai de Roma
O orbe domine, e a geração de Enéias
Do Capitólio habite a rocha imóvel.

A presa, o espólio, o morto os vencedores
Levam chorando. É mor no campo o luto,
Num morticínio achados com Ramnetes
Numa exangue, Serrano e tantos cabos:
Os semivivos corpos e os finados
Contempla a turba, e o chão que da carnagem
Fuma, e em regatos o espumante sangue.
Nos despojos conhecem de Messapo
O elmo, os jaezes com suor cobrados.

Já largando a titônia crócea cama,
Radiava no mundo a prima Aurora:
Turno, difusa em tudo a luz febéia,
Arma-se e arma os varões, e as bronzeadas
Esquadras cada chefe estimulando,
Com rumor vário lhes aguça as iras;
E sobre hastas erectas, insultando-os
Com algazarra, aspecto lastimoso!
Pregam de Niso e Eurílalo as cabeças.

À esquerda os Teucros firmes se postaram,
Que a(55) destra os cinge o rio; estão mantendo
Fossos e torreões, com mágoa as frontes,
Bem conhecidas, contemplando fixas
A estilar negra sânie. A Fama adeja
Pelos pávidos muros empenada,
E de Eurílalo à mãe toa aos ouvidos:
Enfia e gela a triste; a lançadeira
Das mãos lhe cai, e o fio que tramava:
Demente voa, carpe-se ululando;
Entre armas e esquadrões, sobe às ameias,
Sem lhe importar perigo, e os ares parte
Com femíneo queixume: “És tu, meu filho?

Báculo dos meus anos, tu pudeste,
Cruel, negar-me o arrimo? nem, a tantos
Riscos mandado, à genetriz mesquinha
Deste um adeus sequer? Ai! filho, jazes
Preia de aves e cães em terra estranha!
Eu mãe, nem te cerrei funérea os olhos,
Nem as chagas lavei, te expondo envolto
Na teia que lavrava dia e noite,
Consolando os pesares da velhice!
Onde os láceros órgãos, rotos membros,
Onde achar? Isto só de ti me resta,
Peregrinei para isto e afrontei mares?
Se há piedade em vós, morra eu primeira,
Com vossos dardos, Rútulos, varai-me;
Ou, pai supremo, um raio teu me abisme,
Por compaixão, no Tártaro maldito,
Já que a dor não me atalha a infausta vida."
Tudo geme, e o lamento conturbados
Os corações consterna e os entorpece:
Pois que o luto acendia, ao mando e aviso
De Ilioneu e de Ascânio lagrimoso,
Ideu e Actor em braços a recolhem.

Medonho éreo clangor reboa ao longe,
A grita se une à tuba, e o céu remuge.
Conchada a manta, os Volscos se aforçuram
A entulhar fossos, a arrombar tranqueiras;
Tais insistem na brecha ou na escalada,
Por onde a guarnição raleia e em pinha
Menos densa entreluz. Com duros fustes,
Com omnígeno tiro os defensores,
A longo assédio afeitos, os repelem;
Pesadas galgam pedras, por que rompam

A espessa manta, a cujo abrigo o choque
Os de fora sustêm: mas já não podem;
Que, onde o grosso adensava-se, o inimigo
Volve impetuosa mole, que os esmaga
E a testudem separa: em cego marte
Não pugnam mais; intrépidos a dardos
Lançar porfiam da estacada os Frígios.
D'além, torvo e feroz, Mezêncio o etrusco
Pinho e brandões fumíferos sacode;
De frisões domador, neptúnia prole,
Valos destrói Messapo e escadas pede.

Agora tu, Calíope, me ensina;
Lembrai, narrai-me, ó deusas da memória,
Que ruína e pranto fez de Turno o ferro,
Por quem foi cada qual metido no Orco;
Desdobrai-me as da guerra ingentes orlas.

Torre altaneira havia e de árduas pontes
Em lugar próprio: os Ítalos as forças
Por derrocá-la envidam; propugnando-a,
Soltam calhaus(56) os Troas, das seteiras
Despedem frechas mil. Turno o primeiro
Joga ardente lanterna, e afixa ao lado
Flama, que ateia ao vento e em solhos prende,
Rói e agarra aos portais. Confuso e trépido
O tropel dentro em vão se refugia:
Recuam e amontoam-se onde a peste
Não grassa; a torre, desabando ao peso,
Rebenta, e do fragor todo o céu troa.
De seu ferro passados, semimortos,
O amplo destroço os cobre, ou vem de peitos
Sobre o rijo madeiro. Escapa Lico,

E o florente Helenor, a quem Licímnia
Serva ao meônio rei gerou bastardo,
E o mandou, contra o jus, armado a Troia;
Leve, em branco a rodela, inglório esgrime.
De Turno acha-se o moço entre as fileiras,
Aqui e ali de batalhões cercado;
Perecedouro envia-se aos Latinos,
Onde as lanças mais chovem: qual, de bastos
Monteiros acuada, em sanha a fera,
Não ignara afrontando a morte certa,
De um só pulo aos venábulos se arroja.
E Lico, mais ligeiro, entre hostes e armas
Deita a fugir; a ameia quer pendente
Apreender, segurar-se às mãos dos sócios:
Turno à carreira dardejando o acossa,
Vitorioso o invectiva: “O alcance nosso,
Louco! evadir contavas?” Pelas pernas
O aferra, e traz com grã porção do muro:
No surto assim a armígera de Jove
Preia nas unhas lebre ou alvo cisne;
Assim rouba do aprisco o márcio lobo
Anho à mãe, que o reclama em seu balido.

A vozeria ecoa: invadem, fossos
Entupem de faxina; aos altos parte
Achas vibra. Do monte c’um fragmento,
Pedra enorme, Ilioneu prostra a Lucécio,
Que à porta achega fogo: a Emátio Ligro,
A Corineu Asilas, bom na seta
Falaz de longe aquele, este no dardo.
Ceneu derriba a Ortígio, a Ceneu Turno;
Turno a Clônio, Itis, Sagaris, Dioxipo,
Prômulo, Idas, na estância dos cubelos.

Cápis mata a Priverno, a quem Temilas
D'hasta roçara: ao descobrir-se incauto
Apalpando a ferida, ao lado esquerdo
Rápida a letal seta a mão lhe prega,
Dentro os d'alma espiráculos rompendo.
Formoso, em pulcro arnês, de Arcente o filho
Broslada a farda em cerco e de ferrenha
Tinta ibera, o expediu seu pai, que em bosque
Márcio o criara, onde às simétias margens
Ara pingue e placável tem Palico:
Deposta a lança, vezes três Mezêncio
Volteia a funda, zunidora a impele;
E, com líquido chumbo a do contrário
Testa rachando, n'ampla arena o estende.

Consta que Iulo, usado à montaria,
A guerra então provou, com ágil frecha
Rendendo o acre Numano, apelidado
Rêmulo, que à menor irmã de Turno
De fresco se enlaçara; e ante as falanges,
Vociferando infâmias com doestos,
Dessa aliança túmido e orgulhoso,
Anda, e arrogante em gritos bizarreia:
"Não vos peja outro assédio e à morte, ó Frígios
Bi-cativos, trincheira e valo opordes?
Eis os campeões que as bodas nos disputam!
Que deus, que insânia vos lançou na Itália?
Atridas cá, nem fraudulento Ulisses;
Rija estirpe encontrais. No rio e ao forte
Gelo os recém-nascidos roboramos:
Caçam ledos, a mata infantes batem,
Do arco asseteiam córneo, amansam poldros:
Moços, trabalho aturam, comem pouco,

Domam de ancinho a terra, expugnam praças.
Gasta a idade em batalhas, de hasta inversa
Picamos nossos bois; nem torpe as forças
A velhice nos míngua e o vigor d'alma;
O elmo nos preme as cãs; recentes presas
Nos praz sempre acarrear, viver de roubos.
Trajais múrice ardente, em cróceas galas
Amoleceis; agradam-vos coreias,
Laços nas coifas, túnicas de mangas.
Frígias, não Frígios, pelo Dindimo ide;
À tíbia afeitas bíssona, esses gládios
A homens largai: da Berecíntia o buxo
Ideu vos chama, e adufes e timbales."

Pragas, jactâncias, não lhas sofre Ascânio:
De frente ajusta a seta ao nervo equino;
Encurva as pontas, e detido a Jove
Implora humilde: "Onipotente padre,
Anui à nova audácia; eu dons solenes
Te ofertarei no templo, e ante os altares
Branco novilho de dourada fronte,
Que à mãe se iguala e entona-se, remete
Já de corno e de pés a areia esparge."
Do céu sereno, à esquerda, o rei troveja:
O arco estala mortífero, e despede
Horríssono farpão, que as fontes cavas
De Rêmulo atravessa. "Vai, moteja
Do dardânio valor. Dos bi-cativos
Esta a resposta às rútulas bazófias."
Não mais Ascânio; o teucro aplauso estronda,
Fremem de gosto, exaltam-no às estrelas.

De cima a deus crinito, em lata nuvem

Sentado, olhava o exército e a cidade,
E ao vencedor menino: “Em brios, disse,
Medra, Iulo; assim, garfo e tronco divo,
Se monta aos astros: no porvir, das guerras
O jus terá de Assáraco a prosápia;
Tu não cabes em Troia.” A tais palavras
Do éter se atira, e as viração talhando,
A Ascânio busca; transformou-se em Butes,
De Anquises pajem, seu leal e antigo
Porteiro mor, acrescentado em aio
Do filho por Enéias. Ia Apolo
Semelhando-o na voz, tez, cãs, e em armas
Sevi-sonoras; e ao fogoso aluno:
“Baste, Enêiada; impune ao grã Numano
Frechaste; belo ensaio! a Febo o deves,
Que não te inveja em feitos o emparelhes:
Mas poupa-te, menino”. Aqui, despindo
Mortal aspecto e no ar se esvaecendo,
Na fuga o deus aos próceres mostrou-se,
Que sentem chocalhar na aljava as setas.
Por mando pois de Febo o ávido moço
Coíbem do conflito, e a ele tornam,
Metendo a vida em manifestos riscos.
Muros, baluartes o alarido afunde.
O arco atesam robusto, amentos libram,
Juncam dardos o solo; escudos e elmos
Rugem do atrito; endura-se a peleja:
Tal de ocíduo aguaceiro o chão verberam
Os cabritos nimbosos; tal graniza
No mar, quando o Tonante horrendo esguelha
Austral procela e despedaça as nuvens.

Pândaro e Bícias, de Alcanor progênie,

Que, a abetos do seu monte iguais, criou-os
No ideu bosque de Jove a agreste Hiera,
A porta abrem que Enéias cometeu-lhes,
E afoitos o inimigo desafiam.
Dentro, em face das torres, de aço e malha,
De altas plumas, à destra e à sestra luzem:
Qual, nas margens do Pado ou nas que ameno
O Atesis rega, gêminos carvalhos,
Intonsos desferindo aéreos topes,
Verde a coma balançam. Livre a entrada,
Os Rútulos investem. Já Quercente,
Tmaro assomado, Equícolo galhardo
E o márcio Hemom as tropas retraíam,
Ou junto ao limiar as vidas punham.
Ceva-se e cresce a raiva, e em globo os Teucros
De fora ousam travar renhida pugna.

Turno, que alhures bravo estrói e arrasa,
Soube que, franco o acesso, os Teucros fervem
Do fresco estrago; e, indômito bramindo,
O ataque larga, e à porta rui Dardânia
Contra os feros irmãos: topando abate
A Antífates audaz, que uma Tebana
Ao grã Sarpédon engendrou furtiva:
O ítalo córneo dardo os ares frecha,
Rasga-lhe o estômago e o profundo peito;
Verte a negra ferida espúmeas ondas,
E no pulmão varado o ferro aquece.
A Méropo e Erimanto e Afídno prostra;
Prostra a Bícias, fremente e de ígneos olhos,
Não com dardo, que o dardo inútil fora,
Mas fulgúrea falárica rechina,
Bote a que dois não bastam couros táureos,

Fiel dupla loriga de ouro e escamas;
O chão da queda geme, e o corpo enorme
Sobre o imenso pavês se estira e toa:
Qual, em Baias eubóica despenhado
Sáxeo pilar, com mole ingente erguido,
Cai no golfo arruinando e em vaus se acrava;
Túrbido o mar, remexe areia e lodo,
Treme a alta Prochita, Inarime ecoa,
Covil duro a Tifeu por Jove imposto.

Fuga e atro medo aos Teucros infundido,
Marte aos Latinos o acre ardor aviva;
Que, dado o ensejo, intrépidos concorrem,
E o deus armipotente embebem n'alma.
Ao ver o irmão por terra, o angusto caso
E má fortuna, Pândaro a couceira
Torce, à porta arrimando os ombros largos;
Mas, fora em transe amaro os seus deixados,
Recolhe uma torrente de inimigos:
Néscio! em Turno impetuoso não repara,
Que entre a chusma na praça está metido,
Como entre gado imbele imano tigre.
De olhos corisca, horrendo as armas soam;
No cimo a tremular sanguíneas cristas,
Áscuas fuzila o escudo. A catadura
Conhecem logo do membrudo chefe
Turvados Teucros, e o gigante pula,
Férvido e iroso da fraterna morte:
"Esta a régia dotal não é de Amata,
Nem de Ardea o pátrio muro a Turno encerra;
Vês hostis arraiais sair não podes."
Turno sorri tranquilo: "Anda, se és homem,
Vem combater; e a Príamo refiras

Que outro Aquiles achaste.” Aqui sacode
Com suma força Pândaro escabrosa
Lança de ásperos nós; que, no ar frustrada,
Por Satúrnia, retorce e o portal ferra.
“Pois da arma que manejo não te eximes;
É diferente o golpe e a mão que o vibra.”
Ei-lo, se alça nos pés, roda o montante;
E, as têmporas partindo e impubes queixos,
A cutilada a fronte escacha em duas.
Do abalo a terra estronda: ali, morrendo,
Os frouxos membros roja e dos miolos
O arnês cruento; por igual fendida,
De um ombro e do outro pende-lhe a cabeça.

De assustados o dorso os Teucros viram;
E, romper a estacada se ocorresse
Ao vencedor e introduzir os sócios,
Nesse dia findara a guerra e Troia;
Mas crua ardente sede o arrasta e cega.
A Sagaris jarreta e a Giges logo,
Hastas que saca aos fugitivos darda,
E Juno a persegui-los o acorçoa.
A Halis e pela adarga a Fegeu crava;
Tronca a Noemom, Pritanis, Hálio, Alcandro,
Que ínscios no muro o assalto rechaçavam.
Estribado à trincheira, destro o gládio
Brande a Linceu, que investe e auxílio clama;
A cabeça de um talho cerceada
Longe com o elmo jaz. Terror das feras
De um revés tomba Amico, sem segundo
No ervar a frecha e empeçonhar o ferro;
Mais o Eólides Clício, e Creteu vate,
Caro às musas; Creteu, cujo gosto era

Tender acorde os nervos do alaúde,
Armas cantar, varões, corcéis, batalhas.

À nova do destroço, ardido acode
Com Seresto Mnesteu, que dentro encontram
O inimigo, e os consócios derrotados:
"Onde, brada Mnesteu, fugis, Troianos?
Que outros muros tereis, que outra guarida?
Um só homem, fechado em vossa estância,
Faz impune tamanhos morticínios?
Tantos guerreiros precipita no Orco?
Sem pejo do rei nosso e nossos deuses,
Não vos instiga e move a pátria mesta?"

Isto os alenta e inflama, em mó carregam;(57)
E Turno, em retirada, a parte busca
Pelas águas cingida: a grandes brados
Com mais vigor o acossa o tropel todo.
Se a leão truculento de azagaias
Vexa a turba, aterrado e acerbo olhando
Recua; nem dar costas lhe consente
Ira ou valor, nem ousa, embora o anele,
Acometer zargunchos e monteiros:
Não de outra forma Turno, dúbio e lento,
Retrocede, estuoso e furibundo;
Invadiu mesmo as hostes vezes duas,
Duas as pôs em fuga e debandada.
Mas já num corpo o exército se apressa:
Nem a própria Satúrnia a mais se atreve;
Que o soberano irmão lhe mandou Íris
Com ordens pouco brandas, se insistindo
Seu valido as muralhas não despeja.
De um chuveiro de lanças molestado,

Nem braço nem broquel já basta ao jovem:
O elmo em torno estrepita e crebro tine;
O éreo sólido arnês abolam pedras;
Desmanchado o cocar, desfeita a malha,
Dobram-lhe os tiros, golpes lhe amiúda
O fulmíneo Mnesteu. Revê dos poros
Largo suor e píceo arroio mana;
Egro respira, o fôlego açodado
Lhe agita os lassos membros. Todo em armas
No flavo Tibre se atirou de um salto;
Mansa a veia o recebe, ufano o leva,
E da matança puro aos seus o entrega.

LIVRO X

De par em par o onipotente Olimpo,
Concílio o pai divino e rei dos homens
Chama à sidérea corte; excelso as terras
Fita e o campo troiano e os lácios povos.
Sentam-se; ele nas salas bipatentes
A mão tomou: “Celícolas egrégios,
Por que, mudados, contendeis iníquos?
Vedei guerra entre os Ítalos e os Frígios,
E revéis a soprais? Que medo uns e outros
Compele às armas e provoca o ferro?
Não vos antecipeis, que em Roma altiva
Um dia soltará Cartago fera
Exício grande e os devassados Alpes:
Ódios então permito e o saque e os prélios;
Quero hoje paz, condescendei comigo.”

Breve Júpiter foi; mas Vênus linda
Não breve o contestou: “Poder eterno
De humanos e imortais (pois que outro apoio
Implorar devo?), a rútula insolência
Notas, padre, e o ruído com que Turno
Campeia túmido em propício marte:
Valo ou muralha os Frígios não resguarda;
Dentro e nos bastiões pelejas travam;
Sangue os fossos inunda. Ausente Enéias
O ignora. O sítio nunca mais levantas?
Ílio nascente os inimigos forçam;
Outro exército avança, e de Arpo etólia
Ameaça os Teucros outra vez Tidides.
Certo me aguardam, penso, outras feridas;

Mortais armas receio, eu prole tua.
Se a teu pesar estão na Hespéria os Troas,
Não mos ajudes, seu delito expurguem;
Se lei cumprem superna e a voz dos manes,
Como inda há quem transverta as ordens tuas
E reforme o destino? As naus combustas
De Erix na praia, o rei das tempestades
Cabe alegar na Eólia concitado,
E Íris do céu baixando? Ora até move
(Restava este recurso) o mesmo inferno,
De chofre acima remetendo Alecto,
Que a debacar a Itália contamina.
Já de impérios prescindo: isso esperámos
Em melhor quadra; vença quem te agrade.
Se, dura aos nossos, tua esposa nega
Na terra um canto, pelo exício de Ílio
Fumante obsecro, do conflito o neto
Incólume apartar me outorga, ó padre.
Bote-se Enéias por ignotos mares
À mercê da fortuna: eu valha ao menos
De ímpio combate a subtrair Ascânio.
Tenho Idálio, Amatunta e a celsa Pafos,
Mais Citera, onde obscuro imbele viva:
Deixa que Tiro atroz a Ausônia oprima;
Ele nada obsta ao púnico domínio.
Que monta que, evadido à peste argiva,
Das chamas se livrasse? que, em demanda
Da recidiva Pérgamo, os perigos
De imenso mundo e pélago exaurisse?
Por que sob pátrias cinzas não ficaram?
Míseros, peço, os rende ao Xanto e Símois:
Tornem, padre, a versar de Troia os casos.”

Juno régia, o rancor não mais contendo:
“Pois a romper e a divulgar me obrigas
A silente ima dor? Que deus ou que homem
Fez que a Latino o sorrateiro Enéias
Hostilizasse? À Itália, fado seja,
Foi-se a impulsos das fúrias de Cassandra:
Nós o forçamos a largar a praça,
A vida entregue aos ventos? a um menino
Confiar o comando? a fé tirrena
E a paz turbar dos povos? A tais faltas
Qual nume o arrasta, qual dureza nossa?
Íris baixou do céu, entra aqui Juno?
É mau que Ílio nascente as flamas cinjam,
E ao país ame Turno, o de Venília
Deusa nado o tresneto de Pilumno:
Que importa que atro facho Ílio sacuda,
Subjugue o Lácio, alheios(58) campos tale?
Que sogros fraude, a noivos tire noivas?
Que armas nas popas fixe e o ramo arvore?
Roubar da aquiva garra o filho podes,
Por vã névoa trocá-lo; a frota em ninfas
Tu podes converter: um pouco a Turno
Socorrermos é crime. Enéias tudo
Ausente ignora: pois ignore ausente.
Que! tens Pafos, Citera, Idálio; e tentas
Um chão de guerras prenhe e a peitos feros?
Nós de Ílio os débeis restos subvertemos,
Ou quem míseros Troas contra os Gregos
Açulou? Foi por nós que o rapto armado
Solvera de Ásia e Europa as alianças?
Que o Frígio adúltero expugnara Esparta?
Eu lides fomentei com paixões torpes?
Teu medo então convinha: tarde surges

95 Com injusto queixume e fútil bulha.”

Juno orava; os celícolas sussurram
Com vário assenso, qual primeiro os sopros
Na mata a murmurar volteiam cegos,
Anúncio da procela ao marinheiro.

100 Do árbitro poderoso ao grave acento,
Cala a diva morada, o ar sumo cala,
Nos eixos treme a terra, amaina o pego,
Zéfiros sossegando: “Ouvi-me, e n’alma
A sentença imprimi. Já que é defeso
105 Teucros e Ausônios congraçar, nem finda
Vossa discórdia, esperançoso corra
Seus fados cada qual, desde hoje trato
Sem diferença a Rútulo ou Dardânio;
Quer à Hespéria nocivo ature o assédio,
110 Quer por erro de agouro em mal de Troia,
Jogado o lanço foi: rei justo às partes,
Júpiter os destinos não desliga;
Estes rumo acharão.” Pela do estígio
Irmão pícea torrente e negro abismo
115 Jura, e ao nuto estremece o Olimpo todo.
Fecha o concílio: ergueu-se do áureo trono;
E ao limiar os deuses o acompanham.

Insta o Rútulo entanto à roda e às portas,
Mata, incendeia, estraga. Atém-se aos valos
120 A encerrada legião, sem mais refúgio:
Rara os muros coroa, e as torres altas
Ah! mal guarnece. À testa Ásio Imbracides,
Os Assáracos dois, o Hicetaônio
Timetes, e Castor e o velho Timbris

Estão; mais Claro e Hemom da nobre Lícia,
De Sarpédon germanos. Grã penedo,
Viva lasca do monte, Acmom Lirnéssio
Deita às costas, e iguala a seu pai Clício
E a Mnesteu seu irmão no esforço e arrojo.
Com zagaias, com pedras se defendem;
Remessam fogo, ao nervo adaptam setas.
Da Cípria ânsia e cuidado, ali no meio
Brilha sem casco o belo adolescente;
Na cerviz láctea o crino desparzido,
Mole círculo de ouro o ata e apanha:
Dest'arte, em fulvo engaste a gema adorna
Fronte ou colo, e embutida ebúrnea peça
No orício terebinto ou buxo esplende.
Viram-te, Ismaro, as gentes valorosas
Despedir frechas de veneno armadas,
Garfo brioso da Meônia fértil,
Onde agros o Páctolo irriga de ouro.
Mnesteu não falha, a quem sublima a glória
De haver a Turno da bastida expulso;
E Cápis, de quem teve o nome Cápua.

Da guerra o cargo repartiu-se entre eles;
De volta, rasga o herói noturnas vagas.
De Evandro assim que passa ao rei da Etrúria,
Quem era expôs, a que ia, em que é prestante;
Quanto auxílio granjeia o cru Mezêncio,
Quão violento o rei Turno, quão falível
A sorte humana; e preces intermeia:
Tárchon alia sem demora as forças,
E os pactos fere. Solto o fado, os Lídios
Com chefe externo, por querer divino,
Se embarcam. Vai diante a popa enéia,

Frígios leões ao beque, e na bandeira
O Ida, enlevos dos prófugos Troianos.
Sentado Enéias, volve em si tão vários
Eventos; e Palante, à sestra, inquire
Já do sidéreo curso e opaca noite,
Já dos trabalhos dele em mar e em terra.

Abri-me o Helicon, Musas; descantai-me
Que tusca multidão, munindo os lenhos,
Vogue na azul campina. Após Enéias,
Mássico bem na Tigre eri-chapeada,
Com bravos moços mil de Clúsio e Cosas,
De arco letal ao ombro e de polido
Sagitífero coldre. O brusco Abante
A par, a gente relumbrava(59), e à popa
Dourado Apolo: Populônia madre
Mancebos destros lhe fiou seiscentos;
Trezentos Ilva, de metal calíbio
Fecunda ilha inexausta. O mago Asilas,
A quem o humano e o divinal descobrem
Astros, fibras de reses, línguas de aves
E o pressago fulgor, conduz terceiro
De hastatos mil espesso horrendo bando;
Que lhos subordinou, de alféia origem,
Pisa etrusca. Pulquérrimo, em cambiante
Arnês afoito e em seu corcel, trezentos
Astur ajunta (um mesmo ardor em todos)
Na pátria Cérete, em miniônias margens,
Pestífera Gravisca e Pirgo-Vedra.
Não te omito, ó Ciniras, belacíssimo
Rei da Ligúria; e a ti, que poucos mandas
E hás no tope, Cupavo, císneas penas:
Foi culpa aos vossos a amizade, a insígnia

É da paterna forma. Cicno, contam,
Saudoso de Faeton, quando entre choupos,
Das irmãs deste à sombra, o amor em nênias
E o luto consolava, em brandas plumas,
Qual velho encanecendo, ao céu cantando
Se elevou. Na companha iguais penachos,
Rema o filho alta nau, donde um centauro
Árduo com pedra enorme acena às águas,
Arando o buco longo o plaino equóreo.
Também da pátria move as turmas Ocno.
Prole da vate Manto e um tusco rio,
Que o nome da mãe deu-te e muros, Mântua;
Mântua, rica de avós, não de uma estirpe,
De tribos três, por tribo quatro cúrias,
És cabeça, e te alenta o sangue etrusco.
Dali contra Mezêncio, em pinho infesto,
Do pai Benaco o Míncio, de arundíneo
Verdoengo véu, despeja mais quinhentos;
Auletes sério os guia, e vira e açoita
De árvores cento o mármore espumoso:
Trá-lo imano tritão, que os vaus cerúleos
A búzio aterra, humano híspido o rosto,
De ceto o imerso ventre, ao semifero
A vaga sob o peito alveja e estoura.

O tétio sal com bronze, em baixéis trinta,
A pró de Troia cabos tais retalham:
A alma Febe, o Sol posto, meio Olimpo
Já no carro noctívago atingia.
O cauto Enéias, sem dormir cuidoso,
Prossegue dirigindo o leme e as velas:
Eis um coro de ninfas lhe aparece,
Naus suas que a benéfica Cibele

Deusas do ponto fez; a nado o sulcam
Tantas emparelhadas, quantas éreas
Proas retinha a praia, e apercebendo
A seu senhor, com danças o circundam.
Atrás Cimódoce, a melhor falante,
Na destra a popa tendo, alteia a espádua,
Sorrema com a esquerda as ondas mudas;
Ignaro o adverte: "Enéias, tu vigias?
Vigia, ó divo, ao pano escotas larga.
Do cume sacro ideu somos teus pinhos:
Do Rútulo a perfídia a ferro e fogo
Nos apertava, e amarras nós invitas
Quebrando à pressa, em tua busca andamos;
Que em fluctícolas deusas compassiva
Aviventou-nos Réia. Ascânio, saibas,
Dos rojões do latino feio marte
A custo se defende; já da Arcádia
Junta a cavalaria ao Tusco estrênuo(60)
Postou-se onde marcaste, e firme a que eles
Se aproximem da praça opõe-se Turno:
Sus, na alvorada a l'arma soar manda;
O invicto escudo embraça de orlas de ouro,
Primor do Ignipotente. Em mim se creres,
Será crástina a luz espectadora
De rútula estupenda mortualha."
Então, não peca no mister, a popa
Celsa empurrando, pelas ondas foge,
Ligeira como a frecha ou leve xara:
As mais também. Estupefato o Anquíseo,
Contudo anima os seus com tal presságio,
E ora curto, encarando o azul convexo:
"Divina genitriz, que as torres presas,
Leões cangas e enfreias; pois me induzes

À guerra, ó Dindimene, o agouro aspira,
Com pé vem protetor, assiste aos Frígios".
Al não disse; e, à carreira o Sol tornando,
Com lume já maduro espanca a treva.
Logo Enéias, bandeiras despregadas,
Arma, apresta, acorçoa. D'alta popa
Seus arraiais contempla, e ao braço esquerdo
Exalça o ígneo broquel. Do muro os Teucros,
Voz em grita (a esperança esperta as iras)
Jaculam tiros: quais sob um nublado
Grasnam estrimónios(61) grous, que a Noto esquivos,
Dando ledos a senha, os ares tranam.

Turno e os seus o estranhavam, té que enxergam,
Popas voltas à praia, o mar coalhando,
A frota prolongar-se. Arde a celada,
Lampeja a Enéias o cocar, do escudo
O diamante flamívomo centelha:
Lúgubre assim rubeja em lenta noite
O sanguíneo cometa; ou, sede e morbos
Dardejando aos mortais, fervente Sírio
Com funesto luzir contrista o pólo.
Nada esmorece a Turno; apoderar-se
Da praia intenta e obstar ao desembarque.
Incita, exorta: "O ensejo desejado
Ei-lo, varões; obrai, que o marte mesmo
Se vos entrega: esposa e lar vos lembrem,
Lembrem-vos pátrios feitos gloriosos;
Acorramos à borda e os encontremos,
Trépido o passo enquanto lhes vacila:
Audazes a fortuna favorece."
Nisto, elege os que o sigam nesta empresa,
Outros incumbe de manter o assédio.

Já lá das popas lança o Teucro pranchas.
Tais à espera do lânguido refluxo,
Tais os remos fincando, aos baixos pulam.
Onde nem brotam vaus, nem rechaçada
Remuge a onda, mas se alisa mansa
Do fluxo no montar, observa Tárchon;
Rápido as proas vira, e aos nautas insta:
"Picai voga, eia, alçai-vos, gente forte,
Impeli-me os baixéis; que os rostros fendam
O solo hostil, e sulco se abra a quilha.
É nada o naufragar, se pojo em terra."
Ele ordena, e estribando ao remo investem;
Os barcos a espumar direito abicam,
Até que, os esporões em seco varam,
E ilesos cascos assentaram, menos
A tua popa, Tárchon; pois de iníquo
Dorso encalhada pende, um tempo nuta,
Maretas cansam-na, e desfeita vasa
N'água a turba varonil(62), que fraturados
Bancos e remos à matroca impedem,
E a ressaca a repulsa e os pés lhe embarga.
Nada ignavo, o acre Turno contra os Frígios
A hoste arremessa toda, e a praia ocupa.

Toca à degola. Enéias fausto a enceta
Sobre o agreste esquadrão; rompe os Latinos,
Morto o maior. Teron, que ousa arrostá-lo:
Penetrando o éneo escudo e auri-escamosa
Túnica, a espada lhe embebeu na ilharga.
Seu ferro a Lichas prostra, que a ti sacro,
Febo, da extinta mãe sacado infante,
Pôde no ferro escapar. Não longe o duro

Cisseu derriba e o corpulento Gias,
Que a turmas esmagavam: não lhes presta
Clava, nem pulso hercúleo, e o pai Melampo,
Sócio nos transes do lidado Alcides.
A Faron, que jactâncias vocifera,
Na boca um dardo retorcendo enfia.
E tu, pobre Cidon, que ias trás Clício,
Teu novo gosto, em cujas faces punge
Lanugem loura, à troica mão caíras,
Quite do insano amor que aos jovens tinhas;
Se em mó, de Forco nados, não saíssem
Irmãos sete que arrojam sete lanças:
Parte, as rebate o escudo e o capacete;
Parte a soslaio o alcança, e as torce Vênus.
"Hastas, Enéias brada, hastas, amigo,
Das que em Troia preguei no corpo aos Gregos;
Aos Rútulos nenhuma irá frustrânea."
Pega uma ingente, que a voar a adarga
Brônzea a Meon traspassa e a malha e os peitos.
Corre Alcanor, sustenta o irmão que tomba:
O lagarto lhe encrava outro arremesso,
Que progride(63) cruento; e pelos nervos
Da espádua o braço moribundo pende.
Eis do irmão Numitor a farpa arranca,
E a revira ao herói; mas não lhe coube
Tocá-lo, e a coxa ao grande Acates roça.

Clauso de Cures, no verdor fiado,
Lá vibra a Dríope um zarguncho rijo
Sob o queixo, e lhe tronca a fala e a vida,
Rota a goela; em terra a testa bate,
E a boca lhe vomita em grumos sangue.
Destroça vário a Traces três, prosápia

De Bóreas digna, e a três de ismara pátria,
Que Idas padre enviou. Com seus Auruncos
Acode Haleso; acode o éqüite insigne
Messapo de Netuno: ora uns, ora outros,
No umbral da Ausônia a combater, se expelem.
No espaço a pleitear discordes ventos,
Em força e ânimo iguais, entre si lutam,
Nuvem nem mar cedendo; e renitentes,
Dúbio a durar o prélio, a tudo afrontam:
Dest'arte os Frígios travam-se e os Latinos,
Pé com pé, rosto a rosto, arca por arca.

Palante alhures, onde ampla torrente
Seixos rola e arvoredos extirpados,
Vendo os Árcades seus, que, se apeando
Pelo áspero terreno, desafeitos
À pedestre contenda, ao sequaz Lácio
Voltam costas; segundo as ocorrências,
Roga, invectiva, os brios reacende:
"Fugis, irmãos? por vós, por vossos feitos,
Pela do caro Evandro invicta glória
E a que nutro esperança de emulá-lo,
Não confieis nos pés: que a ferro entremos
Por onde espesso engloba-se o inimigo,
Alto a Palante e a vós prescreve a pátria.
Não divos, são mortais que a mortais urgem;
Mãos também e almas temos. Golfo imenso
Nos obsta; à fuga terra já nos falta:
Buscaremos o pego ou teucros muros?"
Cessa, e por densos batalhões prorrompe.
Lago, ó desgraça! o topa; e, enquanto lasca
Pesada rocha, de través Palante
Finca-lhe, onde o espinhaço as costas parte,

E extrai a choupa aos ossos aderente.
Cuida Hisbon surpreendê-lo; e quando, cego
Do cruel fim do amigo, em fúria salta,
No inchado bofe o herói some-lhe o estoque.
Vai-se depois a Sténelo, e à de Reto
Vetusta raça, Anquémolo, que o toro
Da madrasta incestou desaforado.
Timbro e Larida, o pó mordestes gêmeos,
Dáucia prole simílima e indistinta,
Aos pais erro suave: o gume arcádio
Vos pôs duro descrime; a ti cerceia,
Timbro, a cabeça; e a destra mutilada,
Larida, a procurar-te, o ferro aperta
Nos semiânimes(64) dedos palpitantes.

A voz do chefe, o exemplo, dor, vergonha
Os Árcades inflama, que arremetem.
Mata o moço a Reteu, que em biga, ó nobres
Irmãos Tires e Teutras, vos fugia:
A Ilo, a quem salva o espaço, longe atira
Válida hasta, que em meio a Reteu colhe;
Do carro ao chão resvala, e semivivo
Calca e percute a rútula campanha.
No estio, ao sopro de anelantes ventos,
Quando em selva o pastor semeia incêndios,
No âmago lavram e hórridos propagam
Em largo plaino exércitos vulcânios;
Ele altivo contempla ovantes chamas:
Os teus para ajudar-te assim, Palante,
Unem-se em feixe. O ardido Haleso contra
Rui, na armadura envolto: imola a Feres,
Demódoco e Ladon; seu talho a destra
A Estrimônio decepa, que ao pescoço

Leva-lhe a adaga; a seixo o crânio a Toas
Racha e esmigalha o cérebro sanguento.
Pressago o pai de Haleso o teve em brenhas:
A Parca o preia e sagra à lança evândria,
Solvendo ao velho os desmaiados lumes;
Palante o agride(65), orando: "Ó Tiberino,
O remessão que libro, alado o emprega
Do atroz varão no seio: um teu carvalho
Terá dele os despojos e estas armas."
O deus o ouviu; que Haleso ao bote certo,
No cobrir a Imaon, descobre o lado.

Lauso, um pilar da guerra, os seus não deixa
De um tal golpe assustar-se: a Abante oposto,
Do combate eixo e nó, destrói; prosterna
Tuscos, Arcádios; nem vos poupa, ó Troas,
Poupados por Argeus. Travam-se, em cabos
E em força iguais; baralham-se as fileiras;
Os tiros e o manejo o aperto empacha.
Cá Lauso se afervora, além Palante,
Ambos equevos quase, ambos formosos;
Mas a pátria rever lhes nega o fado:
Não quis do Olimpo o rei que às mãos viessem;
Mor inimigo talhará seus dias.

Eis, da irmã por conselho, em veloz coche
Turno, a Lauso acudindo, as filas corta:
"Parai, sócios; recebo eu só Palante,
Palante a mim se deve: oh! se aqui fora
Testemunha seu pai!" Cedem-lhe o passo:
Admira o moço a obediência pronta,
Mede ao soberbo o talhe formidável,
Rodeia ao longe a furibunda vista,

E ao tirano responde: “Ou morte nobre,
Ou vai despojo opimo honrar meu nome;
Sorte igual a meu pai: não feros, obras!”
Falando ao plaino marcha: coalha o sangue
Nos corações arcádios. Pula Turno
Da biga, a pé remete; imagem própria
Do rompente leão que ao touro voa,
A quem de alto covil descobre em lutas
No prado a meditar. Ao crê-lo a tiro
De hasta, avança Palante; a audácia invoca
No desigual partido, e ao céu recorre:
“Se hóspede, Hércules, foste à pátria mesa,
Na ação me assiste; eu rubras tire as armas
A Turno semimorto; olhe penando
Seu vencedor no bocejar supremo.”
Alcides o escutou; fundo ai comprime,
Vãs lágrimas vertendo. Ao filho Jove:
“Cada qual, diz benigno, tem seu dia;
A vida é breve e irreparável tempo;
Mas rasgos de virtude a fama exalçam.
Quanta em Ílio caiu divina prole!
Té Sarpédon meu sangue! À meta chega
Turno também, e o chamam já seus fados.”
E foi do Lácio desviando os olhos.

Já teso a lança vibra, e da bainha
Palante puxa a lâmina fulgente:
De voo a ponta encaixa onde a espaldeira
Pega o braçal; do escudo as orlas passa,
Do ombro ao Rútulo ingente a cútis fere.
Turno pujante aqui de choupa aguda
Sopesa um roble, e grita: “Vê se o nosso
Rojão melhor penetra.” E a coruscante

Farpa o broquel de férreas e êneas pranchas,
De couro táureo em dobras reforçado,
Rasga, os empeços da loriga fura
E o peito heroico. Embalde a quente choupa
Do rombo extrai: em sangue a alma esvaindo,
Por cima ao revoltar-se da ferida,
Sobressoam-lhe as armas, e expirando
A boca o solo hostil beija cruenta.
Salta-lhe ao corpo Turno: "Árcades, grita,
Não vos esqueça a Evandro o referi-lo:
Qual mereceu, remeto-lhe Palante:
De o tumular com pompa o alívio outorgo:
Caro a hospedagem pagará de Enéias."
Então senta no morto a planta esquerda:
Rouba o talim de peso, e nele impressos
Do morticínio os tálamos sangrentos
Em jugal noite; culpa atroz, gravada
Pelo Eurítides Clono em chapas de ouro.
Turno com isto exulta: ó mente humana,
Fera e descomedida na bonança,
Do porvir néscia! intacto inda a Palante
Vir-lhe-á tempo que almeje a todo o preço,
E este espólio e façanha ele abomine.
Gemebundos e em pranto, os companheiros
O cadáver carregam sobre o escudo.
Oh! voltas a teu pai, dor grande e glória!
Deu-te um só dia à guerra e ao passamento;
Mas que montões de Rútulos deixaste!

A Enéias, não a fama, um messageiro(66)
De mal tamanho informa; e trasmalhados
Socorra os seus, que estavam por um fio.
Quanto encontra, arrombada a larga turba,

A gládio ceifa ardendo; achar-te anseia.
Turno ufanoso da recente morte.
Ante si tudo tem, Palante, Evandro,
A hospitaleira mesa, a destra amiga.
Vivos quatro a Sulmon, a Ufente agarra
Quatro alunos que imole à sombra, e reguem
Do seu cativo sangue a rogal chama.
Sobrevoa esgrimida a tremente hasta
A Mago astuto, que se agacha ao bote,
E suplicante abraça-lhe os joelhos:
"Pelo medrado Iulo e anquíseos manes,
A meu pai me conserves e a meu filho.
Muita prata em moeda, bruto e em obra
Soterrei cópia de ouro, em meu palácio:
Não libra em mim dos Teucros a vitória;
Nada empece uma vida." Enéias presto:
"Guarda essa prata, esse ouro bruto e em obra
Para teus filhos: com matar Palante
Aboliu Turno as transações da guerra.
Isto, Anquises o aprova, Ascânio o sente."
E a sestra no elmo, atrás lhe dobra o colo,
Onde a espada lhe enterra até aos punhos.

Perto o Hemônio, de Febe e Apolo antiste,
Com sacra fita às fontes presa a faixa,
Luzia na armadura e insignes vestes:
O herói o acossa, abate, o imola, o cobre
Da ampla sombra; Seresto apanha as armas,
E em troféu tas carrega, ó rei Gradivo.
A pugna instauram, de vulcânia estirpe
Céculo, e Umbro das mársicas montanhas.
Enfurece o Dardânio; à esquerda logo
A Anxur talha e desfaz rodela férrea:

Sonhava ele proezas, e esforçar-se
Com vozes crendo, e ao céu talvez se alando,
Brancas se prometia e logos anos.
De agreste fauno e dríope gerado,
Tarquito refulgindo enrista a lança:
O herói torcendo-a empece-lhe a coiraça
E o pesado pavês; descabeçando-o,
Lhe frustra a prece e o que dizer queria;
Revolve o tronco tépido por terra,
Com ânimo inimigo assim prorrompe:
"Jaze aí, valentão; nem madre ninfa
No pátrio solo inumará teus membros:
Serás de abutres pasto; ou, submergido,
Te hão de a chaga lamber famintos peixes."
Persegue, na vanguarda, ao forte Numa,
Licas e Anteu, Camertes, louro filho
Do riquíssimo em lavras nobre Ausônio,
Volscente, o rei de Amiclas taciturna.
De cem braços e mãos Egeon, narram,
Fogo expirava de cinquenta fauces,
Com cinquenta broquéis tinindo, espadas
Cinquenta a menear contra o Tonante:
Não menos, dês que o Frígio aquece o gume,
Bravo campeia. De Nifeu remete,
Peito a peito, à quadriga; e, assim que os brutos
Bramindo o avistam fero, amedrontados,
Retrocedendo rápidos, às praias
O coche rojam, seu senhor despejam.

Eis Lugo se apresenta em alva biga,
Mais o irmão Liger, que os frisões governa;
Lugo acérrimo esgrime o iroso ferro.
Tal fúria ao Teucro azeda; rui terrível

De hasta apontada. E Liger: “Não diomédios
Corcéis, carros aquíleos, frígios campos,
Tens aqui, vês a morte e o fim da guerra.”
Das fanfúrrias, que em ar se desvanecem,
Em troco Enéias lhes revira um dardo.
Prono Lugo, a pender nos loros, pica
Da arma os cavalos; por bater-se, adianta
O sestro pé: do aêneo escudo as orlas
Entra a ponta e a virilha esquerda fura:
Do carro a baixo moribundo rola.
E amaro o pio herói: “Nem tarda a biga
Falsou-te, ou sombras vãs a afugentaram;
Tu sim, Lugo, de um salto a abandonaste.”
Nisto, a parelha empolga. O irmão, coitado!
Desmontando estendia inermes palmas:
“Por ti, varão por teus progenitores,
Deixa-me a vida, abrandem-te meus rogos.”
“Diverso, o atalha Enéias, blasonavas;
Morre; irmão não é bem que o desampares.”
E estoqueia-lhe o peito, encerro da alma.
Qual tufão grosso ou túrbida torrente,
Ferais danos o Dárdano espalhava.
Rompe enfim da muralha o moço Ascânio,
Com seus guerreiros por demais cercados.

A Juno entanto Júpiter: “É Vênus,
Nem te enganas, consorte e irmã querida,
Que os troianos sustenta: ei-los cobardes,
Sem denodo ou constância nos perigos.”
Aqui Juno submissa: “Ó doce esposo,
Temo os remoques teus, por que me apuras?
Se inda, como convinha, o amor d’outrora
Eu te inspirasse, um dom não me negaras,

Onipotente: incólume ao pai Dauno
Guarde eu Turno da ação... Mas que! pereça,
Devoto sangue aos Troas laste as penas.
Deduz contudo o nome e origem nossa
Do tresavô Pilumno, e com frequência
A plenas mãos cumula-te os altares.”

Breve replica o rei do Olimpo etéreo:
“Se a Turno queres que eu prolongue os dias
E achas que o posso; pela fuga o salves
De instantes fados: até aqui(67) me cabe
Condescender. Se encobres nessas preces
Mor graça, e a guerra transtornar concebes;
Apascentas baldias esperanças.”
E ela em choro: “O que a voz me cede a custo,
Se d’alma o desses, vida cheia a Turno!...
Mas transe o espera indigno, ou eu me iludo:
Oxalá sejam falsos meus temores,
E tu, que o podes, a melhor te inclines.”

Disse, e de lá dispara; de nevoeiros
Cingida, numa borrasca a precedê-la,
Baixa entre o campo ilíaco e Laurento.
Logo em feição de Enéias, ó prodígio!
Fraca de vácua nuvem sombra tênue
Arma à troiana; o escudo, as cristas finge
Da cabeça divina; ocas palavras(68),
Som lhe empresta sem mente, o andar e o gesto:
Como, é voz, do finado erra a figura;
Ou qual sonham sopitos os sentidos.
Ante as fileiras jubilando a imagem,
Dardos em punho, desafia a Turno.
Este, irritando-se, a estridente lança

Arremessa: o fantasma as costas volta.
Creu Turno em fuga a Enéias, e se rega
Alvoroçado em frívola esperança:
“Onde vais, Teucro? os tálamos desprezas?
Toma a terra, eu t’a dou, por mar buscada.”
E, após clamando, o gládio nu brandia,
Sem ver que é seu prazer seguir o vento.

À sáxea ribanceira, expostas inda
Pranchas e escadas, o navio estava
Que a Osínio rei de Clúsio transportara.
Ali pávido o esquivo simulacro
Deita a esconder-se; vence estorvos Turno,
Salta as pontes. A proa mal que atinge,
Rebenta os cabos Juno, arranca o lenho,
Pelas vagas revoltas o arrebata.
Por seu rival bramando o vero Enéias
Na homicida carreira prosseguia;
Já não se oculta, voa o aéreo vulto,
E em negrume cerrado se confunde;
Pelas ondas a Turno um tufão leva.
Ínscio, ingrato à mercê, contempla em roda,
Ao céu levanta as mãos: “Júpiter sumo,
Digno me julgas de desar tamanho?
Que punição? Para onde me conduzem?
Donde vim? Quem sou eu com tal fugida?
Como a Laurento e aos muros tornar posso?
Que dirão meus soldados? Ó vergonha!
Deixá-los eu na luta agonizantes!
Vejo-os daqui vagar, seus ais escuto.
Que farei? não me engole e some a terra?
Ventos, piedade! recebei meu culto
Voluntário: o baixel a vaus e escolhos,

A sirtes arrojai-me, onde nem saibam
Os Rútulos de mim, nem reste a fama.”

Tal discursava, e aqui e ali flutua;
Nem atina se enterre a crua espada
E em tanta afronta as costas se atravesse,
Ou se, entre os escarcéus, à curva praia
Nade e se restitua às teucras armas.
Três vezes foi tentá-lo, três conteve-o
A soberana Juno condoída.
O alto sulcando com maré propícia,
Na corte do pai Dauno antiga aporta.

Já Mezêncio cruel, de Jove a impulsos,
Lhe sucede, e acomete ovantes hostes.
Encontram-no agravados os Tirrenos;
Alvo é dos golpes todos. Como rocha
Está, que, protendida ao mar e aos sopros,
Os embates resiste e os ameaços
Do céu violento e furibundo pego.
A Hebro Dolicaônio o varão prostra,
Mais a Látago e Palmo fugitivo:
A Látago um fragmento da montanha
Esmecha e esmaga o rosto: a rojo Palmo
Rola dejarretado: a Lauso doa
O arnês que ombreie(69), as plumas com que se orne.
Escala o Frígio Evante e o caro a Páris
Mimas, filho de Amico, por Teano
Parido à noite que abortou Cisseide,
Prenhe de um facho: Páris jaz na pátria;
Mimas, que o não cuidava, em lácia borda.
Como o javardo, em canavial nutrido,
Que a dente correm cães, sobejo espaço

No pinífero Vésulo acoitado
E em laurência lagoa, ao dar nas redes
Para, em roncos escuma, ouriça as cerdas;
Ninguém lhe ousa achegar, distantes raivam,
Em seguro gritando e a garrochá-lo;
Ele, impávido e atento, os queixos range,
Cospe do lombo a chuva de arremessos:
Tais, não com ferro em punho, mas de longe,
Desse odioso Mezêncio os inimigos
Com rojões e alarida o desafiam.

Prófugo, a velha Córito e imperfeitas
Núpcias largando o Graio Acron, purpúreo
Nas galas e cocar, da noiva mimos,
Descose as turmas: o tirano o enxerga.
Se o leão, que em jejum com fome ronda
Alto curral, fugaz a corça avista
Ou cervo de árduos cornos; sevo e hiante
Folga, hirta a juba, às vísceras deitado
Ferra-se, e em negro sangue as fauces lava:
Dest'arte vem Mezêncio e a chusma ataca.
Tomba expirando Acron, e ao debater-se
Calca o atro chão, cruenta as rotas armas.

Ferir desdenha a Orodes que se evade,
Remeter-lhe desdenha um bote cego;
Não destro nos ardis quanto era forte,
Adverso o alcança, mão por mão o aterra;
N'hasta apoiado, o pé lhe imprime sobre:
"Ei-lo, varões, o herói da guerra esteio."
E os seus com ele entoam ledo peã.
Orodes a arquejar: "Serei vingado,
Nem longo exultarás; meu fim te espera,

Este pó vais morder.” Com riso amargo
O ímpio então: “Morre já; de mim disponha
Esse teu pai divino e rei dos homens.”
Disse, e lhe extrai do corpo o tenaz pique:
Urge-o repouso duro e férreo sono,
E em noite fecha eterna os baços lumes.

A Hidaspes Sacrator, a Alcato Cédico,
Rapon tronca a Partênio e o válido Orses;
Messapo a Clônio e o Árcade Ericetes:
Um de infrene corcel, derriba o outro
Pedestre a pé. Socorre-os Agis Lício,
Talha-o Valero com denodo avito;
A Trônio Sálio; a Sálio o bom Nealces,
Em dardo ou seta ao longe traiçoeira.

O luto e os funerais Marte equilibra:
Morrem, matam, vencidos, vencedores;
Não se rendem, não cedem, não fraqueiam.
Tanta ânsia nos mortais, e de uns e de outros
O vão furor a Jove e ao céu compunge:
Aqui Vênus atenta, ali Satúrnia.
Pálida a Erínis urra e assanha as turbas.
Torvo, a librar Mezêncio enorme lança,
Entra em campo, e se mostra em vastas armas:
Como Orion, de espáduas fora d’água,
Rasga a pés de Nereu o imenso lago;
Ou, dos serros trazendo o anoso freixo,
Anda em terra, e nublada a fronte esconde.
Enéias, que o lobriga, avança prestes.
Firme em seu peso, intrépido ele aguarda
O brioso adversário; de olhos mede
Assaz distância ao tiro: “Agora, exclama,

Deus é meu braço e o remessão que vibro.
Do salteador Enéias eu te voto,
Lauso, em troféu, do espólio seu vestido.”
Hasta eis voa estridente; que, do escudo
Repulsa, aos hipocôndrios vai pregar-se
Do egrégio Antor, de Alcides companheiro;
Antor Argivo, que aderindo a Evandro,
Na Itália se ficou. Precipitado
É de alheia ferida; e, o céu fitando,
Ah! lembra-lhe ao morrer sua doce Argos.
Joga Enéias um dardo, que a rodela
Triple érea penetrou, por líneas fraldas,
Por táureos forros três; e amortecido
À virilha se apega. Ao ver-lhe o sangue,
Puxa o ferro da cinta alegre o Teucro,
Férvido ao Tusco titubante corre.
Nisto, em lágrimas Lauso debulhado,
Por amor de seu pai geme profundo.
Teu mesto fim, teu brio e feito heroico,
Se o futuro crer pode empresa tanta,
Celebrarei, mancebo memorando.

Fraco e impedido, a se arredar Mezêncio,
Preso arrasta no escudo o hastil infesto.
De chofre o jovem, interposto às armas,
A mão de Enéias, que desfecha o talho,
Susta e o reteve: em grita os seus o aclamam,
E entanto o genitor se evade à sombra
Da rodela do filho; empacha a Enéias
Bateria de frechas e arremessos:
Cobre-se ele a bramir. Quando em saraiva
Desata a chuva, o lavrador se esgarra,
Em guarida se alberga o viandante,

Em lapa de ribeira ou cava penha,
Até que, abrindo o Sol, o dia exerçam;
Opresso o Teucro assim da márcia nuvem,
À espera está que a trovoada amaine;
Comina e avisa a Lauso, a Lauso increpa:
"Temerário, onde vens? mediste as forças?(70)
Engana-te a piedade." Ele não menos
Demente assalta: o estame curto as Parcas
A Lauso colhem: do dardânio chefe
Se irrita a cólera, a possante espada
No moço enterra; a ponta a leve adarga
E a túnica passou, que a mãe fiara
De ouro sutil; em borbotões o sangue
Alaga o seio; e a vida pelas auras
Triste aos manes se afunda e o corpo larga.

Pálida a face, moribundo o gesto
Ao ver-lhe o Anquíseo, compassivo e grave
Suspira, dá-lhe a destra; à mente a imagem
Sobe do pátrio amor: "Que digno prêmio
Dessa rara virtude o pio Enéias
Te prestará, mesquinho? As armas tenhas,
Teu gosto em vida: eu rendo-te ao jazigo
E às cinzas dos avós, se disto curas.
Console-te infeliz do grande Enéias
Às mãos cair." E exprobra os tardos sócios,
Do chão levanta o corpo, cujas tranças
Atiladas à moda o sangue afeia.

Mezêncio, ao pé do Tibre, entanto os golpes
Lava e estanca, e arrimado se conforta
A arbóreo tronco: ao longe está num ramo
O éneo casco, e na relva o arnês pesado.

Egro, anelante, o colo desafoga,
Aos peitos se difunde a larga barba.
Cercam-no os seus: do filho indaga aflito,
Manda que o chamem e amiúda as ordens.
Mas sobre o escudo em pranto já traziam
Morto do grande bote o grande Lauso:
O pai nesse carpir seu mal pressente;
De pó deforma as cãs, e as palmas ambas
Dirige aos céus, e apega-se ao cadáver:
"Quis tanto à vida, ó filho, que ao trespasso
Expus a quem gerei? Por tua morte
Vive teu pai, salvou-me essa ferida?
A minha agora se me agrava e sangra,
Ai! dói-me agora o mísero desterro!
Manchei teu nome, Lauso, eu por tais crimes
E ódios expulso do paterno sólio:
Eu só pagar devera aos meus e à pátria,
Por mil mortes render est'alma infame;
Respiro, e inda não deixo a luz e os homens?
Eu deixarei." Na perna a custo se ergue,
Sem da chaga o abater a dor violenta;
Pede o corcel, da glória companheiro,
Consolo seu, que vencedor com ele
Das batalhas saía, e ao pobre fala:
"Rebo, há muito duramos, se é que muito
Dura coisa mortal: hoje a cabeça
Trarás de Enéias e o cruento espólio,
E as de Lauso agonias vingaremos;
Ou, se impossível é, morramos juntos:
Não sofrerás altivo, eu creio e espero,
Mandos alheios nem senhor troiano."

Monta, e aceita-lhe o bruto a usada carga;

Onera as duas mãos de agudas hastes;
O elmo reluz, de equina hirsuta coma.
Veloz galopa: o luto, a insânia, o pejo
No coração referve; agitam fúrias
O amor paterno, a cônscia valentia.
"Enéias! grita, Enéias!" Ledo Enéias
O reconhece e impreca: "O pai supremo
Queira com Febo que o duelo encetes!"
E, de hasta em riste, avança. Então Mezêncio:
"Roubado o filho, aterras-me, assassino?
O só meio esse foi de me acabares.
Nem temo os deuses, nem me assustam Parcas:
Morrer venho, recebe a despedida."
Lesto um dardo lhe prega, outro e mais outro,
Em volta ingente; mas rechaça-os todos
A áurea copa do escudo. Pela esquerda,
Contra o parado herói tirando sempre,
Trota em giro três vezes; três no bronze
Roda consigo o Teucro a basta selva.
De extrair tanta farpa enfim se enoja,
E da tardança e desigual peleja;
Meditabundo rompe, a lança expede
Às fontes cavas do belaz ginete:
O quadrúpede em gêmeas(71), o ar a coices
Depois zimbra, sacode e implica o dono,
E cai de bruços lhe oprimindo a espádua.
Lácio e tróico alarido os céus estruge,
Voa sobre ele o herói, despindo o gládio:
"Que é do feroz Mezêncio? onde os seus brios?"
O Etrusco os olhos alça, haurindo as auras,
E, recolhendo o alento: "Ameaças morte?
Por que me insultas, figadal contrário?
Vim perecer, não pecas em matar-me,

Nem meu Lauso ajustou que me poupasses.
Vencido, se jus tenho, eu só te rogo
890 Ao corpo alguma terra: a circundar-me
Freme o rancor dos meus; tu me defendas,
Num sepulcro me encerres com meu filho.”
Ciente, ele o pescoço ao gume inclina,
A alma derrama e em sangue inunda as armas.

LIVRO XI

Já do oceano a aurora despontava.
Bem que urja o tempo de inumar seus mortos
E o turbe o funeral, no primo eoo
Piedoso o vencedor cumpria os votos.
Num combro tancha desramada enzinha,
Veste-lhe de Mezêncio o arnês lustroso,
Troféu que a ti, Belipotente, sagra:
Os dardos rotos, as sanguentas crinas
Lhe ata; à esquerda o pavês e a(72) tiracolo
Suspende a ebúrnea espada. E assim de ovantes
Capitães escoltado, exorta os sócios:
"Fora o temor, varões, que pouco resta
Por fazer; eis o espólio, eis as primícias
De um rei soberbo, que estas mãos puniram.
Eia, a Laurento agora: arma, arma, alerta;
Ânimo e fé! dos numes quando o aceno
Mova o campo, as bandeiras arrancadas,
Nem outro acordo vos detenha incautos,
Nem retarde os mancebos frouxo medo.
Entretanto os finados sepultemos,
Conta exigida no ínfimo Aqueronte.
De ferais dons ornai-me os que esta pátria,
Comprada com seu sangue, nos legaram;
Vá primeiro de Evandro aos tristes muros
Palante, a quem não pobre de virtude
Mergulhou trago acerbo em noite escura."

Disse e à tenda chorando se retira,
Onde o aluno defunto Acetes guarda,
Velho escudeiro do Parrásio Evandro,

Zeloso aio do filho, mas não dado
Com tão feliz auspício. A turba em cerco
E os fâmulos em dó, conforme o estilo
Desgrenhadas o seguem frígias donas.
Pelos altos portões mal entra Enéias,
Levantam crebros ais, nos peitos ferem,
E remuge o real do luto e pranto.
Como ele o níveo corpo, a face e a testa
Sustida olhou, da ausônia choupa o rombo
No seio liso, em lágrimas rebenta:
"Pois sorriu-me a fortuna, e a mim te inveja,
Moço infeliz, que o reino meu não visses,
Nem tornasses em pompa ao lar paterno?
Não foi esta a promessa a Evandro feita;
Que abraçado, à partida, ao grande império
Me propunha, e entre sustos me advertia
De que era áspera a guerra e forte a gente.
E ora talvez, debalde esperançoso,
N'ara devoto of'rendas(73) acumula,
Quando ao jovem, já quite dos Supremos,
Exéquias vãs prestamos. Desgraçado!
O funeral cruel verás do filho!
Que triste volta! ó sonho de triunfos!
Eis a fé minha! Mas com vis feridas
Não te envergonhará, nem, salva a prole,
Tu pai desejarás o eterno sono.
Ai! quanto, Ausônia, quanto, Iulo, perdes!"

Neste lamento, escolhe mil guerreiros,
Que o mísero cadáver acompanhem,
Obséquio extremo, e às lágrimas assistam
Do aflito pai; devida, mas pequena
Consolação do nojo e trago ingente.

Brando esquife engradado alguns de vergas
De medronho e carvalho não remissos
Tecem, de folha o estructo(74) leito ensombram.
Fica na agreste cama o excelso moço,
Qual por virgíneo pólice apanhada

Mole violeta, ou lânguido jacinto;
A quem brilho nem cheiro inda falece,
Mas não vigora e nutre a mãe terrena.
Duas purpúreas opas recamadas
Enéias tira, em que a Sidônia Dido
Com doce esmero trabalhara mesma,
As telas de ouro fino entretecendo:
Mesto, em honra final, veste uma ao jovem,
Com outra a coma para as chamas vela.
Manda lanças, frisões e tanto espólio
Da laurentina pugna, em longa série
Dispor; e atrás das costas maniatados
Os que às sombras destina e regar devem
A pira com seu sangue; e os chefes tragam
De hostis arneses troncos revestidos,
Onde inimigos nomes se insculpiram.
Conduzem de anos gasto o pobre Acetes,
Que a punhadas o peito, o rosto a unhas
Desfigurando, pelo pó se estira.
Vem do rútulo sangue o tinto coche;
E atrás, posto o jaez, úmidas gotas
Eton, fero corcel, dos olhos verte.
Vem o elmo e a lança; o mais roubou-lhe Turno.
Lento a falange marcha etrusca e teucra,
De armas em funeral o arcádio bando.
Dês que em ordem se alonga o saimento,
Retém-se Enéias, e suspira e geme:

“A outros prantos nos chama a fatal morte.
Salve, exímio Palante, e para sempre,
Adeus, amigo, adeus!” Nem mais profere,
E aos arraiais tornando o passo alarga.

Já de oliva enramados oradores
Latinos pedem vênia, a fim que esparsos
Corpos sepultem, vítimas da guerra;
Que a não tenha com mortos e vencidos;
Poupe os hóspedes seus, outrora sogros.
Bom Enéias atende às justas preces:
“Que ruim fado, acrescenta, nesta lide
Vos implicou, Latinos, que de amigos
Nos renegais? E a paz quereis somente
Para os da luz privados nas batalhas?
Eu quereria concedê-la aos vivos.
A não ser o destino, eu cá não vinha;
Nem a gente combato. Ao jus de hospício
Preferiu vosso rei de Turno as armas.
Turno é melhor que à morte se expusera:
Se expulsar-nos pretende, o pleito acabe
Num duelo comigo; e um de nós reste
A quem seu nume ajude ou seu denodo.
Sus, à fogueira os cidadãos mesquinhos.”
Disse: absortos se olhando mudos ficam;
E o velho Drances, que odiento e infesto
Sempre a Turno crimina: “Ó tu, responde,
Varão maior que a fama, como te alças?
Não sei que mais te louve ou mais admire,
Se o valor, se a justiça? Iremos gratos
Na pátria o publicar, e, dado o ensejo,
Ao rei te unir: alianças busque-as Turno.
Altear apraz-nos a fatal cidade,

Troianas pedras carregar aos ombros.”
Finda, e um consenso unânime sussurra.
Doze dias, em tréguas, juntos vagam
Por monte e selva os Teucros e os Latinos:
Da bipene o alto freixo ao corte soa;
Tomba o aéreo pinheiro; as cunhas racham
De contino orno, roble, odoro cedro;
Ao carrear chiando as rodas andam.

E a Fama já, que apregoava há pouco
De Palante as ações, do imenso luto
Enche Evandro e de Evandro a casa e os muros.
O Arcádio às portas rui, e ao modo avito
Pega brandões, que ao longo a via aclaram;
A procissão funérea os agros fende,
Co’a(75) turba frígia encontra-se em lamentos.
As mães, vendo-os entrar, com pranto lúgubre
Toda a cidade acendem. Nada a Evandro
Pôde conter; atira-se no meio;
Sobre o deposto féretro curvado,
Se abraça com Palante, e geme e chora,
Até que a dor à fala abriu caminho:
“Filho, a palavra assim me desempenhas
De entregares-te cauto ao cru Mavorte!
No primeiro certame eu bem sabia
Quanto o louvor é doce e a nova glória.
Tristes primícias, rudimentos duros
Da finítima guerra! ai! preces minhas,
Votos por nenhum deus jamais ouvidos!
Oh! no morrer feliz, mui casta esposa,
Não provas este mal! Sobrei-te em anos
Para carpir extinto o nosso filho!
De hostis lanças coberto, eu dera est’alma

Sob os sócios pendões! Fosse esta pompa
Só para mim, não para ti, Palante!
Vossa aliança e hospício eu não arguo;
Sorte era, ó Teucros, da velhice minha:
Mas, se imaturo cai, mil Volscos mata,
Ao Lácio vos guiando, honrado acaba.
Mais digno enterro não terás, meu filho,
Do que Enéias celebra, e seus magnatas,
E etruscos chefes, e esquadrões etruscos:
Dos que enviaste ao Orco os troféus trazem.
Também grã tronco em armas cá serias,
Se idade igual à tua o roborasse,
Turno. Mas que! pranteio e a pugna tardo?
Frígios, o que lhe digo ao rei contai-o:
Se a luz nesta orfandade eu sofro, Enéias,
A tua destra é causa, ao filho e ao padre
Olha que deves Turno: este o serviço
Que do teu brio espero e da fortuna.
Gostos na vida enjeito, nem me assentam;
Sim, no inferno os receba o meu Palante."

Almo lume a verter, o albor canseiras
Renovava aos mortais. Na curva praia
Em piras cada qual, Enéias, Tárchon,
Dos seus, usança velha, os corpos queima;
Na caligem dos fogos sotopostos
Se enoita o céu. Três vezes decorrendo
A infantaria, em fulgurantes armas,
A rogal chama fúnebre circula;
Três a cavalaria; e ululam todos:
O choro arneses banha, a terra ensopa;
Grita, clangor, mugindo os ares fere.
Uns lançam na fogueira o ganho espólio,

Guarnecidas espadas, elmos, freios,
Rodas ferventes; uns, de oferta aos donos,
Os broquéis notos e infelizes dardos.
Hecatombes à morte, para a queima
Cerdos e nos contornos apanhada
Imolam grei: na praia arder observam,
Em suas piras semiardidas velam
Sem despegar-se, até que úmida a noite
Inverte o céu de estrelas marchetado.

Nem menos tristes os Latinos erguem
Fogueiras mil; dos seus enterram parte,
Levam parte à cidade e às vizinhanças:
Em confuso montão, sem conto e nome,
É consumido o vulgo. Ao longe e ao largo
À competência os fogos alumiam.
Manhã terceira assoma; e, de altas cinzas
Doídos removendo os mistos ossos,
Terra sobre eles tépida amontoam.

Mas na opulenta laurentina corte
O alarido é maior, mais geme o luto.
Mães, irmãs, noras, órfãos miseráveis,
Ferrenha guerra aflitos execrando
E os himeneus de Turno, exigem que ele
No Lácio a primazia à espada obtenha.
Drances agrava o caso, e atesta e jura
Que Turno a desafio é só chamado.
Muito a favor de Turno opinam vários:
Da rainha o respeito e a sombra o amparam;
Seu renome e troféus o herói sustentam.

Neste flagrante, em meio do alvoroto,

Do grã Diomedes pesarosos voltam
Com respostas os legados: nada as preces,
Nada os custos valeram da embaixada,
Nem dons nem ouro; ou busque outra aliança,
Ou paz rogue Latino ao rei troiano.
Esmorece o bom velho em tanta angústia:
Que o céu protege a Enéias lhe confirmam
Irados numes, frescos os sepulcros.
Chama a conselho os principais senhores,
Que logo, ao seu mandado, enchendo as ruas
Ao paço afluem. Do seu trono o digno
Ancião monarca, não com leda fronte,
Aos legados acena, e inquire e indaga
Com toda a pausa a etólica resposta.
Reina o silêncio, e Vênulo obedece:
"Nós vimos, cidadãos, o argivo assento,
E, da jornada os riscos superando,
A mão tocámos que assolou Dardânia.
Ele no apúlio Gárgano Argiripa,
Cognome pátrio, vencedor fundava.
Quando a vez tive, os dons lhe oferecendo,
Quem éramos declaro, e a guerra e causa
De em Arpo nos acharmos. Com sossego
Nos torna o Grego: — "Ó reinos de Saturno,
Priscos Ausônios, venturosos povos!
Que fado a concitar vos solicita
Ignotas guerras? Quantos profanámos
Com ferro Troia (os transes nela exaustos
Omito, e os que em si volve aquele Simois)
Pelo orbe temos pago infandas penas,
Tais que Príamo próprio as lastimara:
Minerva o testemunhe, o Arcturo infausto,
O ultrice Cafareu, de Eubéia as penhas.

Dali, de praia em praia desterrados,
Menelau de Proteu foi ter às metas,
Aos Ciclopes trinácrios o Laércio.
De Pirro e Idomeneu subversos lares,
Ou lembrarei na Líbia assentes Locros?
De vingar n'Ásia um rapto ufano o Atrida
Rei dos reis, por traição da atroz consorte,
Cai do adúltero ao ferro em seu palácio.
E o céu não me invejou rever a pátria
E a bela Calidona e a cara esposa?
Hoje inda monstros hórridos me assombram:
Perdidos sócios (ai cruéis suplícios!)
Nos ares voam-me, aves da ribeira,
Com flébeis guinchos nos cachopos vagam.
Isto eu prever devia, mal que insano
Corpos violei divinos, golpeando
A destra a Vênus mesma. A tais pelejas
Não me instigueis(76), oh! não. Dês que assolada
Pérgamo foi, com Teucros nem combato,
Nem me recordo ou folgo desses males.
Os dons que me ofertais rendam-se a Enéias.
Com ele dardo a dardo e braço a braço,
Provei, crede, quão lesto o escudo move,
Com que vórtice esgrime ou gládio ou lança.
No Ida se dois varões como ele houvesse,
Dardânia acometera ináquias plagas,
Trocara a Grécia os louros em ciprestes.
Em Troia pertinaz susteve os Graios,
Durante o assédio, a mão de Heitor e Enéias,
Que a vitória dez anos retardaram:
Ambos no ânimo iguais, iguais no esforço,
Mais pio esse é. Tratai de congraçá-lo,
E fugi de travar armas com armas." —

Eis a real sentença, ó rei sublime,
Sobre tamanha guerra.” Disse; e corre
No conselho um murmúrio, como quando,
Seixos detendo o arrebatado rio,
No álveo ronca impedido, e em torno fremem
Da ribanceira as crepitantes ondas.

Quedo o alvoroço e plácido o sussurro,
Ora aos deuses o rei, do trono fala:
“Eu, cidadãos, queria, e melhor fora
Antes deliberar; não quando os muros;
Preme o inimigo. Inoportuna guerra
Temos com tais varões, com diva estirpe,
A quem prélios nem cansam, nem vencidos
Sabem depor o ferro. Se estribáveis
No étolo(77) auxílio, o desengano chega;
Fie em si cada qual: fraca esperança!
Como em ruína as coisas nos declinam,
Vossos olhos o veem, as mãos o apalpam.
Ninguém acuso: obrou-se o mais possível;
Em peso o reino se bateu brioso.
O que hei na dúbia mente, agora em pouco
Vo-lo explano; atenção. Próximo ao Tibre,
Sobre as sicanas raias, para o ocaso,
Agro antigo possuo; o qual semeiam
Os Rútulos e Auruncos, e as colinas
Arando, em pasto o mais estéril deixam.
Esta região e o celso píneo monte
Ceda-se ao Teucro; e, justas leis ditadas,
Em amizade e em paz nos federemos.
Se o quer, fique e entre nós se estabeleça;
Mas, se outra gente, outro país prefere,
E ir-se daqui, naus vinte ou mais teçamos

De ítalo sobro, as que precisas forem:
Madeira jaz à borda; eles prescrevam
Pontal, número, forma; nós prestemos
Dinheiro, arsenais, braços. E oradores
Cem dentre os nobres deputar me agrada;
Que, nas mãos a oliveira, em brinde ofertem
Marfim, talentos de ouro, e a trábea e a sela
Curul, do reino insígnias. Em consulta,
Provede ao bem do combalido estado."

Drances, a quem de Turno a glória punge
De vesga e amara inveja, em bens profuso,
Mais largo em língua, timorato e imbele,
Não mau no alvitre, em sedições potente,
De incerto pai, da ilustre mãe soberbo;
Se ergue, e em Turno carrega e incita as iras:
"Coisa, ó bom rei, suades nada obscura,
E escusas consultar. O que insta e cumpre
Cada um murmura, e expô-lo não se atreve.
Falar conceda, e a tumidez remita
Quem, por funesto auspício, ambicioso
(Digo, e armado ele a morte me comine)
Extinguiu tantos cabos, e a cidade
E o povo enluta; enquanto, em pés fiado,
Tenta o frígio arraial e aterra o mundo.
Aos dons que ao Teucro, ótimo rei, prodigas,
Um acrescentes, um; ninguém violento
Vede ao pai dar a filha a genro egrégio,
Em laço eterno e honroso a paz segures.
Se é tanto o susto, humildes o obtestemos,
Peçamos vênia; à pátria e ao rei se digne
O jus nosso outorgar. Autor de angústias,
Por que impeles o Lácio a tais perigos?

Infausta guerra! a paz queremos, Turno;
O inviolável penhor a paz confirme.
E eu, que a ti crês infenso (o que ora passo),
Eu te suplico para os teus piedade;
Cessa, e repulso vai-te. Assaz matanças,
Vimos assaz os campos desolados.
Ou, se a fama te pica e ínsito esforço,
Em dote se esta régia obter anseias,
Ousa, ao rival te afoites peito a peito;
Nem, para que a princesa espose Turno,
Nós, vil turba insepulta e ilagrimada,
O agro junquemos! Tu, se o pátrio brio
Te anima e alenta, provocado arrosta-o."

De Turno arde a violência a tais dictérios;
Do imo suspira, em cólera trasborda:
"Sempre em frases abundas, quando a guerra
Pede obras, Drances; nos debates primas.
Conter mal pode a cúria essas bravatas,
Que, entrincheirado a salvo, te borbolham,
Enquanto em sangue os fossos não se inundam.
Toa a usual facúndia: eu sou cobarde,
Sim; tu Frígios em pilha amontoaste,
Mil troféus as façanhas te assinalam.
Teu vivido(78) valor provar te cumpre:
É não longe o inimigo, os nossos muros
Em roda assalta; vamos encontrá-lo.
Como! tardas? ou sempre tens Mavorte
Nessa balofa língua e fugaz planta?
Eu repulso! há, vilão, quem tal me assaque?
Será quem viu de sangue o Tibre inchar-se,
Quem de Evandro abatida a estirpe e casa,
O Árcade profligado? Certo Bícias

Não me argüirá, nem Pândaro e milhares
Que, na trincheira hostil encurralado,
Mandei num dia à Estige vitorioso.
Infausta a guerra? ao capitão dardânio
E a ti, louco, esse agouro. Embrulha, espanta,
Nem cesses de exaltar os bi-cativos
E deprimir as armas de Latino.
Do Frígio ora estremecem Mirmidones,
Tidides ora e o Larisseu Aquiles;
O Aufido o curso adríaco desanda!
Finge o manhoso que de mim se teme,
Com seu medo falaz me azeda o crime.
Nunca, descansa, mancharei meu braço;
Num peito more torpe essa alma indigna.
Volto-me, ó padre, agora aos teus projetos.
Se não tens confiança em nossas armas,
Se não muda a fortuna, e uma derrota
Nos destrói e nos perde sem regresso,
Paz roguemos, tendendo inermes destras:
Bem que oh! se nos restasse o brio antigo,
Feliz na morte fora e o mais egrégio
Quem, por não vê-lo, o pó mordeu caindo.
Mas, por nós frescas tropas se inda temos,
Florentes povos de ítalas cidades;
Se com tormenta igual de sangue e estragos
Também veio aos Troianos a vitória,
Por que à primeira ignavos desmaiamos?
Trememos antes que a trombeta soe!
Do tempo o vário andar melhora as coisas:
A muitos, que iludiu, fortuna instável
Repôs em firme estado. Se Arpo etólia
O nega, auxílio nos darão Messapo
E o próspero Tolúmnio, e os tantos cabos

De possantes nações; nem glória escassa
Aguarda a flor do Lácio e de Laurento;
E Camila pugnaz, de ilustres Volscos,
Turmas luzidas move e equestres forças.
Desafiado, apraz que eu só combata
Em proveito comum? não se me esquiva
Tanto a vitória, que intentada enjeite
Essa esperança. Um próprio Aquiles seja,
Vista e maneje o herói vulcânias armas,
Contra animoso irei. Somenos Turno
A nenhum dos avós, te voto, ó pátria,
E sagro esta alma. Enéias só me chama?
Chame, eu peço. Nem antes pague-o Drances,
Caso que o céu funesto se nos torne;
Nem sua intrepidez nos tire a palma."

Entre a dúbia contenda, o campo Enéias
Levanta e marcha. Um núncio alvoroçado
Corre ao paço, e a Laurento enche de susto:
Que o teucro e tusco exército em batalha
Desce do Tibre, invade-se a campanha.
Turba-se o vulgo, os peitos se conturbam,
Não leve estímulo os furores cresce:
Armam-se à pressa, o moço armado freme,
Lamenta e rosna o velho; os ares fere
O discorde multíplice alarido:
Al não sucede, se voláteis bandos
Pousam no bosque, ou soam do piscoso
Pado em loquazes tanques roucos cisnes.
Turno o instante aproveita: "É bem, consócios,
Reuni conselho, a paz louvai sentados;
Eles de assalto ruam." Nem mais disse;
Larga impetuoso a régia: "Tu, Voluso,

Volscas esquadras prestes, guia os Rútulos;
Messapo, e vós irmãos Catilo e Coras,
Derramai na planície os cavaleiros;
Parte as entradas guarde e ocupe as torres;
A mais hoste me siga.” Eis da cidade
Corre-se aos muros. O conselho o mesmo
Latino pai suspende, e seus projetos
Nesta consternação tristonho adia:
Muito se acusa de não ter a Enéias
Por genro aceito e associado ao reino.
Pedras(79) e estrepes carretam, fossos cavam:
Roncam buzinas o cruento a l’arma.
O muro, em vários grupos, lance extremo!
Coroaram matronas e meninos.
Dádivas, de Minerva ao celso alcáçar,
Com suas damas a rainha leva;
E ao pé, submissos os decoros olhos,
Vai, do mal causa insonte, a virgem filha.
As mães da comitiva o templo incensam,
Espargem do limiar carpidas vozes:
“Deusa da guerra, armipotente Palas,
Quebra ao frígio ladrão tu mesma a lança,
Prostrado o abate, às portas o destroça.”

Turno fogoso aos prélios se aparelha:
Já rútula coiraça eri-escamosa
Veste horrente, e nas pernas grevas de ouro,
Inda nu da cabeça, a espada à cinta,
Do castelo, fulgindo, alegre pula,
E na ideia o triunfo se afigura:
Como, o cabresto quando enfim rebenta,
Livre o cavalo o aberto campo goza;
Ou vai-se ao pasto e às éguas; ou, do rio

Noto o banho, se deita à funda veia,
A cerviz a entonar, viçoso rincha,
Brincam-lhe as crinas pelo colo e espáduas.

Vem Camila encontrá-lo, e descavalga
Às portas a rainha, antes que o façam
As volscas turmas, que depois a imitam.
"Turno, diz, se tem jus uma alma nobre
De em si crer, de arrostar eu só te fico
Ílias coortes, cavaleiros tuscos.
Estrear me permite a guerra e os transes;
Tu defende as muralhas a pé firme."
Turno olhos fixa na tremenda virgem:
"Que assaz graças te posso, honra de Itália,
Aqui render? mas, que já que a tua audácia
Tudo excede, comigo os riscos parte.
Enéias, como espias mo confirmam,
Cavalaria avança que ligeira
Bata a campanha, e de ermos e árduos montes
Contra a cidade se despenha astuto:
Traço estar de emboscada em curvo atalho,
Soldadesca cercando as fauces bívias.
Tu, juntos os pendões, cai nos Tirrenos;
O acre Messapo e as tiburtinas hostes
E as do Lácio terás: comanda em chefe."
Volto a Messapo, o exorta e os cabos todos,
E em busca do conflito o passo aperta.

Apto ao bélico dolo, um vale inflexo,
Negra espessura o encerra; onde uma trilha
Por estreita garganta a custo guia.
Jaz de cima num cume, a cavaleiro,
Planura ignota, abrigo retirado,

Quer tentes atacar à destra e à sestra,
Quer volver do cabeço enormes galgas.
Lá chega o jovem por sabidas sendas,
E de atalaia está na iníqua selva.

Entretanto Latônia à veloz Opis,
Do seu virgíneo coro uma das ninfas,
Lá no Olimpo sentida assim falava:
"Camila, a quem mais prezo(80), à cruel guerra
Parte, cingida em vão das armas nossas;
Nem, Opis, este amor veio improviso
Obrar com doce estímulo em Diana.
Metabo, de Priverno antiga expulso
Por ódio e prepotência, entre os conflitos
Salva a trouxe do exílio companheira,
Tenra menina; com mudança pouca,
Da mãe Casmila a nomeou Camila.
Com ela ao colo por desertos soutos,
Longínquos serros, circunfusos Volscos
A persegui-lo a dardos o oprimiam.
Da fuga em meio, as nuvens desabando,
Eis o Amaseno aluvioso espuma:
Quis nadar, mas temendo se reteve
Pela querida carga. Em si revolve,
E decide-se enfim: na mão robusta
Guerreiro tinha, de tostado sobro,
Rija e nodosa lança; embrulha a filha
Num cortiço, acomoda e a liga n'hástia;
E, com força a librá-la, assim depreca:
"Alma virgem Latônia, a ti, cultora
Dos bosques, eu seu pai t'a voto serva;
Súplice na tua arma ei-la que foge
Do inimigo; recebe-a, deusa, é tua,

Eu t’a encomendo pelas dúbias auras.”
Disse, e o bucho contrai, o hastil contorce:
Brame o rio; a infeliz por cima voa
No estridente arremesso. Então Metabo,
Urgido mais e mais, se entrega às águas;
Da relva, em que a depôs, na lança a virgem
Arranca vencedor. Nem teto ou muro
O acolheu, nem as mãos altivo dera:
Solitário pastor vivia em brenhas;
E ali, criando a filha em gruta brava,
De égua armental às tetas, lhe mungia
Ferino leite nos mimosos lábios.
Mal que a pino a menina as plantas firma,
Dardo agudo pejando-lhe as mãozinhas,
Pendura-se-lhe ao ombro aljava e arco;
Por áurea coifa, por comprido manto,
Às(81) costas lhe descai tigrina pele:
Já frechas pueris brincando joga,
Da cabeça em redor volteia a funda,
Grou derriba estrimônio ou branco cisne.
Nora a desejam muitas mães tirrenas;
Mas, dedicada a Febe, amor eterno
Rende às setas pudica e à virgindade.
Oh! se belaz não provocasse os Teucros,
E ora me fosse companheira cara!
Sus, ninfa, já que a preme atroz destino,
Do pólo baixa manso onde os Latinos
Pugnam com sestro agouro. Ouve, e do coldre
Ultriz frecha prepara: Ítalo ou Frígio,
Quem quer que a vulnerar sagrada e bela,
Com seu sangue mo pague. Em nuvem cava
Trarei não desarmada a miseranda,
Por que em pátrio jazigo a deposite.“

Não mais; e ela, em nublado escuro envolta,
Pelas auras sonoras se desliza.

Mas já Teucros e Etruscos se apropínquam,
Toda a cavalaria em turmas certas:
Freme o sonípede, a pular garboso,
E aqui virado e ali, reluta ao freio;
Hórrida em férrea messe, arde a campina.
Com os latinos céleres Messapo,
E Coras com o irmão, Camila e os Volscos,
Aparecendo opostos, longe vibram
Zarguchos e hastas, retraindo os braços:
De homens ferve o tropel, relinchos fervem.
A tiro, as hostes ambas fazem alto:
Rompe a cuquiada, incitam-se os cavalos;
Granizam como neve espessos dardos,
Que o céu tornam sombrio. Em riste as lanças.
Tirreno e Acônteo acérrimo ruidosos
Se investem logo, e os brutos se abalroam
Peito com peito: sacudido Acônteo,
Qual por trabuco o peso, ou como raio,
Se precipita, e no ar a vida esparge.
Turbam-se; e, adargas para trás virando,
Os Latinos de trote aos muros voltam.
No alcance, o bravo Asilas quase às portas
Leva os Troas; e, em grita os colos dóceis.
Revirando o inimigo, à rédea solta
Por turno retrocedem: não diverso
Da maré que, alternada, ou rola às terras,
E os cachopos orvalha, espuma e ronca,
Té lavar sinuosa a extrema areia;
Ou, ressorvidos os revoltos seixos,
Na ressaca lambendo às praias foge,

Ora, o Toscano ao Rútulo rechaça,
Ora o broquel também lhe ampara as costas;
Mas, no terceiro choque, barba a barba
Travam geral batalha: em ais e em gritos
Varões, corcéis morrendo, e corpos e armas
Em sangue rodam, n'áspera carnagem.

A hasta ao frisão (que a Rêmulo tem medo)
Brande Orsíloco, espeta-o sob a orelha:
Da ferida o quadrúpede impaciente,
Empinado, aos corcovos, escoiceia;
Vasa em terra o senhor, Catilo a Iolas
Derriba, e ao forte e corpulento Hermínio,
Que nu de ombros, sem elmo a flava coma,
Rojões despreza, aberto afronta os golpes.
Fixo na larga espádua o dardo treme;
O varão se contorce e à dor se encurva.
O cruor mana, estragos multiplicam;
Mata-se, ou busca-se acabar com honra.

De aljava, cérceo um peito, em ar Camila
De Amazona, entre a clade ufana e salta;
Já com pulso indefesso amiúda setas,
Já pronta esgrime a válida bipene;
Soa o áureo carcás, da Trívia as armas,
Se o dorso alquando vira, em retirada
O arco frechas alígeras despede.
Tula a escolta e Larina, e érea secure
A manejar Tarpéia; ítalas virgens
Que, à divina senhora a corte ornando,
São ministras na guerra e paz ditosa:
Quais, de pintado arnês guerreiras trácias,
O Termodonte as Amazonas pulsam;

Ou de Hipólite em cerco, ou da mavórcia
Rainha após o coche, uivando exulta
Com lunados broquéis femínea turba.
Quem primeiro, quem último, acre virgem,
Provou teu braço irado? a quantos prostras?
De Clício o filho Euneu, com longo abeto
O oposto seio traspassado, arroios
Vomita rubros, traga o chão cruento,
Na chaga moribundo a convulsar-se.
Págaso e Liris cai, um que ao varado
Bruto a cambalear sustinha as rédeas,
O outro ao sócio tendendo a inerme destra;
A par os precipita. Ajunta o Hipótio
Amastro; enrista a lança, e a Demofoonte,
Cromis, Tereu e Harpálico, persegue:
A moça a cada bote um varão mata.
Caçador, mas bisonho, Omito assoma
Em ginete iapígio; os ombros largos
Lhe arreia o espólio de brigão novilho;
Tem por elmo lupina ampla goela
E a queixada em que alveja a dentadura;
Empunha agreste chuça, e bizarreia
E sobrepuja a todos. Ela o aterra
Sem trabalho, as catervas derrotadas;
Sobre o corpo chasqueia: “Que! Tirreno,
Creste que monteavas? chega o dia
Em que hasta mulheril te abata as roncas;
Porém, não leve glória, aos pátrios manes
Conta que a Camila às mãos sucumbes.”
Rompe a Arsíloco e Butes, dois gigantes:
Entre o casco e a loriga a ponta em Butes
Crava, onde ao cavaleiro brilha o colo
E à sestra o escudo pende; em grande giro

Do outro fugir simula, e mais por dentro
Corta as voltas, seguindo o que a seguia:
Ei-la, alçada, a secure em armas e ossos
Mete ao varão que implora, os golpes dobra;
Quente no rosto o cérebro se esparge.

Com ela topa, estupefato embaça
Do apeninículo Auno o pugnaz filho,
Lígure em tretas guapo, enquando pôde.
Vendo que sem remédio era o combate,
Pois que instava a rainha; ardis e astúcias
Consigo meditando, assim começa:
"Em ligeiro frisão, mulher, te fias?
Não fujas, de mais perto em livre campo
A pé vem pelejar: saberás presto
A quem seja danosa a fofa glória."
Disse: ela em fúria, acesa em dor austera,
Dando o ginete à sócia, a pé galharda,
Ferro nu, puro o escudo, igual o espera.
Ele, o dolo eficaz julgando, abala,
Torce a brida na pressa, e com ferrado
Calcanhar o quadrúpede esporeia.
"Lígure fanfarrão, debalde ufano,
As pátrias artes lúbrico tentaste;
Salvo a teu pai a fraude não te renda."
Nisto, ígnea a virgem com velozes plantas
Passa o cavalo, adversa o freio prende,
E se despica no inimigo sangue:
O sacro açor tão fácil de alta penha
Adeja, empolga a remontada pomba,
De unhas aduncas no ar a desentranha;
Chove o cruor de cima e avulsas penas.

Não descuidado olhando, o pai supremo
Do Olimpo isto contempla; e, ao sevo marte
O etrusco Tárchon suscitando, o irrita
E estimula e exaspera. Entre a matança
E as frouxas alas ei-lo a trote corre,
Grita aos seus, um por um nomeia e instiga,
Alenta e o prélio instaura: "Ó vis Tirrenos,
Fracos sempre e insensíveis, tanta ignávia,
Tal medo vos quebranta? as vossas turmas
Uma mulher derrota e as afugenta.
Por que o ferro cingis e empunhais lanças?
Lerdos não sois de noite em cíprias lides,
Ou, se aos coros vos soa a curva tíbia,
Para o banquete lauto e lieus copos;
Vosso amor, vosso estudo: aos bosques santos
Ide, hóstia gorda e o áugur vos convida."

Então, perecedouro, o bruto pica,
Túrbido aferra a Vênulo e o desmonta,
Abraçado com ímpeto o arrebata.
Clamor se ergue; ante os olhos dos Latinos,
Tárchon fulgúreo voa, e pelo campo
Leva o armado varão: quebra-lhe a choupa
Da haste, e a parte esquadrinha onde lha enterre.
Força ele opondo à força, renitente
Sustém, repele do pescoço a destra.
Quando águia fulva a surto preia a serpe,
Pés nela e a garra implica, vulnerado
O dragão volve as sinuosas roscas,
Hirta a escama, se enrija e silva e empina-se;
A águia de bico adunco urge-o lutante
Mais e mais, e aleando açoita os ares:
Tárchon não menos da tibúrcia presa

Folga; os Meônios com o exemplo investem.
Aqui, fadado à morte, o dardo em punho.
À pista Arunte da veloz Camila,
Catando a ocasião, por onde as turbas
Furente ela penetra, cauteloso
A rodeia, e por onde vencedora
Do inimigo reverte, a furto o jovem
Retorce tácito a ligeira brida;
Esta aberta em circuito e aquela tenta,
Improbo o dardo a menear certeiro.

Cloreu sacro a Cibele, outrora antiste,
Brilhando em frígio arnês, metia o espúmeo
Ginete em obra, com xairel de pele
De énea malha e áureas plumas recamado:
Luz em ferrenha púrpura estrangeira,
Lício o corno a vibrar cortínias frechas;
Dourados arco e morrião lhe tinem;
Crócea a roupa, do linho os rugidores
Seios colhe em nó fulvo, e tem bordadas
A túnica e as barbáricas polainas.
A virgem, por que em templo insígnias troicas
Fixe, ou caçando fulja em áureo espólio,
Cega após ele, sem que os mais lhe importem,
Incauta se abrasava, entre as fileiras,
No amor femíneo da vistosa presa.
Eis que a tempo à traição dardeja Arunte,
Depois que assim depreca: “Sumo Apolo,
Do Soracte custódio venerado,
Em cujo culto píneo ardor cevamos,
E afoitos na piedade, em vivas brasas
Entre a fogueira os passos imprimimos,
Dá-me apagar, ó padre, a nossa injúria.

Troféu não peço da prostrada virgem,
Nem seus despojos, honrem-me outros feitos:
Como ao golpe desta arma a dira peste
Derribe, à pátria me retiro inglório.”
Parte lhe ouviu do rogo o deus benigno,
Parte em auras dissipa: à morte anui
Da surpresa(82) Camila, mas lhe nega
Rever a excelsa pátria; e pelos notos
As procelas a voz lhe dispersaram.

Ao despregar da rechinante vira,
Convergem todos à rainha os Volscos
Túrbidos olhos. Ela não pressente
O ar, o estridor, a farpa, até que à cércea
Mama ferra-se a ponta e funda o sangue
Virgíneo bebe. Açodem logo as sócias,
Trépidas a senhora sustentando.
Entre alegria e susto Arunte escapa-se;
Nem mais confia em dardo, nem da virgem
Arrostar ousa as lanças. Quando o lobo,
Antes que os tiros chovam, por desvios
Vai-se, morto o pastor ou nédio almalho,
Na montanha esconder; cônscio da audácia,
Pávido o rabo encolhe e as selvas busca:
De evadir-se contente, assim medroso,
Arunte no tropel desaparece.
A haste ela a morrer saca; mas o ferro
Pregado às costas fica-lhe entre os ossos.
Desmaia, baça a vista, exangue e fria;
Desbotam-lhe no rosto as frescas rosas.
A donzela, a expirar, dos seus cuidados
À confidente e mui querida fala:
“Mais, Aca irmã, não posso; ao golpe acerbo

Faleço, e tudo se me enoita em roda.
Já, leva de Camila o final termo:
Turno suceda-me, e repila os Teucros.
Adeus, adeus.” E então largando as rédeas,
Da sela cai; gelada a morte aos poucos
Solve-lhe o corpo, lânguida a cabeça
E o colo pousa, demitindo as armas;
Geme e agastada a vida aos manes baixa;
Súbito grita imensa atroa os astros,
Mais se encruece a pugna; em mó concorrem
Teucros, Tirrenos e de Evandro as alas.

Mas, por Diana, há muito em celso monte
Espreita Opis impávida as pelejas;
E, avistando entre os jovens clamorosos
Ao passamento a vítima rendida,
Exclamou suspirosa: “Ai! triste virgem!
De encarares o Frígio atroz castigo!
Honrar a Trívia por desertos matos,
Nem ombrear valeu-te aljavas nossas.
Porém tua rainha em tal afronta
Não sem lustre ou renome te abandona,
Nem morrerás inulta. As justas penas,
Quem quer que seja o temerário, pague-as.”
De um teso às faldas, sob azinha opaca,
Do lácio rei Derceno havia antigo
De térreo acervo o mausoléu: parando
O ímpeto ali, do combro a ninfa bela
Pesquisa Arunte; a relumbrar tumente
Como o avistou: “Vem cá; por que te afastas?
Recebe de Camila os dignos prêmios.
Que! vão manchar-se em ti de Febe as armas?”
Disse, e do áureo carcás ligeira seta

Qual Trácia tira, e infensa o corno atesa,
Encurva e puxa, até que ajunta as pontas,
E toca a sestra mão no ferro agudo,
Na teta o nervo e a destra: simultâneo
Ouve Arunte o zunido e o ar sonoro,
Sente o farpão no corpo. Em mortais vascas
No ignito pó gemendo, os seus o esquecem;
E Opis libra-se, adeja à casa etérea.

Morta a rainha, a leve turma foge;
Fogem Rútulos, foge o mesmo Atinas;
Chefes e esquadras, por salvar-se, ao muro
Em confusão galopam destroçados.
Ninguém resiste aos sitibundos Frígios
E aos letíferos dardos: mal sustentam
Os bambos arcos nos languentes ombros;
No trote o chão pulvéreo as patas batem.
Volve às muralhas túrbida caligem;
E dos balcões, os peitos lacerando,
Aos céus clamor femíneo as mães levantam.
Os que atingem primeiro as francas portas,
Baralhado o inimigo os acabrunha:
Ao pátrio umbral, da morte não se evadem;
Em seus lares expiram traspassados.
Parte, os portões cerrando, abrir não ousa,
Nem recolher os sócios que o suplicam:
Dos que proíbem, dos que entrar forcejam,
Nasce triste matança; atroz conflito!
Os de fora, ante os pais e as mães chorosas,
Uns, na ânsia, aos fossos em despenho rolam,
Uns, solta a brida, no alvoroto cegos,
De encontro a ombreiras e batentes marram.
Camila ao verem (santo amor da pátria!),

No último transe intrépidas matronas
Das ameias por ferro precipitam
Pértigas, fustes, achas; e as primeiras
Por morrer na defensa ali se inflamam.

Na emboscada porém, cruel notícia!
Aca enche a Turno do tumulto ingente:
Que, perdida Camila e os Volscos rotos,
O hostil próspero marte arrasa tudo;
Que avança o Frígio, e o medo ganha os muros.
Furente (assim o quer severo Jove)
O áspero cole e fauces desocupa.
Extra-alcance, mal que ele os campos toca,
Entra a livre espessura o padre Enéias,
Supera o cume, sai da escura selva.
E entre si longos passos não distando,
Ambos em veloz marcha aos muros correm.
Tanto que a fumear enxerga Enéias
Poento o plaino e os batalhões laurentes;
Turno as armas conhece e o bravo chefe,
E o nitrido e o tropel dos brutos ouve.
Logo a batalha e as brigas travar-se-iam,
Se já no ibero ponto o róseo Febo
Os cavalos cansados não tingira,
Cedendo à noite o dia. Ante a cidade
Assentam-se arraiais e se entrincheiram.

LIVRO XII

Turno, lendo nos olhos dos Latinos,
Lassos do adverso marte e esmorecidos,
Que exigem-lhe a promessa, ignito e fero,
Mais se exaspera e mais. Qual, de afras brenhas
Ferido o leão no peito, encrespa as garras,
Do colo folga a sacudir a juba,
Do caçador estala o fixo dardo,
Ruge-lhe impávido a cruenta boca;
Tal cresce a fúria do abrasado moço,
Que embravecido ao rei dest'arte fala:
"Turno é prestes; não há por que o recuse,
Nem retrate a palavra o Troa ignavo.
Já marcho: imola, ó padre, o ajuste assela.
Ou d'Ásia o desertor eu só na Estige
Despenho (assista o exército em repouso)
E a querela comum vinga este braço;
Ou vencido me entrego, e mais Lavínia."

Tranquilo então Latino: "Ó bravo jovem,
Quanto em brio te excelsas, mais me cumpre
Temer por ti, pesar-te os casos todos.
Muito hás valente a herança acrescentado;
Nem ouro falta e ânimo a Latino:
Possui Laurento e o Lácio outras donzelas
Não somenos. Verdades sem rebuço
Desabridas me escuta, e não te enojes.
A filha (homens e deuses mo cantavam)
A nenhum proco antigo unir cabia:
Mas por nossa amizade e parentesco,
Pelo choro da esposa o nó desfeito,

Ao genro a fé quebrei com ímpias armas.
D'então vês quantos males hei sofrido;
Que transes tu mormente. Já perdidas
Ações duas, de Itália nestes muros
Jaz a esperança; o campo alveja de ossos,
Mana do sangue nosso o Tibre quente.
Que indecisão! que insânia me transtorna!
Se, Turno extinto, associá-los devo,
Por que, ele salvo, a guerra não termino?
Os consanguíneos Rútulos, a Itália
Que não dirá, se à morte (longe o agouro!),
Quando a filha me pedes, eu te exponho?
O lance é dúbio; o velho pai condoas,
Que em Ardea lá te aguarda e lá te chora."
Turno impaciente não se dobra: o achaque
Mais se agrava ao remédio. Apenas pôde:
"Por quem és, brada, ó pai, de mim não cures;
Deixa-me a escolha de acabar com honra.
Eu também sei jogar a espada e a lança,
E aos golpes deste pulso escorre o sangue.
Não tem cá deusa mãe que em névoa o encubra
Femínea, ou sombras vãs em que se esconda."

Treme a rainha à condição da justa,
Retém desfalecida o ardente genro:
"Turno, por este pranto, se hás de Amata
O pundonor a peito (pois coluna
Me és na velhice, e de Latino o império
E inclinada esta casa em ti se esteia),
Desse duelo desiste: eis quanto peço.
Dele, Turno, o teu fado e o meu depende;
A luz odiosa deporei contigo,
Nem genro o salteador verei cativa."

À voz materna, em lágrimas Lavínia
Incende as faces, de rubor corando;
Fogo instantâneo o vulto lhe escandece:
Tal fica o índio marfim na grã sanguínea,
Ou purpureia a rosa entre alvos lírios.
Pregando olhos de amor na casta virgem,
Turno em marte flameja: "Ó mãe, em suma,
Com tal choro e presságio não me aflijas,
Quando ao cru prélio desço: Turno alçada
Não tem na morte. Núncio, Idmon, não grato
Leva ao tirano frígio esta messagem:
Da Aurora crástina em puníceo coche
Ao roxear, os batalhões não mova;
Armas descanse o Rútulo e o Troiano;
Decida o sangue nosso; em liça aberta
Disputemos Lavínia; e cesse a guerra."

Disse, e parte; os frisões demanda, e os mira
Dos relinchos alegre: de Orítia
Prenda honrosa a Pilumno, sobrepujam
No curso os ventos, no candor a neve;
De aurigas a mão cova os peitos logo
Fagueira trata, as crinas lhes penteiam.
De alvo oricalco e ouro a crespa cota
Ele aos ombros circunda, a espada ajeita,
O elmo rubri-cornuto, a enorme adarga:
Fez-lhe a espada ao pai Dauno o rei do fogo,
E a temperou candente n'água estígia.
Do Aurunco Actor espólio, hasta robusta
Pega, ao maior pilar do meio fixa.
E a brande a blasonar: "Ó tu, que nunca
Falhaste, lança, é tempo: Actor pojante
Manejou-te, ora Turno; dá que eu prostre

Válido, e arranque ao semiviro Frígio
E lhe espedace a malha, em pó lhe suje
O frisado cabelo ungido em mirra.”
Furente e em sanha, o vulto lhe cintila,
Em brasa ardem-lhe os olhos: como o touro,
Que a luta ensaia horrífico mugindo,
Tentando irar-se, aos troncos remetendo,
A cornadas os ventos desafia,
A areia escarva, e à briga se aparelha.

Não menos fero nas maternas armas,
Enéias embravece e o marte afila,
Folga do ajuste que dirime a guerra.
Lembrando o fado, Iulo e os seus consola
Do susto; ao rei deputa, e lhe assegura
Que aceita a paz e as condições confirma.

Assim que doura o Sol os altos cumes,
Quando, ao surgir do pélago, os Etontes
Luz de amplas ventas sopram; campo à justa
Medindo aprestam Rútulos e Teucros
Sob a grande muralha, e em meios focos
E aras gramíneas às comuns deidades;
Parte, água e lume trazem, de verbena
E véus de linho as fontes coroando.
Pilos na destra, a legião d’Ausônia
Rui de atulhadas portas; frígia e tusca
D’além instrutas variamente as hostes:
Como se Marte os chame a duro prélio.
Mnesteu ramo de Assáraco, fulgindo
Em ostro e ouro, entre milhares corre,
E o Neptúnio Messapo e o forte Asilas.
Ao sinal, tomam posto, as hastas plantam,

Encostam seus broquéis. O inerme vulgo,
Ávidas mães, enfraquecidos velhos,
Por cumieiras derramam-se e por torres,
De janelas e eirados se debruçam.

Do monte, agora Albano, já sem nome,
Lustre nem glória, atenta Juno a liça
E os exércitos ambos e Laurento.
Eis fala a deusa à diva irmã de Turno,
A qual, em paga do pudor virgíneo
Que o pai sumo roubou-lhe, os ressonantes
Rios preside e lagos: "Sabes, ninfa,
Das ribeiras adorno, entre as Latinas
Que entraram do meu Jove o leito ingrato,
Só me és cara, e no Olimpo coloquei-te.
Teu mal, Juturna, aprende, e não mo imputes:
O Lácio, enquanto aprouve à sorte e às Parcas,
Hei protegido e a Turno; mas conheço
Que o moço lida com funesto auspício,
E que o termo fatal se lhe aproxima.
A briga, o ajuste os olhos meus não sofrem.
Se algo ousas pelo irmão, convém que o faças:
Talvez melhore o fado." Aqui Juturna
Se lava em pranto, e vezes três e quatro
A punhadas maltrata o seio lindo.
"Não é tempo de lágrimas, diz Juno;
Eia, o irmão de algum modo esquiva à morte,
Ou desmancha tal pacto e a guerra incita:
Esta empresa, eu t'a ordeno." E a ninfa deixa,
A quem tituba o coração dorido.

Com toda a pompa entanto os reis saíram:
Em quadriga Latino, em cuja fronte

Brilha em dourado sol de raios doze,
Do avô debuxo; em alva biga Turno,
Que dois hastis sopesa de ancho ferro.
Dos Romúleos o pai do arraial marcha,
Fulgurando no escudo e arnês sidéreo,
E Ascânio ao pé, de Roma outra esperança;
Em veste pura, de uma cerda o feto
E intonsa o fecial aduz cordeira
Para as flagrantes aras. Ao nascente
Eles virados, salso farro espargem,
Com faca marcam na moleira as hóstias,
Libam taças no altar. O pio Enéias
Despindo o alfanje, orou: "Testemunhai-me,
Sol, terra por quem tanto hei padecido,
Onipotente soberano padre,
E tu Satúrnea deia, já mais branda;
Eu vos depreco; invoco a ti, Mavorte,
Árbitro das batalhas; fontes, rios;
E a vós do mar cerúleo e etéreos numes.
Se acaso triunfar o ausônio Turno,
Os vencidos, convenho, a Evandro passem,
Daqui se aparte Iulo; nem com armas
Contra este reino os meus, revéis conspirem:
Se a vitória coroa o marte nosso
(Como antes cuido, e os deuses mo concedam),
Eu não pretendo o império, e ao Teucro menos
O ítalo sujeitar: em laço eterno
Lei justa invictos una os povos ambos.
No culto intervirei; na guerra o sogro:
Tenha o solene mando. A nova Troia
Funde-se, e o nome seu lhe dê Lavínia."

Enéias finda; e começou Latino,

Seu olhar para cima e a destra alçando:
"À terra, Enéias, juro, ao pego, aos astros,
E aos gêmeos de Latona e ao deus bifronte,
E às potências do abismo e a Dite sevo;
Juro ao pai que a troar sanciona os pactos,
D'ara às chamas que toco, aos numes todos,
Que, suceda o que for, jamais a Itália
A paz há de romper, nem força alguma
Dela me desligar; bem que um dilúvio
Nas ondas solva o mundo, o céu no inferno:
Como este cetro (e o cetro aqui sacode)
Nunca enverdecerá com sombra e folhas,
Pois extirpado, sem ter mãe que o nutra,
Depôs no bosque a ferro a coma e os galhos;
Árvore já, que industre mão de engastes
Éreos ornara aos régios pais latinos."
Dest'arte as alianças confirmavam,
Em presença dos próceres; e as reses
Degolam para o fogo, e sobre altares
As entranhas em pratos lhes palpitam.

Muito há que o duelo desigual parece;
E de mais perto os Rútulos em susto
Observam como Turno a passo lento,
Lívido e mudo o juvenil semblante,
Submissa a vista, as aras acatava.
Ao ver a irmã Juturna que o murmúrio
Cresce, e desvaira o vacilante vulgo;
Fingindo-se Camerte (por avoengos
E paterno valor, por si preclaro),
Semeando rumores corre as filas.
Destra aos Rútulos clama: "Não vos peja
Que por tantos se arrisque uma só vida?

Em número e denodo iguais não somos?
Ei-los presentes Árcades e Troas,
Da Etrúria a fatal hoste infensa a Turno:
Cada qual seu contrário apenas temos.
Ele que aos divos se ale, aos quais se imole,
Vivo na voz da fama; e em ócio quedos,
Nós cá, perdida a pátria, ao jugo estranho
De soberbos senhores nos rendamos!”

Isto afogueia os moços; e um sussurro
Pelas turmas serpeia. Já mudados
Laurentes e Latinos, que esperavam
Em seguro, a paz rota e pugnar querem;
Do infortúnio de Turno se amiseram.
Mais Juturna os instiga, e um sinal mostra
Que a propósito os ânimos conturba,
Do prodígio embaídos: águia fulva
No rubro éter caçava um sonoroso
Leve marinho bando; e a voo às águas
Presto resvala, e empolga um cisne belo
Na ávida garra. Os Ítalos se alentam;
E as aves todas, ó portento! a fuga
Ruidosas convertendo, em nuvem densa
Tapando os ares, o inimigo atacam;
Té que, cedendo à força e à mesma carga,
Esmorece, e no rio a grave presa
Das unhas larga, e some-se nas auras.
Todos, prestes à lide, o auspício aclamam;
E brada o áugur Tolúmnio: “Isto, isto, ó numes,
Tanto roguei-vos; o favor aceito.
Comigo, arma, arma, ó gente amedrontada,
Quais fracas aves, pelo atroz vindiço
Que estas praias devasta: ele não tarda

Velas a dar corrido ao ponto fundo:
Cerrando as filas, defendei comigo
O rei vosso e da justa arrebatai-o.”

Disse, e logo um zarguncho infesto arroja;
Os ares frecha o estrídulo corniso:
Soa o alarido; horrífico tumulto
Os cúneos turba, os corações escalda.
A hasta, a voar por entre nove esbeltos
Irmãos, que de fiel tirrena esposa
Houve o Arcádio Gilipo, alcança um deles,
De relumbrante arnês gentil mancebo,
Onde o cosido bálteo o ventre pisa,
E a mordente fivela une as charneiras;
Traspassa as costas e na arena o estira.
Acres, cegos do nojo, os irmãos rompem,
Remesso ou gládio em punho; os de Laurento
Contra avançam: de novo inundam Frígios,
E arreados Arcádios e Agilinos.
Um só do ferro o amor domina em todos.
Saqueiam-se(83) aras; tolda os pólos torva
De rojões tempestade e chuva de aço;
Copas tiram, tições: Latino foge,
Da injúria aos deuses, da traição queixoso.
Qual emparelha o coche, qual de um salto
Cavalga lesto, qual desnuda a espada.

Messapo, que anular deseja as pazes,
Ao Tusco Auletes em reais insígnias
Remete o bruto: a recuar de espanto,
Atrás o triste rei de encontro às aras,
Cai de ombros e cabeça. Eis que Messapo
Do alto corcel malfere ao suplicante

Com trabal chuça, e férvido vozeia:
“Morre, esta é melhor vítima aos supremos.”
285 Acode a chusma, e os quentes membros despe.

Corineu, de um tição do altar pegando,
A Ebuso, que despede e um golpe acena,
Chameia o rosto: luz comprida a barba,
O chamusco a cheirar. De chofre às grenhas
290 Deita-lhe a esquerda, mete-lhe o joelho,
Prostra-o sem tino, corre-lhe a estocada.
A Also pastor, que em frente arrosta e campa,
De alfanje nu seguindo Poladírio,
O assoberba; Also, erguendo a machadinha,
295 Lhe escacha a testa e o queixo, as armas rega
Dos esparsos miolos; férreo sono
O urge, e os lumes em noite fecha eterna.

Mas, patente a cabeça, a destra inerme
Leva, e aos seus brada Enéias: “Suspendei-vos:
300 Que furor, que discórdia vos despenha?
Ferido o ajuste, as condições compostas,
Devo eu só pelejar, deixai-me; os pactos,
Não receeis, confirmará meu braço:
Já destinam-me Turno os sacrifícios.”
305 Nisto, seta a zunir no herói se encrava:
Que mão, que impulso a disparou, se ignora;
Se aos Rútulos um deus, se o mero acaso
Tal glória permitiu: supressa a fama,
Do golpe e arrojo tal ninguém jactou-se.

310 Turno, ao partir Enéias, vendo os chefes
Consternados, fervente e esperançoso
Pede armas e corcéis, no carro salta,

Meneia altivo as rédeas. Voa, imola
Muitos varões de prol, ou semimortos
Os roda, ou sob o coche esmaga imensos,
De hastas se apossa que aos fugidos vibra.
Se o truculento Marte no Ebro frio
Pulsa o broquel e incita os corredores,
Eles, bufando pelo plaino livre,
Zéfiro e Noto excedem; geme inteira
Ao seu tropel a Trácia; ao nume escoltam
A Ira, a Traição, do Susto o aspecto baço:
Tal em suor fumantes os cavalos
Braceja alegre Turno, e insulta os mortos;
Sanguíneo orvalho esparge e verte a roda,
Na lenta areia a unha o cruor calca.
Mata a Folo e Tamíris à mão tente;
A Sténelo de longe, e a Glauco e Lades
Irmãos, que em Lícia Imbraso pai criara,
E igualmente os armou, que a pé combatam,
Ou na equestre corrida as auras vençam.
Lá, do antigo Dolon guerreira prole,
Pompeia Eumedes, imitando em nome
O avô, no esforço o pai; que ousara, em paga
De ir espiar o acampamento graio,
De Aquiles para si pedir o coche:
Mas de outro modo lho pagou Tidides;
Ele aos frisões do herói nem mais aspira.
Turno, avistando na planície o filho,
Joga-lhe um dardo pelos vácuos ares,
Para, da biga pula, e ao semivivo
Que descai sobrevém, no colo a planta
Lhe imprime, esbulha-o do punhal fulgente,
Na garganta lho tinge, e assim blasona:
“Mede jazendo, ó Teucro, o solo hespério

Que vinhas conquistar: dos que me afrontam
Eis o prêmio; dest'arte os muros fundem."

A botes lhe ajuntou Síbaris, Bustes,
Cloreu, Dares, Tersíloco, e Timetes
Que aos trancos o animal da cerviz lança.
Qual, se do Egeu no pego o Edônio Bóreas
Sopra sonoro e as ondas rola às praias,
Do céu, por onde vara, espanca as nuvens;
Tal ao fogoso Turno as alas cedem,
E fogem batalhões: o ímpeto o leva,
Batem-lhe o carro as flutuantes plumas.
Fegeu não lhe suporta o orgulho e sanha;
Ao coche avança, aos rápidos ginetes
Retorce os freios e espumantes queixos.
De rojo e às bridas preso, em descoberto
O apanha larga chuça, e a coira dobre
Rota, a cútis lhe prova o golpe leve.
Ele se adarga, e já de estoque em riste,
Volto para o inimigo, auxílio pede:
Mas o eixo despedido e a roda o impele,
Cai por terra; e entre a cota e o casco Turno
Decepa-lhe a cabeça, e troncho o prostra.

Enquanto ufano tudo arrasa e estraga,
Mnesteu e Acates fido e Iulo às tendas
A Enéias acompanham, que sanguento
No conto abordoava os tardos passos.
Raiva a lutar, e o meio quer mais pronto
Com que da haste quebrada a farpa arranque:
Abram de espada, e o golpe dilatando
Catem-lhe o ferro, por que à pugna torne.
Era presente o Iasidis Iapis,

Dileto amigo do extremoso Apolo;
Que ledo as artes suas lhe doara,
O augúrio, a música, as ligeiras setas.
Ele, a fim que a seu pai retarde os fados,
Antes inglório conhecer as ervas
E exercer quis a muda medicina.
N'hasta a bramir Enéias se estribava,
Cercado imóvel de tristonhos jovens
E de Ascânio a chorar. Peônia a loba
O hábil velho traçando, em vão tenteia
E usa as de Febo virtuosas plantas,
Em vão sonda com jeito e prende o ferro
Com tenaz pinça: nem fortuna o serve,
Nem seu mestre o socorre; e mais no campo
Mais cruel medra o horror, mais perto avulta.
Já se enovela o pó, já se ouvem rinchos,
No arraial chovem dardos; grita imensa
Dos combatentes soa e dos que morrem.
Vênus, a quem do filho as dores pungem,
No créssio Ida colheu de flor purpúrea
Dictamo(84), caule de pubentes folhas;
Não da corça ignorado, se expedita
Frecha ao dorso lhe adere. Em névoa escura
Vênus o traz envolta: em vaso terso
De água turva o infundindo, oculta o misto
Ela tempera, e esparge-lhe os salubres
Sucos de ambrosia(85) e odora panaceia.
Ínscio o longevo Iapis à ferida
O banho aplica: logo a dor se extingue,
O sangue estanca; a seta por si mesma
Já segue a mão; restauram-se-lhe as forças.
"Presto, armas ao varão; tardais? primeiro
Grita Iapis e os ânimos inflama:

Não foi perícia minha ou arte humana
Que, Enéias, te curou; foi celso nume,
Que a façanhas grandiosas te reserva.”

Ávido o Frígio as caneleiras calça,
E as demoras detesta e brande a lança.
Depois que enfia o escudo e a cota enverga,
De ponto em branco armado abraça o filho,
Ergue a viseira e o beija: “O vero esforço
De mim, Ascânio, aprende e o sofrimento;
De outros, a dita. Agora a destra minha
Vai segurar-te, o que reputo um prêmio:
Lá na idade madura não te esqueças
Do exemplo dos avós, nem de que houveste
Enéias por teu pai e Heitor por tio.”

Disse, e hasta ingente balançando parte;
Das portas após ele turba infinda,
Anteu sai e Mnesteu; largando os valos
Flui toda a gente: cego pó se enrola,
E ao pulsar do tropel treme a campanha.
De adverso marachão distingue-os Turno:
Gelo aos d’Ausônia pelos ossos coa.
Primeira entre eles percebeu Juturna
O ruído, e vai-se trépida. Ele a voo
Traz a atra nuvem pelo aberto plaino.
Quando, em sidérea conjunção, borrasca
Do mar ronca, os agrícolas pressagos
Ai! se arrepiam, que ela estrago e dano
Aos pomares prepara e às sementeiras;
Sopra o vento, e um sonido às praias chega:
Tal o chefe reteu move as esquadras,
E em cúneo as cerra e densa. Ao grave Osiris

Fere e trunca Timbreu, Mnesteu a Arquécio,
Acates a Epulon, a Ufente Gias;
Tomba o áugur Tolúmnio, o que o primeiro
Vibrou dardo infrator. Os céus atroa
Amplo alarido, e aos Rútulos agora
Fuga pulverulenta as costas volta.
A nenhum dos que fogem, dos que atiram
Distante, ou perto o investem, não se digna
De derribar o herói: só busca a Turno,
Por Turno clama, entre a caligem basta.

A virago Juturna, apavorada,
Por entre os loros a Metisco, auriga
De Turno, ao longe do timão sacode:
Monta, e maneja e dobra undantes bridas;
Finge a voz de Metisco e a forma e as armas.
Qual de rico senhor por tetos e átrios
Fusca andorinha adeja, cata e indaga
Para os gárrulos ninhos o cibato,
E ora por vácuos pórticos, chilreira,
Ora por tanques úmidos revoa;
Tal a trote Juturna, entre inimigos
Percorre tudo no ligeiro carro,
Do irmão fazendo alardo: à luta o esquiva,
Por desvios o aparta. Enéias óbvio
Lesto os rodeios corta, e à pista a vozes
De hostes esparsas pelo meio o chama:
Sempre que a Turno olhos desfere e emula
O curso dos alípedes cavalos,
Juturna o evade retorcendo o coche.
Ah! que obrará? flutua em vários estos,
E diferentes cuidos o arrebatam.
Leve armado, Messapo dois virotes

Na sestra acaso tinha; um vibra e acerta:
Para, escuda-se o Teucro, e a perna encurva;
Mas levou-lhe o farpão cimeira e plumas.
Surgem-lhe as iras; da traição coacto,
Mal sentiu que os frisões e o coche o evitam,
A Jove atesta e as aras violentadas,
Acerbo invade com propício marte,
E, sem descrime na fatal matança,
As rédeas solta à cólera terrível.

Qual deus, quem há, que em verso me declare
Que estragos na campina e mortos cabos
Derramou Turno agora, agora Enéias?
E permitis, ó céus, que entre si lutem
Povos que têm de unir-se em laço eterno?

Ao Rútulo Sacron não tardo o Anquíseo
(Pugna que em seu furor deteve os Teucros)
De lado, onde é mais pronta a morte, o ferro
Mete, e a caixa do peito e as costas vara.
A Diores e Amico irmãos desmonta
A pé Turno, um de espada aguda vindo,
Um de hasta longa; e de ambos as cabeças
Talha, e sangue estilando ao coche as prende.
O Dardânio a Talon, Cetego, Tánais,
Que investem juntos, mata, e o pobre Onites,
Nome equiônio, de Perídia nado:
Turno, uns irmãos da Lícia, a Febo cara,
E a Menetes Arcádio, à guerra avesso;
Moço em Lerna piscosa afeito(86) às redes,
Sem dos grandes saber do pai na choça,
Que de renda um campinho semeava.
Como dá solto o incêndio em seca mata

E crepitantes louros; como espúmeos
Estrepitosos rios despenhados
Com vastadora queda ao mar caminham:
Tais os dois campeões rútulo e teucro
Se precipitam; já flutua interna
Raiva; já corações que o não cuidavam
Rasgam-se; os golpes desmedidos fervem.
Enéias a Murrano, que arrotava
Lácios avoengos de real prosápia,
Com seixo enorme em turbilhão derriba:
As rodas volvem-no entre o jugo e os loros,
E ingratos brutos com patada crebra
Conculcam seu senhor. De Hilo, que imano
Fremente ameaça, às têmporas douradas
Contorce Turno um dardo, que pelo elmo
No cérebro se encaixa. Não o evitas,
Creteu, valente Graio. Nem de Enéias
A Cupenco seus deuses resguardaram:
De encontro o peito ao ferro, ah! nada embarga
O éreo broquel. Também laurentes agros
Viram-te, Eolo, vasto chão cobrindo:
Morres tu, que as falanges não puderam
Grajugenas prostrar, nem do priâmeo
Reino o eversor Aquiles: no Ida excelsas,
Excelsas casas em Lirnesso tinhas;
Tens a meta em Laurento e a sepultura.
Tudo é baralha, os Teucros, os Latinos,
Briga tudo; Mnesteu, Seresto bravo,
E o picador Messapo e o duro Asilas,
Alas de Evandro e batalhões toscanos:
Com sumo esforço cada qual porfia;
Larga, incessante, encrua-se a batalha.

Aqui Vênus formosa inspira ao filho
Que assalte os muros, e a Laurento opressa
Com mortandade súbita consterne.
Ele, que, a Turno investigando, os lumes
Deita em redor, quieta e impune avista
A pérfida muralha; e em marte aceso
Traça plano maior. Mnesteu, Sergesto,
Seresto forte chama; e num outeiro,
Onde reúne os seus de escudo e lança,
Do alto brada: "Obedeçam-me de pronto;
Júpiter é por nós, executai-me
Não frouxos o repente. Hoje a cidade,
Causa do mal, e de Latino os reinos,
Se o freio me refusam não submissos,
Destruo, assolo os tetos fumegantes.
Esperarei que a Turno já vencido
A justa apraza? Da nefanda guerra
Eis, cidadãos, a suma, eis o remate:
Sus, reclame-se o pacto a ferro e fogo."

Disse; e, formando em cúneo a densa mole,
Ataca os muros. A escalada, o incêndio
Cresce: uns às portas, retalhando os guardas,
A discorrer; o alfanje a esgrimir outros;
O ar de tiros se obumbra. Entre os primeiros
No muro Enéias mesmo a destra ferra;
Grita e acusa a Latino; os céus atesta
Que à batalha é forçado, que hostilmente
Os de Itália o agrediram duas vezes,
Duas também às convenções faltaram.
Dentro lavra a discórdia: esparvoridos
Uns abrir ao Troiano as portas querem,
E ao muro o mesmo rei consigo arrastam;

Armam-se outros e insistem na defensa.
Tal, se na cresta o latebroso pomes
O rústico enche de vapor amargo,
Trépido errando o enxame em céreos valos
Zumbe, a cólera aguça: olor nos tetos
Forte rescende, um murmurinho cego
No ouco soa, e no ar se engloba o fumo.

Mais quebranta os Latinos um desastre,
Que a cidade revolve e um luto abala:
Vendo a rainha do inimigo a entrada,
Pelas casas o incêndio, e que nem Turno
Comparece nem rútula falange,
Morto o mancebo no conflito julga,
E em túrbida agonia a triste clama
Que de mal tanto e crime é fonte e causa;
Vocifera sem tento, e furibunda
Rasga o manto purpúreo, e atando um laço,
De alta viga pendeu com morte informe.
Corre a fatal notícia; as róseas faces
A filha dilacera e as flavas tranças;
Mestas em torno as damas esbravejam;
O pranto a régia estruge. Divulgada
A cruel fama, os corações prosterna:
A cidade em ruína, a esposa extinta,
Latino atônito espedaça as vestes,
E as cãs em pó denigre enxovalhadas;
Muito se acusa de não ter a Enéias
De grado recebido e aceito genro.

Remoto o belaz Turno, menos lesto,
Já dos frouxos cavalos descontente,
Persegue uns trasmalhados: eis que as auras

Trazem-lhe terror cego e vozeria
E os ouvidos atentos lá percebem
Murmuro desalegre e som confuso:
“Ai! que rumor tamanho, luto quanto
Rui dos opostos perturbados muros?”
Disse, e as bridas retém, sem tino estaca.
Mas a irmã, que em Metisco disfarçada
Regia o coche, lhe tornou: “Sigamos
A via, Turno, que a vitória indica;
Braços há na cidade que a defendam.
Se ataca Enéias e atropela os nossos,
Com fero estrago os seus também rendamos:
Não te irás inferior na glória e feitos.”
Turno: “Irmã, respondeu, muito há conheço;
És tu que arteira, desmanchando o ajuste,
Na ação te ingeres: não me enganas, deusa.
Quem te enviou do Olimpo a tantas lidas?
Vens do irmão assistir ao cru trespasso?
Que resta? que inda espero da fortuna?
Ante os meus olhos, só por mim chamando,
Murrano acaba, o meu melhor amigo,
De atroz ferida; o caro Ufente expira,
Por não testemunhar a afronta nossa:
Possui-lhe o corpo e as armas o inimigo.
Sofrerei, duro transe! os tetos rasos,
Sem que a Drances refute a destra minha?
Ver-me o Lácio dar costas! fugir Turno!
Pois morrer tanto custa? Vós, ó manes,
Já que os céus me aborrecem, protegei-me:
Alma insonte e sem mancha, à Estige baixo,
Dos meus grandes avós não terei pejo.”
Nisto, Saces no espúmeo alado bruto
Entre as filas hostis, frechada a cara

Mostrando, implora a Turno: “És nosso amparo,
Turno; dos teus há dó. Fulgúreo Enéias
De exício ameaça as fortalezas nossas;
Já voam fachos. Em ti só fitamos
Os olhos, Turno, em ti: na escolha mesmo
De genro ou de aliança el-rei tituba;
E a rainha fiel, desesperada,
Suicidou-se a final(87). Messapo e Atinas
Sustentam sós às portas o conflito;
Férrea hirta messe, densa turba os cerca:
Tu no deserto prado o coche rodas!”

Turno, ao se afigurar tão vários casos,
Tácito e quedo embaça; luto, insânia,
Vergonha, amor, estuam-lhe no peito,
Fúrias e o cônscio brio. Assim que as trevas
Dissipa e a mente acalma, conturbado
A vista em brasa revirando aos muros,
Do seu carro contempla a grã cidade.
Eis que um vórtice flâmeo, ao céu montando,
Ondeia entre os soalhos de uma torre,
Que ele erguera de traves bem compactas
Com rodas e altas pontes. “Não me estorves;
O fado vence, irmã: já já corramos
Onde ele e um deus nos chama. Com Enéias
Braço a braço, a tragar a morte acerba
Disposto, irmã, não me verás sem honra:
Ah! deixa-me antes em furor cevar-me.”
Disse, e do carro apeia: entre armas e hostes,
Largando a irmã chorosa, pelo meio
Dos Teucros rompe com veloz carreira.
Qual, se por furacão do monte a penha
Rola avulsa, ou das chuvas aluída,

Ou por vetustos anos solapada,
De princípio em princípio aos tombos,
Selvas no ímpeto arrasta, armentos, homens;
Tal, com vasta ruína, aos muros Turno
Se despenha, onde o sangue alaga a terra
E de espessos farpões os ares zunem.
Acena e grita: “Ao ferro dai, Latinos,
Tréguas, e ao dardo ó Rútulos: a sorte
Qualquer que for, é justo que o tratado
Eu por vós desempenhe e só peleje.”
Todos se arredam, largo espaço abrindo.
Seu nome ouvido, acelerado Enéias
As fortalezas desampara; as obras
Interrompe de chofre, alegre exulta,
E horrendo em armas toa: o Atos, o Erix,
Mesmo o Apenino padre, assim bramindo
Folga, e azinhos balança coruscantes,
E alteia às auras o nivoso cume.
Frígios, Latinos, quantos as muralhas
Frangiam com vaivéns ou propugnavam,
Os olhos convergindo, o arnês dos ombros
Lassos depõem. Do encontro o rei pasmava
De heróis que, nados em distantes plagas,
Entre si valorosos combatiam.

Vazio o campo, à desfilada, lanças
De longe eles vibrando, o marte encetam,
E éreos broquéis ressoam, geme a terra:
Crebros talhos de espadas já redobram;
Ardil, valor, fortuna, se confundem.
Se no celso Taburno ou Cila imensa
Dois touros fronte a fronte hostis concorrem,
Os maiorais se assustam; mudo o gado,

Surdo as novilhas tugem, sem que atinem
Qual, dono da manada, ao bosque sigam;
Lutam renhidos enganchando os cornos,
Mesclam-se os golpes; muito sangue inunda
Colos e espáduas; brama a selva e muge:
Dos heróis Teucro e Dáunio assim retinem
Broquéis e cotas, e o fragor ribomba.

Ouro e fio a balança, os fados de ambos
Jove nas conchas libra, examinando
Quem na lide sucumba e vergue ao peso.
Turno então, ferir crendo impune, esgrime,
Com todo o corpo sobre o gládio cresce;
De susto um e outro campo exclama atento:
Mas a pérfida folha estala e falha;
E ao ver, sem mais recurso o moço ardente,
Ignota empunhadura e a destra inerme,
Como Euro foge. É voz que, ao primo assalto
Montando o coche, em vez do pátrio ferro,
Do auriga arrebatou sem tino a espada:
Ela bastara a dispersar os Teucros;
Mas, à prova das armas de Vulcano,
Se desfez como gelo o mortal gume,
E em pedaços brilhou na fulva areia.
Turno deita veloz pela campina,
E mentecapto aqui e ali volteia:
Lá fecham-no em coroa os Frígios densos,
Árduos muros além, cá vasto lago.
Acre Enéias o acossa, e bem que às vezes
Lhe impeça e agrave os joelhos a frechada,
Urge ao medroso o pé com pé fervente:
Qual, se em rio o sabujo encontra o cervo
Incluso, ou do espantalho de punícea

Pena acuado, late e o corre e caça;
Da ribanceira e insídia espavorido,
Safa-se ele, anda e vira; o vívido umbro
Hiante o alcança, quase quase o aferra,
E, como se o pegara, os queixos range,
E a vã dentada o ilude; a grita e os ladros
Retumbam na lagoa e em torno às ribas,
Toa ao tumulto o céu. Na fuga Turno
Exprobra e os seus nomeia, exige e pede
A nota lâmina. O rival comina
Morte, se alguém lhe acode, o estrago e exício
Da cidade, e ferido insta, amedronta.
Cinco vezes girando e regirando,
Leves prêmios de jogos não pleiteiam;
Da vida e sangue trata-se de Turno.

Sacro a Fauno, um zambujo havia acaso
De amara folha, aos nautas venerável;
Onde o náufrago os dons pregar soía
Ao deus, e as vestes suspender votivas:
Por que em plano combatam, sem descrime
A árvore santa os Frígios extirparam.
A hasta Enéias impele, que às raízes
Se lhe apega tenaz: quis arrancá-la,
Com sumo afinco e despedi-la a Turno,
A quem chegar a curso não podia.
Este louco de medo: “Há mágoa, ó Fauno;
Retém a lança, eu te oro, amiga Telus:
Sempre honrei vosso culto, e a guerra enéia
Profanado vos tem.” Não foi baldia
Sua oração; que sobre o tronco o Frígio
Curvo labuta, e não lhe vale o esforço
Do lenho a desfechar o morso rijo.

Enquanto mais se estriba e insiste, a diva
Dáunia, em forma do auriga, o irmão socorre,
Dá-lhe a espada. A ousadia irrita a Vênus,
Que baixa e da raiz despega a lança.
Refeitos de armas, de ânimo sublimes,
Este afoito no gládio, aquele n'hasta,
Do anelo Marte no lidar prosseguem.

Entanto o rei supremo a Juno fala,
Que de uma nuvem roxa observa a pugna:
"Que resta, esposa, e traças? Tu confessas,
Deve indígite Enéias, manda o fado,
Sede no Olimpo ter, subir aos astros.
Que urdes? que esperas em geladas nuvens?
A um deus violar convém com mortal golpe?
Render a Turno a espada (o que ousaria
Sem ti Juturna?) e acorçoar vencidos!
Basta, cede ao meu rogo: não te roa
Tácito enfado; a revelar-me o peito
A tua doce boca se acostume.
Veio o termo: agitaste o mar e a terra,
A discórdia incendeste, em luto infando
Envolta a régia, as núpcias perturbaste:
Não mais, agora o vedo." Cessa o padre;
E submissa contesta a irmã Satúrnia:
"Teu querer conhecendo, eu constrangida
Abandonei, senhor, a Turno e o mundo;
Senão, curtindo ultrajes, não me viras
Neste ar sozinha, mas na ação, de flamas
Cingida, em prélios consumindo os Frígios.
Sim, a ajudar o irmão suadi Juturna;
Louvei que por salvá-lo ousasse tudo,
Mas não que de arco e setas contendesse:

Da implacável Estige à fonte apelo,
Jura tremenda aos superiores numes.
Desisto alfim; batalhas já me enojam.
Favor obsecro não sujeito aos fados,
Pede-o Itália e dos teus a majestade:
Casamentos embora a paz componham,
E leis o pacto asselem; não permitas
Que os Latinos indígenas, perdido
O antigo nome, Teucros se apelidem,
Nem mudem língua e trajo. Eterno viva
O Lácio, os reis Albanos; herde Roma
O itálico valor, propague e brilhe:
Troia acabou, também seu nome acabe."

Sorrindo o árbitro sumo: "Irmã, lhe torna,
Segunda prole de Saturno, de iras
Estos volves no peito? O rancor cego,
Eia, amaina: de grado e às preces tuas
Tudo concedo. Fala e usanças pátrias
A Ausônia guarde, o nome seu conserve:
Consorciados fiquem-se os Troianos;
Farei que, em rito iguais e em sacrifícios,
Formando um povo, a mesma língua tenham.
Virão do misto sangue ausônio e teucro
Homens pios que aos deuses se avantagem;
Nem haverá nação que te honre tanto."
Juno eis anui alegre, a mente aplaca;
Do éter já se retira e a nuvem deixa.

Outra coisa então Jove em si versando,
Resolve separar do irmão Juturna.
Há duas pestes, por cognome Diras,
De um parto vindas com Megera estígia

Da escura Noite, que as liou de serpes
E asas lhes deu ventosas. Ante o sólio
De Jove sevo e ao limiar assistem,
E o medo afilam dos mortais, se alquando
Morbos ele prepara e o trago horrendo,
Ou pune as gentes com terrível guerra.
Júpiter uma lá de cima expede,
Que ominosa a Juturna se ofereça.
Ela, num turbilhão, qual frecha voa,
Que dispara o cidônio ou parto nervo;
Arma incurável que no fel untada
E cru veneno, alígera estrugindo,
Improvisa(88) atravessa as leves sombras.
Desce a filha da Noite; e, mal que enxerga
Os exércitos ambos, no pequeno
Pássaro contraiu-se que a desoras,
Pousando em cemitérios e ermas grimpas,
Cruja importuno e lúgubre nas trevas:
De Turno em cerco a peste assim revoa,
Guincha aleando, e lhe verbera o escudo.
Torpor novo o arrepia, hirto o cabelo,
Tronca a voz na garganta. A irmã, que ao longe
Distingue a Dira e as estridentes penas,
As madeixas lacera, de unhas rasga
E afeia o rosto, e o seio com punhadas:
"Como há de agora, Turno, a irmã valer-te?
Ai! que me resta que te alongue a vida?
Posso a tal monstro opor-me? Eu deixo o campo
Já já. Não me aterreis, obscenas aves;
O som letal e esse adejar conheço;
Não me enganam de Jove as duras ordens.
Paga-me generoso a virgindade!
Fez-me eterna? ó pesar! se eu mortal fosse,

Os desgostos findava, e aos tristes manes
Iria acompanhar o irmão querido.
Nada jamais sem ti me será doce,
Nada, meu Turno. Um boqueirão me engula,
860 E em seu profundo centro abisme a deusa.”
Cobre a cabeça então com verde manto,
E gemebunda se sumiu no pego.

O troço arbóreo coruscando Enéias,
Insta com feroz peito: “Que demoras,
865 Turno? arrependes? não correr, mas cumpre
Lutar com sevas armas. Várias formas
Toma, usa embora todo o esforço e manha;
Sobe de surto aos astros, ou te ocultes
Nas terreais entranhas.” Abanando
870 Ele a fronte: “Esses feros não me assustam;
Júpiter sim e os inimigos deuses.”
Nem mais, e encara antiga pedra enorme,
Agrário marco, estorvo de litígios;
Pedra, carga bastante aos mais robustos
875 Doze homens dos que a nossa idade cria:
Com tremor agarrando-a, herói se empina
E na corrida a impele; mas ignora
Se anda ou corre, se pega o ingente marco,
Se o move e arroja: faltam-lhe os joelhos,
880 Coalha o sangue. No vácuo roda a pedra,
E, sem que o termo alcance, o impulso esfria.
Como em sonhos, se lânguida modorra
Nos preme os olhos, ávida carreira
Tentando em vão, no meio esmorecidos
885 Sucumbimos; a língua e a voz nos falha,
Falham no corpo as forças: tal, por onde
Seu valor Turno ensaia, o impede a Fúria.

Cem cuidos versa: os Rútulos contempla,
Olha a cidade; enfia, e da iminente
Lança estremece, de evadir-se o meio
Nem contra o seu rival já vê recurso,
Nem mais a auriga irmã, nem mais seu carro.
Enquanto hesita, o lanço Enéias mede,
A hasta vibra fatal, forceja e solta:
Nunca assim fremem do mural trabuco
Jogadas rochas, nem. trovão rebrama:
Qual furacão letífera voando,
Da cota as orlas e os extremos orbes
Do septêmplice escudo a estrugir fura,
E a coxa lhe traspassa. Ao bote o moço,
Inflexa a curva, tomba; os seus alteiam
Mesto clamor; remuge inteiro o monte,
E na selva o lamento amplo reboa.
Turno olha humilde, súplice ergue a destra:
"Bem mereço, é teu jus, perdão não peço;
Mas, se de um pai (de Anquises te relembres)
Comove-te a velhice, a Dauno eu rogo
Me entregues, se não vivo, ao menos morto.
Venceste, e viu-me enfim a Itália toda
As palmas levantar: Lavínia é tua;
Os ódios não requintes." O acre Enéias
Para, os olhos volteia, a mão reprime:
Iam-no as preces quase enternecendo,
Quando o infeliz talim se mostra ao ombro
E a cravação do cingidouro fulge,
Despojos de Palante, a quem menino
Prostrara Turno com letal fereza,
E essa divisa infesta em si trazia.
Da cruel dor no monumento os olhos
Mal embebe, enfuriado o herói vozeia:

“Que! tu me escaparás dos meus com presa!...
Nesta ferida imola-te Palante,
Palante vinga-se em teu ímpio sangue.”
No peito aqui lhe esconde o iroso ferro:
925 Gelo os órgãos lhe solve, e num gemido
A alma indignada se afundou nas sombras.

NOTAS AO LIVRO I

1.-1.-Alguns excluem o que precede à proposição. Se nas Geórgicas menciona Virgílio as Bucólicas, não é muito que fale aqui não só destas como das Geórgicas, composição que sabia ser das suas a melhor acabada. Camões nos *Lusíadas* alude às poesias várias; e Menezes na *Malaca* às amatórias que escrevera.

18.-21.-O Tibre tem duas fozes: os que verteram *ostia* por um singular, ou os que, como Delille, o omitem, foram inexatos.

24.-31.-Explico o *sic volvere parcas* como Ferreira na égloga Archigamia. Este sábio, imitando a Virgílio, exprimiu todo o sentido do latim. Em português verteu bem só Barreto Fêo, posto que em sobejas palavras.

42.-43.-Mr. Villenave descobre contradição em queixar-se a deusa de não poder afastar os Troianos do Lácio, tendo dito o poeta que do Lácio andavam arredios pelo ódio de Juno. Virgílio, que toma a peito a causa do herói, refere o fato de errarem os Troianos longamente; mas Juno, que os via seguir o seu caminho apesar dos embaraços que lhes suscitava, julga não ter feito assaz: cada um fala segundo o seu interesse. Contradição fora se Juno é que tivesse dito uma e outra coisa.

62.-69.-O *Ni faciat* contém um como desafio: reflita-se na força que tem o presente do subjuntivo. O aliás insigne literato João Franco traduziu: *Se assim não fora*; no que se aparta do original. Nem Delille, nem Bondi, nem Dryden, nem mesmo o exato Annibal Caro, ou algum dos que consultei, foram mais felizes que João Franco.

96.-105.- Nos *Études sur Virgile*, increpa-se o receio de Enéias. A esta crítica, já antiga, La Rue (chamam-no em nossas escolas Carlos Rueu) brevemente responde: “Aqui alguns acusam Enéias de pusilânime, mas temerariamente; ele não receia a morte, sim a morte inglória e inútil.” Mr. Tissot excusa o mesmo receio em Aquiles e Ulisses: “D’ailleurs leur faiblesse, si c’en est une, repose encore sur la crainte de mourir d’une mort obscure, sans tombeau et sans apothéose.” De tempos a esta parte, os críticos amam achar mau em Virgílio o que louvam em Homero; meio moderníssimo de alcançar fama de espírito profundo. Isto me faz lembrar dos beatos que, para camparem de religiosos, gostam só das tragédias de Racine e Corneille, e não

sofrem a *Merope* e o *Orfão da China*, nem se comovem em *Zatra* e em *Mahomet*, por serem de Voltaire.

106-123. - 116-136. - Mr. Nisard do Instituto de França, na sua estimável obra sobre os poetas latinos da decadência, compara esta tempestade com a do livro XII da *Odisseia*, e tem que em Virgílio: "les Troyens sont presque moins intéressants que les effets de coups et d'hémistiches du poëte. Virgile, diz ele, sait déjà qu'une tempète est un morceau à effet, sur lequel on compte; il y met du soin, de la coquetterie; il ne croit pas qu'Eole pût faire assez bien les choses; il vient à son aide, il emploie tous les artifices du style: *praeruptus aquae mons; Hi summo in fluctu pendent; Volvitur in caput*. Le tout afin qu'un professeur de grammaire dise quelquefois: "Ne vous semble-t-il pas voir la montagne d'eau s'écrouler sur le vaisseau d'Oronte?... et ses navires ne sont-ils pas suspendus sur la crête des flots?... Le tableau, pour vouloir être plus complet, est plus vague; l'expression même est molle quelquefois. J'ai souligné le mot *insequitur*, qui vient deux fois, quoique ce soit le mot qui dise le moins de choses: il s'applique au temps, mais point aux objets... L'image du pilote tombant la tête la première ne touche point, d'abord parce que c'est un incident imité d'Homère, ensuite parce que la circonstance qui amène cette mort est vague; on ne se figure pas bien un vaisseau soulevé par la poupe et qui verse dans la mer son pilote par la proue, au lieu qu'on se figure très-bien un mât fracassé qui écrase en tombant la tête du pilote et le précipite dans les flots. *Ipsius ante oculos* ne fait ressortir que davantage le peu de précision du détail de Virgile; car on se demande naturellement: qu'est-ce donc que voit Oronte? est-ce la vague qui vient prendre son vaisseau en poupe? Mais il est si naturel qu'il la voie, qu'il l'est par trop de le dire. Virgile a mis une variante à la catastrophe d'Homère, qui ne me paraît pas heureuse: il fait disparaître dans un tourbillon le vaisseau d'Oronte. Homère s'inquiète peu du vaisseau d'Ulysse, une fois que tout ce qui s'y trouvait d'êtres vivants a péri, et qu'il en a un débris, sur lequel Ulysse se sauvera du naufrage. Virgile ne baisse pas la toile sur ces Troyens qui nagent sur la lame immense; il trouve encore un désastre plus grand, et ce désastre, c'est la perte des armes, des planchers, des richesses troyennes, qui flottent sur les ondes." — Peço vênia para uma quase dissertação: tenho de refutar a Mr. Nisard, escritor douto e espirituoso, e no seu arrazoado muitos são os reparos contra esta passagem, admirada há mais de 18 séculos. Concordo com ele no louvor ao pai da poesia épica: nada há mais simples e preciso do que essa descrição na Odisseia. O crítico porém não considerou a diferença do assunto: Ulisses, ainda que a Ítaca chegasse nu, como arribara à ilha dos Feaces, tinha consigo tudo que havia mister para atingir o seu fim, isto é para castigar os pretendentes e tomar conta de seu reino; mas Enéias, que ia

fundar um império, se nu abordasse a Itália, sem gente, sem o que a tanto custo salvara das ruínas de Troia, nada poderia obter, e estava gorada a Eneida. Esta reflexão basta para justificar o poeta de julgar lamentável a perda *des richesses troyennes qui flottent sur les ondes*: as riquezas, entre as quais iam alfaias, armaduras e mil objetos, pertencentes a amigos e a guerreiros troianos, além de serem necessárias aos fugitivos, eram outras tantas lembranças da pátria, cuja perda se devia lastimar. Assim, a lamentação de Virgílio, que se põe no lugar do herói, não recai sobre coisas inanimadas de preferência à *ces Troyens qui nagent sur la lame immense*, mas sobre as pessoas queridas que esses objetos representavam, mas sobre toda a sociedade troiana. Virgílio morreu sem limar a sua obra, e só a comunicava a poucos: em sua vida pois não houve professor de gramática que dissesse a seus discípulos: *Ne vous semble-t-il pas voir la montagne d'eau s'écrouler sur le vaisseau d'Oronte*? Não houve então ninguém que dissesse o mais que Mr. Nisard, com uma espécie de fino gracejo, põe na boca dos mestres de latim: o crítico deixou o século de Augusto, e colocou-se no nosso entre os pedantes das escolas; sem refletir que esses hemistíquios foram sempre saboreados pelos homens de melhor tato em todos os séculos, e que a admiração que tais belezas inspiram, passou dos sábios aos espíritos ordinários. — Não vejo também porque *l'image du pilote tombant la tête la première ne touche point, d'abord parce que c'est un incident imité d'Homère*. É porventura da natureza da imitação o nunca poder comover? Não pensaram assim Ovídio, Dante, Camões, Tasso, Milton, Voltaire, Chateaubriand; e o voto de engenhos tais é para mim da maior exceção. Mr. Nisard não entendeu o *ingens a vertice pontus*: creu que a mareta veio da popa. Virgílio, que em não poucas viagens tinha observado os fenômenos do mar, sabia como o escarcéu que vem d'avante é mais perigoso, e quanto é raro sossobrar a embarcação que as vagas batem em popa. — Para justificar o poeta marinheiro, como o denomina M. Jal, autor da *Archéologie navale*, deixemos falar este erudito, na sua breve mas profunda obra o *Virgilius nauticus*: "Il s'agit cette fois d'une lame immense qui, venant de la *proue* du navire d'Oronte, et tombant de haut (*a vertice* me paraît avoir ce double sens; il fortifie *ingens*, em même temps qu'il est en opposition avec *puppim*, comme extrémité du vaisseau), déferle sur la poupe, ébranle le capitaine, qui, au mouvement de tangage, est dèjá penché en avant (*pronus*), et le fait tomber roulant sur lui-même, la tête la première... Quant à *vertice*, quelques-uns y ont vu la proue, d'autres ne se sont pas préoccupés de ce détail, et j'aime mieux leur oubli qu'un contre-sens comme celui qui a échappé à Servius. Cet illustre commentateur veut que *a vertice* soit synonyme de *a puppi*; il ne réfléchi pas que, si la vague se dressant derrière la poupe était entrée dans le navire par l'arrière, ce n'est pas assurément sur la tête que serait tombé Oronte. Virgile a rendu avec sa

rare habileté de poëte marin l'effet du tangage et l'embarquement par l'avant de cet effroyable paquet de mer qui couvre le vaisseau, et l'engloutit dans un tourbillon où il sombre, la proue en avant, en tournant trois fois sur lui-même. — Nem o texto, nem M. Jal com toda a competência na matéria, fala em Oronte cair no mar; ele morreu com a tripulação n'um vórtice do navio; caiu no convés, por efeito da arfagem, e não fora da embarcação: o poeta pinta fenômenos interessantes aos que têm feito maiores viagens que as dos batéis do Sena, e que talvez não são aos que nunca viram uma tempestade no oceano ou junto de uma costa brava. — O *ipsius ante oculos* foi mal interpretado por M. Nisard: refere o *ipsius* a Oronte, devendo referi-lo a Enéias. E porque diz o texto que era ante os olhos de Enéias? Eis aqui: uma tempestade não dá com a mesma força em todos os navios da mesma conserva, carrega mais em uns que nos outros; e, colocando-se a nau do chefe próxima da que sossobrou, mostra-se o perigo iminente do herói; o que concorre para o interesse da situação. Pode ainda tirar-se uma ilação; isto é que, se não pereceu também a capitânia, Enéias o deveu à experiência e cautelas do piloto mais perito da frota, o velho Palinuro, que estava a seu bordo. — Das censuras só resta uma, o verbo *insequitur* duas vezes na mesma descrição: defeito levíssimo, que não pode afeiar uma tão formosa passagem. Ainda assim, nesta justa censura há duas inexatidões: o *insequitur* não é tão fraco como Mr. Nisard imagina, significa também *instar, perseguir*, e o crítico parece discorrer antes sobre o simples *sequitur* do que sobre o composto, a que a preposição *in* imprime uma força maior; nem o verbo somente *s'aplique au temps, mais point aux objets*; o contrário se vê em Cicero, Philip. 2: Si tum occisus est, quum tu illum in foro spectante populo romano gladio stricto insecutus es. — O *praeruptus aquae mons* acaba em um monosílabo, como para mostrar o cimo da montanha d'água. O nosso vocábulo *monte* é dissílabo; e, se nele terminasse o verso português, não tinha a mesma graça: terminei-o no pronome *se* monosilábico, referindo-se a monte, e obtive assim a vantagem do latino. Os que sentem as belezas da versificação, creio, devem gostar do esdrúxulo; que, tendo mais uma sílaba, parece aumentar a altura da vaga.

139-149. - 151-160. - *Vaga* de per si quer dizer *onda agitada*; omiti pois *motos*. Em semelhantes casos assim o faço; o que torna esta tradução a mais concisa de quantas tenho examindado. — *Lançar-se* o mar por *abonançar* é dos bons antigos. *Desengasgar*, posto que português e vulgar, falta nos nossos melhores dicionários.

163. - 175. - Chateaubriand, no *Itinerário*, é da opinião do doutor Shaw, de que esta baía não existiu só na cabeça de Virgílio, mas ao pé de Cartago. Assemelha-se todavia ao porto

de Phorcyna em Homero.

183. - 195. - Naquela época não se usava de fermento para levedar o pão, nem havia moinhos; torravam-se os grãos e quebravam-se em pedra. Quando imprimi este livro em separado, usei mal do vocábulo *mó*. João Franco usa do vocábulo *pedra*; mas acrescentando o adjetivo *orbicular*, parece ter tido o mesmo engano que eu. O Snr. Lima Leitão pondo *mó*, o Snr. João Gualberto e Barreto Fêo pondo*moer*, também se enganaram.

186. - 199. - Caíco tinha mais de um navio sob as suas ordens imediatas, o que indica o plural *puppibus*. Sigo a La Rue e Mr. Jal na opinião de que *arma* não são bandeiras, nem armas pintadas, mas broquéis, lanças, que se suspendiam no alto das popas. Annibal Caro e João Franco traduzem *arma* por bandeiras.

210. - 223. - Este verso, exprimindo a prudência do chefe que sufoca seus temores, tem merecido a aprovação geral; mas Mr. Tissot o acha mau, porque Enéias desespera da sua fortuna e desconfia dos deuses, e um tal varão não é feito *pour gouverner les passions et les volontés de ses semblables*. Enéias, bem que pio, é natural que às vezes desconfiasse dos oráculos, e ainda mais da sua fortuna; e se nunca tivesse tal desconfiança, crendo que o fado o ajudava em todas as empresas, a certeza de obter tudo com o favor supremo diminuiria o preço da sua coragem pessoal: as mais das vezes porém é a confiança nos deuses que o acorçoava. O poeta conhecia melhor a nossa natureza do que os seus críticos, e não exagerava os sentimentos; folgava de deixar ver o homem no herói.

215-228. - 224-228. - Observe-se a brevidade e concisão do português: o nosso *esfolar* verte fielmente o *tergora diripiunt costis*; o nosso *espostejar*, o *in frustra secant*; o nosso *desentranhar*, o *viscera nudant*. Para o *verubusque trementia figunt* servi-me de quase um verso do harmonioso e corretíssimo Garção. Conservo o epíteto *velivolum*, posto que Mr. Villenave o tenha, com razão, por menos bem aplicado a *mare* do que aos barcos, preferindo o emprego que dele fez Ovídio, nas *Pont*., liv IV, epist.5.

251-252. - 262- 263. - Antenor fundou Pádua, a qual primeiro denominou Troia, e ali estabeleceu a pequena colônia dos Antenóridas; Enéias foi quem ao Lácio conduziu o grosso da nação: é por isso que, falando de Antenor, digo *deu casa a Teucros*, e falando de Enéias, direi *deu casa aos Teucros*. Distinção não feita pelos tradutores, talvez minuciosa, mas tendente à exatidão e à clareza.

290-291. - 302-304. - Mr. Tissot, a propósito desta passagem, sentencia que o poeta, *en*

donnant toutes les perfections à ses principaux personages, Auguste et Énée, a méconnu la nature et s'est privé des ressources que lui aurait fournies une imitation plus fidèle de la vérité. Parece incrível que seja isto de quem há pouco vimos tachando o herói troiano de não ser para governar as paixões e vontades de seus semelhantes; o pior defeito de um chefe. Para confutar a Mr. Tissot, recorro a Mr. Tissot. — Se fossem verdadeiras as baldas que à Eneida assacam, não digo os Zoilos, mas os seus mesmos apaixonados, seria ela o mais reles dos poemas. Assim, o pintor que expunha um gabado quadro para colher as críticas e aperfeiçoá-lo, viu que o público o admirava; porém que tantos eram os defeitos que lhe achavam os admiradores, que melhor seria ou ficar o quadro como estava, ou borrá-lo e compor outro. Assim, a moça formosa, a quem todo o rancho dos gamenhos aplaude, quando as invejosas lhe analisam a beleza, bem que em geral não lhe neguem o merecimento, são tais os senões que nela cada uma encontra, que a pobre se deveria ir esconder, como a coruja mais feia e hedionda.

317. - 335. - Em vez de *Hebrum* leio *Eurum*, com Heyne e outros; porque, exagerando-se a carreira de Harpálice, nada admiraria que ela a cavalo vencesse o curso de um rio; tanto mais, que o Hebro da Trácia não é impetuoso. Assim, cai por si mesma a censura de Heliez, na sua *Geographia de Virgílio*, de que as Amazonas são colocadas na Trácia europeia, sendo habitadoras da asiática. Compus *alífugo*para exprimir o *volucrem fuga*.

347. - 362. - Alguns substituem *ditissimus agri* por *ditissimus auri*, contra a lição antiga, com o fundamento de que os Fenícios, ricos em comércio, o eram pouco em lavras; o que não basta a justificar a emenda: o terem sido os Fenícios medíocres na agricultura nada obsta a que Siqueu entre eles fosse o mais opulento em bens territoriais.

368. - 384. - *Dux femina facti* verteu João Franco: "Do feito a Dido são as honras dadas." É obvio que *femina* é essencial: a ousadia da empresa mais sobressai por ser mulher quem a efetuou.

382-383. - 398-400. - Na antiguidade, os homens ilustres se gabavam sem ofenderem o decoro e o costume geral: como Ulisses na Odisseia; como ao depois Horácio e Ovídio; como, entre os modernos, Camões, Ercila, Cervantes, Corneille, Antonio Diniz; como, em nossos dias, Bocage, Chateaubriand, Mr. de Lamartine, e outros: nota-se porém que os mais chegados a nós o fazem com mais cautela e menos claramente. É a justificação de Virgílio e de Enéias.

434-440. - 452-459. - "A comparação, diz Delille, teria mais justeza e graça, a reconhecerem as abelhas de Virgílio, em vez de um rei, uma rainha." O texto não fala de rei nem

rainha: Delille é que em sua tradução introduz um rei das abelhas. Este engano veio de que o poeta romano nas Geórgicas dá um rei com efeito às abelhas; erro do seu tempo, que foi reconhecido por experiências modernas.

466. - 487. - "On ne peut que sentir ce vers, diz Mr. Villenave, en désespérant de le traduire. Si le poëte eût dit: *sunt res lacrimabiles*, c'eût été la même pensée; mais le sentiment se fût affaibli, une touchante image eût disparu. Il est donc des pensées communes qui deviennent grandes par la place d'un mot." Concordo com a observação geral, não com o sentido em que é tomado *sunt lacrimae rerum*. Não significa só que há coisas lagrimáveis, sim que das coisas restam lágrimas, ou por outra, que ali choravam-se as desgraças passadas e delas falavam os monumentos públicos; prova de que os Troianos estavam em terra policiada, e não em brenhas, como receara Enéias. Os selvagens, os bárbaros, pranteiam as desgraças presentes e lamentam seus males; mas sós os que já tem um certo grau de civilização é que a seus monumentos encomendam o passado, e a perfeição dos monumentos segue a perfeição da inteligência dos povos. Se pois o poeta, em vez de *sunt lacrimae rerum*, tivesse dito *sunt res lacrimabiles*, não desaparecia unicamente a imagem, desaparecia também o pensamento. Esta passagem, das mais sensíveis e maviosas que se encontram nos poetas sublimes, encerra ainda um acabado elogio das belas artes, escolhido um só traço, mas o principal. — Camões, engenho quase igual a Virgílio, diz no mesmo sentido: "De que a memória em lágrimas existe." Ferreira, alma própria para sentir as belezas dos antigos, disse: "Que ficam, senão prantos e saudades tristes, Daquelas coisas grandes que acabaram?" Há um ressaibo do mesmo pensamento no verso de Petrarca: "Ahi! null'altro che pianto al mondo dura." São os melhores comentadores de Virgílio, em primeiro lugar Virgílio mesmo, sendo bem estudado, e em segundo lugar os verdadeiros poetas que o sentiram e imitaram.

588. - 613. - M. Villenave censura a Delille, Binet, de Guerle, por terem referido *unus abest* a *socios*, e não ao navio. A construção da frase, como ele confessa, a tal opinião os levou, e muito bem, porque o masculino *unus* não pode concordar com *classem*, nem com *navem* que se subentenda. Verdade é que não foi só Oronte que pereceu, foi conjuntamente a nau; o que não obsta a que *unus* se refira ao comandante. Sendo vista aquela desgraça por Acates e Enéias, basta que se fale do comandante para, por associação de ideias, vir à memória a nau. Quanto à fidelidade, vale tanto uma como a outra coisa; pois que a subversão da nau lembra a de Oronte, e *vice versa*.

634. - 661-662. - Pondera Chateaubriand, no *Gênio do cristianismo*, que Virgílio amava

exprimir-se negativamente, o que concorre para a melancolia dos seus versos; cuida que esta maneira lhe nasceu dos desgostos que o poeta provavelmente experimentou em seus amores. Fora a conjectura, fica-nos a observação verdadeira de que ele emprega frequentes negativas, o que aumenta a melancolia que inspiram suas obras. Não direi que o tradutor infalivelmente verta essas negativas; sim que em geral o deve de fazer, a fim de conservar mais uma propriedade do seu estilo divino, como lhe chama o mesmo Chateaubriand. Neste *non ignara mali* a negativa por certo vem muito a propósito. Nem Delille, nem o Snr. Lima Leitão que o imitou, João Franco, nem o Snr. João Gualberto, nem algum dos outros que consultei, fizeram caso desta particularidade; excetos Iriarte e Mr. Villenave. Mais ainda me agrada a tradução do último; porque o Espanhol põe no plural *disgracias*, e o Francês emprega o singular*malheur*: posto que o verso do poeta contenha uma máxima geral, Dido não a proferiu como tal; no *mali* especialmente alude ao exílio da pátria, no que o seu fado assemelha o de Enéias.

693-698. - 721-726. - Para doçura e harmonia, aqui se empregam líquidas e vogais: a nossa língua pôde em versos iguais traduzir essas belezas, o que talvez não consiga outra alguma das vivas da Europa; ao menos ainda não o fizeram as duas mais suaves, a espanhola e a italiana.

703-710. - 729-738. - Julga Delille que o banquete poderia ser descrito com mais imaginação e poesia, e não nos diz o como; acusa o poeta de nímia sobriedade, e afirma que o festim cessou com o hino solene de Iopas, quando só terminou com a narrativa de Enéias, que toma os livros II e III. Não refletiu que é a descrição completa, e que Virgílio fundiu muito em pouco: a prataria das mesas e bofetes, as peças de ouro esculpidas com a história de Tiro e a série dos avós da rainha, o luxo dos tapetes, dos leitos, dos coxins, tudo mostra a magnificência do banquete e o esplendor do serão. Que tal devera ser, quando era servido por cem moços e cem moças, e destas havia dentro cinquenta para incensar os penates e arrumar frutas e viandas! Delille, censor de Lucano em teórica, é um dos que mais puseram em voga as descrições estiradas: vários modernos, que o repreendem pela mania de fugir da palavra própria e por suas perífrases, dele são discípulos na longura insaciável das tais descrições. — Na crítica deste festim sobejamente se desmandou Mr. Tissot: “Froid, silencieux, Énée assite au festin, et ne prend part à rien, parce que rien ne le touche; il ne paraît pas s’apercevoir de l’attention passionnée dont il est l’objet.... Virgile ne nous donne qu’une exquisse, à la place d’un tableau. Ce n’est pas avec cette négligence et cette froideur que Fénelon a représenté la passion naissante de Calypso, et son ardeur à connaître et à écouter les aventures du jeune héros en qui

elle retrouve l'image d'Ulysse. Milton exprime avec bien plus de grâce, de chaleur et de retenue, le désir qu'Adam et Ève éprouvent d'entendre, de la bouche de Raphaël, le récit des merveilles de la création." — Havia poucas horas que se tinha Dido encontrado com Enéias no templo; acolhe-o com agrado, e lhe dá um festim, que durou muito além da meia noite: o príncipe troiano não podia *s'apercevoir de l'attention passionnée dont il est l'objet*; ainda não se cria, nem se devia crer o objeto de uma paixão amorosa, sim de uma delicada atenção da parte da rainha para com um guerreiro da sua ordem, da casa de Príamo e de sangue divino. Se cuidasse Enéias que Dido, assim que o viu, perdeu-se de amores por ele, fora vaidade mal assente em um varão grave, só própria de um dos nossos *leões* ou adamados casquilhos: dias depois é que deu por esse amor, em que tanto influiu a narração posterior dos seus trabalhos. Se para desculpar a paixão de Dido o poeta imagina o engano de Cupido, transformado em Ascânio, e sem embargo afetados, que fingem desconhecer neste ponto a humana fraqueza, acham-na por extremo repentina; que se não diria do herói se, não tendo a excusa de ser incitado pela própria Vênus, começasse logo a dizer finezas à rainha de Cartago? Tão contagiosa é a doença dos adocicados romances (não trato aqui dos de Fielding, Scott, Lesage, e de outros engenhos desta têmpera), que até homens da melhor doutrina literária se deixam levar do exemplo. — Quanto ao silêncio de Enéias, é a arguição mais destituída de fundamento que dar-se pode: o poeta, que tinha de fechar o serão com a narrativa, de preferência pinta a nascente paixão da rainha; pois em dois livros inteiros iria Enéias aparecer em todo o brilho. Posto que não venha expresso, bem se conhece que o herói conversou muito com Dido, que freqüentemente o interrogava sobre Heitor, Príamo, Memnon, Diomedes e Aquiles: se não se referem as respostas, é porque, tendo Enéias de obedecer à rainha que lhe pede a narração completa, basta que aí venham todas elas. — Na confrontação de Virgílio com Fénelon, esqueceu-se Mr. Tissot de que não era com Enéias, mas com Dido, que devera comparar Calypso, na sua paixão nascente e no ardor de conhecer e escutar as aventuras do jovem Telêmaco; pois na Eneida é Dido quem escuta, e é Enéias quem narra. Se Fénelon resuscitasse, havia de pasmar de se ver preferido ao mestre cujas pisadas seguia, a este mestre sublime e profundo no desenvolver e pintar o amor, sem igual na antiguidade, nunca excedido pelos modernos, os quais nesta parte vencem aos antigos. Mme de Staël, a quem lhe impugnava esta opinião com os exemplos da Eneida, responde: "Eu pudera recusar uma objeção tirada de Virgílio, pois que o citei como o poeta mais sensível." E quem o diz é a autora de *Corina*. — Não foi mais feliz M. Tissot com a alegação de Milton: não é Enéias, é Dido que ele devera confrontar com Adam e Eva; Enéias é quem ia narrar, como Rafael. Sem dúvida Milton, quando pinta os amores dos nossos primeiros

pais, não é inferior a Virgílio; os dois gênios tiraram toda a vantagem do assunto, bem que difiram muito: um, sob a influência paganismo, não podia pintar o amor com os toques do outro, inspirado pelas ideias do velho e do novo testamento: cada um escreve conforme aos tempos e às crenças. Nem o primeiro amor de uma virgem, ignorante e simples, devera ser tratado como o de uma viúva de trinta anos.

743-773. - Conservei a audácia do original, que diz : *pleno proluit auro*. O modo por que me exprimo, não é mais atrevido que o lugar de Ferreira, na formosíssima elegia a Maio; onde, com o seu vigor e costumada energia, assim fala de Vênus, que se despe e solta os cabelos para se banhar: "Ela a *neve* descobre e solta o *ouro*; Banham-na as Graças na mais clara fonte: Aparece de amor rico tesouro."

NOTAS AO LIVRO II

Este livro por Macróbio foi tachado de furto a certo Pisandro, autor desconhecido, e que o não seria se houvesse composto uma narração, que nem em Homero se encontra igual. "Macróbio, reflete Mr. Villenave, aqui se assemelha ao jesuíta Hardouin, que, em suas estranhas opiniões acerca das obras de Horácio e de Virgílio, as quais atribuíra a monges da meia idade, dizia, para justificar tão incríveis asserções: "Credes vós que eu me levanto todas as manhãs às três horas para nada dizer de novo?"

15.-17.-"Contentemo-nos, diz o mesmo autor, de admirar a arte com que Virgílio, abandonando a verossimilhança histórica, quis estabelecer a verossimilhança poética, bastante para a epopeia, por todos os meios a seu alcance. Faz intervir: 1° a religião: o cavalo de madeira era um voto; 2° os prodígios: Laocoon expira miseravelmente com seus dois filhos, entre as constrições das duas serpes vindas de Tenedos; 3° os artificiosos discursos do pérfido Sinon; 4° o destino, que fascina o espírito e olhos dos Troianos." Esta tradição, anterior a Homero, tem sido variamente interpretada: veja-se La Rue, ou antes M. Villenave, cuja crítica resume e ajuíza as opiniões excelentemente.

53.-58.-*Insonuere cavae gemitumque dedere cavernae* é belo pela harmonia imitativa; há contudo um vicioso pleonasmo, que o ouvido não sente no latim, mas seria insuportável no português. Se*cavae cavernae* vertêssemos *cavas cavernas*, a aproximação do nome e do adjetivo faria perceber que *caverna* já é um lugar côncavo, e sobressairia o vício do pleonasmo.

57-58. - 63-64. - Com outros críticos, diz Mr. Villenave: "Depois de um cerco de dez anos, havia ainda pastores no campo de Troia? Tão arruinado estava, que Ulisses e Palamedes eram obrigados a ir à Trácia buscar víveres para o exército grego." Por mais estragado que estivesse o campo troiano, não era a ponto de faltarem víveres aos cercados; o que supõe a existência de pastores e lavradores, ao menos por onde ainda não tivesse abrangido o assédio. Se já não houvesse nas vizinhanças da cidade seis ou oito campônios, número mais que suficiente para prender Sinon, ela então se teria rendido pela fome: ao contrário, com tantos recursos estava, que, desesperando os Gregos da eficácia do cerco, recorreram a um estratagema e a uma traição. Quanto a irem Ulisses e Palamedes buscar víveres à Trácia, o fato

não supõe necessariamente a carência de pastores: é natural que os mantimentos que houvesse, fossem passados à cidade, pelos meios ocultos que os filhos de um país conhecem: os Gregos, não os tendo em assaz quantidade, iam procurá-los mais longe.

195-196. - 199. - "La crédulité des Troyens, discorre Mr. Tissot, est une invraisemblance sans excuses. On la pardonne à peine dans Virgile, malgré les savants efforts que le poëte a faits pour la justifier, en la rendant vraisemblable par l'éloquence de Sinon et par le mouvement qu'elle excite." Não alcanço a razão da censura, quando o censor confessa que *l'accent du coeur est imité avec une vérité qui fait frémir*, que *il y a tout un traité d'éloquence dans le discours de Sinon*, e que *jamais on ne vit un tel triomphe de l'art de persuader en trompant*. Mr. Tissot, que tem vivido em tempos difíceis, deve ter observado como se deixa a multidão levar de discursos os mais ilógicos e fúteis; por que pois estranha que este, no qual se contém um tratado de eloquência, fizesse tamanho efeito nos Troianos, sendo poderosamente ajudado pelo prodígio das duas serpentes? A morte de Laocoon, o irem-se as tais serpentes recolher sob a égide mesma de Palas, como se foram executoras da vingança da deusa, junto à força do discurso onde havia *un tel triomphe de l'art de persuader en trompant*, devera produzir na chusma a impressão que produziu. Cápis queria examinar o cavalo e deitá-lo ao mar; porém em tais casos mais vence a superstição que o bom conselho. Estou com Delille, o qual pensa: "Qu'il est plus aisé de tromper une nombreuse foule qu'un seul homme d'un sens droit: Sinon n'eût pas trompé un agent de police, mais la populace aurait été sa dupe." E acrescente-se que naqueles tempos talvez se deixasse iludir a mesma polícia; pois que esta insigne arte não tinha chegado ao apuro a que, em França principalmente, se acha elevada.

198. - 201. - Mr. Jal, que demonstra a precisão com que Virgílio usa dos termos marítimos, quer que onde o autor diz *puppis* o tradutor diga *popa* e não *nau*, e que haja o mesmo cuidado com as palavras *prora, carina*, com os nomes dos diferentes ventos; pois que o poeta emprega sempre as vozes próprias, e quando se serve do figurado, por sinédoque, é porque a parte mencionada é a principal na ação. Depois do estudo que fiz da matéria, conclui que um tradutor da Eneida deve recorrer à obra deste sábio para não se enganar ao verter o que diz respeito à marinha. Ora, Mr. Jal opina que o termo*carina* nem mesmo se pode tomar pela *quilha*, mas infalivelmente pelo *casco* ou *buco* do navio. Que se não tome *carina* por nau, vou de acordo, e também que se não tome por quilha, para exprimir a qual tem os Latinos a frase *trabs ima*; posto que neste segundo sentido pareça mais admissível o emprego de *carina*, como se vê no verso de Lucano: *Nubila tanguntur velis, et terra carina*. Não dissimulo que

neste exemplo pode-se tomar *carina* por casco do navio; mas parece que Lucano a tomou aqui por quilha, porque esta pode tocar de leve no fundo sem se quebrar a embarcação; a qual se quebraria no caso do casco tocar na terra, visto que então a quilha teria penetrado mais profundamente. Aqui traduzi *mille carinae* por *quilhas mil*, não tanto pelo que fica dito, quanto por uma razão peculiar da língua portuguesa, que passo a expor. Para exprimir o *carina* em latim, em francês *carène*, temos *casco* ou *buco*; mas *buco* toma-se mais vezes pelo bojo do navio do que pelo casco por fora, e *casco* tem o inconveniente de significar mui diversas coisas: *casco* é o capacete, *casco* é qualquer vaso de tanoa, *casco* é o crânio, *casco* é a concha de certos animais, *casco* é a casa sem móveis; toma-se figuradamente por juízo ou siso, e ainda em outras acepções. Para se conhecer logo se é tomado por *carene*, é preciso que os antecedentes aclarem o sentido, ou, do contrário, cumpre dizer *casco do navio*, a fim de se tirar a ambiguidade. Todo homem de gosto vê que seria péssima a tradução de *mille carinae* por *mil cascos de navios*; a longura da frase esfriaria tudo; e *mil cascos* podia significar *mil capacetes*. Os nossos escritores, tanto em prosa como em verso, para evitarem ou a longura ou a ambiguidade, adotam muitas vezes o termo *quilha*, não só no sentido próprio de *trabs ima*, porém igualmente no mais extenso de*casco*; e, quando querem falar da quilha sem as obras do costado, chamam-na *quilha limpa*.

224-225. - 229-230. - Segundo o autor dos *Études sur Virgile*, vem esta comparação *interrompre un moment le plaisir douloureux d'une terreur si profonde, et nous désabuser en nous montrant le poëte si bien caché jusqu'alors*. Esta crítica parece bem fundada. Com Delille porém deve-se admirar a ousadia da expressão *excussit securim* e a escolha do epíteto *incertam*. Por esta ocasião tocarei na vantagem do estilo conciso: quem, não deixando escapar conjunção, o traduzisse em muitos versos, desfeiaria este lugar; tanto melhor o faria, quanto mais se resumisse. No poeta a comparação é tão rápida, que pouco empece o prazer daquela cena de terror.

255. - 261 - Por *tacitae silentia Lunae* entendo que o céu estava escuro, como se descreve quatro versos atrás. Fútil é a objeção de Binet, *que os Gregos haviam mister ser esclarecidos, não conhecendo a bússola, e sendo de temer os escolhos junto da praia*: 1° porque só a falta de luar, não havendo cerração, nunca produz escuridade que impeça o navegar, mormente em paragem conhecida (litora nota petens); 2° porque é natural que o astuto Ulisses calculasse com uma noite escura para de Tenedos fazer partir a armada. Quando porém digo *escura*, não se entenda de uma treva absoluta. Estavam bem aviados os navegantes se nos

portos só pudessem entrar ao clarão da Lua. A objeção de que Enéias não tardou a reconhecer os companheiros *oblati per Lunam*, é especiosa: os Gregos sim partiram de Tenedos pelo escuro, e assim abordaram; mas entre a sua chegada e a saída de Enéias meteram-se algumas horas, pois que já os da frota haviam feito junção com os do cavalo, tinham tomado todas as portas, ocupado todas as ruas, incendiado várias casas; e Panto, que de tudo fora testemunha ocular, já tinha tido tempo de salvar os deuses e alfaias sagradas, e de vir à casa de Enéias em um retiro assaz longe da cidade, onde apenas se ouvia o ruído dos combates. Nada implica pois que a Lua, não tendo aparecido no princípio, estivesse fora ao tempo que Enéias reconheceu os companheiros. Do meu voto foram Annibal Caro e infinitos outros. O poeta rejeitou a dúbia tradição de que Troia foi tomada em uma noite de plenilúnio; adotou aquilo que mais lhe convinha.

264. - 273. - Observa Delille que a enumeração dos guerreiros que saem do cavalo se termina engenhosamente pelo nome de quem o fabricou: et ipse doli fabricator *Epeus*. Neste caso convém empregar um verso agudo; o que demonstra o nímio rigor do preceito, que tirámos de alguns Italianos, de proscrever-se o uso do esdrúxulo e do agudo. Os melhores poetas não têm à risca seguido essa regra; e tais versos, quando bem empregados, têm uma graça particular.

283. - 297. - Por não ser arguido de amar antigualhas, deixei de pôr *fuge* em vez de *foge*, à maneira de Camões. Neste passo faria mais efeito o som surdo da letra *u*. Virgílio mesmo nos fornece exemplos do uso dos termos antiquados em certas ocasiões.

311-313. - 322-324. - Conservei a figura, tomando *Ucalegon* pela casa de Ucalegon. — Diz-se que então não havia trombetas, e que Virgílio segue a anticipação dos trágicos gregos; asserção ao menos duvidosa.

333-340. - 355. - Vou com Heyne, que lê *maximus armis*; pois, não obstante ser Ifito já velho, podia ser extremado nas armas; mas, se fosse *maximus annis*, isto é de uma grandíssima velhice, não podia vir em auxílio de Enéias. O *jam gravior aevo* do vers. 435-436, mostra menor idade do que *maximus annis*, dado que o poeta se tivesse aqui servido desta expressão.

354. - 369-370. - Dificílimo tem parecido este lugar, por fugirem de o verter ao pé da letra: Mr. Villenave, que o fez, não deixa nada que desejar. Atente-se na vantagem que a nossa aqui leva à língua francesa: *Una salus victis, nullam sperare salutem*, traduziu ele: *Le seul salut pour les vaincus est de n'attendre aucun salut*; eu pude dizer: *Salvação para os vencidos uma, esperarem salvação nenhuma*. A falta do verbo, que é de uma beleza no original, admite-

se em português, não em francês.

355-360. - 371-377. - Mr. Tissot reprova esta comparação, porque *les loups furieux, affamés, perfides et cruels, sont les Grecs; mais je ne vois*, diz ele, *dans les Troyens que des héros qui veulent mourrir pour leur patrie en cendres*. Aqui Virgílio, como em um lugar semelhante Homero, não compara os Troianos com os lobos em todas as suas más qualidades; compara sim a fúria dos Troianos, quando entre armas e inimigos atravessam a cidade, com a raiva dos lobos que, já famintos, deixaram nos covis os cachorrinhos de goelas secas de fome: a comparação pois é com o furor e não com a perfídia e crueza destes animais. — Os perluxos modernos só adotaram o verso da sexta, ou da quarta e oitava longas; rejeitam o da terceira e oitava, ou da quarta e sétima: o contrário praticaram Dante, Ariosto, Petrarca, Tasso, Alfieri, Camões, Sá de Miranda, Ferreira, Côrte-Real, Gabriel Pereira, Francisco Manuel e outros. Em geral, é mais doce o verso com o acento na sexta, ou na quarta e oitava, mas não devemos rejeitar o de qualquer outra medida, não só por variar, como principalmente para às vezes pintar melhor a coisa. O verso da tradução *De morrer certos, por dardos, por hostes*, representa o *per tela, per hostes*, do original; e a rapidez com que marcha, pinta a rapidez e o afogo dos que Enéias comandava. Antonio Deniz, em seus belos ditirambos, querendo pintar os saltos e a alegria, serve-se freqüentemente deste metro. Estendo-me sobre a matéria, por ver que os poetas de hoje, à exceção de bem poucos, têm desconhecido a vantagem de variar a medida do nosso hendecassílabo. — No 360 do original fala-se da atra sombra que circunvoa, apesar de que já tenha saído a Lua: ora, como os soldados de Enéias cominhavam pelas diversas ruas da cidade, tortuosas e em diferentes direções, naturalmente a luz da Lua ia aparecendo e desaparecendo, segundo as voltas das mesmas ruas; o que muito bem exprime o *circumvolat*, que aportuguesei.

381. - 399. - Na opinião de Delille, conforme com o bom gosto, a palavra *attolentem* parece despregar a serpente em toda a sua longura: o *desenrola as iras* produz o mesmo efeito, e há talvez mais arrojo na expressão. Mr. Nisard, falando do puríssimo Fedro, contra quem em suas arriscadas conjecturas se mostra não pouco injusto, o exila e quase o coloca nos tempos da decadência das letras romanas! dizendo que a isso o condena *par un emploi affecté et continuel de l'abstrait pour te concret, ce qui donne à sa poésie un faux air de prose, et change sa gravité en froideur*: e, entre os exemplos que aponta para fundamentar a sua asserção, cita o *coli longitudinem* do li. I, fab. 16. Estou com Mr. Nisard na convicção de que é vicioso o *continuado* emprego do abstrato pelo concreto; mas, longe de pensar que empresta à poesia um falso ar de prosa, penso que é na poesia que mais

vezes pode isso ter lugar, pois nela de certo melhor assentam as figuras. O exemplo do *coli longitudinem* foi mal escolhido: até hoje têm os críticos louvado esta expressão, porque *longitudinem* em que termina o verso, compondo-se de cinco sílabas, representa o comprimento do pescoço; e assim tem a mesma graça do *attolentem iras* de Virgílio, do *dilatadíssimos caminhos* de Basílio da Gama, *prodigalidade de moedas* de Ferreira. Os Franceses têm sempre na mente o seu La Fontaine quando falam de Esopo e de Fedro, e no gabar a excelência do poeta nacional, como que dão pouca importância aos enumeráveis empréstimos do fabulista moderno; e eles, que na comparação de Virgílio com Homero avaliam em muito menos o estilo que a invenção, na comparação de La Fontaine com os dois como que fazem mais caso do estilo. Se La Fontaine dos mesmos assuntos às vezes tirou mais partido, não o deveu somente ao seu inegável engenho, mas também ao saber e à experiência que tantos séculos amontoaram. Tornando à questão, o *coli longitudinem*, além da graça referida, encerra maior ênfase do que *pescoço longo*; assim como na vulgar e chula expressão francesa *pied-de-nez* há mais energia, do que se se dissesse *nez d'un pied*. A crítica de Mr. Nisard melhor assenta em alguns escritores da sua nação, e em não poucos Brasileiros e Portugueses que, os imitando, não dizem mais *um homem notável, um homem ilustre*, e sim *uma notabilidade, uma ilustração*.

403-406. - 422-425. - Note-se com que bom gosto, imitando este lugar, muda Camões o epíteto *ardentia*: Virgílio chama ardentes os olhos da profetisa Cassandra, a quem traziam arrastada; Camões chama piedosos os olhos de Inês, que em lágrimas buscava comover a D. Afonso.

428. - 449. - Alguns interpretam *dis aliter visum* como um princípio de impiedade, havendo o poeta quatro versos atrás afirmado que nada há seguro sem a vontade divina: *Heu! nihil invitis fas quemquam fidere divis*. Muitos, entre outros Chateaubriand, disseram com mais acerto que Virgílio adivinhara o estilo cristão; do que nestas palavras enxergo uma prova. Quantas vezes os cristãos, ao referirmos qualquer infortúnio acontecido a um homem virtuoso, exclamamos: altos juízos de Deus! Com isto não queremos significar que Deus foi injusto, mas tão somente que ignoramos as secretas causas dos seus decretos. Virgílio acatava a religião pátria, bem que as lições mormente de Platão lhe tivessem despertado mais amplas ideias da divindade: em vez de se ir tornando ímpio, era o seu intento empregar três anos em corrigir as imperfeições da Eneida, para dar o resto da vida à meditação da filosofia platônica; paixão dominante em seus últimos dias. Tratei pois de o traduzir neste sentido, como o fez João Franco.

460. - 483. - Sobre a posição desta torre consultem-se as curiosas reflexões de Delille. Nela, segundo Mr. Villenave, é que Homero (*Iliad.*, liv. III) mostra a Príamo, sentado com os anciãos de Troia, a perguntar a Helena os nomes dos capitães que distinguia no acampamento grego.

471. - 495. - Em duas comparações deste livro entra uma cobra; o que não é defeito, visto que oferece cada comparação uma diferente imagem. Na segunda a justeza é perfeitíssima, e, como diz Binet, não contém palavra inútil e aplica-se inteiramente a Pirro: o jovem herói é tomado por seu pai Aquiles ressuscitado, levantando-se do túmulo com todo o valor a par de todo o brilho da juventude.

492. - 519. - "A dificuldade de traduzir Virgílio nasce muitas vezes de que ele nada observa a gradação necessária à narrativa. Mostrou já o poeta a Pirro, de machado na mão, arrancando as portas dos seus gonzos: *potesque a cardine vellit aeratos*; e ao depois é o ariete que insiste em batê-las e as torna a arrancar dos mesmos gonzos: *labat ariete crebro janua et emoti procumbunt cardine postes*. Pirro pois só tinha abalado as portas, e assim é que se deve entender ou ao menos verter o verbo *vellit*. Ora, Mr. Mollevault, depois de dizer que Pirro arranca as portas dos seus gonzos de bronze, acrescenta que os redobrados esforços abalam as portas. Que! já tendo sido arrancadas, nem abaladas estavam! Assim, eis as portas arrancadas duas vezes, primeiro pelo machado de Pirro, e ao depois a golpes de ariete." — Em cada palavra destas reflexões de Mr. Villenave há um erro. O palácio de Príamo tinha um vestíbulo fechado, que oferecia uma primeira entrada, onde Pirro se postou: *Vestibulum ante ipsum primoque in limine Pyrrhus*; esta primeira porta é que ele fendeu a machado, arrancando-a dos seus gonzos. Feita a brecha, apareceu o palácio interno e longos pátios se manifestaram: *Apparet domus intus et atria longa patescunt*. Ainda mais dentro (domus interior) ouviam-se prantos e gemidos. Pirro continua (instat vi patria Pyrrhus); não há barreiras que o sustenham; com o vaivém faz abalar a porta principal do palácio interno, e desmantela os portais. Basta ler com um pouco de cuidado para conhecer-se o descuido imperdoável do crítico: o portão do vestíbulo não é o mesmo que a porta principal (janua) da morada régia, onde se achava uma guarda. — A dificuldade de traduzir Virgílio não vem muitas vezes *de que ele nada observa a gradação necessária à narrativa*: nasce da ousadia das suas imagens, da ignorância de grande parte dos usos antigos, da perfeição do seu estilo; nasce da índole diversa de cada língua, pois o que vai bem n'uma nem sempre cai tão bem em outra; nasce enfim de nós mesmos, que não temos tanto talento para o verter quanto houve o poeta para compor. Não há

escritor nenhum, em verso ou em prosa, entre os antigos e os modernos, que observe melhor *a gradação necessária à narrativa*, e é raríssimo o lugar onde por uma tal falta o devamos repreender: as mais das vezes é de propósito que ele parece faltar a essa gradação; do que tirarei um exemplo deste mesmo livro II. Quando Enéias vê dispostos os amigos a atacar os Gregos apesar do número, faz uma fala breve, nunca excedida por algum orador ou chefe militar, e assim a termina: "Succurritis urbi Incensae: moriamur, et in media arma ruamus; Una salus victis, nullam sperare salutem." Ora, quem morre não pode romper os inimigos; parece que a ordem das ideias pedia: "In media arma ruamus, et moriamur." O herói porém, a quem se apresenta a morte como infalível, não recua diante do seu aspecto, e diz: "Morramos embora, mas ataquemos o inimigo." Esta como desordem na gradação mostra a rápida sucessão das ideias que ele comparava e combinava. Enfiai aqui as palavras como no *padre nosso*; a energia e a graça desaparecem. O jesuíta Antonio Vieira, falando do guerreiro não recompensado, diz: *morra e vingue-se*; nada há mais forte. Se dissera: *vingue-se e morra*, perdia toda a força; além de já ser outro o pensamento.

506-553. - 535-584. - Acusam Enéias de ter visto a morte do rei sem o socorrer. Quando Enéias saiu do seu retiro, já da cidade os Gregos se tinham apoderado e a andavam saqueando; muitas pelejas teve de sustentar antes de chegar ao palácio de Príamo, e o achou todo cercado, só havendo por detrás uma pequena porta esquecida pelo inimigo; e, entrando por ali, perdidos os sócios Corebo, Rifeu, Hípanis, Dímas, Panto, e ficando com o velho Ifito e com Pélias já ferido, não podendo só com estes opor-se à multidão comandada pelos mais bravos chefes gregos, subiu à torre principal para de lá observar o inimigo e tomar conselho das circunstâncias. Da torre alguns lançavam dardos inutilmente; Enéias, que os anima, faz desabar parte dela sobre os esquadrões que se sucediam, e conseguiu matar e ferir uma imensa quantidade. Sendo a torre o ponto mais alto, viu dela a fugida de Príamo com a família, para um grande claustro onde havia um altar, ao momento em que Pirro invadia todo o palácio. Este corre atrás de Polites, mata-o na presença do rei seu pai; o rei brada e repreende o matador, que irado imola o triste velho. Tudo isto sucede rapidamente; e Enéias não podia socorrer a Príamo, porque, além de não ter por onde se comunicar e chegar ao tal claustro, estava sozinho, visto que os seus poucos soldados em desespero se haviam precipitado nas chamas, dando consigo em terra. Digam-me os críticos se era cordato ir Enéias sem um soldado disputar o corpo de Príamo (pois não chegava a tempo de o livrar da morte) a Pirro, Diomedes, Ulisses, Agamenon, Menelau, Ajax e a tantos outros? Fora um sacrifico louco, impróprio do seu valor prudente e refletido. Virgílio, que celebra o pio Enéias e não Orlando furioso, faz a morte do rei excitar no

herói o dever de ir salvar a família. Este sentimento é inspirado pela natureza e pela razão; e deixar de valer a pessoas tão queridas, que estavam com vida, para correr após um cadáver, seria um bom lance de novela, mas não uma ação judiciosa: o dever exigia do marido socorrer a mulher, do filho socorrer o pai, e do pai socorrer a seu filho; e a piedosa ternura de Enéias para com Anquises é um distintivo do herói. Mr. Tissot, partindo de uma hipótese falsa, sem custo espraiou-se contra Virgílio.

567-587. - 600-618. - Arguem Enéias de baixeza por ter querido matar uma mulher. Se Enéias sucumbisse à tentação, indigno fora; como tornou em si, não há tal baixeza. Era natural que Enéias, vindo cheio de mágoa e furor por ter visto a morte de Príamo sem lhe poder valer, se exasperasse ao encontrar-se com a causa de tantos males; e, se o desejo de a imolar mostra que era sujeito à ira, o não ter a ela fraqueado mostra que sabia vencer-se. Ele mesmo antecipadamente se acusa, dizendo: *namque etsi nullum memorabile nomen feminea in poena est, nec habet victoria laudem*; mas a raiva lhe fazia acrescentar: *extinxisse nefas tamen, et sumpsisse merentis laudabor poenas*. Estas palavras manifestam os sentimentos que lutavam em sua alma, onde os mais generosos finalmente prevaleceram. Creem esses críticos porventura que o herói é um ser perfeito, incapaz de conceber um mau pensamento? A ingenuidade com que Enéias conta a sua fraqueza, a que não cedeu, alguma coisa tem de nobre em si mesma. — Vamos agora a outra censura, nascida da combinação deste lugar com outro do livro VI. Mr. Villenave repete o reparo antigo, de que Enéias não podia encontrar a Helena, porque, no liv. VI, conta a Enéias Deífobo que Helena, de quem era o terceiro marido, havia de Menelau obtido o seu perdão, entregando-lhe Troia, o palácio e a cabeça do filho de Príamo. Ora Deífobo diz ali: "Põe-me a guapa consorte as armas fora, E até da cabeceira a fida espada; A Menelau acena e as portas abre; Julgando assim mimosear o amante, E o labéu extinguir da antiga ofensa." Nesta passagem nem em outra alguma disse o poeta que Helena obtivera imediato perdão, sim que abrira as portas e atraiçoara a Deífobo com esse intuito. Segue Virgílio a opinião de que ela, apesar do seu novo crime, nada alcançou nequele momento, e ficou sendo, segundo o verso 573 deste livro, *Trojae et patriae communis Erinnys*, ocultando-se com medo igual dos Troianos e dos Gregos; pois acontece bem vezes ficarem os traidores em desprezo e ódio daqueles a quem servem. O padre La Rue, citando o parecer de Nascimbeno, mostra que frustrou-se a Helena a esperança de aplacar a Menelau, e que a perfídia não a livrou de ser perseguida, a ponto de se refugiar no templo de Vesta, saindo pela mesma portinha por onde Enéias subira à torre: em prova do que, alega a Eurípides, o qual afirma que Helena foi levada por Menelau entre as cativas, para abandoná-la à vingança daqueles cujos filhos tinham acabado

na guerra troiana. Adotada a opinião de Eurípides, autor a quem Virgílio segue não poucas vezes, conciliam-se os dois lugares: obriga a sã hermenêutica a também abraçarmos o que ao poeta salva de uma contradição. Nem obste o posterior aparecimento de Helena no palácio de Menelau, como se lê na *Odisseia*, liv. VI, vers. 121 e seguintes: Menelau, que em Troia a quis abandonar à vingança dos Gregos, ao depois tornou-se às boas e lhe perdoou, induzido por Vênus, protetora da formosa culpada.

593. - 624. - Neste passo é lindíssimo o verso de João Franco: "Dividindo o coral da breve boca." Mas, belo em si mesmo, não passa ao português todo o sentido: *roseo ore* não se aplica somente à cor dos lábios, mas também ao cheiro que exalavam as bocas das deusas; o que falta na versão.

711. - 745. - *Longe servet vestigia*, tem dado azo a mil desparates, por se não ter querido tomar *longe* na significação de *muito*, que trazem todos os dicionários, não excetuando o pequeno anexo ao livro*de Viris illustribus urbis Romae*, por onde os meninos aqui em França começam a aprender o latim. Dos tradutores, uns suprimem o advérbio, outros, toda a passagem, como se fosse uma tolice do autor. Desfontaines diz que Enéias queria ir depressa, e fora difícil a Creusa o acompanhá-lo. O padre Catrou, a quem outros se encostam, louva o *meio artificioso* com que Virgílio se descarta de Creusa, a qual não estaria bem em companhia de Dido, e embaraçaria o casamento com Lavínia. E eis aqui estes meus senhores emprestando ao autor da Eneida e das Geórgicas o erro mais palmar que é possível! Fazem que Enéias diga de propósito à mulher que o siga de longe, a fim de que se perca no caminho; e o herói piedoso, que em busca da consorte se expôs sozinho a todos os perigos, é representado como um traidor por tantos críticos e tradutores! M. Villenave, depois de ter notado os despropósitos alheios, toma também *longe* por *distante*, e disso está tão encasquetado, que no seu prólogo cita o *longo servet vestigia* no sentido absurdo que adotou. *Longe* aqui significa *muito*, e serve para reforçar o *servet*; quer dizer *a esposa guarde muito os meus vestígios, faça tudo para não se afastar de mim*. Neste sentido otimamente o verteu Delille: "Et qu'observant mes pas, mon épouse me suive et ne me quitte pas." O que fez Enéias foi o mais razoável: pôs às costas o velho e paralítico pai; guia o filho pela mão, ajudando os seus curtos passos; e à mulher, que era moça e robusta, recomenda que o siga e não o perca de vista. Anquises ouve um rumor, exclama: *Nate, fuge, nate; propinquant*; e Enéias, apressando-se para salvar tão caros objetos, não deu pela falta de Creusa. Este desaparecimento, ordenado pela própria mãe dos deuses, como se colhe do verso 785-787, é na verdade um engenhoso artifício do poeta: não sendo compatível a

existência de Creusa com os futuros interesses dos Troianos, ele imagina uma apoteose, e coloca a filha de Príamo sob a imediata proteção de Cibele. Mas reflita-se que Enéias em nada tem parte, e fora um erro imperdoável fazê-lo intervir no desaparecimento da mulher, ainda sendo para endeusá-la. — Na língua portuguesa, não só adotámos *longe* na significação de *muito*, como também o ajuntamos aos verbos para os reforçar; o que se lê no *Affonso Africano* de Vasco Mausinho, exemplo citado por Moraes e repetido por Constâncio: "Mas meu conselho a todos *longe excede*." Ora, tendo o advérbio *longe* um sentido que o absolve e outro que condena o poeta, é da mais ordinária hermenêutica abraçar o que o justifica. Note-se igualmente, mais adiante, o *Pone subit conjux*, que La Rue interpreta: "Uxor juxta sequitur." Os críticos, no furor de censurar, não repararam nestas palavras, que tiram toda e qualquer dúvida.

740. - 773. - Alguns, facílimos em achar contradições, dizem que *nec post oculis est reddita nostris* deve ser vertido, como o fez Delille, *o céu não m'a restituiu jamais*, e não *eu nunca mais a avistei*, ou*nunca mais apareceu a meus olhos*; e isto com o fundamento de que o poeta mais abaixo a faz aparecer aos olhos de Enéias. Não refletiram esses críticos, e Mr. Villenave com eles, que a própria pessoa é coisa diversa do simulacro ou da sombra: Creusa *em pessoa* nunca mais se apresentou ao marido; mas apresentou-se-lhe *Infelix simulacrum atque umbra et nota major imago*. Esta distinção é conforme à crença dos antigos: veja-se a nota de La Rue ao verso 385 do liv. IV, e ao verso 748 do liv. VI.

772-794. - 808-830. - Mr. Villenave, subscrevendo a pedagógica declaração de M. Tissot, opina com este que *A son froid silence, on ne reconnaît pas l'époux désespéré qui vient d'affronter de nouveaux dangers pour retrouver Creuse. Les mouvements d'une passion ardente ne tombent pas ainsi tout à coup, le coeur ne fait pas si promptemente de cruels sacrifices.... L'exemple d'Homère, mais surtout la nature, devait préserver Virgile d'une faute qui malheureusement reviendra plus d'une fois dans le poëme*. Examinemos. Procura Enéias a Creusa por toda parte; não a encontra, mas aparece-lhe a sombra dela de uma grandeza pasmosa: Mr. Tissot, que não acredita em almas do outro mundo, não se arrepiou ao ler; mas Enéias, acreditando naquela visão, ficou mudo e com o cabelo erriçado. Imediatamente a sombra conta-lhe a proteção que recebe da mãe dos deuses e o seu estado de bem-aventurança, com o mais que se contém no seu discurso. E o que faz Enéias? Ainda sob a impressão do extraordinário e milagroso aparecimento, quer falar e não pode, mas verte lágrimas; vai abraçar três vezes o simulacro, três vezes este se lhe escapa, e afinal se esvaece em auras sutis. A esta admirável passagem é que Mr. Tissot argúe de fria! Não sabe que em uma dor grande a voz falta

muitas vezes e é suprida pelas lágrimas? Que devia fazer Enéias? soltar a língua e desenrolar uma lamúria de légua, à maneira dos amantes das novelas? Se o fizesse, não seria aqui Virgílio o grande conhecedor do coração humano. Mr. Tissot não deu peso ao extraordinário da visão, ao *lacrimantem* do original, nem viu que as palavras de Creusa e a honra da sua apoteose haviam de produzir uma certa consolação no espírito religioso de Enéias. Quanto às faltas que *desgraçadamente* aparecem no poema, sem dúvida o nosso homem as comete, apesar da sua superioridade; mas a máxima parte das que lhe imputam, está unicamente na cabeça de críticos ou desatentos ou caprichosos.

NOTAS AO LIVRO III

O livro terceiro, escrito com a lógica mais rigorosa, contendo em 718 versos uma variedade estupenda de sucessos, tanta moral e tantos rasgos sensíveis; o livro terceiro, chamado por críticos mais imparciais a Odisseia de Virgílio, tem largamente sofrido injustas censuras de muitos; porque os homens medíocres, por fragilidade da nossa natureza, folgamos de descobrir faltas nos gênios sublimes; e os próprios amigos do poeta inconsideradamente vão abraçando não poucos desses indiscretos juízos. Averiguarei os principais erros e as críticas mais salientes.

1-9. - 1-10. - Neste esplêndido exórdio, como o caracteriza Heyne, julgam alguns intérpretes que o adjetivo *desertas* é mal escolhido, porque já Creusa, isto é a sombra de Creusa, tinha dito a Enéias que ele se estabeleceria em terras férteis e povoadas: esses intérpretes não viram que, antes de se fixar definitivamente na Itália, o herói, em sua viagem ao princípio incerta, houve de errar por terras desertas e brenhas, na Trácia, nas Estrófades, nos sertões da Líbia. De mais, como pondera M. Villenave, Enéias, para excitar a compaixão da rainha, opõe *a superbum Ilium* o grande contraste de *desertas terras*. — O autor, que justifica o poeta neste ponto, se espanta de que o herói troiano, enquanto construía a frota, não fosse perturbado pelos vencedores. Considere-se que naquela época, em razão da raridade dos caminhos e comunicações, qualquer distância parecia grande, e que Enéias nas selvas do Ida, sob a proteção de Cibele, não é inverossímil que se ocultasse aos Gregos; os quais, embebidos na vitória, entregando-se ao descanso e aos prazeres anelados depois de uma guerra prolixa, não cuidaram em perseguir os fugitivos. É todavia este reparo um dos mais plausíveis, e seria sem réplica, se o caso tivesse lugar nos nossos tempos. — Quanto à incerta viagem dos Troianos, o mesmo crítico tem por uma inadvertência do poeta, não só porque o simulacro de Creusa tinha designado a embocadura do Tibre, mas também porque Ilioneu em seu discurso a Dido falara duas vezes da Itália. Se Enéias esqueceu ou não aceitou logo o aviso de Creusa, foi porque também Cassandra, como se vê desde o verso 103-187 deste livro, vaticinara o mesmo a Anquises, e era mister não se dar peso ao conselho da sombra que coincidia com o da profetisa, cujo irrevogável destino era não ser nunca acreditada. Pelo que toca ao discurso de Ilioneu, a inadvertência não é de Virgílio, é sim de Mr. Villenave e dos outros críticos: cumpria-lhes observar que os acontecimentos do livro II e do III são muito anteriores aos que o poeta canta no

primeiro: Dido pede ao herói a narração inteira das suas aventuras; ele, contando o que se tinha passado há sete anos, refere também a incerteza de pousada com que partiu de Troia; incerteza que tinha cessado com as ordens de Apolo, comunicadas em sonhos a Enéias pelas imagens dos deuses, segundo se lê neste livro desde o verso 153-171. Não admira pois que o Troiano, ao tempo que se passava o referido no II e III livros, ignorasse o que se menciona no primeiro. — De ter Virgílio, à maneira da Odisseia, começado o poema do meio dos acontecimentos, para por via da narração fazer vir o passado, tiram alguns isto como regra infalível da epopeia; regra na verdade seguida por grande parte dos poetas épicos, mas que deve subordinar-se às concepções e aos diferentes planos do gênio.

10-12. - 10-13. - "Todos os Troianos, diz Mr. Tissot, emudecem, e até as mulheres parecem insensíveis: não saúdam pela última vez os lugares em que foram mães; não caem de joelhos para invocar, em uma comemoração religiosa, os maridos que repousam no seio da terra natal." Seria plausível esta crítica, se minutos antes (convém não esquecer que a narrativa é durante o festim) não tivesse acabado Virgílio de pintar, com as mais tristes e vivas cores, as mães a ulular e a gemer, abraçando e beijando os portais do palácio que iam largar; cena da qual a imaginação naturalmente se transporta às casas dos particulares e a toda a cidade em luto. Havendo assim enternecido os ouvintes e representado a mágoa das Troianas, Enéias, dizendo que chorava ao apartar-se, e que se engolfou com o filho e os sócios e os deuses, abandonando os campos onde foi Troia, assaz explica a sua dor e a de todos, em cujo nome fala. Fiel ao sistema de concisão e de deixar o ouvinte ou o leitor desenvolver por si o complexo de pensamentos que ele tem o segredo de grupar em sua brevidade, fiou-se no seu nunca igualado *campos ubi Troja fuit*, crendo com razão que estas quatro palavras tinham a magia de suscitar as demais ideias acessórias na presente situação. O certo é que nenhuma outra move a mais saudade; o que era impossível se, ou expresso ou facilmente subentendido, não contivesse o essencial para despertar este sentimento.

13-16. - 15-17. - "É pena, diz Mr. Tissot, que o poeta só consagrasse três versos à descrição deste país, ilustrado por tantas lembranças poéticas. O Hebro, que rolou os restos inanimados do esposo de Eurícide, o Ródope de névoas coroado, onde as Amazonas e as Bacantes celebravam coreias em honra de Baco, nem sequer são mencionados." Esta crítica é uma cópia do livro IV das Geórgicas no episódio de Orfeu. Não devendo o poeta introduzi-lo na Eneida, omitiu aqui isso que não podia reproduzir com tanto sucesso. Além de que a repetição teria os ares de um lugar comum, se os críticos o repreendem por haver na sua epopeia metido

um ou outro verso das Geórgicas, o que não discorreriam se ele nesta passagem tivesse copiado um trecho inteiro, que tão formosamente quadra ao plano daquele poema? É forte mania a de quererem alongar a Eneida! Seu autor é tão recomendável pelo que exprime, como o é muitas vezes pelo que sabe calar: a precisão é o cunho das suas poesias.

18. - 19. - Traduzi *Enéia*, e não *Enos*, porque esta cidade era mais antiga do que a edificada por Enéias, na Trácia. Veja-se o dicionário de Calepino e a nota acurada de Mr. Villenave.

21. - 21.22. - "Espantam-se os intérpretes de que Virgílio fizesse imolar um touro a Júpiter, quando os antigos convêm em que nunca se lhe sacrificava touro ou carneiro. Crê Macróbio que este erro de Enéias agastou o senhor dos deuses, e produziu o horrível prodígio aterrador do filho de Vênus. Portanto, em vez de enxergar uma falta em Virgílio, descobre um rasgo de engenho. É abusar um pouco do privilégio da interpretação." Isto é do citado Mr. Villenave; e eu respondo que condenar sem exame é abusar um pouco do privilégio de crítico. Se consultasse os comentários do eruditíssimo João de la Cerda, pag. 271 do tom. I, veria que, segundo Heródoto, liv. VI, Demarato sacrificou um touro ao pai dos deuses; que o mesmo fez publicamente Aristides; que Juliano Cesar, na epist. a Libânio, diz: *mactavi Jovi regaliter taurum candentem*; e Arnóbio, liv. VII: *Quid applicitum Jupiter ad tauri habeat sanguinem, ut ei debeat immolari, non debeat Mercurio, Libero?* Os cônsules romanos (costume do seu Enéias derivado, como opina o mesmo sábio comentador) ofereciam hecatombes a Júpiter.

22-68. - 23-73. - Este episódio, útil ao andamento do poema, foi imitado por Ariosto e por Tasso, e recordado por Camões: teve porém a mofina de desagradar a Mr. Tissot, que acha aqui Virgílio inferior a Eurípides e a Ovídio, por se ter privado da presença, da dor, do desespero e da vingança de Hécuba. Eurípides e Ovídio podiam e deviam servir-se da personagem de Hécuba; ao passo que Enéias, desembarcando na Trácia um ano, ao menos, depois da morte de Polidoro, já não podia encontrar-se com Hécuba: sem embargo do que, o autor fez o episódio interessantíssimo, descrevendo o prodígio com pincel de mestre, e aproveitando o ensejo para nos recomendar o respeito que se deve aos túmulos e nos dar profícuas lições morais. O episódio, como eu disse, aduna-se ao todo, pois devia o poeta mostrar o porque largara Enéias a Trácia; e o motivo, rico parto da sua imaginação, é inteiramente da índole da epopeia. — Não responderei aos que, destituídos de gosto, condenam o poeta pela impossibilidade do fato, querendo medir os voos do gênio pelo compasso de Euclides; direi porém que, muitos anos depois, a nação romana se regozijava com o

formosíssimo poema das *Metamorfoses*, essencialmente composto de coisas não menos maravilhosas, e que esse primor do engenhosíssimo Ovídio é hoje em dia lido com sumo prazer por quem nada crê naquelas transformações. Sobre este ponto consulte-se o alegado padre João de la Cerda.

70. - 75. - O barão de Walckenaer censura este lugar, porque o vento Austro era diretamente contrário e com ele os Troianos não poderiam sair de *Enos* (a mesma que traduzo *Enéia*); porém Mr. Jal, que demonstra que os antigos já conheciam a navegação à bolina, responde que fora justa a crítica, se os Latinos e os Gregos não soubessem navegar senão a uma larga ou em popa, ou com o vento entre as duas escotas; mas que eles sabiam orçar e bordejar. Quanto à objeção de que o Austro era ponteiro, e nem orçando muito era possível sair, responde que o que não poderia fazer-se à vela somente, se faz com o socorro dos remos, sobretudo se o vento é fraco (lenis crepitans); que nada pois impedia Enéias de pôr-se ao largo com o Austro pela proa. E com efeito vemos, na nossa baía do Rio de Janeiro, o arrais negro menos perito navegar à bolina estreita com vento de menos de seis quartas, ajudando-se dos remos quando o vento é brando, e só trata de bordejar quando refresca. Não é absurdo que o mesmo quase fizesse Enéias: era do seu interesse dali partir quanto antes, e partiu com o vento que soprava; porque, se ficasse à espera de melhor, poderia retardar a viagem.

76. - 81. - A ilha Mícon, hoje Mícoli, é chamada *celsa* por causa do monte Dímasto. Há quem censure este epíteto, porque são pouco elevadas as montanhas de Mícoli. Porém em uma ilha pequena qualquer elevação parece considerável, e o monte Dímasto é alto relativamente.

78. - 83. - "Porque, pergunta Senadon, depois da predição de Creusa, diverte-se Enéias em edificar uma cidade na Trácia? Porque em Delos pede a Apolo que lhe marque o lugar em que se deva estabelecer?" Para responder ao padre, é preciso repetir que o Troiano ou esqueceu ou não abraçou logo o aviso de Creusa por coincidir com o de Cassandra, fadada a nunca ser crida. Buscou pois a Trácia por mais vizinha, sendo do interesse comum achar quanto antes um assento; além de que era esse país governado pelo genro de Príamo, Polimnestor, em quem se esperava encontrar acolhimento e socorro; mas, advertido por Polidoro da perfídia e crueza de Polimnestor, depois de já ter começado a edificar, foi constrangido a largar a terra, onde com efeito se tinha querido fixar. Respondida à primeira, passemos à segunda. Ainda na incerteza (pois não tinha ocorrido o aviso dos penates, que o decidiu) em sua viagem errante chega a Delos; e é natural que o religioso capitão aí consultasse o oráculo por via do rei e sacerdote Ânio, amigo velho de Anquises. *Un oracle toujours se plaît à se cacher*, diz Racine: aquele foi

ambíguo; e, tendo-se de buscar a Itália ou Creta, Anquises se declarou pela última donde era Teucro, mais antigo do que o genro Dárdano, vindo da Itália. Acrescia que, sendo Creta mais próxima da Trácia, em caso de dúvida pedia a prudência que fossem primeiro a Creta, não havendo tanto que desandar, quanto haveria se, demandando primeiro a Itália, se vissem na precisão de voltar ao país de Teucro. Respondo com isto à segunda pergunta de Senadon, e ainda a uma terceira, pois também quer saber porque Enéias se demorou a edificar em Creta.

136-141. - 145-152. - Pretendendo os Troianos ficar em Creta pela interpretação de Anquises, imagina o poeta uma peste que dali os expulse. Delille, com prudente reserva, insinua que a descrição devera ser mais longa; e Mr. Tissot, que toma e explana o pensamento do poeta francês, decide e corta a questão: "Virgílio, tão fecundo, rico, variado nas cenas diversas da ruína d'Ílion, é apenas um frio narrador no livro terceiro. Crer-se-ia, por exemplo, que um poeta se contente de esboçar em seis versos o quadro de um acontecimento qual o da peste que expulsa Enéias da pátria de Idomeneu?" Mais acrescenta, e com Delille quer que a peste ataque a Iulo, que o pai trema pelos dias do filho; quer enfim uma daquelas descrições que, podendo ser belas em certas conjunturas, aqui só prestariam para retardar a narração. Enéias, que rememora as suas aventuras à mesa durante o sarau, depois de ter comovido o auditório com a ruína de Troia, trata de o entreter com o mais essencial; a grandes traços descreve a sua viagem, e basta-lhe às vezes um epíteto para caracterizar um fato ou uma terra: assim a fome de ouro é *sacra*, porque nem ao sagrado perdoa; a Trácia é *mavórcia*, por ser o berço do deus da guerra; Donisa é a *verde*, Paros é a *nívea*, pela cor dos seus mármores. Seu fim não era pintar uma peste, era motivar o abandono dos seus estabelecimentos em Creta. Em uma longa pintura corria o poeta o risco de se repetir, pois que no terceiro das Geórgicas trata já de uma peste, sobre ser fresca a lembrança da da Ática descrita pela mão hábil de Lucrécio: a longura pois me parece que não fora a propósito, e pudera excitar a ideia de um lugar comum. Com ser breve, não deixa todavia de ser enérgica a descrição desta peste: em um pequeno quadro, vê-se a corrupção infectando os ares e as plantas e os homens, os campos estéreis, a seara enfezada negando o pão, as ervas secas, os corpos a definhar. Observe-se que neste livro Enéias se apressa, *ad eventum festinat*; só se demora no mais interessante, ou quando os acontecimentos têm relação com o fato que mais o magoava, a queda de Troia. Isso convinha a uma narrativa de sua natureza extensa, e o bom gosto impunha-lhe a obrigação de resumir-se. — Nenhum dos outros livros encerra tanta variedade como este. Aos críticos tem aprazido alcunhá-lo de frio, esquecidos de que há nele o encontro de Enéias com Andrômaca, o túmulo de Polidoro, o painel do Etna e dos Ciclopes, superior ao de Homero, o episódio de Aquemênides, a fábula das Hárpias, a pintura

de Scylla e de Charybdis. Este livro corre fado contrário ao todo da Eneida: os amadores acham-na excelente, mas, se fossem verdadeiros os senões que lhe notam, pouquíssimo lhe restava de bom; o livro é tachado de seco, sem grandeza nem imaginação, mas, contados os versos dos lugares que louvam, conclui-se que em geral é obra de primor, sobretudo ninguém lhe negando harmonia e riqueza de estilo. Reprova-se a miúda relação geográfica aí contida, sem se lembrarem que, na era de Virgílio estando a navegação bem atrasada, essa relação excitava um interesse vivíssimo. Em tempo comparativamente moderno, há três séculos, fez Camões a descrição circunstanciada da Europa no seu imortal poema, o que então foi ótimo e aceito; hoje tacham-no também da mesma pecha que a Virgílio: nós os Brasileiros e Portugueses perdoamos aos estrangeiros esse juízo de mau gosto, porque eles pela maior parte não conhecem assaz o português para saborearem a erudição recôndita, os toques sublimes e maviosos, a harmonia contínua dessa bela passagem, e falam de Camões sem o terem meditado, e alguns, nem lido.

147-171. - 157-181. - "On est tenté de trouver quelque ridicule dans les oracles, qui ne s'expliquent qu'à moitié, et qui égarent, par une funeste ambiguité, de malheureux bannis; ainsi que dans l'apparition de ces dieux pénates, qui redressent les torts de l'oracle de Delphes." Quem ouve a Delille esta, que tem sido a cantilena de outros críticos, pensará que Virgílio traz por todo o Mediterrâneo a Enéias iludido pelos oráculos: a verdade é que, saindo ele de Troia, vai a Trácia, donde o aparta o prodígio de Polidoro; chega a Delos, onde consulta a Ânio, e uma só vez a má interpretação do oráculo o leva a Creta em vez de ser à Itália. Se é isto condenável, quanto não deve ser arguido Racine que, durante cinco atos, faz do equívoco do nome *Ifigênia* o nó da sua bela tragédia? Os oráculos não se explicavam jamais com bastante clareza, e, se o poeta lhe tirasse toda a ambiguidade, faltaria à tradição e à história, e então é que seria repreensível. Chegado Enéias a Creta, edifica, planta e se estabelece; mas uma horrível peste o dispõe a tornar a Delos; aonde não foi, porque os tutelares penates, em nome de Apolo, dizem-lhe que busque definitivamente a Itália. Ora, depois de ter guiado os Troianos à Trácia e a Delos, depois de os levar a Creta, esta vez única iludidos pelo oráculo, nunca mais duvida Enéias do rumo que tinha de seguir; se transviou-se da Itália, foi pelos obstáculos de Juno, borrascas e cerrações. A intervenção dos penates não é *ridícula*, é necessária: para contrapesar o efeito do prognóstico de Cassandra era mister um sucesso extraordinário, era mister que interferisse um deus, como interferiu Apolo. — Sente-se que Delille às vezes condescende com os críticos, para isentar-se da balda, que tem os tradutores, de julgar impecável o autor original.

221. - 231. - *Fato* por grei de cabras é frequente em Bernardim Ribeiro, Bernardes, Rodrigues Lobo e outros. Mr. Millié, cant.III, est. 49, para traduzir o verso dos *Lusíadas*: *Recolhe o fato e foge para a aldeia*, disse: *Rassemblent leurs vêtements épars et fuient vers le hameau voisin*; e devia dizer: *Rassemblent leur troupeau de chèvres*, etc. No uso vulgar *fato* é também *vêtements*; mas, por ocasião de um ataque, a comparação dos Mouros com o pastor que ajunta a sua roupa antes de fugir, seria pouco digna da epopeia, por trazer uma circunstância bem insignificante. Sinto principiar censurando Mr. Millié, cuja tradução muito aprecio; a qual, pondo de parte a harmonia e beleza dos versos de Camões, que a prosa e uma língua menos poética não podem igualar, é uma das que em francês reproduzem melhor o original, e são bem trabalhadas as notas que se lhe ajuntaram, e bem escrita a vida de Camões por Mr. Charles Magnin, que vem à frente da obra. Só quisera que este judicioso biógrafo não tivesse adotado a injusta opinião de Manuel de Faria, o qual, por fanatismo para com Luiz de Camões, atribuiu-lhe várias obras que diz usurpadas por Diogo Bernardes; pois um exame imparcial do estilo e maneira de tão ameno poeta, ajudado pelo estudo das mesmas obras, convence de que elas são realmente de Bernardes e não de Camões.

225-258. - 236-269. - Tratemos do episódio das Hárpias. Enéias arriba às Estrófades, não por se enganar com o oráculo, mas por uma tempestade e cerração, tal que o mesmo Palinuro, sem tino e confundindo a noite com o dia, navegava à toa, até que a frota abrigou-se às tais ilhas. Celeno toca na viagem ao Lácio como fixa e ordenada pelos deuses; mas, em vingança dos bois que lhe mataram, prognostica aos Troianos a fome que os havia de obrigar a roer as próprias mesas. Mr. Tissot reprova que eles tremam diante de um prodígio, e afirma que os oráculos de Celeno contrabalançam as palavras de Júpiter; tendo por contrário aos costumes heroicos aquele tremor, e por contradição o que profetiza a Hárpia. Quanto aos costumes heroicos, soem combinar-se com a superstição e com o horror do que se nos figura sobrenatural; e, para uma empresa merecer o nome de heroica, não é preciso que todos os que entram nela sejam desabusados, e não tremam à vista de um prodígio: os soldados e homens de chusma que, ao comando de chefes corajosos, têm concorrido para os feitos estrondosos, batiam-se valentes, e tinham pavor de visões e do que lhes parecia portentoso: Virgílio prometeu cantar uma ação grande, mas não prometeu apresentar em cada Troiano um espírito forte. Wieland, no seu imaginoso poema *Oberon*, representa em *Scherasmin* um soldado velho pronto a bater-se com dois ou três homens, tendo contudo um medo indizível de trasgos e visões: isto é o que se vê comumente, e não exércitos de filósofos. Acerca da decantada contradição, direi que Celeno em nada contrabalança nem discrepa das palavras de Júpiter: Júpiter afirma a Vênus que Enéias

tem de estabelecer-se no Lácio, e a rainha das Hárpias o confirma deste modo: “A Itália demandais, à Itália os fados Com viração galerna ir vos concede; Mas, antes que mureis o assento vosso, Desta matança em pena há de obrigar-vos Crua fome a roer as próprias mesas.” Ora, só uma cega preocupação pode achar que estas palavras contrabalançam e não confirmam as de Júpiter. O ridículo que descobrem alguns nesta fábula, vem de que certos críticos, presumidos de filósofos, julgam os antigos pelas ideias modernas; sem se lembrarem que esta era uma tradição histórica, e que o poeta, procurando na Eneida ajuntar as tradições relativas à fundação de Roma, não a devera omitir: do mesmo modo que um historiador que tratar da sagração dos reis de França em Reims, tem de falar da *santa ambula* milagrosa, como bem adverte Voltaire, que não foi dos mais credeiros.

268-288. - 278-300. - Na derrota para Itália, passaram os Troianos por Zacynthos, Dulichio, Samos, Neritos e Ítaca, e descobriram os cumes de Leucate, onde foram refrescar, por não o terem podido fazer nas Estrófades, nem querido aportar nas ilhas pertencentes a Ulisses; além de que, tendo Anquises feito um voto, em Leucate o podia ele pagar a Apolo, e celebrar ao mesmo tempo o lustro a Júpiter. O*lustramur Jovi* tomo no sentido em que o tomou o meu falecido amigo Barreto Fêo, a cuja obra remeto o leitor; bem como para a explicação do *magnum annum*, que ele julga ser o quinto ou o último do lustro que decorrera, desde que Enéias deixou Troia até abordar a Leucate. Repare-se na arte com que Virgílio traz ali Enéias para celebrar jogos no promontório de Accio, aludindo aos quinquenais instituídos por Augusto, depois da batalha em que desbaratou a Marco Antonio. — *Neritos ardua saxis* verto *Neritos alpestre*, como Annibal Caro *Nerito alpestre*, porque em italiano e em português este adjetivo diz *fragoso e elevado como os Alpes*. O *fragosa* de João Franco não o pude adotar, por ser consoante de *nemorosa* do verso antecedente, bem que neste lugar seja tão expressivo como *alpestre*.

291. - 303. - Daqui em diante refere-se como os Troianos, depois de largarem o porto de Leucate e de costearem o Épiro, sobem enfim a Buthroto. Já então Enéias não ia navegando ao acaso, mas para Itália; e, se desembarca na Caônia, é porque, tendo ouvido que lá estava seu primo e cunhado Heleno, nada há mais natural do que desejar ver-se com Andrômaca, viúva de Heitor; tanto mais, que essa demora em casa dos parentes pouco retardava a sua viagem. Aqui é que traz Virgílio o seu famoso encontro de Enéias com Andrômaca, uma das criações mais sublimes e patéticas da poesia antiga e moderna, e onde não há palavra que deixe de conter um pensamento profundo. Há porém alguns críticos, e bem respeitáveis, que preferem o caráter que

deu Racine a Andrômaca na sua tragédia deste nome: eu creio que ambos os poetas fizeram o melhor, cada um em relação ao seu plano. Racine pinta em Andrômaca, alterada a história, a viúva de Heitor sempre fiel a seu falecido esposo, e resolvida a casar com Pirro para defender a vida do seu Astianaz; de sorte que sacrifica o escrúpulo de esposa unicamente ao amor maternal: é isto sem dúvida belo, moral e sublime; e aqui Racine, como bem reflete Chateaubriand, escreve já inspirado pelas ideias do cristianismo. Virgílio, seguindo a história quase à risca, mostra em Andrômaca um triste exemplo das mudanças da fortuna: filha e nora de reis, a mulher do rival de Aquiles é constrangida a entrar no leito de um senhor e a parir na escravidão. A Andrômaca de Racine é mais venerável por sua virtude; a de Virgílio excita a mais compaixão. Racine quis fazer da principal personagem uma heroína perfeita, que atraísse a admiração; e Virgílio quis mostrar novas e desgraçadas consequências da ruína de Troia nos infortúnios da lamentável princesa. A ter Virgílio antecipado o plano do poeta francês, desapareceriam as maiores belezas: o abaixar dos olhos da infeliz e a exclamação a respeito de Polycena, quando Enéias lhe pergunta se ainda é de Pirro; o seu *heri tetigit captiva cubile*; o *juvenem superbum servitio enixae tulimus*; o *dejectam conjuge tanto*. Que, a ser pintada Andrômaca uma heroína perfeita, não seria tão patética, é da natureza humana, da teoria dos mestres, da prática de Eurípides e Sófocles e dos trágicos de mais nomeada; e o mesmo Racine se encosta a esta opinião, segundo o escreveu no prefácio da *Fedra*. Acresce a vantagem que o poeta soube colher do arrependimento de Andrômaca, pois, recobrada do seu abatimento, a que forçava a desgraça, procura pôr em esquecimento essa fraqueza desculpável, prestando culto às cinzas do seu lamentado Heitor.

340. - 353. - Dos versos inacabados é este o que não oferece um sentido completo. Para que o tivesse, li-o como alguns o emendam: *Quem tibi jam Troja obssessa est enixa Creusa*; omitindo na tradução o nome *Creusa*, que facilmente se subentende. N'um tal caso não há meio de acertar.

348. - 362. - A preposição *entre* com o gerúndio sem razão está em desuso: é insuprível às vezes, salvo por um rodeio, que sempre enerva o pensamento.

358-462. - 372-479. - Enéias quer partir, e consulta o profeta Heleno sobre os meios de evitar os males prenunciados por Celeno. A resposta é longa, mas necessária, como o confessa Delille, que todavia a chama pouco interessante. Pouco interessante o que é necessário! Contém a resposta, segundo o mesmo Delille, *toutes les leçons qui devaient diriger Enée dans sa navigation et dans sa conduite*. Contém, além disso, a descrição de ritos que Roma conservava,

conducente ao fim do poema; a de Scylla e de Charybdis, riquíssima de poesia; a razão por que Enéias rodeou a Sicília e arribou a Cartago, parte essencial ao plano da Eneida: contém enfim o anúncio de que o herói deve consultar a Sibila e a maneira de se portar na gruta, o que tudo é muito e muito necessário e interessante; nem havia melhor ocasião de serem estas coisas tratadas. Quem ler a Virgílio, deve em certo modo fazer-se Romano para o saborear. — Compus *saxi-sonante*, por onomatopeia, e para evitar a fria longura *que soa nas pedra*.

491. - 509. - "Cada língua tem suas belezas: o *pubesceret* não pode passar a qualquer outra." Mr. Villenave, que assim discorre, não contou com a portuguesa, onde o verbo *empubescer* casa belissimamente.

493. - 511. - Sobre esta despedida, e em geral sobre a hospedagem do herói na Caônia, as observações de Delille e Mr. Villenave me dispensam de falar.

506-520. - 524-540. - "Um douto comentador quis pôr o *Provehimur pelago* mais abaixo, depois do *Tentamus viam et velorum pandimus alas*; pensa com razão que, já se tendo lançado a frota de Enéias a vogar, o poeta não a podia mostrar ainda ancorada." Assim discorre Mr. Villenave, que, com o seu douto comentador, não viu que a frota largou duas vezes: depois que desaferra das praias da Caônia e que voga (provehimur pelago), passa os montes Cerâunios, ao pé dos quais toma de novo terra (in litore sicco corpora curamus); foi daí que Palinuro tornou a mandar soltar as velas, e portanto foi bem colocado pelo poeta o *Tentamus viam*, e o *Provehimur pelago*. Nove décimos, ao menos, das censuras feitas a Virgílio são como esta.

522-553. - 542-576. - O padre La Rue, Delille e Mr. Villenave esclarecem estas diferentes passagens. Os Troianos avistaram a Itália, tocaram n'um porto, que se julga ser o de Salento; em vez de tomarem o estreito do Peloro ou *Capo di Faro*, tomaram à esquerda, segundo os conselhos de Heleno, com medo de Scylla e de Charybdis; rodearam o Pachino ou *Capo Passaro*, e descobriram o Etna.

369-611. - 592-634. - Aqui há uma lição de humanidade: Aquemênides, inimigo de Troia e companheiro de Ulisses, é acolhido por Enéias, que o livra dos Ciclopes. Não me estenderei em gabos da pintura do Etna e da cova de Polifemo, superior à da Odisseia na opinião de todos; esta nota é para combater o Mr. Villenave acerca dos dois versos: "Ingens, quod torva solum sub fronte latebat, Argolici clypei aut Phebeae lampadis instar." "A comparação, diz ele, peca menos pela exageração que pela inexatidão: como poderia o olho do gigante estar oculto sob a fronte, se assemelhava ao disco brilhante do Sol? Delille

traduziu *latebat* por *brilhava*: razoável infidelidade..... A comparação excede toda a medida ao estender-se ao disco do Sol. Que proporção dar-se pode entre o broquel de um soldado e o *primeiro*astro do *universo*?" Esta argumentação é especiosa. Trata Aquemênides de Polifemo, na ocasião em que o gigante com a vinhaça ressonava e dormia, e quem dorme fecha os olhos; eis porque se ocultava o olho sob a fronte coberto com a pálpebra: se o compara ao Sol, é porque pouco antes o tinha visto brilhar, quando Polifemo estava acordado; e a grandura conhecia-se mesmo por cima, e pelo tamanho da abertura em que o olho se achava metido. Quanto à falta de proporção entre o broquel de um soldado e o Sol, seria boa a crítica se a comparação fosse com o verdadeiro disco do astro; mas é só com o disco aparente, que não é maior que um broquel, sobretudo no zênite. No livro II dos *Martyres*, Chateaubriand adotou esta comparação, como aqui dou a ler traduzida no homérico estilo dos versos de Francisco Manuel: "Enquanto estas razões do peito solta Lastenes, para o lúcido oriente Olímpio, desce o Sol de Foloe aos cumes; Como imóvel ali suspenso para, Qual broquel de ouro fosse, e cresce em vulto." Ora, o bom gosto do maior épico francês, e um dos maiores do mundo, acolheu com amor o que rejeita Mr. Villenave; o que não é pequeno argumento a favor de Virgílio. — Agora passemos a outro grande poeta, cuja autoridade creio não recusará o crítico. La Fontaine, fab. 25 do liv. IV, acha que a Lua é do tamanho de um queijo; e, na 17 do terceiro, que o Sol tem uns três pés de redondo: crítico nenhum tem censurado a La Fontaine; nem valha a desculpa de que isso é posto na boca de irracionais, pois que o fabulista presta aos outros animais os costumes, as paixões e o discurso dos homens; no que sem dúvida consiste o encanto de tais composições. Delille pois verteu infiel e pessimamente.

690-691. - 717-718. - Chateaubriand, no livro IV dos *Martyres*, introduz um Grego entusiasta que, à imitação de Aquemênides, ia ensinando ao jovem Eudoro os sítios da Grécia que navegando avistavam. O poeta moderno ali excede a Virgílio; porque, no enumerar e apontar as diferentes paragens, a cada uma acrescenta a comemoração de um fato notável, e a escolha não pode ser melhor. O nosso grande contemporâneo no imitar o antigo se tornou original. Porque a poesia desta epopeia não foi escrita em verso? É sim harmoniosa e elegante a sua prosa; mas há delicadezas para as quais a prosa não basta. Francisco Manuel, quanto à graça da linguagem, na sua tradução me parece preferível ao mesmo autor; e a obra, apesar de não poucas incorreções, considero-a como o modelo do seu gênero: não conheço um tradutor poeta que tanto me agrade, em língua nenhuma.

714. - 745. - Penso que o hemistíquio *De navegações longas*, qual o de Camões, no

princípio da sua epopeia, *As navegações grandes*, representa a longura da consonância *longarum viarum*, porque, além do vocábulo *navegações* ter muitas sílabas, caindo a sua última na quinta do verso e devendo a voz demorar-se na sexta, é-se obrigado a ligar as duas palavras, como se fossem uma ainda mais comprida. Em Camões, Francisco Manuel, Garção e em outros desta ordem, é que se podem beber os segredos da versificação portuguesa: entre os contemporâneos, no meu sentir, é o Snr. Almeida Garret um dos que nesta parte mais se distinguem.

715. - 746. - Fecha Enéias a narração com a arribada a Cartago, aonde o arrojou a tempestade do liv. I. Lê-se ali que, circundando ele a Sicília pelo cabo de Passaro, e já nas águas do mar Toscano, foi contra seu querer dar à costa d'África, tendo perdido uma nau e chegando com as outras destroçadas. Sanadon pergunta porque o herói se estabelece em Cartago e se esposa com Dido; e eu respondo que o herói não se estabeleceu em Cartago, nem com Dido se esposou. Arribado sem víveres, necessitando de refazer e fabricar as embarcações, ele aceitou a hospitalidade da rainha, a quem nunca propôs um casamento; ela, incitada por Vênus e Cupido, é que ardeu em uma paixão violenta, e procurou demorá-lo enganando o seu amor com o véu do matrimônio; e Enéias, que se deixou vencer, ao depois tornando em si, amoestado por Mercúrio, rompeu com mágoa esses laços perigosos, e seguiu para Itália: Virgílio põe-no em luta com uma das mais fortes paixões, para fazer o homem triunfar da sua fraqueza e aparecer o heroísmo. — Permita-se-me agora um resumo da viagem, a fim de se tornar mais evidente que não há contradições de oráculos nem incoerência alguma. Enéias larga as velas à ventura, porque, não crendo na sombra de Creusa cujo aviso coincidia com o de Cassandra, não quis ir logo para Itália: tentou estabelecer-se na Trácia, por supor encontrar abrigo em um genro de Príamo, e por ser do seu interesse dar quanto antes assento aos companheiros; e saiu da Trácia, quando soube da traição de Polimnestor: foi a Delos consultar Apolo: a ambiguidade essencial do oráculo o faz ir a Creta, em Creta edifica e planta; mas, urgido pela peste, quando meditava tornar a Delos a reconsultar Apolo, os penates em nome dele aclaram o oráculo; *e desde então a frota caminha diretamente ao Lácio*. Uma cerração no mar Jônio, com a qual nem Palinuro se soube haver, leva Enéias às Estrófades; e já mostrei que aí a Hárpia Celeno confirmou os vaticinios: das Estrófades, indo avistando várias ilhas onde não pôde refrescar, foi refrescar a Leucate; e dali partiu, não obstante as nortadas, havendo celebrado jogos e sacrifícios: passa Córcira, e aporta na Caônia para se encontrar com Andrômaca e seu parente Heleno, de quem recebe esclarecimentos importantes: amoestado por ele a não ir pelo estreito por causa de Scylla e de Charybdis, mas a rodear a Sicília, sai de Buthroto, perpassa os Cerâunios; salta

perto para descansar algumas horas, e para com dia poder avistar as praias de Itália, o que sucedeu ao romper da aurora: aproxima-se, reconhece a boca do estreito para o evitar: desembarca no promontório Salentino para adorar a Minerva, como era natural que o pio Enéias o quisesse fazer no primeiro templo que avistava no país desejado: larga de novo o pano, vai vendo diferentes lugares, até que um temporal o atira às praias dos Ciclopes, onde recolhe a bordo o companheiro de Ulisses: com o Boreas navega, dá vista de várias paragens famosas, e só desembarca em Drépano; e dali, tendo perdido seu pai, uma tempestade o lança às costas de Cartago. Esta breve análise demonstra que o livro III é escrito com rigoroso cuidado.

Permita-se-me recorrer finalmente a um argumento aritmético, ajuntando e somando as passagens aprovadas pelos críticos e as que não têm sido censuradas. O exórdio, que todos gabam, compõe-se de 12 versos: o túmulo de Polidoro e o que se passa na Trácia, compõe-se de 60: a descrição de Naxos, Donysa, Olearo, Paros e das Cycladas em geral, até chegar-se a Creta, compõe-se de 8: a estada em Creta, com a pintura da peste, que Mr. Tissot queria estirada, compõe-se de 11: a bela descrição da escuridade e alguns fenômenos náuticos, até chegar-se às Estrófades, compõe-se de 18: a fábula das Hárpias, de 54: a continuação da viagem, na qual avistam Zacynthos, Dulichio, Samos, Neritos, Ítaca e reinos Laércios, compõe-se de 6: a visitação do templo de Apolo em Leucate, a celebração do lustro e dos votos, e a saída daquele porto, compreendem 17: Buthroto, encontro de Andrômaca, encontro de Heleno, a maviosa pintura da pequena Troia, o festim, a consulta de Enéias quando resolvem partir, compõem-se de 78: a descrição de Scylla e de Carybdis, compõe-se de 23: a despedida saudosa, os presentes de Heleno, os de Andrômaca a Iulo, a sua patética fala, resposta de Enéias (na qual o poeta alude habilmente ao fato de ter passado Buthroto a ser colônia romana e à fundação de Nicopolis por Augusto), tudo isto compõe-se de 43: a viagem até enxergarem a Itália, a exploração dos ventos e dos astros por Palinuro, oração de Anquises, desembarque, visitação do templo de Minerva, adoração a Juno segundo os preceitos de Heleno, compreendem 42, incluída a descrição do porto Salentino: a saída, o que se passa ao se aproximarem de Charybdis, a vista do templo de Juno Lacinia, de Gaulon, do Scyllaceu e a do Etna ao longe, contêm-se em 20: a chegada à terra dos Ciclopes, pintura do Etna, encontro de Aquemênides, caverna de Polifemo, enfim todo esse magnifico e variado episódio contêm-se em 114: a explicação de Aquemênides sobre as diferentes paragens, o que vai ocorrendo até ao porto de Drépano, mais a conclusão da narrativa, contêm-se em 34: o remate do poeta e a transição para o livro seguinte contêm-se em três versos. Ora, somando todos estes em 547, e sendo o livro de 718, segue-se que os reprovados são 171. Se aos 547 ajuntarmos os que eu

provei que foram injustamente censurados, a consequência é que o livro III da Eneida é belíssimo como todos os outros; e então o leitor apreciará devidamente a crítica de Mr. Villenave, assim concebida: “Mais le tombeau de Polydore (vem Polymnestor por erro de imprensa), la fable des Harpyes, le touchant épisode de la veuve d’Hector, le tableau de l’Etna et celui des Cyclopes, où le poëte l’emporte sur Homère, surtout la richesse du style et l’harmonie des vers, empêchent de reconnaître ce qui manque *trop souvent* de grandeur aux peintures et d’éclat à l’imagination (!!!).” Peço ao leitor que repare que as passagens aprovadas, e louvadas nesta fútil censura, já compreendem a maior parte do livro.

NOTAS AO LIVRO IV

Este livro é dos mais gabados, porque pinta o amor; paixão que forma o principal assunto dos romances e poesias modernas: o hábito advoga pelo poeta, sendo contudo a causa de algumas injustiças. Nos demais livros consegui exprimir o autor em menos versos que no quarto; porque as paixões ternas são mais expansivas, os vocábulos portugueses em tais matérias contêm mais sílabas; nem quis expor-me ao perigo do *brevis esse laboro obscurus fio*: em 765 é que pude verter os 705 versos do original, quando em poucos mais ou ainda em menos, efeito da energia e precisão do português, obtive a tradução dos outros, sobretudo dos últimos, que o escritor das Geórgicas não teve tempo de emendar, e oferecem algumas redundâncias que é mister cercear. Ocasião tive de verificar o que asseverava Manuel Severim de Faria: "Esta brevidade, graça e decoro, se vêm praticadas nas comédias de Francisco de Sá e de Antonio Ferreira, e em algumas de Jorge Ferreira.... E quanto às traduções claramente se mostra, assim nas de verso que fizeram Antonio Ferreira e Luiz de Camões, como nas de prosa do bispo D. Antonio Pinheiro e outros, que a língua portuguesa, se não é mais breve que a latina, ao menos não é mais larga."

55. - 58. - A paixão de Dido parece mal a alguns, e diz Mr. Tissot: "Il m'est survenu un scrupule sur le fond des choses: Didon devait-elle être ainsi transformée à nos yeux? Je sais que sa passion a été allumée par le plus puissant des dieux, et qu'elle doit être portée aux dernières extrémités; mais ne fallait-il pas conserver à la vertu quelque respect d'elle-même? Une femme si courageuse, une si grande reine, ne devait-elle pas garder quelque soin de sa gloire!..... Dans Valerius Flaccus, une légère précaution suffit pour éviter un reproche au poëte. Il peint Médée semblable à la Bacchante qui résiste à son premier transport, et s'abandonne ensuite au dieu." — Quis Virgílio dar uma origem antiquíssima ao ódio entre Roma e Cartago, e imaginou o abandono de Dido por Enéias, derivando esse ódio dos fundadores dos dois estados. Para honra sua, foi a rainha de exemplar virtude, e se ressuscitasse com o poeta romano, deveria tentar um pleito e pedir-lhe a injúria; a nós toca averiguar se, dada a ficção, tirou-se dela todo o proveito: os mais escrupulosos o afirmam, nem mesmo o duvida Mr. Tissot, apesar das suas restrições. Com o que não me acomodo é com o passe a Valério Flacco: se este eximiu-se da culpa, com pintar Medéia ao modo da Bacante que resiste ao primeiro transporte e ao depois se entrega ao deus, então absolva o crítico ao pobre Virgílio; porquanto, antes de se entregar a Enéias, Dido

andou insana pela cidade, consultou entranhas de reses, fez sacrifícios e oblações, sem que nada lhe apagasse o amor; e, se o comunicou logo a Ana, só daí a dias, quando já lhe tinha mostrado e quase oferecido a nova cidade, é que se foi descobrindo ao amante: se a paixão andou rápida, não foi sem combates e remorsos. Contra Medéia não se empenhou Cupido, como contra Dido, a rogos da própria Vênus; o que sobra a desculpá-la e a justificar esta parte da ficção. — Quanto à pergunta se não era mister conservar à virtude algum respeito para consigo mesma, respondo que Virgílio não faz da rainha de Cartago uma devassa e vil mulher, sem respeito algum à virtude; fá-la uma triste vítima dos deuses, que no meio das mais pungentes mágoas sucumbe à violência do amor; e é por ser uma grande rainha, tão boa e generosa, que mais nos dói a sua dor, que a sua fraqueza é trágica e tão patética. Tanto ela cuidava na sua glória, que preferiu a morte à vergonha. O ser corajosa e magnânima não obsta, infelizmente, a tornar-se a mulher apaixonada e louca; e, ainda mais infelizmente, as próprias suas boas qualidades não poucas vezes lhe têm sido fatais em matérias de amor. A nobreza mesma do coração de Dido concorreu à sua perda: o estrondo e fama das desgraças de Troia, que ela já tinha pintadas nas paredes do templo, a vista inopinada do herói na sua corte, a semelhança de ambos em terem emigrado, a esperança que lhe suscitou Ana de aumentar a colônia com o casamento, o desejo natural ao seu sexo de enlaçar o seu nome ao nome de um varão famigerado, o esforço de Vênus e de Cupido, uniu-se tudo enfim para sua afronta e cegueira. As rainhas e senhoras, cujas empresas e feitos têm passado aos vindouros, todas com raras exceções se mostraram filhas de Eva, e muitas o foram sem se matarem. — Mr. de Lamartine (*Voyage en Orient*, pag. 69; 1835) diz também: "Virgile, comme tous les poëtes qui veulent faire mieux que la vérité, l'histoire et la nature, a bien plutôt gâté qu'embelli l'image de Didon. La Didon historique, veuve de Sychée et fidèle aux mânes de son premier époux, fait dresser son bûcher sur le cap da Carthage, et y monte sublime et volontaire victime d'un amour pur et d'une fidélité, même à la mort! Cela est un peu plus beau, un peu plus saint, un peu plus pathétique, que *les froides galanteries* que le poëte romais lui prête, avec son ridicule et pieux Enée, et son désespoir amoureux, auquel le lecteur ne peut sympathiser. Mais l'*Anna soror* et le magnifique adieu, et l'immortelle imprécation qui suivent, feront toujours pardonner à Virgile." — Quando acabei de ler este julgamento e refleti sobre todas as suas partes, me perguntei se com efeito seria do autor das *Meditações*, e afinal vim a crê-lo por três razões: uma é que o poeta francês tem deixado correr por sua conta um juízo tão estrambótico; a segunda é que é raríssimo um escritor como Horácio, ao mesmo tempo grande filósofo, grande poeta e grande crítico; a terceira é a época em que apareceu a *Viagem ao Oriente*, quando havia uma néscia prevenção contra os chamados clássicos, e Mr. de

Lamartine quis sacrificar ao ídolo do dia uma vítima pingue. — Que a Dido histórica seja mais santa e respeitável, ninguém o duvida; mas que seja mais bela poeticamente e mais patética, é o que negará quem tiver meditado na natureza humana, quem tiver estudado os poetas, principalmente os trágicos, em cuja alçada entra o patético mais amiúde. "Quando eu nada mais devesse a Eurípides, nos diz Racine, que a ideia do caráter de Fedra, poderia afirmar que lhe devo o que talvez de mais razoável expus no teatro. Não me assombra que este caráter fosse do mais feliz êxito naquele tempo, e que ainda saísse tão bem neste século, pois que tem quantas qualidades requer Aristóteles nos heróis da tragédia, e que são próprias para excitar a compaixão e o terror. Na verdade, Fedra nem é de todo culpada, nem de todo inocente." — E eis aqui um dos mais sublimes gênios da França, modelo em seu gênero, achando belo e patético o caráter de Fedra, incomparavelmente mais culpada que Dido; a qual, generosa e benéfica e heroica, só contra si pecou e contra seus escrúpulos, mas não caluniou o enteado, concorrendo para a sua morte. O belo poético nem sempre é o belo moral: se o fosse, não seriam suportáveis os melhores trechos do Dante, muitos de Homero, de Sófocles, de Shakespeare, de Corneille, de Voltaire, de Goethe, e de outros engenhos desta primeira plana. — É para notar que Mr. de Lamartine, fazendo esta crítica do *ridicule Enée*, considere bom unicamente *l'Anna soror, le magnifique adieu et l'immortelle imprécation qui suivent*. O *Anna soror* do crítico é dificil de saber ao que se reporta: no começo do livro há um discurso que principia por estas palavras, mas não é seguido de *le magnifique adieu*, nem de *l'immortelle imprécation*; e, no caso de referir-se ao que fica antes da imprecação, a qual abrange do verso 590 a 629, então lá não se trata de *Anna soror*, trata-se da partida de Enéias ao romper do dia. Isto me convence da pressa com que foi feita a crítica, talvez não tendo à mão M. de Lamartine um exemplar da Eneida para refrescar a sua lembrança. Não achar conforme à natureza o andamento dos amores de Dido em Virgílio, é opinião singular do nosso ilustre contemporâneo: Mr. Tissot mesmo, com quantos têm censurado um ou outro lugar do episódio, não se atreve a envolver na censura o episódio inteiro. Santo Agustinho, gênio superior, sendo bem iniciado e experiente em matérias amatórias, com especialidade se deleitava lendo este livro IV. Aqui dou, na tradução de Francisco Manuel, o que dele escreveu o autor dos *Martyres*, do monumento maior da literatura francesa nestes últimos tempos: "Pelas ribas, Que o vate descantou de imortal fama, Com a Eneida nas mãos ia Agustinho Ao lago Averno, à gruta da Cuméia, A Elísios campos, à Acheronte, à Estige; De Dido acerbos fados ler mormente Folgava sobre a lousa desse engenho, Terno e sublime quando os transes narra Da lastimada mísera rainha." — Mme de Staël, senhora de finíssimo tato, no seu livro da *Literatura*, diz: "L'émotion produite par les tragédies de

Voltaire est donc plus forte, quoiqu'on admire davantage celles de Racine. Les sentiments, les situations, les caractères que Voltaire nous présente, tiennent de plus près à nos souvenirs. Il importe ao perfectionnement de la morale elle-même que le théâtre nous offre toujours quelques modêles au-dessus de nous; mais l'attendrissement est d'autant plus profond, que l'auteur sait mieux retracer nos propres affections à notre pensée." Estas reflexões concordam com as de Racine no prefácio da *Fedra*quanto ao patético, e igualmente mostram que o poeta pode, não digo ir de encontro, mas aperfeiçoar a natureza (permita-se-me a expressão) e modificar a história, ora para criar modelos acima de nós por interesse da moral, ora para comover com a pintura das nossas fraquezas e das nossas afeições. E que! Mr. de Lamartine, quando quer antes ser grande poeta do que mau crítico, não pratica o mesmo que reprova em teoria? Acaso em suas belas páginas segue ele sempre a história, sem nada pôr, sem nada tirar? Acaso escreve só a verdade nua e crua, ou lhe prefere às vezes a verossimilhança, conformando-se ao plano de suas concepções? Se os poetas fossem coartados nesta liberdade, adeus poesia! — Quanto às *frias galanterias*, direi que em toda esta verdadeira tragédia não há um colóquio amoroso: a primeira vez que há um diálogo entre Enéias e Dido, é quando ela, pressentindo que a frota vai partir, vem acusá-lo de traição, e misturando súplicas e queixas (admirável passagem!) acaba por lhe deitar em rosto os benefícios, e sem lhe admitir as desculpas, o ameaça e foge, caindo nos braços das fâmulas. Serão estas as frias galanterias da rainha de Cartago? — A propósito desta questão, oferecerei o juízo de Ferreira, cuja musa era a razão esclarecida. À vista de um retrato de Dido, em nome dela, tomando o tom do filósofo que reclama o rigor da história, fez o seguinte epigrama: "À mão do pintor devo nova vida. Maro me deve a honra difamada: Nem Dido foi de Enéias conhecida, Nem viu Cartago sua frota errada. Eu mesma me matei, porque sostida Fosse a fé casta a meu Siqueu só dada; Vinguei sua morte, ergui nova cidade. Valha mais que os poetas a verdade." Esta ótima composição parece provar que o Horácio Lusitano rejeitava esta ficção de Virgílio; porém não: como filósofo, pugnava pela verdade histórica; como poeta, conhecia o proveito que da mesma ficção podia tirar-se, e a seguiu à risca na sua écloga VIII. De ambas as maneiras, patenteou o seu tino e delicadeza em discernir quando cumpre ou invocar a verdade ou ceder aos voos da imaginação. Mas Ferreira não se contentava só do seu talento, folgava de o temperar com o saber acumulado pela experiência dos antigos, e escrevia depois de longo exame.

58. - 61. - O povo caçador, mesmo o pastor, guia-se antes por costumes que por leis; o povo agricultor precisa mais delas: por isso é que Virgílio chama *legífera* a Ceres ou a agricultura. O adjetivo*legislador* se aplica propriamente à pessoa ou corporação que faz as

leis; *legífero* significa *o que traz leis*, isto é o que traz a precisão de as fazer: adotei pois a palavra latina como necessária. Já temos*frugífero, alífero, sagitífero*, e outros adjetivos deste cunho.

90-128. - 98-140. - Esta cena entre Juno e Vênus, onde cada uma, sobretudo Juno, dissimula e tenta chamar a outra ao seu partido, caiu debaixo da férula de Mr. Tissot: "Empruntée peut-être d'une riante fiction de l'Iliade, cette scène, peu digne de la gravité épique, n'a ni ce naturel exquis, ni cette grâce naïve, ni ces traits d'imagination, qui donnent du charme à tout dans Homère. L'invention est pauvre et les détails mesquins; le rire malin de Vénus suffit seul pour faire la critique d'une invention convenable tout au plus dans une épopée comique. Junon, el faut l'avouer, se prépare à jouer un rôle assez étrange; Vénus elle-même en est étonnée." — Antes de tratar do único reparo positivo que há nesta parlanda, cumpre lembrar que tanta não é a autoridade do crítico, nem a sua superioridade sobre Virgílio tamanha, que o dispense de comprovar asserções desta natureza: sob a sua palavra não creio que a invenção seja pobre, nem mesquinhas as particularidades; era mister que isso nos fosse demonstrado. Acerca da positiva censura do riso de Vênus, direi que Virgílio, à imitação de Homero e com mais comedimento, presta aos deuses as paixões humanas; porque eles, segundo a sua fabulosa história, tinham fraquezas, cometiam crimes; e não é muito que o poeta a Vênus atribua um riso maligno, quando percebeu as segundas tenções de Juno: querer julgar das falsas divindades segundo a ideia sublime da perfeição de Deus, é confundir os séculos e as crenças. O que mais cabe notar é a parcialidade em favor de Homero: pôde o bom velho grego dar aos deuses uma risada inextinguível, quando apanharam em flagrante a mesma Vênus e Marte, sem que a cena fosse *peu digne de la gravité épique*; pôde fazer o sábio Ulisses esbordoar a Tersites, que se assenta choramingando e enxugando as lágrimas, com o inchado vergão nas costas, entre as gargalhadas e vaias dos Argivos; pôde pintar a Juno agarrando os braços de Diana com a esquerda, arrancando-lhe o arco e a aljava, chamando-a cadela atrevida. Quem, a não estar preocupado, negará que tudo isto pertence mais a uma epopeia cômica do que o riso de Vênus? Todavia não condeno a Homero, pois que empresta a seus deuses os costumes dos homens e retrata os homens desses tempos. De mais, não reputo indigno de um poema sério um ou outro gracejo, contanto que se use desta liberdade com discrição: como o fez Camões a respeito de Velloso; como o fizera Virgílio mesmo, no livro V, a respeito do piloto Menetes.

129-159. - 141-178. - Aqui descreve-se a caçada, episódio no episódio principal, com que soube variar o poeta o assunto deste livro. A Delille remeto o leitor, ou antes a Mr.

Villenave, que traz boas coisas sobre todo este lugar. O verbo *madrugar* me parece exprimir fielmente o *It jubare exorto*. O verso 152 tem a onomatopeia conservada no 170 da versão, e em geral guardei a harmonia imitativa de toda esta porção da Eneida.

160-164. - 179-184. - Usei do hipérbaton para pintar a confusão dos caçadores, ao fugirem da chuva que obrigou Dido e Enéias a recolher-se à mesma caverna.

173-188. - 193-210. - Eis uma alegoria, cujas imagens parecem exageradas, mas que se baseia na verdade. Gabando alguns a descrição, pensam contudo que o monstro enorme, o qual toca o chão com os pés e oculta a cabeça nas nuvens, não podia sentar-se nas cumieiras dos palácios; mas não advertem que a Fama de Virgílio, posto que gigantesca, segundo convinha à irmã de Celo e de Encelado, é levíssima e como aérea, com a faculdade de aumentar e diminuir, conforme se colhe do verso: *Parva metu primo, mox sese attollit in auras*. Assim, podia ela estar sentada em cima dos palácios, não obstante a sua grandeza. — Reparem no contraste entre o verso: *Revoa e ruge na terrena sombra*, e o que segue: *Nem os lumes declina ao meigo sono*. Isto me foi sugerido pelos versos de Camões: *Não em plectro belígero de Marte, Mas em suave e doce melodia*; onde há igual harmonia imitativa.

242-244. - 265-269. - Entendo *lumina morte resignat* como Delille, não como La Rue; que interpreta: *ex morte aperit oculos*; porque esta virtude da vara de Mercúrio está já exprimida no *animas ille evocat Orco*.

249. - 275. - Duvida-se que haja pinheiros na África: se os não há em toda, os há no Atlante. Não é pois necessário ler-se *penniferum*, como insinua Heyne.

266. - 294. - Verto *uxorius* como o eruditíssimo Antonio Ribeiro nas *Odes de Horácio*, bem que *maridoso* não venha em dicionários: significa o *mulherengo*.

293-294. - 319-320. - Mr. Villenave não contou com o português, ao asseverar que a expressão do poeta *aditus et quae mollissima tempora* não podia ser traspassada a nenhuma outra língua: a tradução me parece ter conservado o arrojo do original.

331-361. - 363-397. - Esta resposta é bem censurada; e com efeito fora melhor que o poeta suprimisse os versos onde Enéias afirma que, a não ser o fado, preferiria voltar para a sua pátria: são inexcusáveis, mesmo naqueles tempos em que os heróis tão facilmente sacrificavam as mulheres. Entrando porém no fundo da questão, direi que Enéias obrou mal em se deixar vencer do amor e em se envolver na precisão de abandonar a Dido, mas que em tal caso pior fora ficar-se com ela do que seguir as ordens e querer dos fados: que mau conceito não

merecera, a ter imolado à paixão o interesse do filho e de seus compatriotas? O partido que se toma a favor da rainha, é a prova maior da excelência desta insigne tragédia: o poeta quis excitar o mais possível a comiseração para com Dido; e, pelo que toca a Enéias, o seu fim era mostrar o esforço deste por vencer, além de tantos perigos, uma das paixões mais fortes, só para cumprir com o mais imperioso dever. Concedendo eu que Enéias obrou mal, estou longe de conceder que pecou nisso o poeta: pintando a queda do chefe troiano e o triunfo que este obteve de si mesmo, apresentou-nos a um tempo a fraqueza humana e o heroísmo que a supera. Se Enéias sacrificasse a infeliz Dido ao seu interesse individual, como de ordinário fazem os homens desamparando as mulheres crédulas, fora um cruel sem piedade; mas ele não podia pôr de parte o bem dos Troianos e a glória da sua descendência, que em suas mãos tinha depositado o destino.

362-392. - 398-431. - A réplica da rainha e a brusca maneira de cortar as desculpas de Enéias, são lugares em que os rigoristas não têm podido aferrar o dente, são de todo conformes à natureza. Tais lances e afetos, imitou-os Racine, Lefranc de Pompignan, e muitos outros.

402-407. - 441-447. - "Alguns comentadores, diz Mr. Villenave, têm achado esta bela comparação pouco digna da epopeia; sem atenderem a que na *Ilíada* Homero tira uma comparação das moscas, e que Apolônio nos *Argonautas* as tira das moscas e das formigas." Eu acrescento que não eram precisos tais exemplos para justificar a Virgílio: a comparação dos Troianos, carregando o necessário para a partida, com as formigas ao levarem o sustento para as covas, é da mais perfeita justeza; e o fino gosto de Camões imitou o poeta romano com felicíssimo êxito.

408-436. - 448-476. - Falando do *Littora et vacuos sensit sine remige portus*, assevera Delille que Virgílio é inferior a Catulo, quando pinta a mágoa de Dido à partida de Enéias, por se contentar de a fazer contemplar da torre a frota que largava as praias; e que então o poeta se dirige à amante abandonada, perguntando-lhe o que sentia naquele momento. Confundiu o tradutor francês a passagem que vai adiante com a presente: é nesta que Virgílio pergunta à rainha o que experimentava, não quando partia a frota, porém antes, quando a chusma acarretava o necessário para a viagem. A pergunta não foi na ocasião da saída; pois Dido ainda mandou a irmã fazer proposições a Enéias, e não tinha chegado ao último apuro a sua desesperação. Mas quando o herói ficou inabalável, Dido, em vez de subir a uma montanha para com os olhos seguir a nau que desaparecia, em vez de desmaiar e enfurecer, em si recolheu toda a sua dor, concebeu o projeto de se matar, e dissimulando o pôs em execução: isto é mais forte e mais

terrível do que o fez Ariadna. A preferência dada a Catulo não é portanto justa, bem que por alguns tenha sido abraçada sem exame. O que há em Catulo de melhor que em Virgílio, é a passagem: *Omnia muta, Omnia consternata, ostentant omnia mortem*, ainda mais bela que o verso: *Littoraque et vacuos*, etc., que representa a mesma ideia; e também a comparação de Ariadna com a efígie de pedra de uma Bacante: em tudo o mais é Virgílio superior a Catulo, mais terrível e mais patético. — Os dicionários latinos trazem *videre* com a significação de *ouvir*, e todos citam a Virgílio, sem dúvida fundados neste lugar: *Prospiceres arce ex summa totumque videres Misceri ante oculos tantis clamoribus aequor*. Eu penso que o verbo *videres* não significa *ouvir*; mas que exprime uma fina observação do poeta. Quando há um ruído que se não ouve bem, feito pela multidão, os movimentos e os gestos, percebidos pela vista, ajudam a ouvir e a distinguir os sons: é isto o que pinta Virgílio, e a minha versão é neste sentido. — *Viri* do verso 424 é omitido pelos tradutores, sendo contudo essencial; porque Dido com esta palavra exprobra a dureza ordinária dos homens para com as mulheres. — Leio o verso 436:*Quam mihi cum dederit, cumulatam morte remittam*, referindo *cumulatam* a *veniam*, e traduzo o lugar à maneira de Delille e de Mr. Tissot.

440-449. - 479-491. - "Aqui Virgílio, para desculpar a Enéias, não se contenta com dizer que este obedece aos deuses, acrescenta que um deus lhe tapa os ouvidos às preces de Dido. Não se podia melhor pintar aquela virtuosa inflexibilidade, do que pela comparação que se segue, tão insigne pela beleza das imagens como pela harmonia." Tal é o parecer de Delille; o de Mr. Tissot, em cujas palavras jura Mr. Villenave, é o contrário: "Quem se poderia comparar a um carvalho já velho, é Anquises, não Enéias, no vigor da idade; Enéias, reposto em todo o brilho da mocidade por sua mãe. Aliás, o herói aqui tão pouco de grandeza ostenta, que não merece um paralelo tão ambicioso. Duas mulheres a chorar e a suplicar não se assemelham aos aquilões soltos sobre os Alpes: apenas se poderia sofrer esta imagem, se se tratasse de duas amantes furiosas e desesperadas, como Camila e Hermione... A exageração minuciosa agrava mais a falta do poeta; que a leva ao cúmulo ajuntando que Enéias, exposto a contínuos assaltos, sente uma dor profunda; suposição desmentida no momento por estas palavras: *Il reste inébranlable, et seulement quelques larmes inutiles coulent de ses yeux*. — A maior parte desta crítica nasce de não ter seu autor meditado no texto. Uma árvore muito nova não tem robustez; é preciso ter chegado (peço vênia) à sua virilidade para chamar-se *válida*: o válido carvalho de Virgílio não era velho, estava na *força dos anos*, único sentido da expressão *annoso robore*; e assim é bem comparado com Enéias, que não estava na primeira mocidade, mas na que se tem nomeado a idade heroica, isto é cerca dos quarenta anos;

porquanto, sendo homem feito e casado no começo da guerra que durou dez anos, e tendo-se já passado sete depois do triunfo grego, é evidente que andava pelos seus trinta e seis a trinta e oito. Com Anquises é que fora uma sandice comparar o válido carvalho no vigor da idade; com Anquises, decrépito e paralítico, fugindo carregado por seu filho: o carvalho comparável a Anquises seria um já carcomido, que fosse extirpado pelos aquilões, e não um tão rijo que resistiu aos ventos dos Alpes. Quanto à incongruência de assemelhar Enéias a um carvalho, paralelo que o crítico apelida ambicioso, atrás já refutámos as razões em que se estriba a sentença; e repito que ele obrou mal em se enamorar de Dido com quem não podia casar, mas cumpriu um dever sacrificando a paixão ao interesse do filho e dos seus nacionais, e portou-se briosamente esforçando-se por vencê-la: do contrário, merecera que os Troianos o apedrejassem. — Se o poeta assemelha as preces e arguições de Dido, por intermedio e boca de Ana, aos embates dos furacões dos Alpes, não é por serem de duas mulheres, é pela força que havia nessas preces e arguições; as quais punham patente aos olhos do amante a mágoa da infeliz Dido e o dano que ele fizera com o seu erro e fraqueza. Ora, a força dessas razões é que lhe comovia o coração, é que lhe fazia verter as lágrimas que nada remediavam a dor e desgraça da rainha. Neste ponto Mr. Tissot não fez a diferença que faz o poeta: o que era inabalável foi a resolução de partir, que lhe aconselhava o interesse dos Troianos; mas o coração do herói estava grandemente comovido, segundo se vê do verso: "Multa gemens magnoque animum labefactus amore." A frase *mens immota* se refere à razão, à potência intelectiva de Enéias, não à sensibilidade de sua alma. Mr. Tissot é que traduziu incorretamente: *Il reste inébranlable*; devera dizer: *A sua razão, ou a sua mente, ficou imóvel*; isto é que, posto fosse profunda a sua mágoa, os esforços da razão o tinham tornado firme e inconcusso, ajudado mesmo por um deus que lhe fechava os ouvidos às palavras de Ana. Ele até quis ver se conciliava o amor com o dever de ir buscar a Itália, e por via de Ana propôs a Dido que se embarcasse e o seguisse, como o demonstra o verso 537 e os seguintes; mas a nobre e generosa rainha, recusando ou deixar os seus ou fazê-los de novo entregar-se aos mares e aos acasos, preferiu a morte. Esta proposta de Enéias, do embarque de Dido, não tem sido atentada pelos críticos e comentadores que conheço.

450-503. - 492-548. - La Rue, cujos comentários têm voga nas escolas do Brasil e de Portugal, traz muitos esclarecimentos sobre todos estes versos; e como nada tenho que refutar ou acrescentar, às suas notas remeto o leitor, ou a La Cerda ou a Mr. Villenave, que as trazem curiosas e eruditas.

518. - 564. - O *in veste recincta* tomo no sentido em que Nascimbeno e os antigos o tomaram; não achando suficiente, para enjeitar-se a interpretação comum, a razão de que era preciso colher o vestido a fim de se verem os pés nus; sendo mais forte para mim o que diz o mesmo Nascimbeno, isto é que *nihil in sacrificiis non solutum esse oportebat*. — Sobre este sacrifício e mágica, descritos neste verso, nos de cima e nos subsequentes, de novo remeto o leitor aos intérpretes citados; e peço licença para o adjetivo *pubentes*: convinha conservar a ideia de Virgílio, que assim compara a lanugem das ervas com o buço dos adolescentes.

555. - 605. - "Júpiter e o destino, exclama Mr. Villenave, acaso lhe ordenavam esta ultrajante insensibilidade? Aqui nem se vê o homem nem o herói..... Ele dorme tranquilo em seu navio, até que Mercúrio o desperte." Devagar, senhor crítico, devagar: o *carpebat somnos, colhia o sono, pegara no sono*, são expressões que não indicam um dormir pesado, e os sonhos, de que despertou sobressaltado, provam de sobejo que Enéias não dormia tranquilo. Tinha trabalhado muito nos preparativos da viagem, tinha-se afligido muito com os pesares e queixumes da rainha: fatigado pois de corpo e de espírito, o pegar no sono está bem longe de mostrar nele insensibilidade, antes é um efeito e consequência dessa fatiga; o sono em tais casos é caminho que a natureza busca para aliviá-la. Médicos experientes, de saber e de gosto, a cuja autoridade recorri sobre este ponto, me fizeram ver que, depois do cansaço e de tantas aflições, o adormecimento não era indício de dureza; que uma boa parte dos condenados à morte, apesar do terror, não deixam de adormecer, e às vezes profundamente, como aconteceu ao marechal Ney, a quem vieram despertar para o matarem. Virgílio, que a tão variados conhecimentos ajuntava os da medicina, soube o que escrevia e o fez com madureza; e, introduzindo na ação a Mercúrio que por ordem suprema adverte a Enéias do perigo e intima-lhe que parta, o poeta nos deixa entrever que nesse adormecimento, aliás natural, interveio o destino. Tudo portanto é conforme à razão e à natureza, e não merece a menor censura.

586-629. - 635-681. - É aqui a famosa imprecação de Dido, ao enxergar de cima de uma torre a frota que se ia apartando. Mr. Tissot, com a sua usual sem-cerimônia, supõe em Enéias o dom da ubiquidade: "Que papel, nesse momento, representa um herói que atraiu sobre si tão cruéis ameaças?" Respondo que nesse momento, estando ele a navegar, não podia ouvir as ameaças da rainha, e o papel que representava era o de um chefe que, se bem compungido e com sinistros pressentimentos, conduz os seus compatriotas a um lugar prometido pelos fados, cumprindo assim um restrito dever. Pasma o crítico de que Enéias, o homem do destino, a quem Júpiter fez tão magníficas promessas, fuja carregado de maldições: e o que devia ele fazer?

Enéias não ouvia essas maldições, e se as ouvisse, não havia de voltar para Cartago, frustrando assim a esperança e os interesses dos que nele se tinham confiado; e, por mais que se esforçasse, era-lhe impossível apaziguar a amante exacerbada, salvo se ficasse com ela e traísse os Troianos. Escolha Mr. Tissot.

664. - 719. - "O poeta, pondera Mr. Villenave, parece esquecer que Dido afastou todas as mulheres do palácio e todas as testemunhas do horrível sacrifício que meditava." Eu digo porém, com os olhos no texto, que o poeta não afastou todas as mulheres; afastou sim a irmã e a Barce ama de Siqueu, não do palácio, mas do claustro em que acendera a fogueira, porque estas duas deviam estar perto e baldariam o sacrifício; e quanto às outras mulheres, como lhes cumpria ficar no posto em que a rainha as colocara, não ouviam as palavras de Dido sobre a fogueira, e só conheceram a funesta resolução no momento de ser executada, e então romperam em grande alarido. A infeliz, dissimulada e precavida, não quis mandar embora as mulheres para não despertar a desconfiança das duas mais atentas. Considere-se o lugar da cena, e ver-se-á que as damas, em um espaçoso claustro, podiam estar à vista e contudo em uma distância que as impedisse de ouvir: elas criam que a senhora desempenhava o rito mágico, e não que se despunha a morrer. Todas estas cautelas provam a irrevogável tenção da rainha, e aumentam o terror.

Permita-se-me agora terminar as observações a este livro IV mostrando a injustiça de Delille para com Luiz de Camões. Delille, cujas reflexões acerca desta parte da Eneida são as mais justas e recomendáveis, conclui a sua análise pelos poetas que têm imitado o romano, e diz assim: "Todos os épicos julgaram dever consagrar um dos seus cantos ao amor: Camões faz também desembarcar os Portugueses em uma ilha, onde as Nereidas inflamadas por Vênus e Cupido, *de concerto com o Padre-Eterno*, se esforçam por demorá-los. Independente da mistura monstruosa das divindades do paganismo com a religião cristã, este episódio se descreve com tão pouca circunspecção, que a ilha encantada dos *Lusíadas* muito mais se assemelha a um alcouce que a uma residência de deuses. Comparar iguais produções às de Virgílio fora ultrajá-lo." — Delille não leu a Camões, como acontece à maioria dos Franceses que de Camões falam; os quais, logo que se trata do Homero português, clamam: "Como é belo o episódio de Inês! E o do gigante Adamastor!! Assim não tivesse o poeta confundido o paganismo com o cristianismo!" Tudo isto porém não é deles, é apenas o apressado juízo de Voltaire com ênfase repetido. Delille fez mais que ler a Voltaire, leu a péssima e ridícula tradução de La Harpe, e leu-a mesmo sem atenção. — A ilha dos amores não é imitada de Virgílio, é totalmente original; nem

pode ser confrontada com o episódio de Dido, por ser matéria hetorogênea. O grande épico imagina que Vênus, a protetora dos Portugueses, fez nascer no meio dos mares uma ilha encantada em que os seus validos repousem das fadigas da viagem, e com auxílio de Cupido inflama as Nereidas; as quais, vencidas dos navegantes, em danças e tangeres, os recebem e alegram, rendidas às suas carícias. A descrição do pomar e jardim, a das ninfas que, estando a banhar-se, se escondem n'água para não lhes aparecerem nuas; a pintura das aves e outros animais, tudo, tudo é primoroso. Se Camões porém neste episódio não imita o seu mestre, com ele se assemelha no estilo, sempre conciso e imaginoso; a harmonia imitativa é tanta e perfeitíssima, estupenda a variedade, a melodia inteiramente virgiliana. Quão poética não é a lembrança de introduzir Tétis, a esposa de Netuno, acolhendo a Vasco da Gama *com pompa honesta e régia*, e tomando-o pela mão para lhe explicar a *rica fábrica do mundo*! O descobridor da nova rota das Índias merecia bem estas honras da parte da rainha do oceano. Quão sublime não é o canto da ninfa (a quem, pela voz, Camões chama angélica Sirena, e alguns críticos têm crido ser uma sereia) quando vaticina as façanhas futuras dos Portugueses! Aqui é que o poeta imita a Virgílio no livro VI da Eneida, mas com quanta originalidade! — Ora, comparar tudo isto aos amores de Dido é comparar uma tragédia com um idílio, uma nênia com um hino de alegria. Em vez de recorrer a Voltaire, gênio extraordinário, mas que se enganou lendo os *Lusíadas* por uma inexata versão inglesa; em vez de recorrer ao pedantesco juízo de La Harpe, e a estas misérias de Delille; em vez de recorrer às inexatidões de Sismondi, o qual confessa não ter lido muitas das obras que se atreve a criticar, todo Francês que ignora o português, se quiser conhecer a Camões razoavelmente, recorra a Mr. Ferdinand Denis, seu autor o mais instruído nas coisas do Brasil e de Portugal, ou também à tradução de Mr. Millié, bem como às notas que lhe vêm anexas: nelas fala-se da ficção da ilha encantada, mostra-se que é uma alegoria desconhecida pelos críticos, e defende-se o autor acerca da mistura do cristianismo com o paganismo. Verdade é que uma ou outra vez algum mau uso faz ele da fábula, defeito que lhe era comum com os contemporâneos, e que se lhe lança em rosto exclusivamente; mas é também verdade, como notou o sagaz engenho de Mme de Staël, que só emprega o maravilhoso do paganismo na pintura dos prazeres, e o do cristianismo nas coisas graves e sérias da vida: o herói Vasco da Gama, por exemplo, nunca se dirige a Mercúrio ou a Júpiter; e para a ficção da ilha dos amores não houve *concerto do Padre-Eterno* com Vênus e Cupido, como inexatamente o afirma o parafraseador da Eneida. O seu triste juízo a respeito de Camões foi para mim uma ocasião de grande prazer, o de ler mais uma vez o episódio da ilha dos amores. — Se Delille tivesse meditado, e não se contentasse de ostentar a este respeito uma

falsa erudição, observaria que, a ser este canto indigno de emparelhar com a poesia de Virgílio, não teria sido o modelo da ilha de Armida. A ideia principal tirou-a Tasso de Camões, a quem tanto amava, e do poeta latino imitou muitos rasgos sensíveis; tecendo porém tudo com tanta arte, e do seu acrescentando belezas tais, que esta parte da *Jerusalém*, não sendo a ilha do *bom Luiz*, como ele chama o seu único rival nesses tempos, nem o livro IV de Virgílio, é um dos melhores trechos entre antigos e modernos.

Na mesma passagem em que Delille tanto se desmanda, afirma que *o palácio encantado, obra do Amor, tão caro a Armida, enquanto é habitado por Reinaldo, e entregue às chamas depois da sua partida, é uma das ideias mais felizes concebida jamais por nenhum poeta épico*. — Posto que seja uma digressão, consintam-me refutar esta afirmativa; refutação que redunda em honra da literatura da nossa língua. Francisco de Moraes, no *Palmeirim de Inglaterra* (em prosa, mas bela composição poética do gênero épico) concebeu o palácio de Leonarda; palácio encantado onde essa princesa, fruto de um amor infeliz, foi encerrada, e que também desapareceu, depois que ela desencantada saiu dali para casar. A imaginação do poeta português não é menos fértil que a do italiano, e a aventura da copa, que precede ao desencantamento, é igual ao melhor de Ariosto. A mais atreveu-se Francisco de Moraes, compôs dois desencantamentos, este que mencionámos, e o da mesma Leonarda pelo cavaleiro do selvagem e por Daliarte do Vale-Escuro; isto com tal invenção, que nos dois desencantamentos não há lance em que um se pareça com o outro. Não é debalde que Cervantes queria uma caixa onde o*Palmeirim fosse guardado com as obras do poeta Homero*; não é debalde que Walter Scott fala dele com tanto louvor.

Quem atentamente examinar o episódio de Camões e o poema de Moraes, autores que escreveram antes do Tasso, verá que este se aproveitou assim de um como do outro, se bem de um modo magistral e com toques originais. O palácio de Armida não é o mesmo que o de Leonarda, mas oferece muitos pontos de contato; e no desencantamento da selva, operado pelo bravo Reinaldo, bem se conhece que não foi inútil a Tasso a leitura de Moraes, assim como a este não o tinha sido a do *Orlando furioso*. Os poetas aprendem uns dos outros; o que nada obsta ao talento e à força criadora; antes, como diz Mme de Staël, falando de Petrarca e de seus profundos estudos, *conhecer muito serve para inventar, e o gênio é tanto mais original, quanto, semelhante às forças eternas, sabe estar presente a todos os séculos*.

Ao concluir esta refutação, não quero dissimular que na ilha dos amores há quatro ou seis versos condenáveis, por conterem ideias lascivas, se bem exprimidas com palavras

decentes; e não é só nesta linda composição que deve ser Camões repreendido por tais descuidos, de que Virgílio nunca lhe deu o exemplo. Esses versos contudo não podem embaciar o esplendor de um episódio que abrange boa parte do canto nono e entra muito pelo décimo, no fim do qual há pensamentos grandiosos, da mais bela poesia e da moral mais sublime.

NOTAS AO LIVRO V

1-15. - 1-15. - *Medium iter* é a rota feita ao largo da praia africana. Para se estar ao largo não é forçoso ter perdido a terra de vista, como cuidava Desfontaines: parece que os marítimos se consideram ao largo desde que podem manobrar em todo o sentido, quer ainda se enxergue a terra, quer já tenha desaparecido. — *Aquilone* é tomado na acepção própria de vento norte, e não por qualquer vento, como julga La Rue: partiram com o mau que soprava, por executarem as ordens celestes; e, sendo escasso, foram orçando o mais possível, ajudando-se dos remos, até que, surgindo um bravo oeste, Palinuro propôs a Enéias arribar às praias de Eryx junto ao Lilibeu ou *capo di Marsella*; o que aprovou o chefe, não só pela necessidade, como para sufragar as cinzas de Anquises. Com que arte sabe tecer o poeta os episódios na sua fábula! — *Colligere arma* não é *enrizar as velas* como quer Sérvio, porque *arma* compreende mastreamento, velame, aparelhos, todo o necessário à navegação; *colligere arma* é *desempachar o navio* de quanto possa dar pega ao vento, desafogá-lo para melhor se manobrar. Tendo Palinuro de pedir licença a Enéias para arribar, da qual devera estar certo pela confiança que lhe inspirava, enrizar as velas, operação longa e difícil, para ao depois desfazer os rizes quando obtivesse a licença, fora perder tempo e trabalho. Veja-se o *Virgilius nauticus*, de pag. 49-53, e de pag. 105-106.

28-33. - 28-33. - *Flecte viam velis* é o que em frase marítima se chama *virar pelo redondo*. Com demasiado vento, vira-se dando uma grande volta e correndo muitos rumos, até chegar ao que se quer; operação mais segura, bem que faça perder caminho. — O Zéfiro, ou oeste, que há pouco era contrário, mudado o rumo, tornou-se favorável; mas eram grossos os mares, e mais o pareciam a quem então navegava em popa. Todas estas miudezas provam com quanta razão nomeia Mr. Jal a Virgílio o poeta marinheiro. Os críticos e comentadores que, sem conhecerem da matéria, se metem a emendar o autor acerca da escolha dos ventos e de outras particularidades, bem se podem apelidar *de água doce*, como se diz dos maus versificadores.

36-38. - 36-38. - A respeito de Acestes, dos ursos na Líbia, da exatidão deste lugar, vejam-se as notas de Mr. Villenave; que é mais feliz quando defende, que quando censura o poeta. Com Buffon prova-se que há ursos na África, mas não dos negros.

51-54. - 51-54. - Faz Gaston aqui um reparo assaz razoável: “Se o herói tivesse a

faculdade de refletir, nada prometeria acima das suas posses. Cativo em Micenas, poderia celebrar em honra de Anquises pompas fúnebres e solenes? Por certo que não; mas folga-se de ver um terno e religioso filho crer que nada é impossível ao amor que tem a seu pai."

64-71. - 65-72. - Delille faz começarem os jogos no outro dia, começando-os o poeta no nono. O *ore favete omnes*, equivalente ao *Favete linguis* de Horácio, era a fórmula com que os sacerdotes, no encetar o sacrifício, impunham o silêncio. Segundo porém Sêneca (*de Vita beata*, cap. 27) o silêncio podia não ser absoluto, mas vedava-se toda palavra profana. Diz também Horácio: "Male ominatis parcite verbis."

77-83. - 77-84. - Virgílio, a quem seguiu Ovídio, atribui a Enéias as instituições religiosas dos Romanos, e as descreve quais ainda se usavam; o que era interessantíssimo aos contemporâneos: isto mostra o caso que nos cumpre fazer de La Harpe, o qual julga demasiados os sacrifícios que celebra o herói piedoso. Este crítico, bom no ajuizar a literatura francesa, pouco versado era na antiga, e não muito na literatura estrangeira. — *Jarra* verte *carchesium*; que era, segundo Ateneu, *poculum oblongum, in medio leviter compressum, auribus utrimque ad fundum usque pertinentibus*: as jarras têm uma forma semelhante. Para os que julgarem o termo português insuficiente, adotando eu o latino, assim mudo os meus versos 78-79: "Libando em regra, dois carchesios vasa, De leite fresco dois, dois outros... etc."

84-95. - 85-98. - Sob a forma de serpentes se representavam os gênios dos heróis e dos lugares, como aqui Virgílio. Era a serpente o símbolo da pátria, da vida, da saúde, da imortalidade, da astúcia, do ano, entre os povos antigos. Gaston cita o reparo de alguns sobre ser este animal venenoso consagrado como atributo do deus da saúde, e diz que, segundo Pausânias, este privilégio tinha só uma espécie de cor tirante ao amarelo, destituída de peçonha. Em verdade, assim no velho, como no novo mundo, muitas há inocentes: podiam contudo as mesmas que o não são vir a ser o atributo daquele deus, por alusão à medicina que emprega os venenos para cura de muita moléstia; e a vida longa delas, que supõe constante saúde, explica a razão por que eram dedicadas a Mercúrio, e simbolizavam a imortalidade. Os selvagens da nossa América acerca destes animais têm opiniões bem semelhantes às dos antigos.

96-97. - 99-100. - *Bimas* quer dizer *de dois anos*; corresponde a *bidentes*, de que o autor usa bem vezes. Para variar, sirvo-me ora de *bimas*, ora de *bianejas*, adjetivo composto de *bis* e de *anejo* com a mesma significação; mas, para os fins da tradução, ponho só *ovelhas do estilo*, ou *do rito*, ou *do costume*, porque já se sabe de que ovelhas se trata. *Tergi-nigrante*, isto é *de dorso tirante à cor negra*, vem nos*Martyres* de Francisco Manuel.

114-115. - 119-120. - *Gravibus remis*, como o demonstra o autor da *Archeologia naval*, não significa *fortes remos*. Os navios eram iguais nos cascos; no começo do páreo, a remada era pausada ou*grave*, esperando os contendores pelo sinal para vogarem com força. É natural o que diz Mr. Jal; pois, sempre que se entra em aposta que requer esforço, este só se emprega no ponto fixo, por evitar-se uma fadiga intempestiva. Os tradutores verteram mal este passo, nem atenderam ao termo *carinae*; o qual mostra que a igualdade dos navios consistia nos *cascos*; pois que a forma dos cascos é que mais influi no andar e ligeireza. — Fraguier, nas *Mémoires de l'Académie des belles-lettres*, tom. II, pag, 160, diz que estes jogos são os de Homero na Ilíada; mas que lá vem mais a propósito, bem que Virgílio os varie com agradável gosto, e que seja da sua invenção o páreo naval. Eu digo porém que os jogos de Homero têm a melhoria de serem celebrados logo depois da morte de Patroclo, o que torna importante quanto faz Aquiles em desafogo da sua dor; e os funerais de Anquises, morto há um ano, cujos feitos heroicos não eram recentes, não oferecem a mesma espécie de interesse: os jogos todavia são a propósito como os de Homero, sendo uns e outros para honrar um finado querido; e se os que celebra Aquiles são devidos à amizade, o pio amor filial exige os que Enéias consagra à memória de seu pai. Virgílio tem nestes jogos um mérito especial, o de os fazer entrar no plano geral do poema, cujo fim era comemorar as coisas de Roma; porquanto neles se descobre a origem dos que duravam no tempo de Augusto. Julga Pope que o poeta latino, imitando o grego só nos jogos do cesto, do arco e da carreira pedestre, e acrescentando o das galeras, temeu não poder exceder a Homero no curso dos carros; alguns opinam que Virgílio assim obrou, não só porque Píndaro e Sófocles e outros haviam descrito muitas vezes o tal curso dos carros, como porque o das galeras era mais próprio de homens que há sete anos erravam pelos mares. Eu cuido que ele o fez por três razões conjuntamente: por não ser possível exceder, sendo mui difícil igualar o grande poeta naquela descrição; por não querer trilhar uma vereda batida por tantos; por patentear o seu talento inventivo. Mas, se não era capaz de exceder o seu mestre no curso dos carros, soube criar outro em que nada lhe é inferior.

119-120. - 125-127. - Para os que não se contentarem com a nova interpretação que prefiro, aqui verto segundo a antiga: "Em três filas por banda, em tríplice ordem A voga desferindo..." Em justificação da que adotei, vou reproduzir os convincentes argumentos de Mr. Jal. "Creio, diz no *Virgilius nauticus*, que o poeta não fez triremes da *Chimera* e dos três navios que lhe disputavam o páreo. Já mostrei que ele nunca foge do termo próprio: mostrarei agora que no liv. I chama alguns dos navios *phrygias biremes*, e que o nono traz: *Geminas legit de classe biremes*. Se expressamente nomeia as biremes, porque evita nomear as triremes? Porque

não diz: *Quatuor ex omni delectae classe triremes*, em vez de *delectae carinae*? Isto fora mais lúcido e simples, e no técnico sabe-se que Virgílio procura a simplicidade e a lucidez. Porque, sequer por alguma alusão, n'um longo poema em que tanto os navios figuram, não dá jamais a presumir que estes são de três ordens de remeiros? Emprega o termo *navis*45 vezes, 22 o termo *ratis*, 23 *carina*, 2 *biremis*; nem uma só escreveu *triremis*. Por que singular capricho desdenharia um termo que fielmente representara a sua ideia? Passa ele acaso por caprichoso? Virgílio é um espírito razoável e forte, que não condescende com a fantasia, repele expressões vagas de que se teriam revestido mal os seus conceitos, sempre tão claros, e só admite a perífrase quando esta não lança um véu obscuro no objeto que busca designar. Tem ele noventa ocasiões, sem contarmos as em que, segundo os seus comentadores, toma *puppis* e *prora* por nau, de escrever *triremis*, e nunca o faz, parecendo mesmo evitar a palavra com cuidado; o que basta para julgar-se da questão. — Opor-me-ão os versos: *Amissis remis, atque ordine debilis, uno, Irrisam sine honore ratem Sergestus agebat*; dir-me-ão que *ordine debilis uno* prova que a *Centauro* tinha várias ordens de remos: sei que vem nos comentários que era *debilis uno ordine, aut quia non nisi unum ordinem remigum retinuerat, aut quia uno e tribus ordinibus spoliatus fuerat* (Ascêncio, f. 92). Respondo porém que os versos isto significam: "Estando muito maltratada a série de remos de uma banda, e da outra inteiramente sem eles, Sergesto reconduzia o navio entre as vaias dos que das praias o apupavam." *Ordo* não é um andar, é uma fila; é todo o lado de estribordo ou de bombordo: no caso presente, é a fila da esquerda. O poeta nos mostra a*Centauro* tendo perdido muitos dos seus remos da direita, ao esforçar-se por desprender-se do rochedo, e falha de todos os de bombordo, que se quebraram no recife, obrigada contudo, para voltar ao porto, a servir-se dos pedaços (fractis remis) e a fazer deles uma série que remediasse a falta. Isto me parece evidente. É mais lastimável Sergesto nesta situação, que o reduziu a uns cotos de remos, do que seria se, perdidas as vogas de uma ordem, lhe restassem as de duas, ou mesmo se, perdidas as das duas, lhe restassem as de uma só. — Acresce que *amissis remis* é totalmente contrário à suposição dos três andares de remos. Que significaria *ordine debilis uno*, depois das palavras que anunciavam a perda dos remos das duas outras ordens? Se perdeu Sergesto os dos três andares, claro é que está desprovido dos de uma fila; *debilis uno ordine* seria uma simpleza das de que Virgílio era incapaz. E não tendo mais que uma ordem de remos, se a *Centauro* de um bordo se acha inteiramente falha (*ordine debilis uno*) e se do outro apenas restam algumas vogas, porque dele perdeu muitas, remará com alguns cotos, e reconduzirá *sine honore* o seu navio, de que zombavam, por estar como *ratis*, que n'água desliza à mercê da corrente e dos ventos, jangada apenas dirigível. — *Ratem* é

preferido pelo poeta a *navem*; porque sua imagem é mais completa e maior: não é um vão sinônimo. *Ratem* perderia todo o seu valor se Sergesto ainda tivesse duas ordens de remos sobrepostas, embora incompletas e danificadas. Para que o termo conserve a energia que lhe imprimiu o poeta, é mister, por exemplo, que dos seus cinquenta remos (25 de cada banda em uma fila) a *Centauro* perdesse tantos, que volte apenas com uma meia dúzia, repartidos por ambos os bordos. — *Amissis remis* não se refere a *ordine debilis uno; ordine debilis uno* pinta o estado da esquerda do navio, cujos remos todos se quebraram, quer de encontro roçando pelo escolho, quer labutando por se descoser do recife; *amissis remis* denota que o estribordo perdera muitos, assim pelos esforços da chusma para arrancar a nau do recife, como porque os sacaram do fundo com fustes e croques (ferratas sudes et contos). Cuido que tudo isto é incontestável, a não se querer entender o verso desta singular maneira: *Amissis remis unius ordinis, atque ordine debilis eodem*. Mas ousar-se-ia emprestar a Virgílio tal sintaxe e locução tão obscura? — Já me guardo para uma objeção. Se *terno ordine* me parece dizer *três vezes consecutivas*, como é que vejo uma fileira de remos em *uno ordine*? Eis o que se me perguntará. É bem simples a resposta: *Ordo* em Virgílio não significa sempre o mesmo.*Pone ordine vites*, na écloga I, tem certamente outro sentido que *ponere ordine remos*: o alinhamento das cepas nada tem de comum com o assento e a destribuição dos remos nas bordas de um navio. No livro IV das Geórgicas (Manibus liquidos dant ordine fontes Germanae, tonsisque ferunt mantilia villis... Totiusque ordine gentis Mores et studia et populos et praelia dicam) *ordine* quer dizer *por seu turno, sucessivamente*; é o sentido que atribuo a *terno ordine*. Quanto à inteligência da palavra *ordo* significando fileira de remos, é questão em que não se está de acordo; e, segundo o padre La Rue, *valde ambiguum est*. O Holandês Meibom (*de Fabrica triremium*; Amsterdam, 1671) disserta largamente sobre o sentido verdadeiro dos termos *versus* e *ordo*; pretende que *versus* é *multitudo in directum posita*, e que *ordo* é *multitudo non solum in directum posita, sed etiam loci prioris et sequentis, considerationem conjunctam habens*. Scheffer, adversário de Meibom, confunde *versus* e *ordo*, na pag. 87: *Non tam ex numero remorum, sicut praecedentes, quam ex versibus quibusdam, vel potius ordinibus, sua nomina sortita esse*. Não me quero ingerir nesta questão, cujo desfecho pouco importa ao leitor; assaz é ter mostrado que dois críticos hábeis não entendem *versus* do mesmo modo, e que em Virgílio *ordo* não tem um sentido invariável. Não nego que *versus* possa tomar-se por fila de remos; estou porém convencido que, no caso do *triplici versu*, exprime ideia bem diferente. Não nego que *ordo* muitas vezes designe um certo alinhamento (desconhecido) das vogas; mas creio que o *terno ordine* do liv. V da Eneida se deve entender

como *ordine* do liv. IV das Geórgicas. — Virgílio não diz expressamente que a *Centauro* e a *Chimera* fossem triremes; o que nos dá a conhecer dos remos da *Centauro*, prova que este navio não tinha mais que uma fila deles; nunca em seu poema nomeia as triremes, quando nomeia duas vezes as biremes: não é pois de triremes que se trata nesta passagem, que eu explico diversamente que todos os tradutores. E o *triplice versu*, a meu ver, exprime um canto três vezes repetido, um clamor, um *hourra*, uma espécie de celeuma, de que ainda é viva a tradição em nossos navios, onde em todos os trabalhos de força, v.g. quando se alam as bolinas, um marujo, o verdadeiro *hortator* das embarcações antigas, canta: *Ouane, tou, tri, hourra*! (one, two, tri, hourra! — em inglês). A tradição velha estava cheia de vigor na meia idade, em Veneza, onde a chusma do *Bucentauro*, sempre que o navio ducal passava ante a capela da Virgem, construída à entrada do Arsenal, gritava três vezes: Ah! Ah! Ah! dando uma pancada com o remo depois de cada uma destas aclamações. Pretendeu Virgílio consagrar em dois versos a lembrança de um estilo observado no seu tempo, em certas ocasiões; e eis aqui tudo. Ascêncio, que de certo cuidava serem triremes os navios do páreo, hesitou sobre a acepção do vocábulo *versus*; diz com efeito: "*Triplici versu*, id est, ordine aut impulsu quo aequora verrunt, aut cantu quo utuntur, ut simul verrant, aut omnibus his." Esta interpretação tímida é pouco mais ou menos a de Sérvio. Todavia Sérvio não se aventurou a traduzir *versus* por *cantus*. Ascêncio enxergou a verdade, mas não ousou demorar-se nela. Em abraçando a sua hipótese, demonstrei ser a única admissível; mas demonstrei-o com razões que talvez o comentador não teria aceitado, porque derribam a sua opinião sobre o *terno ordine*."

139-150. - 147-160. - Este livro, colocado entre o patético do quarto e o sublime do sexto, não apraz tanto ao comum dos leitores, posto que não seja menos belo. O autor nele emprega maior número de onomatopeias que de ordinário; e é sem dúvida pela perfeição do estilo que a sua tradução é ainda mais difícil que a dos outros. Em todo este harmonioso trecho tratando eu de imitar a variedade e a metrificação do autor, escrevi o meu verso 153, que ao vulgo parecerá mal modulado; mas fi-lo de propósito, ajuntando cinco breves consecutivas, para pintar a precipitação dos carros. Versos desta medida acham-se em Camões, Ferreira, Francisco Manuel, Basílio da Gama e Alvarenga.

177. - 185. - O leme de que se trata, era um remo de pá larga, semelhante aos que chamamos hoje no Brasil *esparrelas*. O *Virgilius nauticus*, pag 63-64 explica a forma desta espécie de leme. Verti*clavus* por *clavo*, porque a nossa palavra *cavilha*, empregada para significar outras coisas, não daria uma ideia clara do objeto: veja-se *cavilha* em Moraes e

Constâncio. O *clavo* não era a haste da *esparela*, mas uma peça de pau que em cruz atravessava a haste. As nossas jangadas servem-se destes lemes, com a diferença que, em vez de os colocarem de um lado, os colocam no meio.

198. - 208. - Sou do parecer de Sérvio e Mr. Jal, e não do de Annibal Caro e João Franco: *aerea puppis* quer dizer *forte popa*, tomando-se *aerea* figuradamente; porque as popas não são *ferradas* ou cobertas de metal, como cuidavam os dois tradutores poetas, e Velasco que os segue. Mas conservo a mesma figura, vertendo *brônzea popa*: em português, *peito de bronze* diz *peito forte, peito robusto*.

248. - 260. - Diz La Rue que *talentum*, tanto aqui como no verso 112, não se toma pelo talento ático; pois que Homero, na carreira equestre, pôs em primeiro prêmio uma mulher com um caldeirão; em segundo, uma mulher prenhe; em terceiro, outro caldeirão; em quarto, dois talentos de ouro. Ora, conclui o comentador, se o quarto prêmio era o menor, os talentos de que se trata não podiam ser dos grandes. Tem razão quanto a Homero; mas no *magnum talentum* de Virgílio, que não é senão o talento ático, eu vejo outra coisa. Enéias mandou distribuir um grande talento pela equipagem das três naus; e, posto que valesse mais que cada um dos prêmios dos chefes, sendo repartido por todos, cabia a cada marinheiro uma quantia incomparavelmente menor que o valor do que recebera o chefe que menos ganhou. E na palavra *addit* do verso 249 descubro um costume que tem vindo até os nossos tempos: os chefes tiveram a sua porção do talento que se destribuiu pela equipagem, além da recompensa especial; e essa destribuição é provável que fosse proporcional à categoria dos premiados, conforme ao que hoje acontece na divisão das presas.

272. - 285. - La Cerda julga que o ter Virgílio dado a Sergesto a pior no páreo das naus, foi para designar Catilina, que pertence à família Sérgia: eu não o creio. Por força um dos contendores tinha de chegar o derradeiro; e, elegendo o poeta a Sergesto, não deixou de honrá-lo, mostrando o seu ardor e coragem, que lhe iam dando a melhoria sobre Mnesteu, segundo se vê do verso 202-203, a não ser o desastre de ficar pegada a sua nau em um escolho ou restinga.

294. - 311. - O livro V não só nos recomenda as cerimônias fúnebres; celebra também jogos e comemora os do tempo de Augusto, o que muito quadra com o assunto principal; faz aparecerem na cena as figuras que nos livros subsequentes hão de representar um papel mais ou menos brilhante; para lisonjear várias famílias d'Itália, deriva a origem delas dos diferentes contendores nestes jogos. Tudo isto prova a excelência com que o poeta liga os episódios e caminha sempre a seu fim, e o como este não é somenos aos demais livros do poema. No páreo

naval, afora outros chefes ilustres, se ostenta o valente Mnesteu, que tanto se distingue no livro IX regendo os Troianos em ausência de Enéias: na carreira pedestre, os primeiros que saem a terreiro são Euríalo e Niso, ternos amigos e magnânimos, cujo heroico sacrifício tem de nos mover e comiserar no mesmo liv. IX. Para mais admirarmos o V, convém confrontá-lo com os seguintes; e então conhecer-se-á que não só pelo estilo, mas principalmente em relação ao todo do poema, é que o filósofo Montaigne o amava em particular; pois Montaigne não era homem que preferisse o belo do estilo ao grandioso dos pensamentos: se tanto se contentava deste liv. V, é pela suma arte e ligação com que foi escrito; é porque desempenha uma das dificuldades maiores da tragédia e da epopeia, a de preparar os movimentos e lances vindouros.

319-324. - 337-343. - No *emicat* vejo eu mais que um salto. Quando passa por nós qualquer objeto apressadamente, o ar vibrado pelo moto e a luz nos causam um certo tremor na vista: parece-me ser o pensamento que exprime o verbo *emicat*; e, se não é, nem por isso a minha tradução ofende o texto, antes lhe acrescenta uma ideia conveniente. A minha convicção é que apenas deixei de ser infiel ao original. — O calcanhar de Diores não podia roçar o de Hélimo que voava adiante: *calcem calce* entende-se pois dos *artelhos*; pois, quando um emparelhava com o outro, os artelhos de ambos bem se podiam tocar. Ao menos, assim entendida, a coisa vem a ser mais clara.

337-338. - 360-362. - Mr. Tissot diz de Euríalo: "Porque, por exemplo, na idade em que tanta retidão e nobreza há nos primeiros movimentos, não teria ele o temor de parecer usurpar a vitória, e a generosidade de se limitar ao segundo prêmio? Então é que todos comovidos repetiríamos: *Gratior et pulchro veniens in corpore virtus*." Respondo que a juventude é nobre e generosa, mas que está bem longe da retidão que lhe atribui o crítico. Virgílio conhecia melhor o homem, sabia que no moço aduna-se a nobreza e a vaidade: no afogo de vencer em que Euríalo se achava, o seu primeiro natural movimento era o de aceitar a vantagem que lhe tinha procurado o seu Niso; e mesmo este poderia levar a mal que o amigo reprovasse o ardil. Euríalo tinha virtude e generosidade, com os defeitos próprios dos seus anos. É inconcebível o que pretende Mr. Tissot: ora censura o autor (como já atrás vimos) por fazer os seus heróis inteiramente perfeitos; ora julga esses mesmos heróis impróprios para governar os homens que mandam; ora exige que o poeta ponha em um menino, não só toda a generosidade, mas também toda a justiça; qualidade que nasce do fundo do coração, mas que se reforça com a experiência. Chateaubriand, segundo a poética versão portuguesa, assim diz a este respeito: "Moldou Jove à piedade os anos tenros: Se nós outros anciãos, vergando curvos C'o pendor de Saturno,

agasalhamos Na alma a justiça e a paz, privados somos Da compaixão, dos meigos pensamentos, Que ornam da vida os mais formosos dias." Eu suspeito que os estudos de Virgílio e de Chateaubriand, na matéria, eram mais profundos que os de Mr. Tissot. Não me demorarei em refutar os desparates de Mme Dacier acerca desta passagem da Eneida.

362-484. - 381-506. - Todos estes versos emprega o poeta no combate de Dares com Entelo. Muitas páginas me seriam precisas para apontar as belezas do estilo e da versificação: o leitor instruído facilmente as discernirá; e o que o não for, advertido como está nas anteriores notas, poderá por si mesmo descobri-las. Veja-se Delille sobre a harmonia imitativa do liv. V. — Falarei apenas da nota de Mr. Villenave ao verso 413; o qual, com justiça reprovando a censura de Heyne, acrescenta: "Ele criticaria os *chiens dévorants* que se desputavam *des lambeaux affreux*! Ele acharia algumas vezes Racine e Corneille fastidiosos!" Estas admirações provam que Mr. Villenave pensava que era mais fácil encontrar em Virgílio coisas fastidiosas, do que em Racine e Corneille. Fora vaidade nacional! Os dois grandes e sublimes trágicos tal não diriam: Racine certamente cria fastidiosas quase todas as cenas da infanta de Castela no *Cid*; e Corneille não achava boa a tragédia *Alexandre*. — O mesmo crítico, acerca da tradução dos versos 451-452 por Delille, ajunta: "É o privilégio do poeta, a quem é permitida a imitação; mas o prosador se deve limitar a traduzir." Eu digo: "O poeta não deve imitar, mas traduzir o poema; do contrário, seria mais fácil uma versão poética do que em prosa." Traduções livres são cômodas; porque, se o autor sabe traduzir a passagem, fá-lo, e se não sabe, lança-se em uma vaga imitação: assim, nem tem o mérito da invenção, nem o de vencer as dificuldades em se transformando no original.

485-544. - 507-563. - Aqui trata-se do jogo do arco e seta, em que Virgílio excede ao mestre grego. Vejam-se os autores tantas vezes citados, sobre todos Mr. Villenave, a respeito de todo este certame.

600-602. - 620-623. - O poeta, não perdendo de vista o assunto principal, neste jogo equestre pinta o que ainda em Roma se usava, e que se cria derivado dos Troianos; e faz algumas famílias descenderem dos contendores. La Rue dá sobre a matéria excelentes explicações.

667-672. - 670-697. - O poeta começa a preparar Ascânio para desempenhar o papel que representará nos últimos livros: até aqui era um menino que amava as distrações da sua idade; mas agora, sem se querer sujeitar a mestres, a si toma o cuidado de ir apaziguar as mulheres que incendiaram as naus, e o seu discurso tem já uma certa madureza.

722. - 745. - Mr. Villenave, com a mania de ajuizar dos antigos pelas ideias modernas, escreveu: “Os comentadores, que tudo querem explicar, dizem que trata-se aqui da *imagem*, da *aparência* de Anquises, isto é da sombra da sombra; mas que é uma sombra senão uma *imagem*, uma *aparência*?” A observação é razoável segundo as ideias atuais, mas não segundo as ideias daqueles tempos. São bem conhecidos estes versos atribuídos a Ovídio: *Bis duo sunt homini: manes, caro, spiritus, umbra: Quatuor ista, loci bis duo suscipiunt. Terra tegit carnem, tumulum circumvolat umbra, Orcus habet manes, spiritus astra petit*. Esta distinção nos parece mal, como parecerão mal aos vindouros não poucas das nossas.

NOTAS AO LIVRO VI

Este livro, onde o poeta patenteou o seu talento criador, anulando a opinião daqueles que lhe negam esta faculdade, merecia um extenso comentário: abstenho-me de o fazer tal, porque outros cabalmente desempenharam a tarefa. La Cerda, La Rue, sem falarmos dos anteriores, com Warburton, Heyne, Desfontaines, Delille, mais ou menos, todos juntos nada deixam que desejar a respeito da explicação da filosofia de Virgílio. M. Villenave é felicíssimo em suas notas a este livro: resumida mas claramente, expõe ele as opiniões do poeta sobre o dogma platônico da alma universal, sobre o sistema da metempsicose por Pitágoras, sobre as ideias mais puras que possuía da divindade, e sobre os pontos principais desta pasmosa composição, como seja o purgatório, donde parece que o cristianismo tomou a doutrina respectiva. Para não ser prolixo, e para não amontoar trabalhos alheios, contento-me de remeter o leitor às obras alegadas, as quais citam outras; e quem se quiser satisfazer com menos, pode consultar em especial o padre La Rue, que tem tanta voga nas nossas escolas. Este explana muitos lugares da história e da fábula, muitas opiniões e tradições que toca o poeta, e por isso me despenso de o fazer; e só tratarei do pouco em que não concordo com os críticos, pois em geral com eles me conformo acerca do livro VI.

179-182. - 185-189. - Bondi censura a Annibal Caro o descarnado da passagem correspondente; e na verdade é antes um resumo que uma versão poética. Caro porém não cai tanto em semelhante defeito como pareceu ao seu êmulo. Este, para talvez justificar a sua usual prolixidade, opina que o estilo do outro é em demasia rapido e conciso, próprio do lírico e não do épico. Que a epopeia peça um tom majestoso e certa gravidade em seu andamento, é incontestável; mas a concisão, necessária em todos os gêneros, casa inteiramente com essa majestade e compasso. Para se isto conseguir, não é forçoso prodigar palavras e perífrases: cumpre escolher os vocábulos, medir bem os períodos, as pausas do verso, estudar mesmo o efeito da combinação das sílabas e letras, dos acentos e consonâncias. Pode um período ser curto e próprio do épico; e uma versalhada interminável para nada presta. Bondi confundiu a concisão com a secura. De mais, posto que Virgílio de ordinário seja compassado e magnífico, não raro toma o tom da elegia e da ode, como observa Mr. Patin, douto professor da Faculdade de letras de Paris; e eu digo que também o da pastoral, e que esta variedade é mais um dos encantos do seu poema. Ora, todos esses diversos estilos deve imitar o tradutor. — Sem

embargo de ser Bondi fiel e de evitar alguns dos defeitos de Annibal Caro, a este dou eu a preferência.

440-474. - 452-485. - Virgílio criou nos infernos um lugar para os amantes infelizes, e ali é que Enéias se encontra com Dido. Alguns fanáticos para com Homero, e entre eles Mme Dacier, preferem a este encontro o de Ulisses com Ajax no livro XI da Odisseia. "Só Ajax, diz Ulisses, se conserva desviado, com raiva da vitória que levei, quando nos desputámos as armas de Aquiles..." E depois de ter em vão pretendido dobrar e apaziguar o herói, Ulisses acrescenta: "Apesar da sua cólera, ele me teria falado como lhe falei; mas eu estava impaciente por contemplar outras sombras." Quem não vê que estas últimas palavras tiram todo o interesse que poderia ter o silêncio de Ajax? Ao contrário, em Virgílio, o silêncio de Dido sobe ao cume do sublime pela sua irrevogabilidade; e uma circunstância que ainda confirma a resolução da sombra indignada, e em que têm os críticos feito pouco reparo, é o acolhimento que recebe do marido Siqueu em um retiro umbroso. Esta reconciliação é terníssima e da mais bela moral: o amor ilegítimo a tinha manchado e perdido; o amor conjugal perdoa a infeliz, e lhe desculpa uma falta que ela não cometeria jamais durante a vida do seu primeiro consorte. Oh! alma sensível do cantor da Eneida!

620. - 639-640. - Na meia idade corria a fábula de que o demônio, adjurado por um santo a lhe declarar qual era o mais belo verso de Virgílio, imediatamente respondeu: "Discite justitiam moniti et non temnere divos." Esta máxima contudo a alguns tem parecido mal colocada no Tártaro, porque os condenados eternamente, não podendo mais aproveitar-se dela, não haviam mister a advertência. Esses críticos porém não viram que Flégias, ao proferi-la, não a dirigia aos precitos, mas no desejo transportava-se ao nosso mundo, querendo que a máxima fosse útil aos homens: Mr. Villenave, que refuta uma tal objeção, a propósito alega o *omnes admonet* que vem dois versos atrás.

667. - 688. - Virgílio aposenta nos Elísios o poeta Museu, anterior a Homero, e não Museu autor de *Hero e Leandro*, que foi posterior. A confusão dos dois Museus deu ocasião à crítica de Scaligero e outros, que pretendem que o épico romano preferia os versos de Museu aos do maior poeta da antiguidade; porém Menage, com alguns doutos, observou que Enéias só podia ver nos infernos os poetas mortos antes do saque de Troia; que o antigo Museu, dito filho de Apolo, do tempo de Cecrops II, podia achar-se nos Elísios, e não Homero que viveu quase dois séculos depois de Enéias. Esta justíssima observação não pareceu peremptória a Mr. Villenave; o qual diz que naquela ficção pudera Virgílio anunciar que um dia Museu veria a

chegada do príncipe dos poetas gregos; e que, se o latino não pode ser tachado de ingratidão, ao menos é lícito pensar que deixou escapar o ensejo do reconhecimento. O crítico não advertiu que, na ficção da profecia de Anquises, só se trata dos descendentes de Iulo e Enéias e dos heróis romanos, e não se podia meter Homero entre eles, pois nem era descendente de Enéias, nem Romano. Anquises encarregou-se de apresentar ao filho as almas dos seus netos, e não dos grandes poetas; e Museu ali serviu só de guiar Enéias e a Sibila ao sítio em que passeava Anquises. O alto respeito que Virgílio tinha para com seu mestre, foi assaz provado pelas imitações que dele fez às claras, e pela confissão de que era mais fácil arrancar a clava das mãos de Hércules do que roubar um só verso a Homero; dito que, atravessando os séculos, chegou até nós.

756. - 778. - Começa aqui um dos meios épicos mais fecundos, inventado pelo poeta e ao depois imitado pelos mais afamados: as coisas célebres concernentes a Roma, acontecidas desde o tempo de Enéias até o de Augusto, Virgílio põe na boca de Anquises como em uma profecia; e desta maneira, tratando de sucessos tão antigos, teve a oportunidade de falar dos modernos e mesmo dos contemporâneos. Há nesta profecia um belíssimo resumo da história; guarda porém o autor, com a sua costumada parcimônia, certos fatos notáveis, para os dar gravados no broquel de Enéias em o livro VIII, imprimindo assim mais variedade no poema. Comentar esta fala de Anquises equivale a escrever uma quase história; trabalho de que não sou capaz, e que aliás se acha espalhado pelos comentadores e críticos de maior nomeada. Esta minha nota é só para refutar uma de Delille, sempre infeliz quando cita a Camões.

"O quadro da futura grandeza de Roma, diz ele, e esta revista de toda a posteridade de Enéias, são uma criação sublime do poeta latino. O Tasso, Camões, Milton e Voltaire, imitaram a Virgílio. Mas, na*Jerusalém libertada*, os destinos da casa d'Est, que são preditos a Reinaldo, não têm historicamente assaz importância para autorizar o emprego do maravilhoso; e o mesmo se pode asseverar da glória de Portugal encerrada em pequeníssimo quadro, e cujo esplendor foi de pouca duração..... De todos os imitadores do poeta latino, Voltaire foi sem dúvida o mais feliz; tendo a vantagem de pintar a época mais memorável do espírito humano, e seu estilo tem muitas vezes todo o brilho da corte de Luiz XIV." Ferido por estes palavrões, um Francês, Mr. Villenave, assim o impugna: "O século de Luiz XIV foi sem dúvida uma época memorável, mas não a *mais memorável do espírito humano*. E o que é um estilo que tem todo o brilho da corte de um rei?"

Toca-me agora confutar a ideia de que Tasso não se devia servir do *maravilhoso* a

respeito da casa d'Est. Cada um busca celebrar as coisas do seu país, e ainda que elas pareçam aos estrangeiros pequenas, são grandes aos olhos dos nacionais: ora Tasso Italiano, em vez de cantar um príncipe e uma casa real da sua terra, não devia, como patriota, omiti-la para cantar, por exemplo, a casa de França. Delille, não contente de afrancesar a antiguidade na sua paráfrase da Eneida, ainda folgava de que o Tasso tivesse estrangeirado a sua *Jerusalém*; ou que tivesse posto de parte um meio que lhe subministrou Virgílio, e com que ele ornou o seu poema, em comparação do qual a *Henríada*, cumpre confessar, não tem sobejo valor. — Se todavia a pequenez da casa d'Est excusa um tanto o mau juízo do crítico, a apreciação dos *Lusíadas* é miserabilíssima. A época de que trata Camões *principalmente* (digo *principalmente*, porque ele canta e celebra toda a glória portuguesa) é por certo a mais importante na história da navegação, vale mais do que o século de Luiz XIV: o descobrimento da nova rota das Índias por Vasco da Gama, unido ao da América por Colombo e à do Brasil por Cabral, mudou a face do mundo, ao comércio deu uma extensão prodígiosa, e aumentou os gozos da vida por toda parte; fez cair nações, levantou outras; é o acontecimento que marca os tempos modernos. Quanto a ser a glória portuguesa de pouca duração, distingo: se Delille chama glória só a conquista das Índias e de outros países, é exato que pouco depois a nação portuguesa caiu pelo dominio espanhol; mas se a palavra compreende, como deve compreender, a honra que resulta de todas as suas façanhas, essa glória portuguesa, longe de ser de curta duração, já durava seis séculos não interrompidos quando a cantou o seu imortal poeta. A história de França não apresentava uma tão longa série de sucessos gloriosos até àquela época. — Insisto nesta digressão, porque não é só Delille, é moda, sobretudo seguida pelos franchinotes viajantes, menosprezarem a nossa raça, tanto a da Europa como a da América. Uma nação, da qual nasceu a brasileira, hoje com sete milhões de habitantes, sendo a terceira em população na América e a segunda em importância política, tem a sua glória indelevelmente escrita nos anais do mundo; além de que ninguém pode abrir um mapa do nosso globo, sem nele encontrar muitos nomes de países d'África e Ásia atestando a parte que o pequeno reino do ocidente da Europa tem tido no movimento geral da civilização. É pena que Delille nos não marcasse as léguas quadradas, a população e os anos de celebridade que deve ter qualquer nação, para poder cantar um poeta os seus feitos heroicos. Camões da mesma pequenez do seu país tirou motivo para o louvar na sua magnífica oitava XIV do canto VII e em outras. — De passagem direi que não imitaram a Virgílio neste lugar somente os que menciona Delille: afora Camões, Tasso, Milton e Voltaire, fê-lo Ercilla, fizeram-no também Corte-Real, Sá de Menezes, Mausinho e Gabriel Pereira; mas estes últimos quatro poetas, cujas

epopeias equivalem às da França, à exceção do *Telemaco* e dos *Martyres*, não são conhecidas senão em Portugal e Espanha, entre os seus descendentes da América meridional, e por bem poucos literatos das outras nações. Se nelas há menos gosto que na *Henríada*, há mais poesia e imaginação.

759. - 781. - *Aprender* por *conhecer* é corrente nos clássicos: Constâncio o dá por antiquado; o que não admira, porque no seu conceito uma boa porção dos vocábulos deve ser esquecida. Modernamente o meu amigo Dr. Lopes de Moura usou deste verbo na sua tradução das obras de Walter Scott. O nosso ilustre compatriota é riquíssimo na linguagem; mas, segundo m'o tem dito muitas vezes, não pôde corrigir os seus escritos, pela pressa com que trabalhava para acudir às necessidades da vida. Hoje está ele mais folgado pela pensão que lhe dá do seu bolsinho o Snr. D. Pedro Segundo; mas infelizmente, quando a munificência imperial o alivia, a velhice o alcança, e não lhe permite mais um trabalho assíduo. Oxalá que este belo exemplo de generosidade fique aos vindouros, e que não herdemos dos nossos parentes Portugueses, a par de louváveis costumes e leis, o desprezo para com os escritores desvalidos da fortuna.

883. - 920. - Tendo-me eu contentado de remeter o leitor aos que deste livro tratam, porque para o comentar seria mister compor um de filosofia e outro de história romana; nesta passagem não me sofro sem dizer alguma coisa, que a admiração me arranca. Havendo Anquises, na sua profecia e na resenha que faz das almas que tem de reger os vindouros, comemorado os fatos e os heróis de que mais se jactavam os Romanos, chega a final ao século de Augusto; e, como há pouco tinha falecido Marcelo, filho de Otávia, até ali considerado sucessor ao império, o poeta põe na boca do profeta os louvores de M. Cláudio Marcelo, ascendente do mancebo, e por uma transição fácil envolve nesses louvores os daquele genro de Augusto, e toca na recente morte com uma delicadeza inexprimível. Que arte! que sublimidade não encerra a passagem terminada por estas imortais palavras: *Tu Marcellus eris*! Em toques tais é que Virgílio é incontestavelmente o primeiro dos poetas; e em tais modelos é que os moços devem aprender os recônditos segredos da poesia.

892-901. - 931-939. - À imitação de Homero, dá-se aqui ao Sono uma casa com duas portas, uma córnea e a outra ebúrnea: pela ebúrnea saíam as visões falsas; pela córnea, as sombras verdadeiras. Como Virgílio faz sair Enéias pela ebúrnea, dizem os comentadores que nisto indica o poeta e confessa mesmo que a descida aos infernos se deve numerar entre as fábulas. Talvez esta fosse a mente do autor; mas tal opinião eu não a vejo provada. Quer Enéias saísse pela porta de marfim, quer pela de corno, tinha sempre de servir-se de uma que não lhe

pertencia; porque ele, tendo descido aos infernos em corpo e alma, nem era sombra verdadeira para servir-se da porta de corno, nem era falsa visão para servir-se da de marfim. Pode pois dizer-se que, devendo ele por força dali sair por uma, o poeta escolheu aquela. — No último verso deste livro, que é o mesmo que o 277 do III, denota o poeta o uso antigo de ancorarem os navios com a popa virada para a terra, onde eram seguros por calabres. Mr. Jal assim discorre a pag. 14 do *Virgilius nauticus*: "O verso *Anchora de prora jacitur, stant littore puppes*, que se acha no fim desta parte do poema tão magnificamente épica, como uma nota ali somente lançada pelo autor, para se recordar de que deve conduzir os Troianos a Gaeta e ancorar os navios no porto, teria sido substituído por um que não repetisse o do liv. III; pois não podia querer que uma dobrada negligência marcasse a conclusão deste livro, admirável pelo estilo e perfeito em suas partes. E digo uma dobrada negligência; porque, além de ser uma repetição, o verso contém no segundo hemistíquio, sem que seja uma beleza, a palavra *littore* que se lê no verso precedente." Razão tem Mr. Jal; e o que diz aqui desta repetição, também o diz ele das outras que há em toda a Eneida, as quais seriam corrigidas, se a morte não atalhasse o poeta em uma idade pouco avançada. — Todos os versos repetidos na Eneida, eu os traduzo diferentemente, conservando contudo o sentido, e só variando nas palavras.

NOTAS AO LIVRO VII

Começa o poeta pela morte e exéquias da ama de Enéias, cujo nome ficou à cidade e promontório de Caieta, hoje Gaeta; e assim nos recomenda o amor e o respeito que nos cumpre consagrar às mulheres que nutrem a nossa infância com o sangue de seus peitos, ainda que não sejam as que nos geraram. O sensível coração de Virgílio se regozijava de as fazer lembradas, como se vê no livro IV com as de Siqueu e de Dido; como também no V com Pirgo, ama que fora de muitos filhos de Príamo. Nisto deviam refletir aqueles senhores que, depois de darem a seus filhos por amas as suas próprias escravas, as deixam ainda no cativeiro; e alguns, ingratos e inumanos, continuam a usar com elas de todo o rigor! Um homem de bem e dos melhores jurisconsultos que temos, Dr. Caetano Alberto Soares, entre muitas medidas que propôs às Camaras Legislativas para se ir acabando a escravidão, foi a da alforria das amas debaixo de certas regras; mas os seus bons desejos quebraram-se no escolho de inveteradas preocupações. Ó meu país! quando serão livres todos os que repirarem no teu seio!

La Harpe, só recomendável no ajuizar a literatura francesa, abraçou a opinião de estudante que os seis últimos livros eram inferiores aos primeiros: hoje em dia é coisa plenamente refutada. Certo é que nos últimos se encontram mais negligências de estilo, porque o autor não teve tempo de as corrigir; e, nada menos, os pedaços principais mesmo em estilo não cedem ao que há de melhor no II, no V, no VI. Quanto à invenção, deste livro em diante o poeta se eleva às alturas de Homero com esforços de engenho. O que sobretudo convém denotar, é a moral pura, o conhecimento do homem e os rasgos sensíveis, que multiplica ainda mais para os fins do seu poema.

Pelo que toca à utilidade, são mais proficuas as lições do poeta na segunda metade da sua epopeia. Se nos quer mostrar a obrigação de nos sacrificarmos em defensa de nossos pais, ele nos pinta Lauso, filho do ateu e cruel Mezêncio, e o nobilíssimo jovem executa prodígios de valor e morre vítima da sua ternura. Em Niso e Euríalo vemos o exemplo da amizade mais desinteressada, e em Euríalo o poeta ainda representa a mesma piedade filial. Em Evandro, em Amata e na mãe de Euríalo, o maternal e paternal amor é descrito com as cores mais vivas e delicados matizes: Evandro, guerreiro antigo, chora a morte do seu Palante, e a consolação lhe vem só de que Enéias o vingará em Turno; Amata estremece por Lavínia, mas o zelo da

autoridade maternal é que forma o fundo do seu caráter, e é o que a leva a morrer cega de desespero; a mãe do infeliz mancebo, carinhosa e doce, rompe em queixumes, lamenta e se amesquinha, porém conforma-se com a desgraça. O amor da pátria é puro de toda mácula em Enéias; é em Turno misturado com o orgulho e com a ambição; é terníssimo e saudoso em Antor, que expirando se recorda da sua querida Argos.

8-20. - 8-22. - Continua a navegação: Enéias sai de Gaeta, e vai costeando a ilha e terras de Circe. O estilo é o mais perfeito; e a ideia de estarem do mar a sentir o cheiro que recendia dos bosques da deusa, a ouvir os gemidos e urros dos miseráveis que ela transformara em brutos, não pode ser mais poética. Fiz tudo por imitar as onomatopeias do original, e não obstante a beleza do português, apenas do verso 16-20 tenho dessa harmonia um fraco arremedo: as consonâncias *leonum, recusantum, rudentum, magnorum luporum*, são intraduzíveis; e quando a nossa língua cede, será difícil a outra lutar com a latina.

37-45. - 39-47. - Enéias alguns versos atrás acaba de avistar o Tibre e o termo de tão comprida viagem, e descreve-se o rio, com suas margens semisselváticas, de um modo superior. Conhece então o poeta que não se pode já sustentar com as recordações homéricas, mas que lhe cumpre uma nova carreira: a sua empresa vai ser maior, e lhe é mister grande invenção; e, com efeito, nos últimos seis livros o seu talento criador cresce cada vez mais. Daqui em diante se começa a perceber que a epopeia latina, enxertada em grego tronco, tem de produzir ramos e frutos exóticos, belos e saborosos: nós o veremos, e teremos acasião de verificá-lo.

84. - 87. - Uso de *mefite* pelo mau cheiro, assim como se usa de *Marte* pela guerra, *Ceres* pela agricultura; pois que *Mefite* era a deusa do fedor. Para tudo havia um deus entre os antigos.

116-117. - 119-120. - Esta passagem tem sido grandemente censurada; mas os defensores dela são homens da plana de Addisson e de Voltaire, que nos fazem ver que Virgílio não se podia afastar da tradição, e isto, que nos parece pueril, estava consagrado nas antiguidades romanas. Quanto ao *alludens*, eu o tomo na acepção de *brincar*, de *gracejar*. Iulo, observando que se tinham comido as mesmas côdeas ou fundos das empadas, a que chamavam mesas, disse brincando: “Hui! que as mesas tragámos.” E o pai, ouvindo aquelas vozes, exclamou e conheceu a maneira que buscara o fado para verificar-se a predição. Não estou pela hipótese do nosso digno compatriota o Snr. João Gualberto, de que Iulo com o seu dito aludia à mesma predição; porque acho mais natural que um menino gracejasse à vista das mesas de massa que se tinham tragado, e que sem pensar no fado então se exprimisse. Enéias, sobre quem

recaíam os maiores cuidados, é que devia dar primeiro pelo cumprimento dos oráculos; tanto assim, que meditando no caso, rompeu na exclamação. Ora, não é provável que o mesmo que Iulo tinha percebido imediatamente, só o fosse depois de algum espaço por Enéias, que aliás pensava amiúde nessa fome, que o obrigaria a roer as próprias mesas. Sigo portanto a interpretação antiga, que é a de Annibal Caro e do maior número; enjeitando igualmente a de João Franco, que dá ao *alludens* a significação de *aludir*, mas traduz no sentido de que Iulo *não aludia*, quando o Snr. João Gualberto opina que *aludia*; o que é inteiramente oposto. A acepção de *alludere* por *gracejar* é corrente nos autores latinos.

128-129. - 130-131. - "Aqui há, diz Mr. Tissot, uma singular inadvertência. Como o príncipe, que ouvira à Sibila: "Guerras, hórridas guerras; vejo o Tibre a volver ondas de sangue humano!..." Como o guerreiro que tem um rival que debelar, povos que submeter, uma esposa e um trono por conquistar, pode afirmar que toca o fim dos seus trabalhos?" — Além de que *positura modum* não é exatamente *tocar o fim*; o poeta só fala dos trabalhos de uma longa viagem de sete anos, a qual se acabou desde o momento em que, reconhecendo o lugar próprio para se fortificar, Enéias saudou a terra prometida; mas, quanto à guerra, era um novo trabalho que nem começado estava. De mais, o chefe, que via findar-se a navegação perigosa e prolixa, para animar os seus usa de termos que indiquem e persuadam que o restante não é de tanta monta como as lidas passadas. Não sei como faz tais reparos quem está habituado ao estilo conciso do poeta, e em geral dos escritores latinos. E não se poderá acrescentar que esse guerreiro, que tanto estremeceu com a ideia de morrer no mar sem glória nem sepultura, agora avaliava em bem pouco os perigos dos combates, que seu valor esperava superar? Esta suposição realça-lhe o heroísmo, e como o texto em nada a desmente, não é muito atribuir um tal pensamento a tão sublime autor.

147. - 148. - *Cratera* era um vaso maior que a taça (patera), e nela vinha para a mesa o vinho, e dali se iam enchendo os copos. Uso às vezes do termo latino *cratera*; mas, quando não cabe no verso, nunca o substituo por *taça*, mas por *copa*. Ainda que vulgarmente se confundam estes dois vasos, a taça é mais pequena, e a copa vem do latim *cupa*, que significa uma talha, ou um vaso de tanoa.

312. - 313. - A fala de Juno, e em especial este verso tem sido por todos admirado. A deusa, não podendo alhures encontrar auxiliares contra Enéias, convoca Alecto para acender a discórdia e a guerra. A ação ganha aqui novo interesse, e começamos a enxergar os novos trabalhos que têm de sobrevir aos Troianos. Não posso alcançar o porque vários críticos acham

este livro um tanto frio: só vejo que o poeta segue a sua fábula com discrição, e destribui sabiamente as partes, sempre com o fito no desfecho da obra.

351-405. - 343-408. - Principia com Alecto. Esta introduz o seu veneno em Amata. Amata foge com Lavínia, depois que, buscando reduzir o marido a favor de Turno, não o pôde conseguir. Sacrifica a Baco, excita as matronas contra Enéias, promete que a filha só será de seu sobrinho Turno. Tudo isto é com uma rapidez, com um estilo, com movimentos inimitáveis; mas a crítica tem censurado a passagem em que a rainha, desesperada e a vaguear pela capital, é comparada a um pião, que rodopia tocado pela trena dos meninos. Delille, com prudente reserva, diz que não ousa afirmar que esta comparação quadre perfeitamente à poesia épica; mas que é mister convir que o vulgar do assunto é compensado pela riqueza das imagens e das expressões; podendo ajuntar-se que o poeta latino procurava rebaixar o caráter de Amata, e convinham-lhe para sujeito da comparação as coisas mais comuns.

406-474. - 409-477. - Depois que Alecto espalha a desavença no seio da família de Latino, toma a figura de uma velha sacerdotisa de Juno, e vai excitar a Turno. É aqui principalmente que a pintura desta Fúria sobe ao cume da perfeição. Os discursos dela e de Turno, o acordar deste bradando por armas e procurando-as em torno do leito, as ordens violentas e imediatas, a comparação com a água a ferver e a trasbordar da caldeira, as imagens que o poeta emprega, a pronta obediência dos Rútulos, tudo é da mais bela composição; tudo pressagia a procela que vai desfechar. Este livro sétimo é o preparativo para os outros; faz o ofício do primeiro ato de uma tragédia; e, como deixa em suspenso o leitor, alguns não o apreciam devidamente: cumpre considerá-lo em relação aos subsequentes, para se avaliar todo o artifício do autor.

475-504. - 478-507. - Para servir a Juno, Alecto não descansa: vai ter ao sítio em que Iulo caçava, e pondo o cheiro de um veado nos focinhos dos cães, os faz correr atrás dele; Iulo, indo após os cães, atira e mata o veado: este por acaso era um cervo manso da filha de Tirreu, maioral e couteiro do rei; e daqui se originou uma peleja entre os aldeãos latinos, excitados pelos queixumes da dona do cervo, e os Troianos que vêm em defesa de Ascânio. Macróbio, com outros críticos, julga pequena a causa da guerra; sem advertir que esta não foi a causa, mas a ocasião: a causa era o ódio aos estrangeiros, e o excitamento que recebia o povo por via dos partidários de Turno. Quanto à ocasião do combate, isto é a morte do cervo, digo não só que muitas vezes são motivo de guerra coisas bem insignificantes, como a este propósito observou o doutíssimo La Cerda, mas que Virgílio o escolheu otimamente, por duas razões: primeira, entre

aldeãos simples, em uma sociedade ainda pouco polida, a morte de um animal estimado pela filha de quem os governava, era um estímulo poderoso; a segunda é que desta ficção nasceu um contraste que realça os horrores dos conflitos: folga a imaginação de passar dos queixumes de Silvia, de cenas campestres e caseiras, ao ruído das armas e aos feitos mais heroicos. Se em La Fontaine sobremaneira nos enternece a águia a quem quebraram os *ternos ovos, sua doce esperança*, este quadro em Virgílio não enternece menos, e o enternecimento se nos prolonga mais: o veadinho de Sílvia parece um menino que, sendo ferido, vem chorando buscar asilo ao colo de sua mãe. Sente-se com delícia reaparecer aqui o talento bucólico do cantor das maravilhas de Roma. Estou persuadido de que esta passagem serviu, não para o entrecho e a invenção, mas para o tom com que foi escrito um dos mais belos dramas da nossa língua, a pastoral intitulada *Licoris* do suavíssimo Quita. Malditos críticos! têm estupendo saber, vastos conhecimentos; mas não sei que lhes falta sempre, ao menos à máxima parte: os poetas se entendem melhor uns aos outros.

511-518. - 514-522. - Este lugar, onde se descreve Alecto subindo a uma choça e tocando rebate, fecha-se com o verso "Et trepidae matres pressere ad pectora natos." Adaptei-lhe um de Camões, e assim faço algumas vezes.

535-600. - 590-606. - Depois que Alecto, havendo plantado a rixa, desce ao Tártaro por ordem de Juno, os aldeãos trazem o corpo de Almon e a cabeça de Galeso, e instigado por Turno, quer o povo obrigar o rei a declarar a guerra: Latino resiste, mas abandona as rédeas do governo, amaldiçoando o seu principal motor. Este abandono, aliás próprio da fraqueza do velho, era necessário para deixar a Turno livre e senhor da ação. Tudo isto é calculado com maravilhoso discernimento. Alguns censuram o caráter de Latino, como se a epopeia devesse apresentar somente heróis e valentões, sem aproveitar-se dos contrastes e desprezando a ocasião de pintar o homem segundo as diferentes idades e as circunstâncias. A velhice e a longa paz tinham a Latino tirado a energia e as forças.

601-640. - 607-645. - Descreve-se aqui o uso romano de abrir o cônsul as portas do templo de Jano ao declarar-se a guerra; e, segundo o seu costume, Virgílio entronca esse uso na alta antiguidade, afirmando que a Latino pertencia desencerrar aquelas portas, mas que, recusando ele, a mesma Juno é que desmantelou os batentes e a couceira. Para não alongar estas notas, omiti muitas dessas alusões e estilos; mas, advertidos como estão os leitores, podem recorrer aos vários citados escritos, ao menos ao padre La Rue. Todos os preparativos, que se fazem nas diferentes cidades, são aqui designados; e assim pode o poeta lisonjear a nação

inteira, falando dos lugares aos que eram naturais de cada um deles. Deste artifício está cheia a Eneida; o que mostra quão nacional devera ser naquele tempo. Neste ponto os *Lusíadas* não têm igual, exceto nas três epopeias mais antigas, e ainda nos *Martyres*.

641-646. - 646-651. - Nos princípios do livro há uma invocação a Erato, a musa do amor, por isso que o motivo da guerra ia ser a rivalidade por causa de Lavínia; invocação que não tem agradado a muitos críticos, sendo do rancho Mr. Tissot. De corrida lembrarei que nos poetas latinos trocam-se as musas, como se observa no lírico Horácio, que invoca Melpomene, Euterpe, Polínia e outras; e é provável que Virgílio, autor do epigrama sobre o emprego das nove irmãs, conhecesse melhor esses usos do que os nossos críticos modernos. Nestes seis versos agora o poeta as invoca todas; porque entra a falar dos guerreiros e dos exércitos, e sente que, indo emular a Homero na Ilíada, necessitava do auxílio do coro inteiro.

647-654. - 652-659. - A descrição dos chefes que têm de combater os Troianos, principia de Mezêncio e de Lauso, dois dos mais belos caracteres da Eneida e da poesia épica. Em sete versos o autor nos diz quanto é mister, e só no advérbio *nequicquam* nos deixa entrever toda essa catástrofe: mais uma prova de que não podemos apreciar este livro sem reportarmo-nos aos restantes. La Harpe, com a leviandade que o distingue, depois de falar muito mal da marcha do poema que ele não meditou, acrescenta que Virgílio espalha *algum interesse* sobre o jovem Palante, filho de Evandro: sobre Lauso, filho de Mezêncio; sobre Camila, rainha dos Volscos: o crítico passa em silêncio os mesmos Evandro e Mezêncio, que não podem ser mais interessantes; não reparou no caráter de Amata, e sobretudo na grandeza de Turno, que por vezes contrabalançaria a de Enéias, se a justiça e a moral não realçassem o herói troiano. Mas qual é hoje o homem de gosto que dá peso ao que delirou La Harpe sobre os escritores da antiguidade?

655-669. - 666-674. - Outro chefe é o formoso Aventino, filho de Hércules e da ministra Réia. Alguns heráldicos, por esta passagem, pretendem que a armaria sobe aos tempos heroicos: não vejo porém prova bastante para concluir que esses brasões antigos se perpetuassem nas famílias. — Chamavam-se *dolones* certos bastões de ponta de ferro, ocos e contendo em si uma espécie de estoque.

691. - 696. - Virgílio traz algumas vezes este verso: "At Messapus equum domitor, neptunia proles." Ora eu o traduzo ao pé da letra, ora digo só o *picador Messapo*, ora o *Netúnio Messapo*, ora o*cavaleiro Messapo*; pensei que, uma vez traduzido literalmente, não era preciso que sempre o fosse. O poeta Ênio, dizem, contava Messapo entre os seus avós, e é por isso que Virgílio compara os soldados dele a um bando de cisnes que louvam e cantam seu rei.

706-722. - 711-727. - Aqui louva-se Clauso, outro chefe contra Enéias, de quem se diz proceder a família Cláudia, poderosíssima em Roma, aparentada com Lívia mulher de Augusto, e da qual nasceram muitos homens célebres em mal e em bem. Observe-se a arte com que Virgílio mistura as famílias mais consideráveis, mostrando que descendiam tanto dos Troianos como dos Latinos, e que o povo romano estava por tal modo confundido, que em separado não existia raça vencida, nem raça vencedora. Isto é já um preparativo para a transação proposta por Juno e aceitada por Júpiter no livro XII, isto é que se casasse embora Enéias com Lavínia, mas que o Lácio e os Latinos não perdessem o seu nome; que Roma herdasse conjuntamente as honras do sangue teucro e do italiano. As origens das diferentes casas, de que se trata não só no V, mas neste e em alguns outros livros, deviam agradar muito na corte de Augusto; e os críticos modernos, que a elas têm pouco respeito, não se colocam naquela época para poderem melhor apreciar esta parte da Eneida. O ter-se considerado a nação romana como homogênea, posto que fosse composta variadamente, era da mais razoável política; política bem diversa da de muitos nobres franceses, que se jactam de provir dos conquistadores do seu país, que se creem de outra massa que a do povo; e até alguns têm tido o descoco de escrever que as classes menos ricas ou as mais pobres, sendo a raça dos escravos das Gálias, têm obrigação de trabalhar para eles! Ora, os nossos fidalgos do Brasil, que se vão aumentando prodígiosamente, virão algum dia a afetar semelhantes pretenções?

723-732. - 728-738. - O cabo Haleso conduzia uma grande multidão de povos diferentes, armados pela maior parte de *aclides* e de *terçados falcatos*; a aclide era ou uma espécie de lança ou de clava com puas, atada a uma correia, pela qual tornava a ser colhida a clava depois do tiro; o terçado falcato era um alfanje curvo como uma fouce, donde lhe vinha o nome.

741-743. - 746-749. - *Catéia* era uma lança pesada, de pouco alcance, mas de grande força, usada pelos Galos e os Teutônicos: adotei o termo, porque não há outro equivalente. *Peltae* eram broquéis em forma de meia lua ou de folha de hera: falando de Pentesiléa no livro I, eu traduzi *lunados broquéis*; aqui omiti o adjetivo por brevidade, e mesmo porque broquel é já um escudo mais pequeno, e não comprido como o escudo propriamente dito, ou como a adarga, e portanto mais semelhante ao que os Latinos chamavam *pelta*.

O poeta, que mormente no livro V apresentou os Troianos mais conspícuos, neste sétimo descreve os chefes e tropas italianas. La Harpe, que parece conceder ao autor só o talento do estilo e pouco mais, fala dos chefes da Eneida sem consideração, sem reconhecer a maior

dificuldade vencida nos derradeiros livros, e como que leva a mal que Virgílio, deixando os vestígios gregos, celebrasse a Itália e os Italianos, quando este é o fim principal que se propôs. Para esclarecimento dos leitores menos intruídos vou dar uma ideia desses povos e dessas terras, servindo-me dos comentadores e vários outros escritores que trataram da matéria. Este pequeno resumo porém não dispensa os mais curiosos de os consultar especialmente.

A terra de Circe é o promontório dito *Monte-Circello*; e a que d'antes se chamava a cidade de Circe, é hoje *Civita-Vecchia*. Mr. de Bonstetten, na sua *Viagem ao Lácio*, se exprime assim: "Tão viva é no povo a lembrança das velhas superstições, que nenhum dos habitantes do Monte-Circelo se atreve a entrar na bela gruta sita no cume, que pensa o povo ter sido a mansão da maga Circe. Propondo a vários camponeses que me acompanhassem à gruta, recusaram-se todos; e aparecendo-nos um soldado de espessos bigodes, então disse eu: *Eis aqui um que não se me negará*; mas o homem dos bigodes escoou-se à proposta de me seguir à casa de Circe: tanto se prolongam entre os povos lembranças tais!"

Quanto ao lugar de cena, diz Mr. de Bonstetten na obra citada: "Hoje a *Isola sacra*, que divide o Tibre uma légua acima da embocadura, entra pelo mar: no tempo de Enéias a praia estendia-se em linha reta, e o que sai agora desta linha fazia parte do mar. Nas fozes desdobra-se pela arenosa campina um lago entre brejais. Foi neste sítio que Enéias assentou o acampamento; tinha à direita, e um pouco adiante, o rio; o lago por detrás, e um terreno pantanoso estreitíssimo entre o rio e o lago; na frente, a quinhentos passos, o mar: posição admirável, subministrando-lhe a mata meios de se fortificar. — A uma légua do mar se levanta uma cadeia de colinas vulcânicas de uns cem pés de altura; entre elas e a praia corre uma rasa e fértil campina: ei-lo, o teatro dos seis últimos livros da Eneida, que vou descrever qual sería naqueles tempos. Avisto a meus pés, ao poente, um campo semicultivado, e a velha floresta semeada de clareiras; um pequeno lago azul se mete em meio de mim e do mar. Volto-me, e vejo a leste uma serrania rodeando a imensa planicie. Então os cabeços, hoje nus, eram sombreados pela antiga mata que, em uma terra meio-laborada, ostentam o cunho majestoso da natureza em sua força nativa, ainda não desfigurada pelo homem. — À meia légua, à esquerda, entre o mar e a colina, vejo na campina uma cidade, é *Laurento*; ao pé, da banda do mar, avisto uma verde planicie, um *Campo de Marte*, onde se exercia a mocidade; não longe do lago azul que se dilata para o rio, atrás da cidade, sobre cem altas colunas de madeira se eleva um palácio, o de Pico; assombrado pela velha floresta, que lá das colinas assoberba a paisagem, e se desdobra ao longe para a parte do monte Albano. Descobrem-se na campina, no meio de bosques

semirroçados, agros e pastios, e traços frequentes de cultura entre o vastíssimo arvoredo. Pascem pelo prado cavalos; além, cabanas redondas, com tetos elevadíssimos de caniços, cercam-se de numerosos rebanhos: um povo guerreiro, semipastor, semiagricultor, habita essas afortunadas ribeiras: o rio só se descortina aqui e ali através das umbrosas e copadas selvas das suas verdejantes margens."

O *Lácio* continha o território dos Latinos, dos Volscos, dos Equos, dos Auruncos ou Ausônios, e dos Hérnicos; o que se diz hoje a *campanha de Roma*. Nomeava-se *país do Tibre* o que hoje é a Toscana.*Laurento* é agora *São Lourenço*. "Sobre o assento desta cidade, escreve Mr. Bonstetten, mudei três vezes de parecer, e afinal achei-o um pouco acima do *Laurentum* de Plínio, para junto das colinas de Décimo, à pequena distância do pântano. Feito este meu trabalho com a leitura reiterada de Virgílio, fui consultar a carta, e lá no lugar do meu Laurento encontrei precisamente o nome de *Selva Laurentina*, e muito próximo, do lado da colina, o nome de Pico no de *Trofusina di Picchi*." — Da fonte *Albunea*, de águas sulfúreas, nasce o *Albula* agora *la Solforata*, que pouco abaixo toma o nome de Tibre. O *Numico*junto de Lavinio, entre Laurento, o Tibre e a Lagoa, em baixo dos outeiros, desapareceu totalmente sob o solo vulcânico: em um seu pequeno lago é que dizem se afogou Enéias. — *Ardea*, capital dos Rútulos, conserva ainda o seu nome em uma aldeia; *Crustumério*, não longe de Roma, suspeita o padre La Rue que é o que chamam agora *Marcigliano-Vecchio*; *Atina*, no cimo do Apenino, também conserva o nome; *Tibur*, hoje *Tivoli*, é bem conhecida; *Antemnas*, hoje destruída, era assim dita pela sua situação na confluência do Ânio com o Tibre, ou da parte do país dos Sabinos ou no Lácio mesmo. Estas cinco cidades é que mais se empenharam no fabrico das armas contra os estrangeiros Troianos.

Mezêncio, com o seu Lauso, comandava os de *Agylla* na Etrúria, quase nos confins do Lácio; tendo sido expulso da sua capital *Coere*, agora *Cerveteri*. — Aventino comandava uma porção de Sabinos, de lugares ao presente sob o domínio pontifício. — Céculo comandava enumeráveis camponeses: os de Preneste, hoje *Palestrina*; os de Gábios, já destruída, entre Roma e Preneste; os das margens do Ânio, ou o moderno *Teverone*; os de Agnânia, capital dos Hérnicos, povos que habitavam as cabeceiras do rio Amazeno, agora *Toppia*: Agnânia existe ainda. — Messapo, de origem grega, dito filho de Netuno, comandava os das duas cidades etruscas, Fescênia e Faléria. Em Fescênia é que se inventou o epitalâmio; e, como então esses cânticos eram licenciosos, chamavam-se *versos fescininos* os versos obscenos. Faléria, agora *Fatar*, tem suas ruínas entre Viterbo e Montefiascone. Comandava também os do Soracte,

ou *monte di S. Silvestro*; os dos *campos Flavínios*, só conhecidos pelos versos de Virgílio e de Sílio Itálico; os do lago e monte Ciminio, que alguns suspeitam ser o monte *di Viterbo* e o lago *di Ronciglione*; os de Capena, ou *Canepina* dos modernos. — Clauso comandava os Quírites priscos, isto é os da cidade de Cures, pátria de Numa Pompílio; os de Amiterno, cidade do Apenino, junto do lugarejo *di S. Vittorino*; os de Ereto, na confluência do Ália e do Tibre, agora *Monte rotundo*; os de Nomento, ao oriente de Ereto, agora *Lamentano*; os de Motusca, ou Trébula, além da Lagoa Reatina, agora *monte Leone*; os do Velino, lago e rio, o lago hoje dito *Lago di pie di Luco*, o rio conservando o nome; os dos montes Severo e Tétrica, de posição incerta, que alguns creem ser, aquele o *Monte-Negro*, este o *di S. Giovanni*; os de Caspéria, agora *Aspera*; os de Fórulo, junto de Amiterno, aldeia destruída; os do rio Himella, agora *Aia*; os do Tibre e os de Fabaris, agora *Farfa*; os de Nursia, agora *Norsia* no Apenino; os de Horta, agora *Orta* na Toscana; os das margens do Ália, agora *rio di Mosso*, a que o poeta chama infausto, porque ali foram os Romanos desbaratados com grande matança pelos Galos Senonenses, ou de Lião. — Haleso comandava os do Massico, hoje *Monte di Dragone*; os Auruncos e os Sedicinos, que faziam parte da nação osca, povo habitante das margens do Liris vizinho dos Volscos; os de Cales, agora *Calvi*, junto a Cápua; os do Vulturno, agora *Natarone*; os de Saticula, que alguns creem ser *Caserta*. — Ébalo comandava os Telebas de Caprea, ilha à entrada do golfo de Nápoles, de fronte de Sorrento; os das margens do Sarno, que atravessa a Campania, banha as ruínas de Pompéia, e se perde naquele golfo, tendo ainda o nome antigo; os de Rufras, hoje *Ruvo*, da banda da Basilicata; os de Batulo e Celena, lugares desconhecidos; e os de Abela, perto de Nola, ao norte do Sarno, hoje Avella-Vecchia, fértil nas nozes que dela tiraram o nome de avelãs. — Ufente comandava os de Nersas (e não Núrsia, cujos guerreiros eram guiados por Clauso), lugar desconhecido; e também os Equícolas, ou Equos, ao sul dos Sabinos e ao norte dos Hérnicos, nas montanhas em que nasce o *Teverone*, bem como as águas *Marcia* e *Claudia* que os Romanos trouxeram à cidade, por um aqueduto de vinte léguas ainda subsistente. — O sacerdote Umbro comandava os de Marrúbia, hoje *Morrea*, capital dos Marsos, ao pé do lago Fucino; povos que passavam por feiticeiros e curadores de cobras, como hoje se dizem muitos pretos no Brasil. Perto ficava o bosque de Angícia, ao ocidente do lago Fucino, e junto ao bosque é o moderno *Luco*. — Turno, general em chefe, comandava especialmente os de Ardea, que o poeta chama Argivos, por ter sido fundada pela Argiva Danae, filha de Acrísio; parte dos Auruncos, que habitavam com os Volscos e outros desde o Tibre ao rio Liris, hoje *Garigliano*; os seus Rútulos, entre o Numico e a cidade de Âncio, que pertencia aos Volscos; os Sicanos, não os da Sicília, mas um dos povos do Lácio já extintos, e

por isso o poeta os chama *veteres*; os Sacranos, povos desconhecidos, sobre os quais há conjecturas mais ou menos arriscadas; e os Lábicos, da cidade hoje dita *Zagarualo*, o qual deu seu nome à *via Labicana*, e estava arruínada no tempo de Virgílio. Satura é porção da *Lagoa Pontina*, que se estende desde o lugar *três tabernas*, hoje*Cisterna*, até *Terracina*; e recebe dois riachos, o *Stura* ou *Astura*, e o Ufente ou *Ofanto*. — Camila comandava os seus Volscos. O poeta encerra este livro com a descrição da ligeireza desta rainha, e nos deixa gravada na lembrança tal particularidade, que servirá oportunamente. Nesta descrição chama-se o bastão que ela trazia *pastoralem myrtum*; que eu traduzi *mírteo cajado*, omitindo o adjetivo *pastoral*, porque em português *cajado* só por si quer dizer o *bastão do pastor*.

NOTAS AO LIVRO VIII

1-6. - 1-5. - A tropa romana, quando cada soldado jurava não largar as armas antes do fim da guerra, chamava-se *militia legitima* ou *sacramentum*. Quando, em grande perigo e tumulto, o general subia ao Capitólio, e levantando dois estandartes convocava os que o quisessem acompanhar, essa tropa, que jurava em massa e por aclamação, chamava-se *conjuratio*: o estandarte vermelho era para a infantaria; o azul, para a cavalaria. Quando se mandavam fazer levas à força, a tropa se dizia *evocatio*: alguns afirmam que a *evocatio* era quando o povo em armas se ajuntava tumultuariamente; mas a primeira opinião, que é a de Sérvio, parece a mais seguida. Virgílio aqui, segundo a sua maneira, alude ao costume romano e o deriva de uma alta antiguidade. O estandarte que em latim se nomeava *vexillum*, quadrado e suspenso de uma haste, em português comumente se diz *pendão*.

31-65. - 29-53. - Enéias fatigado se deita à borda do Tibre, e em sonhos lhe aparece o deus; aconselha-o que vá a Palantéia pedir socorro a Evandro, que andava em guerra com os Latinos: desta bela criação aproveita-se o poeta para falar ainda dos primórdios de Roma. Camões imitou-o no canto IV dos Lusíadas; e a imitação é superior ao original: não só o estilo do Português é ali de uma perfeição que nem a Virgílio cede, mas a causa da apresentação do Indo e do Ganges a D. Manuel é muito e muito maior: o Tiberino avisa a Enéias que ajunte o seu campo com o de Evandro e peça-lhe auxílio; o Ganges, *o mais grave na pessoa*, brada ao monarca português que mande receber os tributos que os povos das suas ribeiras e das do Indo haviam de lhe pagar, posto que depois de uma guerra sanguinolenta: a causa, repetirei, da aparição dos dois rios da Ásia é mais importante; e, assim como não poucas vezes Virgílio imitando excede a Homero, desta feita o seu imitador o sobreleva evidentemente. A visão que o rei teve das várias nações que lhe deviam obedecer; o andar majestoso dos dois velhos, baços e denegridos, como os que habitam as margens regadas por suas águas; a cansada presença do Ganges, que vinha de mais longe; os ramos e ervas desconhecidas que ambos nas mãos traziam, tudo é da mais sublime poesia; tudo encerra finos e tantos pensamentos, que excedem as palavras. Em nenhuma outra parte das suas obras Camões foi mais digno de ser comparado ao poeta latino pela precisão e beleza das imagens. — Quanto ao *celsis caput urbibus exit*, escreve Mr. Bonstetten: "Plínio assevera que no seu tempo o Tibre era ornado de mais palácios do que havia no resto do mundo. Perto de *Ancio*, no fundo, ao longo da praia, avistam-se

palácios tão bem conservados nos alicerces, que parece terem-se desenhado nas águas plantas de arquitetura, e em terra se deixam ver outras imensas ruínas."

68-77. - 65-75. - O costume dos antigos de se voltarem ao oriente, quando oravam, foi adotado pelos cristãos. A água benta vem da água lustral dos pagãos. Dá-se aos rios o epíteto *cornígero*, porque eram honrados sob a figura de um touro, ou por causa dos mugidos das suas ondas, ou por terem muitos braços: eram também representados sob a figura humana, mas de cornos na testa.

97-114. - 94-111. - Ao se aproximarem as embarcações ao pobre e pequeno burgo de Palantéia, assento futuro de Roma, Palante se ergue da mesa, onde se achava com seu pai Evandro e com os principais da terra, em um festim solene em honra de Hércules; pega da lança, e de um outeiro exclama aos Troianos: "Juvenes, quae causa subegit Ignotas tentare vias? quo tenditis?..., etc." Delille com razão admira as poucas palavras empregadas para informar-se de tanta coisa. Esta concisão lembra-me a estância L do canto VI dos Lusíadas, onde o autor em dois versos diz que aos doze de Inglaterra as damas escreveram, cada uma ao seu; todas a D. João I, e o duque de Alencastro, a cada um dos cavaleiros e ao rei.

127.-133. - 123-128. - Mr. Tissot, a quem segue Mr. Villenave, pondera: "Aqui não há esforço de virtude, nem ocasião de blasonar da coragem de vir expor a cabeça a um perigo imaginário. Apenas poderia assim falar Enéias a um tirano cruel e feroz como era Mezêncio." Ora, posto que Evandro fosse bom de coração, o ter sido um dos chefes dos Gregos, ser parente dos Atridas, inimigo dos Troianos outrora, eram circunstâncias que deviam ser atendíveis a um príncipe que, por qualquer imprudência, podia comprometer a grande causa: todavia as outras considerações, que ele expende abaixo, venceram esse tal qual receio. E é por um artifício oratório que Enéias faz valer a franqueza com que se expõe a pedir auxílio a um antagonista de Troia; pois deste modo se insinuava no espírito de Evandro, mostrando-lhe a seguridade que lhe inspiravam as pessoais virtudes do grego monarca. De mais, Mr. Tissot interpretou mal o *mea virtus* do verso 131: aqui não significa esforço de virtude e coragem da parte de Enéias; significa sim, como reflete o padre La Rue, a *consciência de nada ter feito para incorrer no ódio de Evandro*, a confiança na própria lealdade. Neste sentido verti este lugar; e o mesmo fizeram o Snr. João Gualberto e Barreto Fêo.

162-163. - 157. - "Mr. Tissot, diz Mr. Villenave, com razão se maravilha de que Evandro nada ache louvável em seu amigo velho senão a estatura: *Cunctis altior ibat*." Os dois críticos se mostraram bem pouco sabedores da opinião dos antigos neste ponto: eles criam que a

altura era própria dos heróis, e que só por exceção podia ser valente um homem de pequeno talhe. Chateaubriand, que girava em outra esfera de erudição, no livro II dos *Martyres*, na boca de Demodoco põe o que dou aqui traduzido por Francisco Manuel: "Bem que aos pais nunca em talhe igualem filhos, E ao pai ceda em vigor e em talhe Eudoro, Pelo talhe de herói o eu conhecera." Evandro pois da superioridade da estatura de Anquises infiria que ele se avantajava em forças e denodo. O mais forte e corajoso dos Gregos, segundo Homero, era também o mais alto e esbelto.

190-267. - 185-261. - O poeta não tirou o episódio de Caco da sua imaginação; o fato era contado pelos historiadores: Dionísio de Halicarnasso e Tito Lívio o referem. É sabido que este pedaço é uma obra prima, pela harmonia, pelas imagens, pela beleza das expressões e pelo todo da narração. Delille traz excelentes reflexões acerca deste episódio, e a Delille me reporto. Observe-se a arte com que se introduz esta fábula: como Enéias encontra a Evandro no ato de celebrar um sacrifício a Hércules, sacrifício a que se associou por convite do mesmo Evandro, era bem factível que este lhe explicasse a causa; e assim o episódio nasce da ação com naturalidade. Tem-se opinado que a pompa do estilo e a rapidez parecem não conformar com a velhice do rei, cuja imaginação devera ser mais lenta; porém a excitação em que ele se achava, a religiosidade própria do seu caráter e mesmo dos seus anos, justificam plenamente o tom solene da narração de uma façanha de que fora testemunha: os velhos tomam fogo ao se transportarem às coisas do seu tempo. — A opinião dos antigos, fundada em inscrições, bem como a da maior parte dos modernos, é que a caverna de Caco era vulcânica, junto ao monte Aventino; mas Mr. Bonstetten difere: "Não há aí caverna de Caco; a de Virgílio existiu certamente nos arredores de Roma. Uma conheço eu não longe do Aventino, da outra banda do Tibre, no Monte-Verde, pouco mais ou menos como ele descreveu a de Caco. O governo a fechou para que não servisse de couto aos Cacos modernos, isto é aos ladrões. É voz que a fábula de Caco tinha por fundamento histórico a lembrança de um vulcão; não há probabilidade alguma de que o houvesse no Aventino, cujo local a isso repugna absolutamente."

271-272. - 265-266. - Heyne e outros pensam que há aqui interpolação. Refere porém Sérvio que o altar de Hércules, chamado *Ara Maxima*, existia em seu tempo no *forum Boarium*, e era de prodígiosa grandeza. Ora sendo assim, conforme também se colhe de Propércio e de Ovídio, não vejo o porque Heyne acha o lugar indigno do poeta; o qual tinha em vista, como por vezes havemos notado, celebrar as antiguidades romanas, mormente as do sítio em que é fundada a cidade eterna. Repare-se que, ao diante, ele não se descuida do seu propósito, falando

da porta *Camental*, do *Lupercal* no Palatino, do bosque *Argileto*, do *Capitólio*, do *Tarpeio*, e fazendo o contraste de começos tão humildes com a magnificência da corte de Augusto.

363-453. - 364-448. - Este episódio entre Vulcano e Vênus, tudo que se passa na oficina dos Ciclopes, é da mais alta poesia. Ao depois, no fim do livro, se faz a descrição das armas pelo deus encomendadas, e do broquel em que ele próprio trabalhou. Sendo uma imitação de Homero, concordam todos que é muito superior ao lugar da Ilíada; pois o que vem gravado no broquel de Aquiles, podia pertencer a qualquer outro guerreiro; e o que vem no de Enéias, lhe é próprio e particular, por ser um vaticínio do que tinha de acontecer aos seus descendentes.

558-593. - 549-584. - A fala de Evandro é uma das mais ternas do poema, e realça o caráter do rei. — É admirável o perfeito quadro que representam os dois versos 592-593, vertidos nos meus 587-588. — Veja-se Delille, tanto acerca da fala, como dos versos.

594-596. - 585-587. - É bem conhecida esta passagem por causa do último verso, cuja onomatopeia imita o galope dos cavalos. Tratei de exprimi-la, e para isso preferi o termo antigo *úngula* ao moderno *unha* ou *casco*, que não tinham um som conveniente.

670. - 662. - Na descrição do escudo vem a figura de Catão de Útica a ditar o direito. Este só rasgo mostra o rigorismo dos que chamam o poeta adulador de Augusto. O pobre filho do camponês que, sendo despojado da sua herdade, a recuperou por graça do senhor do mundo, necessariamente lh'o havia de agradecer, e o meio era louvá-lo em seus versos; nem ele se tinha jamais apresentado como homem político, para ser esse louvor uma contradição com a sua vida passada. Reflita-se que Virgílio só gaba o bom que Augusto praticava para apagar o péssimo que fez quando Otávio; e, escrevendo a respeito das guerras civis, fulmina a todas, sem distinguir entre o seu protetor e os contrários. Louvou porém ao mesmo tempo os inimigos de Augusto em quem achava merecimento e virtude, como nesta passagem a Catão, como a Galo na écloga X. Não se podia exigir nem esperar mais do pacífico burguês de Mântua. — Horácio, que tem sido acusado da mesma tacha, encontrou defensor habilíssimo em Mr. Patin; o qual, com o lírico latino em mão, demonstra que este sujeitou-se ao vencedor quatro anos depois, quando os maiores republicanos tinham cedido à necessidade, como aconteceu a Pollion, ao filho de Cícero, a Messala, tão brilhante na batalha de Filipos; e que o ilustre filho do liberto, apesar dos afagos do seu poderoso amigo, nunca renegou o seu caro Bruto, e ousava jactar-se de ter merecido a confiança daquele grande cidadão. Quantos autores há, mesmo entre os vivos, que, depois de haverem troado contra as lisonjas de Horácio e Virgílio, vão acender podre incenso a reis e magnatas, que sem possuírem as nobres qualidades de Augusto, só têm seus vícios e

hipocrisia! — De mais, havia entre os dois grandes poetas e o imperador um ponto de contato que os tornava amigos: apaixonados eram os três da poesia e das belas artes. Os poetas folgavam de louvar um príncipe esclarecido que as protegia, que tinha o mesmo gosto que eles: nada há mais natural. E note-se que Augusto com tanta igualdade os tratava, que os visitava em suas casas, e até compôs versos em honra de Virgílio. Luiz XIV, que fazia sentir que era monarca a Racine e aos outros seus protegidos, foi todavia lisonjeado por todos; e não é tanto moda chamar a Racine adulador, como ao épico e ao lírico romanos. Suponde que Augusto os houvesse olhado com desdém: em vez de estalar como o trágico francês, provavelmente Virgílio teria deixado a corte sem nímio desprazer, indo para a sua Mântua ou para a sua aldeia de Andes; e o filósofo Horácio, em alguma sátira ou carta familiar, com finíssimas alusões, teria rido da pequenez e do orgulho dos homens.

731. - 728. - O verso do remate, que Addison cria um dos mais belos da Eneida, foi condenado por Sérvio. Em matérias de erudição é recomendável o comentador, não em matérias de gosto. “Nesta descrição, diz Delille, o leitor havia perdido de vista a Enéias para só pensar em Augusto; mas Virgílio chama a atenção sobre ele do modo mais destro e engenhoso. N’um verso teve a arte de louvar os Romanos, lisonjear a Augusto e celebrar o herói. O presente, o passado, e o futuro, tudo ali se contém, e o assunto da Eneida se acha inteiro nesta imagem pitoresca.”

NOTAS AO LIVRO IX

As melhores passagens são a metamorfose das naus em ninfas, o episódio de Euríalo e Niso, e o último combate de Turno. A metamorfose contém-se em 47 versos; o episódio, em 321; o combate, em 128: mais da metade do livro. Se a isto ajuntarmos o ensaio de Ascânio em matar a Numano, a comparação de Turno com o Nilo, os outros seus combates, as façanhas de Pândaro e Bicias, a resistência de Mnesteu, e os dotes do estilo, é este nono igual aos mais gabados. — Mr. Amar, tradutor dos quatro últimos, observa: "Os dois livros precedentes prepararam os sucessos vindouros. Todo o Lácio está em armas; vai reaparecer Enéias, com numerosos auxiliares; mas quanto se passa em ausência realça o interesse da sua volta. Turno e seu conselho de guerra lançaram mão de uma circunstância favorável; e o poeta aproveita-se dela para abrir campo ao valor do rei dos Rútulos, e nos mostrar o digno rival que tem de disputar ao herói troiano Lavínia e o cetro de Itália. Assim, bem que só neste livro Enéias deixe de aparecer em pessoa, ele o enche inteiro por esta mesma ausência: é a de Aquiles, na Ilíada. Tudo se lhe refere necessariamente, como a um centro único, donde parte o movimento geral." — A estas reflexões acrescento que há notável diferença na ausência dos dois heróis: a que teve lugar pela cólera de Aquiles, é danosa aos seus; esta, a que a prudência de Enéias o obrigou, decidiu a vitória.

176-502. - 173-493. - Passo a metamorfose das naus, guardando-me para as notas ao livro X. Mas falarei das censuras parciais ao sobre-excelente episódio de Euríalo e Niso. A principal é que os dois exercem uma carnificina inútil; o que mal assentava sobretudo em Euríalo, a quem o poeta pinta meigo e terno. Mas no coração humano cabem sentimentos bem diversos: Euríalo, tão piedoso para com sua mãe, tão fiel e dedicado amigo, sendo aluno e filho de um guerreiro, tendo vivido sempre entre armas, estava habituado a considerar como lícito o mal feito ao inimigo; e o ardor da idade o levava a pensar que exterminar os chefes e soldados contrários, era uma obra meritória e heroica. Chateaubriand faz sobressair estes sentimentos opostos, quando nota que as mulheres indianas, que tinham chorado e lamentado a *Chactas*, mostravam-se ao depois duras na ocasião em que o iam sacrificar, não considerando já nele o homem, porém só o inimigo. Euríalo fazia quase o mesmo, porque o fanatismo de partido sufoca em nós a humanidade; e as ideias daquele tempo sobre o direito da guerra não eram tão razoáveis como as do nosso; se bem que a melhoria dos modernos é as mais das vezes antes em

teoria que na execução. — Há outra censura mais forte: como puderam os dois fazer tanta mortandade? era possível que estivesse dormindo todo o exército latino? Com efeito é difícil de conceber que eles tanto obrassem impunemente; mas não é mister supor que dormisse todo o exército: basta que dormisse a porção do lado que Eurílalo e Niso guardavam; e por eles terem visto as fogueiras extintas por aquela banda, é que suspeitaram que dali os Rútulos dormiam. — Concedido o defeito apontado, esta é tênue mancha em uma composição onde Virgílio provaria o seu imenso talento para a tragédia, se já o não tivesse mostrado no livro IV. — Escuso especificar belezas que têm sido analisadas pelos autores que alego, e por muitos outros; mas em resumo direi algumas, para que o leitor as observe. A pintura dos chefes, encostados em suas lanças, de broquel no braço, deliberando no meio do campo; a chegada repentina dos mancebos; a exclamação do velho Aletes; o sublime discurso de Ascânio; a recomendação de Eurílalo em favor de sua mãe, e a promessa do mesmo Ascânio; os presentes que os varões fazem aos dois jovens; as adequadas comparações; mais que tudo, a catástrofe com as diferentes peripécias, e a dor e desespero da mãe de Eurílalo, são da mais elevada poesia. Bem se vê que Virgílio aproveitou a lição dos trágicos gregos, a quem tanto admirava. — Nos versos da tradução 204-206 há uma construção que forra palavras, a exemplo de Ferreira, e do moderno Garção: o nosso Moraes a explica no epítome de gramática, pag. 22 da edição de 1831.

665. - 654. - *Amenta* eram certas lanças com uma correia que as ligava: veja-se a nota de La Rue. Adotei o termo, porque não temos equivalente: em análogo sentido o adotaram os Castelhanos, cuja língua, como irmã filha da romana, tem com a nossa tanta relação. — De passagem direi que há em Paris um professor de nomeada que, ignorando o português, ensina que este é uma corrupção do espanhol! A presunção de saber o que não se estuda pode gerar ainda maiores paradoxos.

798-818. - 770-800. - A retirada de Turno, depois de se ter mostrado um Aquiles, é descrita superiormente: o símile com o leão que, perseguido pelos monteiros, vai recuando lentamente, sem querer fugir, pinta o brio do rei dos Rútulos. Afinal, acossado pela multidão e por Mnesteu, lança-se ao rio e salva-se a nado, com todas as suas armas. Repare-se porém que essas façanhas são em ausência de Enéias, à vista de quem empalidece Turno, como um astro ao resplendor do Sol.

NOTAS AO LIVRO X

Mr. Amar admira este concílio, pela pompa e majestade do estilo, pela escolha dos epítetos, pela grandeza do assunto. Conquanto seja eu apaixonado do poeta, não concordo com o crítico em achar muito abaixo desta cena a do livro primeiro das *Metamorfoses*, e menos concordo em que o autor era apenas um homem espirituoso e de talento, não um verdadeiro gênio. Certo é que Virgílio é mais exato e judicioso, mais conciso e de uma sensibilidade mais esquisita; contudo, a abundância, a variedade e a imaginação de Ovídio são tais, que só um grande poeta as pode possuir. Ovídio tem sua maneira, como também Virgílio; e ambos encantam e prendem, posto que por meios diversos. Se aquele tivesse moldado sempre os seus quadros pelos das Geórgicas e da Eneida, teria talvez sido um escritor mais perfeito, mas não seria tão recomendável pela sua pasmosa invenção.

6-117. - 6-117. - O talento oratório, ainda mais saliente nos últimos livros, aparece em toda a força nestes belíssimos discursos: o de Júpiter é breve e enérgico, imperativo e grave; o de Vênus é respeitoso, comedido e patético; o de Juno, ao contrário, veemente e impetuoso, todo cheio de interrogações, mais para acusar e reclamar os seus direitos, do que para se defender. Nada há mais sublime que o silêncio do ar e do céu, do mar e da terra, quando Júpiter vai anunciar a sua vontade suprema, assim como o estremecimento do Olimpo todo ao aceno do soberano, que jurava pela Estige. — Em algumas escolas do Brasil, mestres imperitos ensinam que *botar* por *lançar*, de que me sirvo no verso 48, é um plebeísmo; sendo corrente nos clássicos, tanto prosadores como poetas, e até com este verbo formaram-se palavras hoje muito em uso, por exemplo *bota-fora, bota-fogo*. Veja-se Moraes e Constâncio.

146-214. - 146-214. - No livro V trata-se dos Troianos que têm de brilhar durante a guerra; no sétimo, dos mais ilustres do partido de Turno; aqui, dos mais conspícuos Latínos que vieram em socorro de Enéias. Observe-se que, entre os auxiliares, o de que se fala com mais interesse é Palante; o qual deve representar um grandíssimo papel e influir tanto no desfecho.

219-250. - 219-250. - Mr. Amar, desculpando o poeta com não ter tido tempo de aperfeiçoar a sua obra, diz: “Enéias devidamente pasma (stupet) do que se passa em torno dele. Uma nau que se transforma em divindade marítima, e na manhã seguinte se faz hábil orador, e se recorda a propósito do seu antigo mister, é das coisas que, mesmo naquele tempo, não se viam

todos os dias, e mostram aliás que em matéria de pias maravilhas, tanto entre os antigos como entre os modernos, o mais difícil é o primeiro passo.” Esta crítica tem o vício de provar demais: a ser admitida, a conclusão seria que, ao menos em as epopeias, nunca tem lugar uma metamorfose qualquer; pois que em todas há mais que inverosimilhança, há impossibilidade. Mas, nas obras de imaginação, tem-se deixado passar estas liberdades, quando a ficção é engenhosa, para com a variedade causarem prazer ao leitor. E em uma nação educada com as ideias do paganismo, cujos sectários criam em Júpiter convertido em touro e em outras quejandas transformações, essas impossibilidades não pareciam tais; da mesma forma que os homens de fé acreditam hoje em milagres, de que zombam os espíritos fortes. Horácio, com o seu costumado critério, queria que semelhantes metamorfoses não se fizessem em um drama, à vista dos espectadores, porque não podiam ser executadas a ponto de iludir os olhos; mas dá largas à narração. Ora, uma vez admitida a mudança das naus em ninfas, não é mais inverossímil que falem como as outras deusas do mar; e Delille, que é desta opinião, acrescenta que, se Apolônio introduz a falar um pau da nau Argos, por ser um carvalho da floresta de Dodona, muito menos inverossímil é que, já ninfa do mar, discorra a nau de Enéias, a qual também era de carvalhos da floresta de Cibele. Estas razões porém não valem tanto como as fundadas nas crenças e preconceitos populares, que permitiram ao poeta assim enobrecer e celebrar as embarcações que ao Lácio haviam transportado o seu herói; além de que ele não fez mais que adotar as tradições: *prisca fides fato, sed fama perennis*. Já se tem dito, e repetirei que para lermos certos pedaços dos antigos, é proveitoso que de algum modo nos tornemos da sua religião e nos vistamos das suas preocupações. Estou convencido de que Virgílio, ainda que tivesse vivido para emendar a Eneida, não teria riscado esta ficção.

273. - 271. - *Rubejar*, proposto pelo Dr. Simoni, me parece necessário, ou ao menos útil: o nosso *roxear* difere, como o *roxo* do *rubro*. Esta ocasião, em que me aproveito de uma lembrança sua, tomo-a para agradecer em público ao mesmo senhor a fineza de me oferecer um dos seus *Carmes dos sepulcros*; obra cheia de bons pensamentos e de lições morais.

287-307. - 286-306. - O desembarque de Enéias e dos auxiliares é descrito com termos técnicos e com toda a propriedade, mormente quando Tárchon arroja à praia a nau, que fica pendente da popa e vasa n’água a tripulação: o *crescenti aestu* e o *unda relabens* pintam admiravelmente o rolo e a ressaca da onda. Consulte-se o *Virgilius nauticus* de pag. 33-36, onde Mr. Jal traz as mais adequadas observações. Desejos tive de as copiar; mas desisti, porque, para pôr tudo que me parece interessante nessa obra, mister seria transcrevê-la por

inteiro.

344. - 342. - Começa Enéias o combate, e um dardo, que lhe revirou Numitor, fere a Acates na coxa; o que mostra o jus deste guerreiro ao título de grande e de fiel que lhe dá o poeta, pois que ele não podia pelejar sempre ao lado do amigo, sem correr iguais aventuras. Chamam-no frio, porque não se lhe especifica uma ação de valentia, a não ser a morte de Epulon, guerreiro sem renome. E na verdade, fazendo o poeta brilhar a Mnesteu no liv. IX e em outros lugares, a Ascânio em matar o cunhado de Turno, a Gias em dar cabo de Ufente, amigo íntimo e da maior confiança do mesmo Turno, a Seresto em ajudar a Mnesteu e Ascânio a repelir a Turno e pô-lo em retirada; tendo sim exaltado a Tárchon, a Pândaro e Bicias, a Palante, a Eurílalo e Niso, e a outros do seu partido, parece que devera guardar uma proeza para o companheiro inseparável do herói; companheiro, em quem o autor quis representar Patroclo; mas quanto fica abaixo de Homero! — Concordando com os críticos nesta censura, estou bem alheio da opinião dos que acham insignificantes os cabos a quem Enéias comandava em chefe. Na Ilíada, onde a ausência de Aquiles durante meses deixou aos Gregos o campo livre e a obrigação de o substituírem, pôde Homero ministrar a Ajax, a Diomedes, a Ulisses, a Merion, a Patroclo e a muitos outros, oportunidade a estrondosas valentias; mas na Eneida isso não era possível em grande escala, sendo a ausência de Enéias de quatro dias, e tendo ele ordenado à sua pouquíssima gente que se defendesse das trincheiras e não se arriscasse a combater fora. O que devemos admirar é a arte com que, vendo que a inação esfriaria o interesse, sustenta-o engenhosamente, não só pelo arrojo de Niso e Eurílalo, como pela temeridade dos gigantes; a qual deu lugar ao valor de Mnesteu, de Seresto, e mesmo de guerreiros já velhos que defendiam seus muros, e faz aparecer a assombrosa intrepidez de Turno, como a necessidade e o geral desejo da volta de Enéias. Efetuada ao quarto dia, aparece ele de manhã à vista do seu campo, e ganha uma vitória antes de anoitecer. Nesta pressa, vê-se bem que, se o poeta se demorasse a pintar combates singulares e as façanhas de cada sócio, não havia tempo de descrever a batalha, nem realçar o valor e proezas do herói e do seu rival; o que essencialmente requeria o assunto. Os conflitos pois da Eneida não são como os da Ilíada, mas como convinha que fossem, dado o plano do poema. A destruição de Troia era o fim de Aquiles; o de Enéias, a fundação de uma nova: isto basta a provar que a Eneida não nos devia entreter com tantos combates à maneira da Ilíada, e que Virgílio obrou com descernimento.

680. - 678. - Deste passo em diante entra Mezêncio com seu filho. Turno, tendo matado a Palante, havia desaparecido por indústria de Juturna; a qual, para o subtrair ao braço do

Troiano, o fez correr após a figura dele até chegar a uma nau onde o fantasma se havia refugiado, e nessa nau o transportou a Ardea. Remoto o general dos Rútulos, o substitui Mezêncio; e, depois de assinalar-se com prodígios de valor, veio às mãos com Enéias. Este o ia imolar, quando o brioso Lauso apara o golpe, o ataca, e morre vítima da piedade filial, não querendo ouvir os avisos do mesmo Enéias, que o mata com pesar. O que sabido por Mezêncio, veio de novo encontrar-se com o vencedor de Lauso, e acaba também. Este pedaço é um dos melhores que a poesia antiga e moderna têm criado; mas o Troiano é arguido de contraditório, porque, sendo *pio*, não lhe cabia dizer coisas picantes a Mezêncio. Note-se porém que Enéias só se mostra inexorável desde a morte de Palante; Palante, que lhe fora confiado por Evandro, a quem o herói devia a aliança de Tárchon e os meios de conseguir a empresa; por Evandro, que tinha sido o hóspede e amigo de Anquises. A cólera, tão natural em tais casos, é desculpável; e o poeta deu mais uma prova de sabedoria no escolher o momento, sem faltar à verossimilhança, de atribuir ao seu Enéias a impetuosidade e furor de Aquiles. Para gozar do título de pio, no sentido de certos críticos, seria necessário que se deixasse imolar, ou apenas se defendesse daqueles que procuravam arrancar-lhe a vida! Qual é o homem, por mais pio e humano, que algumas vezes não tenha rompido em amargas invectivas? Sendo Mezêncio um formidável campeão, que mesmo ferido pelejava galhardamente, e queria ou morrer ou matar, é bem natural que Enéias o mandasse adiante; o que tanto menos lhe devia custar, quanto mais odioso era o tirano aos Tirrenos, seus aliados.

NOTAS AO LIVRO XI

22-181. - 20-177. - As belezas que há nestes funerais, na pintura do aio Acetes, e na do mísero Evandro que ficava sem posteridade, não se podem enumerar; é mister senti-las. Esta nota é para justificar Virgílio de duas arguições: 1° que o pio Enéias imola no túmulo de Palante alguns dos prisioneiros; 2° que ele mata, no desfecho do poema, o seu rival Turno, apesar das preces do vencido. — Quanto à primeira arguição, oponho que *pius* significa religioso, temente aos deuses, amante de seu pai e família; e, ainda que extensivamente signifique compassivo, a superstição e o hábito arrastavam o chefe a crer indespensável tão bárbaro sacrifício para aplacar os manes do morto. Enéias, bem que amigo da justiça, tinha as preocupações do seu tempo, e a dureza de guerreiro o assaltava também: o seu natural o levava à compaixão; a cólera, que lhe acendera a morte de Palante, emprestou-lhe a crueldade que exerceu. Virgílio certamente não aprovava esta ação; mas quis nela pintar aquele século feroz, em que os próprios homens bem formados não sabiam sopear sempre os impetos da vingança. E nós os cristãos, criados com o leite puro da vera doutrina, esclarecidos à luz do evangelho, não temos por grandes e pios, mesmo por santos, a homens que obraram pior que Enéias? Se lhes perdoamos, devemos desculpar o furor de um pagão. Repetirei o que disse em outra nota, que Enéias só foi duro depois que lhe roubaram Palante; e com tais rigores também tinha em vista aterrar e abreviar a guerra. Demais, a experiência mostra que a ira é desmedida nos que raramente são dela assaltados. — Quanto à morte de Turno, a crítica nem mereceria resposta, se não fosse tantas vezes renovada. Escolhi este lugar para a combater, por ser nele que vem a plena justificação do poeta. Enéias, acolhido pelo antigo hóspede de Anquises, tudo obtém da sua benevolência, guerreiros, cavalos, víveres, a aliança de Tárchon e dos Tirrenos: e até um filho único lhe confia Evandro, apesar dos seus tristes pressentimentos. Palante, na flor dos anos, bravo, generoso, depois de ter obrado prodígios de valor, morre às mãos de Turno, não em um encontro fortuito, mas por querer de propósito o rei dos Rútulos causar tamanha dor ao pai, e mesmo na ocasião diz que desejava ali a Evandro para testemunhar a cena. Soube-o Enéias, acusa-se de não ter precavido aquele desastre; faz ao morto um pomposo funeral, e o envia a Palantéia. Evandro solta-se em pranto; mas afinal, como se Enéias estivesse presente, rompe nestas vozes: “Se a luz nesta orfandade eu sofro, Enéias, A tua destra é causa, ao filho e ao padre Olha que deves Turno: este o serviço Que do teu brio espero e da fortuna.” E este recado

é enviado ao herói troiano. Encontram-se os dois rivais, rende-se Turno, e aos seus rogos Enéias *quase* ia cedendo, quando vê o talim de Palante ao ombro do seu vencedor; então, lembrado das preces de Evandro e dos seus deveres para com ele, imola a Turno, dizendo-lhe que era Palante quem naquele golpe o matava. Se Enéias em tais circunstâncias lhe perdoasse, por certo obraria como um anticipado discípulo de Cristo, mas não obraria bem segundo as ideias e opiniões do seu século, e segundo as obrigações contraídas para com Evandro. Eu sublinhei o advérbio *quase*, porque Virgílio, que julgava ser uma necessidade para Enéias aquela morte, não diz que tivesse lugar só por causa do talim, mas que tal aparecimento lhe apagou a momentânea compaixão. Se acontecesse o contrário, então é que devia Enéias ser tido por um bom corte de frade capucho, como alguns lhe têm chamado. — Nos versos que abrange esta nota lê-se o que ele tornou em resposta aos embaixadores latinos, quando vieram pedir tréguas para enterrar os mortos: "E a paz, diz entre outras razões, quereis somente Para os da luz privados nas batalhas? Eu quereria concedê-la aos vivos." Isto, a repugnância com que matou a Lauso, o duelo que oferece para evitar efusão de sangue, as generosas condições que propôs no caso de vencer, ao revés das de Turno e Latino, convencem da injustiça com que Mr. Amar, comparando Enéias a Aquiles, diz assim de Virgílio: "Si du moins il prêtait de temps en temps à son héros ces retours de sensibilité que l'on retrouve avec tant de plaisir dans Achille lui-même!..." De sorte que, na opinião de Mr. Amar, em Aquiles há mais toques de sensibilidade que em Enéias! E este nem de tempos a tempos a tem!!

225-293. - 219-285. - Este pedaço, bem pouco apreciado, é um dos mais belos, e em que mais se mostra a filosofia do autor. Latino e Turno deputam Vênulo a Diomedes, pedindo-lhe auxílio contra Enéias: Diomedes recusa, e o poeta põe o elogio da paz na boca desse guerreiro, que outrora só conhecia o jus da espada, e se atreveu a acometer e ferir o próprio deus Marte. Repare-se na habilidade do poeta em o fazer tecer os louvores de Enéias, lembrando o combate que ambos tiveram, como consta da Ilíada liv. V. O que porém assinaladamente se deve aprovar, é o patriotismo com que Virgílio aproveita a ocasião de recomendar o repouso de que necessitava o seu país, depois de tantas e tão cruas guerras intestinas.

300-485. - 292-469. - No conselho por Latino convocado, que principiou alguns versos atrás, são admiráveis os discursos do rei, de Drances, e mormente o de Turno: a prudência e o fim pacífico de um, as insinuações cavilosas e o zelo emprestado ao outro pela inveja, a força de razões e movimentos que há no terceiro, colocam Virgílio entre os mais eloquentes oradores,

que têm sabido graduar as paixões e casar a facúndia com a lógica. — Observe-se como Turno, ao anúncio de que vinha o rival sobre a cidade, por si delibera, toma todas as medidas, marcha a encontrar o inimigo. — No meio da consternação, mulheres e meninos estão defendendo os muros; e com suas damas leva dons a Minerva a rainha Amata, ao pé da qual se acha Lavínia de olhos baixos e calada. Alguns críticos, supondo que as donzelas na antiguidade eram como certas modernas, bem falantes e retóricas, a cortar em política e a decidir questões de química e mesmo de anatomia, ralham contra a introdução desta personagem muda; mas Virgílio, que melhor conhecia estas coisas do que quanto La Harpe tem havido, viu bem que a princesa, criada ao bafo materno e submissa à vontade paternal, sem ter amor a nenhum, devia sujeitar-se ao que fosse de proveito ao reino; e, se as instâncias da mãe advogavam por Turno, os desejos do pai e os oráculos, a que por sua idade e educação dava assaz peso, a punham em balança; e eram próprias da sua situação a expectativa e a neutralidade. O caráter de Lavínia, longe de ser uma falta no poeta, é mais uma prova do seu juízo.

649. - 625. - Deste verso em diante Camila, atrás já mencionada, aparece na cena e a enche quase toda até o fim deste livro. Atente-se em que o poeta, havendo no VII descrito as outras personagens contrárias aos Troianos, menciona Camila com menos extensão: esta reserva foi calculada; porque, se ali se tivesse contado o nascimento e a educação da virgem, o leitor poderia ter esquecido essas miudezas, e ter-se-ia perdido parte do interesse da sua morte; interesse que em grande parte mana das primeiras circunstâncias da vida da heroína. Acha-se na mesma página tudo o que a torna insigne: seu nascimento, as cenas da infância, as esperanças da mocidade, sua glória, sua morte enfim, ante a qual vai tudo murchar.

689. - 666. - Mr. Amar deste aplauso que se dá Camila, dizendo que é honroso cair às mãos de uma heroína como ela, a justifica pelo calor da ação e pela embriaguez do triunfo. Mas acrescenta que o herói não tem a mesma excusa, porque, sendo *pio*, não devera (liv. X, v. 830, ou 815-816 da tradução) dizer a Lauso que era uma consolação morrer às mãos do grande Enéias. — Mas entre os guerreiros, como se vê aqui e se lê em Ossian, era consolador acabar às mãos dos bravos; e o dito de Enéias, que em outra ocasião seria uma jactância, mostra a compaixão do herói, que assim quis adoçar os derradeiros momentos de Lauso.

NOTAS AO LIVRO XII

Aqui é onde mais se usa do maravilhoso. Censura-se o quase descanso dos deuses: Júpiter já não abala o Olimpo; Juno já não suscita as borrascas, nem invoca as divindades infernais. Mas, conforme Delille, é isto antes motivo de louvor que de vitupério: o que há de mais potente se eclipsa ante a glória do chefe troiano; e a situação dos dois povos, o furor de Turno, a coragem do rival, oferecem majestade mais grave do que as máquinas épicas empregadas na ocasião. Nada realça tanto o brilho de Enéias, como o representá-lo apoderando-se das vontades celestes, e forçando a própria Juno a recorrer a um ardil, não para expulsar da Itália os Troianos, mas para salvar o seu protegido. "A surpresa e admiração, diz Segrais, são frequentes. A fortuna, sempre volúvel, não cessa de entreter a esperança e o temor. Fez-se a paz; é rota por um agouro; peleja-se, vencem os Troianos; é ferido Enéias, são repelidos os seus até aos arraiais; Vênus cura ao filho milagrosamente; o herói levanta a coragem dos guerreiros; não podendo obrigar ao duelo, vai assaltar a cidade; enfim Turno é constrangido a vir às mãos. Cheia de incidentes a luta, imprevisto sempre o desfecho, de contínuo cremos lá chegar, e novas circunstâncias tendem a retardá-lo."

383-440. - 368-423. - É ferido o herói por mão desconhecida, e deixa ver o poeta que foi pela deusa Juturna: nenhum mortal pôde jactar-se de o haver feito. Cura-o Iapis, em quem Virgílio, por gratidão, representa Antônio Musa, seu médico e de Horácio e de Augusto; mas o médico tudo conseguiu com o socorro de Vênus. É nobilíssima a impaciência do herói, que pede lhe arranquem o ferro, usem do meio mais pronto para tornar ao combate; e mal se opera a cura, ainda coxeando da frechada, veste as armas, abraça e beija o filho, dizendo o que se lê na tradução, do verso 417-423. Aqui há uma imitação de Homero, mas com a diferença requerida pelas circunstâncias. Mr. Nisard acha Homero muito superior: eu acho que ambos são ótimos, bem que diversos os quadros. Heitor beija a Astianaz, que se espanta da hórrida crista do capacete; aos deuses o consagra, e lhes pede que um dia aquele filho exceda a bravura paterna, e contando morto o seu inimigo, venha a ser o júbilo de sua mãe: é bela e sublime a despedida, e nunca foi o grande poeta assim patético, a não ser nas cenas passadas entre Aquiles e Príamo depois da morte de Heitor. Enéias, que falava a um adolescente e não a uma criança, não podia servir-se de iguais imagens; mas da coragem com que sofreu as dores da operação, tira exemplo com que anime a Ascânio, a fim que se recorde sempre que o teve por pai e a Heitor por tio.

Cada um dos dois gênios igualmente soube aproveitar a situação. É por certo mais patético o lugar de Homero, porque o assunto o ajudava; não foi porém mais hábil que o seu discípulo e êmulo.

681. - 665. - Enéias busca a Turno pelo campo, sem querer ferir os que lhe fogem, nem os que o arrostam; só quer o duelo: vendo contudo que Turno o evita, e que já um farpão de Messapo lhe tinha levado a cimeira e as plumas, se resolve a pelejar. O poeta retardou com arte o duelo, para que os rivais ainda assinalassem o seu indomado valor. Enéias, por inspiração de Vênus, traça plano maior, ataca os muros de Laurento, depois de protestos solenes. A rainha, ao ver a entrada do inimigo, dando a Turno por morto no conflito, suicida-se; o que mal sabe Turno, apesar das preces da irmã, corre a travar-se com Enéias. — O que se segue é admirável; mas só direi dos versos 760 e 761, na tradução 737 e 738. Tem Mr. Amar que Segrais se acha embaraçado para justificar a Enéias de cobardia, por não ter consentido que substituíssem a Turno a espada que se lhe quebrara. Ainda que não aprovo que se colocasse o herói na precisão de ser justificado, a pecha de cobardia não lhe cabe jamais; pois, não obstante haver Juturna trazido outra espada ao irmão, este não deixou de ser vencido e morto. Enéias tinha visto os pactos rotos já duas vezes, pelos capitães de mais nomeada que restavam a Turno, Tolumnio e Messapo; temeu que, a título de trazerem a nova espada, se introduzissem na liça dois ou mais campeões, que unidos a Turno, por si tão formidável, o atacassem conjuntamente, a ele que não estava de todo são, nem com as suas forças e costumada ligeireza: sendo então o partido mui desigual, a perfídia podia fazê-lo sucumbir; e o chefe dos Troianos, cujo fim não era mostrar valentia, mas estabelecer os seus compatriotas, tinha a obrigação de prevenir os perigos.

O desfecho por um duelo é como o da Ilíada; mas Virgílio, vendo que a ação em Homero tinha enfraquecido com a continuação do poema por causa dos funerais de Heitor, e vendo ao mesmo tempo que a pintura dos funerais em si mesma era do mais belo efeito; imitando se houve com um tal gosto que equivale ao menos à invenção: descreveu atrás os funerais de Palante com toques só próprios do seu pincel; e acaba a Eneida pelo duelo, nada acrescentando ao dramático deste remate.

"A Eneida, conclui Mr. Amar, é sem réplica uma admirável obra de poesia, e uma das mais belas de Homero, segundo se tem dito; mas, como epopeia, deixa *infinitamente que desejar*, quanto ao plano, à disposição, e sobretudo ao caráter principal..... Um sábio moderno, L. A. Bartenstein, professor em Cobourg, vai mais longe: foram, no seu conceito, os louvores prodigalizados a Augusto e a seu governo que determinaram Virgílio moribundo a pedir que

queimassem a Eneida; o que explicaria o afogo do príncipe em a conservar.” Eu aqui não creio em Mr. Amar, nem em Bartenstein. Não sei como o primeiro acha *infinitamente que desejar* na Eneida: o que é infinitamente defeituoso não pode ser uma das melhores obras de Homero: é rebaixar em demasia o poeta grego, ou desconhecer a força dos vocábulos. A hipótese de Bartenstein é mais uma das inumeráveis que não têm sólida base: Virgílio queria queimar a sua obra só pela razão que os séculos têm aceitado, pela imperfeição do estilo mormente dos últimos seis livros. Bartenstein, como é mania de não poucos dos seus, gostava de ser o padre Hardouin, de aventurar conjecturas; e esta sua é derribada pelo poeta, que, no mesmo testamento onde mandava queimar a Eneida, levou a Augusto a quarta de seus bens. — Em vez de ser infinitamente defeituoso o caráter de Enéias, admira como pôde Virgílio com tão feliz êxito combinar tantas qualidades e virtudes, sem contradição nem disparate nas ações, descontado o sacrifício de homens no túmulo de Palante, que na superstição daqueles tempos bárbaros tem a sua descarga. O herói de Virgílio é um de Homero, afeiçoado e moldado na conformidade das ideias progressivas do gênero humano.

Notas do Editor

(*) — A bem da verdade, é preciso, aqui, mencionar que J. B. Mello e Souza, em prefácio ao Teatro Grego (vol. XXII de *Clássicos Jackson*), externou posição contrária, mencionando expressamente Odorico Mendes: "O precedente de Odorico Mendes, trasladando para o nosso idioma, em decassílabos, os poemas de Homero e de Virgílio, não é de molde a animar idênticos tentames. Sílvio Romero censura, e com razão, as incríveis extravagâncias praticadas pelo ilustre maranhense (...)". E defende que, nas traduções, se converta em prosa o que em poesia foi concebido. Pode-se criticar o resultado final da tradução de Odorico Mendes, mas não, penso, negar-lhe o esforço que tem, como honrosos precedentes, as traduções em versos da Eneida por Annibal Caro para o italiano e John Dryden para o inglês, para só mencionar duas. Sem precisar sequer mencionar as traduções dos clássicos mais antigos por outro clássico da língua: António Feliciano de Castilho.

(1) — "polo" na fonte digitalizada e na edição de 1854. Nesta, precede "pelago" (sic). Pelo sentido, grafámos "pôlo" (Falcão, açor ou gavião que não chega a ter um ano. Ap. Aurélio), em vez de pólo ou polo.

(2) — "aliva" na fonte digitalizada e na edição de 1854. Deveria ser "alivia", talvez e por erro de impressão saiu "aliva". Em outros versos, grafou-se aliviar, alivia, etc. Escandindo o verso, porém, resolvi manter "aliva", porque me pareceu ser a intenção do tradutor, por uma questão de métrica.

(3) — d'Iíria na fonte digitalizada. Erro tipográfico evidente.

(4) — "Pítia" na fonte digitalizada, "Phthia" no texto em rtf. Poderia ser Ftía? Em latim: Assaraci Phthiam

(5) - eoo ou, em outra fonte, eoo (?). Em Latim, Eoo. Foi conservado a grafia do latim, em maiúscula, aqui. Em outros trechos, eoo.

(6) — É "extático" mesmo (extasiado, enlevado). Não estático (parado, imóvel).

(7) — "há" na fonte digitalizada. "he (é)" na fonte de 1854 em rtf. Restaurado para é.

(8) — exempto=isento (lat.: exemptu). Conservou-se a grafia da fonte digitalizada, igual à da

edição de 1854.

(9) — “De espiras” na fonte digitalizada. “Des espiras” na fonte de 1854 em rtf. Mantido “De espiras” Poderia ser “Dês espiras...”, no sentido de Desde?. Também faria sentido, mas o pensamento seria outro...

(10) — “Deifobo” na fonte digitalizada. “Deiphóbo” na fonte de 1854 em rtf e em outros versos “Deiphobo”. Mantido, aqui, “Deifobo”, como na fonte digitalizada.

(11) — *grã* na fonte digitalizada. *gran’* na fonte de 1854 em rtf. Grafia restaurada, aqui, para *gran’*. É claro que o tradutor queria preservar a métrica, mas não utilizar a apócope grã.

(12) — *Voo* na fonte digitalizada. *Côo’* na fonte de 1854 em rtf. As duas formas fariam sentido. Grafia restaurada para Côo.

(13) — *Retrocedo* na fonte digitalizada. *Retrocedendo* na fonte de 1854 em rtf. Texto restaurado.

(14) — *Lassos* na fonte digitalizada. *Lassos* na fonte de 1854 em rtf. Mas, pelo sentido e outras fontes, grafei “Laços”. Lassos, aí, não faria o menor sentido.

(15) — Ceia, na fonte digitalizada, Scéa no arquivo em rtf da edição de 1854. Entre colocar Céia ou manter Scéa, optei por atualizar para Scéia, em evidente solução de compromisso. (Em latim: Scaeae)

(16) — *Pachino* na fonte digitalizada. *Pachyno* na fonte de 1854 em rtf. Atualizado para Pachino, (promontório da Sicília).

(17) — “Mas o árdido ginete...”, na fonte digitalizada. Em outra fonte, “Mas no ardido ginete...”. (ardido=Corajoso, valente, intrépido, renhido, encarniçado; não árdido, que poderia se referir a um cavalo proveniente de Ardea.)

(18) — *Descobre a Enéias* na fonte digitalizada. *Descobre Enéias* na fonte de 1854 em rtf. Texto restaurado.

(19) — *Da amante se doeu?* na fonte digitalizada. *Da amante se doeu!* na fonte de 1854 em rtf. Pelo sentido, conservei a interrogação.

(20) — *aliança os povos* na fonte digitalizada. *a aliança aos povos* na fonte de 1854 em rtf. Texto do original digitalizado mantido. A seguir, *Dos ossos tu me nasce* na fonte de 1854 em rtf, mantido o original digitalizado: *Dos ossos tu me nasces*.

(21) — *eu vi seus muros* na fonte digitalizada; *eu vi meus muros* na fonte de 1854 em rtf. Texto restaurado (Latim: mea moenia uidi).

(22) — *Que! foi isso...* na fonte digitalizada e na fonte de 1854 em rtf. Texto mantido, mas parece que, hoje, faria mais sentido *Que foi isso!...* ou *Que foi isso?...*, mais de acordo com a série de interrogações de Ana.

(23) — *lutante* na fonte digitalizada, *luctante* na fonte de 1854 em rtf. Conservei *luctante*, mais próximo do texto em latim: *luctantem animam*, preservando o sentido de *alma enlutada*. A eliminação do "c", colocando *lutante* poderia, talvez, dar a entender que era uma *alma em luta*.

(24) — *césto* na fonte de 1854 em rtf. Aqui temos um bom exemplo das confusões que podem advir da eliminação dos diacríticos. No caso, cesto deriva de *caestu* (Manopla de couro, guarnecida de ferro - *seu crudo fidit pugnam committere caestu*), não de *cista*, nem de *cestu*. Todos, hoje, grafados *cesto*.

(25) — *corpos* na fonte digitalizada, *copos* na fonte de 1854 em rtf. Texto restaurado. A serpe volteia e se insinua pelas oferendas no altar colocadas (copos e taças).

(26) — apricos, na fonte digitalizada. Erro tipográfico. Na fonte de 1854, apriscos.

(27) — *a vezes* na fonte digitalizada e na fonte de 1854 em rtf. Mantido, em vez de substituir por "às vezes", com o mesmo sentido.

(28) — *encetam* na fonte digitalizada, *incitam* na fonte de 1854 em rtf. Texto restaurado.

(29) — *Seu* na fonte digitalizada, *Teu* na fonte de 1854 em rtf. Mantido, em vez de substituir por "Teu".

(30) — sorprendida na fonte digitalizada e na fonte de 1854 em rtf.

(31) — *enristam* na fonte digitalizada, *enrestam* na fonte de 1854 em rtf. Mantido, em vez de substituir por "enrestam".

(32) — *limem* na fonte digitalizada, *limen* na fonte de 1854 em rtf. O tradutor manteve o termo em latim (limen,inis=limiar,soleira). Texto restaurado.

(33) — *Rápido* na fonte digitalizada, *Rabido* na fonte de 1854 em rtf. Texto restaurado: Rábido (raivoso).

(34) — *Vaticínio despedem* na fonte digitalizada, *Vaticínios despedem* na fonte de 1854 em rtf. Texto e concordância restaurados.

(35) — *Devisa* na fonte digitalizada e na fonte de 1854 em rtf. Mantido por fidelidade às fontes. O sentido, tudo indica, é o de "divisar" e não o de "planejar", do dicionarizado verbo "devisar".

(36) — suturnos na fonte digitalizada e na edição de 1854. Atualizado para soturnos

(37) — Interrogação na fonte digitalizada, ausente na fonte de 1854 em rtf. Interrogação retirada.

(38) — péan, na fonte digitalizada e na edição de 1854. Atualizado para peã (hino em honra a Apolo, na antiguidade grega)

(39) — "tirreno Córito" na fonte digitalizada, "tyrrheno Cócyto" na fonte de 1854 em rtf. Em latim, "Corythi Tyrrhena". Mantido "Córito".

(40) — "cizânia" na fonte digitalizada, "zizania" (zizânia) na fonte de 1854 em rtf. As duas grafias estão dicionarizadas. Manteve-se cizânia, mais usual.

(41) — "açoite" na fonte digitalizada, "açoute" na fonte de 1854 em rtf. As duas grafias estão dicionarizadas.

(42) — "sediça" na fonte digitalizada, "sediça" na fonte de 1854 em rtf. "sediço" não está dicionarizada, "cediço" sim. Grafámos "cediça", atentando ao sentido.

(43) — "tartárea" na fonte digitalizada, "tartarea" na fonte de 1854 em rtf. Poderia ser, hoje, tartareia, do verbo tartarear (tartamudear). Mas, em latim, temos: "Tartaream (intendit) uocem". Manteve-se, portanto, a grafia "tártarea" (relativa ao Tártaro, infernal).

(44) — "às soltas" na fonte digitalizada, "a soltas" na fonte de 1854 em rtf. Texto restaurado.

(45) — "ondas hibernas" na fonte digitalizada, "onda hyberna" na fonte de 1854 em rtf. Texto restaurado.

(46) — "incita às armas" na fonte digitalizada, "incita as armas" na fonte de 1854 em rtf. Texto restaurado.

(47) — "exemptos" nas duas fontes. Por isento (exemptu); o "p" conserva-se dicionarizado no Dicionário Aurélio, por exemplo, em exempção (exemptione), isenção.

(48) — "Árdea" na fonte digitalizada, "Ardea" na fonte de 1854 em rtf. Texto restaurado. Trata-se da comuna italiana de igual nome. Cf. "Il comune di Ardea" [http://digilander.libero.it/ardea/indice.htm]. Do território diz-se Ardeatino. Turno foi o mítico

rei de Ardea.

(49) — “Deus as lavras e gados” na fonte digitalizada, “Deus das lavras e gados” na fonte de 1854 em rtf. Texto restaurado.

(50) — “embaraça” na fonte digitalizada, “embraça” na fonte de 1854 em rtf. Texto restaurado.

(51) — “Do velho Lácio a desparada guerra” na fonte digitalizada, “Do velho Tácio a desparada guerra” na fonte de 1854 em rtf. Em latim: *subitoque* [*novum consurgere bellum/Romulidis,*] *Tatioque seni*. Tácio, pois. Texto restaurado. Quanto a *desparada*, pelo texto em latim seria “disparada” (novum consurgere bellum). Mas poderia, também, ser neologismo do tradutor: des-parada, não parada, ininterrupta, incessante. Atualizado para “disparada”, mas com a ressalva acima.

(52) — “asado” na fonte digitalizada, “asado” na fonte de 1854 em rtf. Como, com certeza não de trata de um “lugar com asas”, atualizamos a grafia para “azado” (propício, oportuno, próprio).

(53) — “A tanta audácia” na fonte digitalizada, “À tanta audacia” na fonte de 1854 em rtf. Texto restaurado.

(54) — “aggrede” na fonte de 1854. O tradutor conserva o texto próximo ao latino: aggrede (de aggredere).

(55) — “Que à dextra os cinge” na fonte digitalizada, “Que a dextra os cinge” na fonte de 1854 em rtf. Texto restaurado, crase eliminada.

(56) — “calhaos” na fonte digitalizada e na de 1854. Grafia atualizada.

(57) — “em mó carregam” na fonte digitalizada, “em mó corregam” na fonte de 1854 em rtf. Mantido “carregam” (sentido: atacam em grande número; mó, no caso, como usado pelo tradutor, significaria mole humana, sendo mó abrevição).

(58) — “alheios” na fonte digitalizada, “atheios” na fonte de 1854 em rtf. Mantido “alheios” (latim: *arua aliena*, etc..).

(59) — “relembrava” na fonte digitalizada, “relumbrava” na fonte de 1854 em rtf. Texto restaurado.

(60) — “extrénuo” na fonte digitalizada e na de 1854. Grafia abrasileirada.

(61) — “estrimónios” na fonte digitalizada, “strymonios” na fonte de 1854 em rtf. (latim:

Strymoniae). Grafia mantida.

(62) — “varonil” na fonte digitalizada, “varoil” na fonte de 1854 em rtf. Grafia mantida.

(63) — “progrede” na fonte digitalizada e na de 1854. Grafia atualizada.

(64) — “semiânimes” na fonte digitalizada, “semiâmines” na fonte de 1854 em rtf. Grafia mantida (latim: semianimes).

(65) — “agrede” na fonte digitalizada, “aggrede” na de 1854. Grafia atualizada.

(66) — “messageiro” na fonte digitalizada e na fonte de 1854 em rtf. Grafia mantida (Do fr. messager, pelo port. mesegeiro, ant. messageiro - apud Dicionário Aurélio - Século XXI).

(67) — “até qui” na fonte digitalizada, “atéqui” na de 1854. Parece-me inovação do tradutor. Atualizei para "até aqui", mas poderia ser atéque?

(68) — “oucas” na fonte digitalizada, “oucas” na de 1854. Atualizado para ocas.

(69) — “embreie” na fonte digitalizada, “hombrêe” na fonte de 1854 em rtf. Grafia atualizada para ombreie.

(70) — “forças” na fonte digitalizada, “fôças” na fonte de 1854 em rtf. Mantido forças.

(71) — “gémeas” na fonte digitalizada, “gemeas” na de 1854. Atualizado para gêmeas (aos gemidos, a gemer).

(72) — “o tiracolo” na fonte digitalizada, “a tiracolo” na fonte de 1854 em rtf. Texto restaurado.

(73) — “ofrendas” na fonte digitalizada, “offrendas” na de 1854. Por oferendas, para efeito métrico. Adicionei o apóstrofo para apoio à leitura. Cf. no Livro VIII: "Sempre terás meu culto, offrendas sempre", na fonte de 1854, ofrendas na fonte digitalizada, o’frendas nesta edição.

(74) — “estructo” na fonte digitalizada, “extructo” na fonte de 1854 em rtf. Latim: *Exstructos*que toros obtentu frondis inumbrant

(75) — “Coa” na fonte digitalizada. “Co’a” na de 1854. O apóstrofo foi recuperado, como apoio à leitura (com a).

(76) — “instigue” na fonte digitalizada, “instigueis” na fonte de 1854 em rtf. Texto restaurado.

(77) — “etolo” na fonte digitalizada, “etolo” na fonte de 1854 em rtf. Preferi grafar *étolo* em vez de atualizar para *etólio* (etólio=da Etólia).

(78) — “vívido” na fonte digitalizada, “vivido” na fonte de 1854 em rtf. Preferi restaurar para *vivido* (que viveu muito) em lugar de *vívivo* (latim: possuit quid vivida virtus experiare licet).

(79) — “pedras e estrepes” na fonte digitalizada, “pedra e estrepes” na fonte de 1854 em rtf. Texto mantido.

(80) — “preso” na fonte digitalizada. Evidente erro tipográfico. Na edição de 1854, “prézo”.

(81) — “Às costas” na fonte digitalizada, “Á costas” na fonte de 1854 em rtf. Texto mantido.

(82) — “sorpresa” na fonte digitalizada e na fonte de 1854. Grafia atualizada.

(83) — “Saqueam-se” na fonte digitalizada, “Saqueam-se” na fonte de 1854 em rtf. Texto atualizado como *Saqueiam-se*.

(84) — “Díctano” na fonte digitalizada, “Dictamo” na fonte de 1854 em rtf. Texto restaurado.

(85) — “ambrósia” na fonte digitalizada, “ambrosia” na fonte de 1854. Aqui, ambrosia. Grafia restaurada.

(86) — “areno” na fonte digitalizada, “afeito” na fonte de 1854 em rtf. Texto restaurado.

(87) — “afinal” na fonte digitalizada, “a final” na fonte de 1854 em rtf. Texto restaurado.

(88) — “impróvisa” na fonte digitalizada, “improvisa” na fonte de 1854 em rtf. Mantido o acento diacrítico da fonte digitalizada. (impróvisa= de forma súbita, repentina)